

TRABALHOS
DA
SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE
ANTROPOLOGIA
E
ETNOLOGIA

VII

1935





TRABALHOS

DA

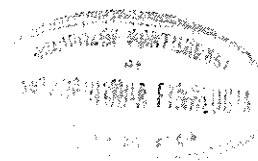
Sociedade Portuguesa

DE

Antropologia e Etnologia

VOLUME VII

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL



PÓRTO

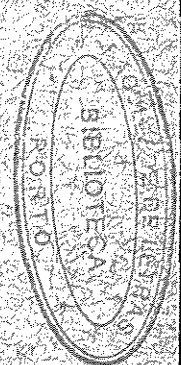
Séde da Sociedade: NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

1934*

TRABALHOS DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



39(05)
T. 1.º



VOL. VII—FASC. I

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

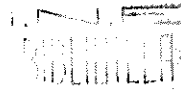
PÓRTO. 1935

NUCLEO DE PERIODICOS

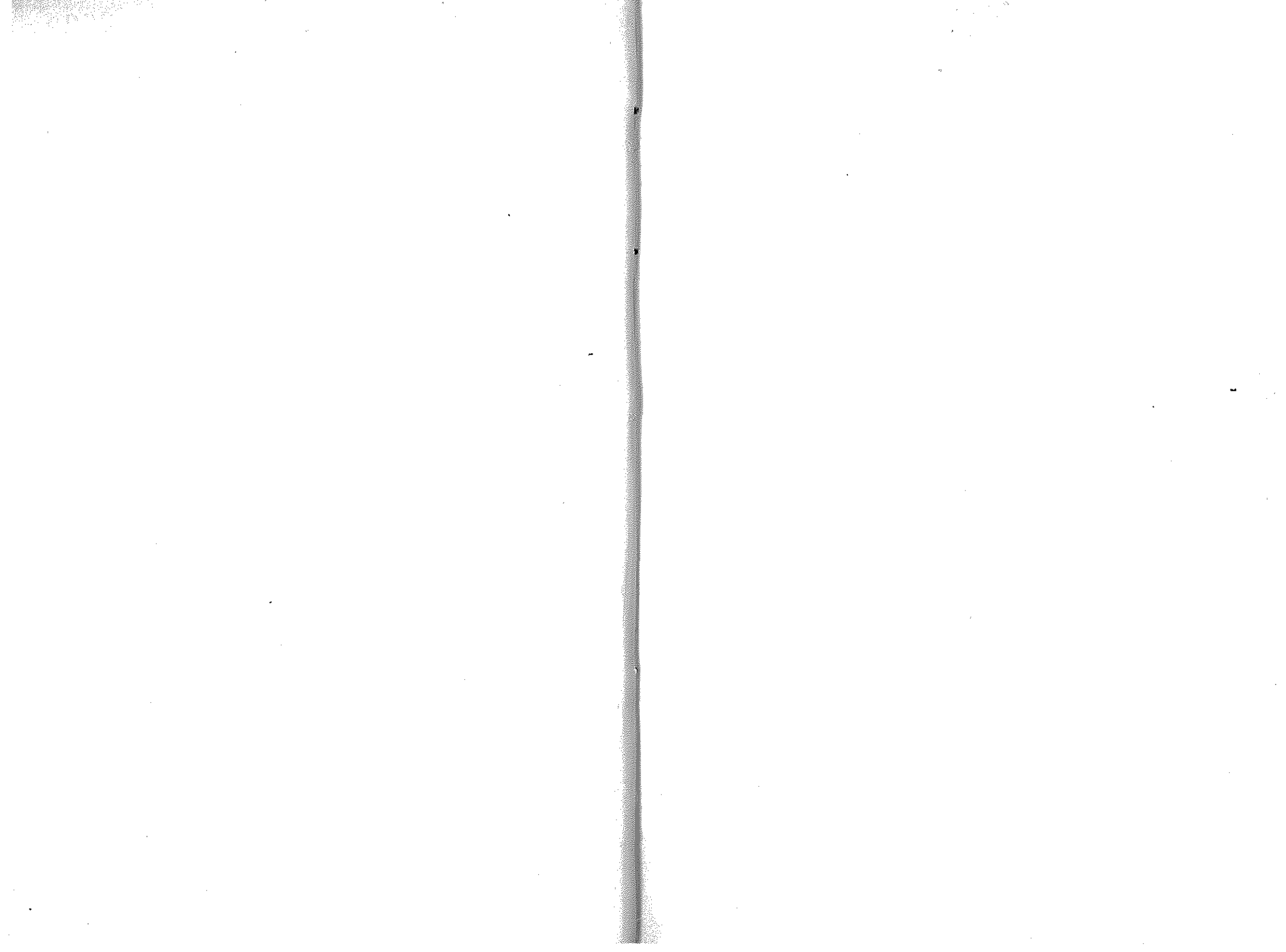
FLUP-BIBLIOTECA ()



769657



Trabalhos da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia





Um grupo de congressistas que tomaram parte no banquete oferecido pela Câmara Municipal do Porto (cujo presidente, prof. Alfredo de Magalhães, está no centro)



Grupo de congressistas na Exposição Colonial, acompanhados de alguns indígenas das colónias

Est. 1

I Congresso Nacional de Antropologia Colonial

Teve o mais lisongeiro êxito o Congresso Nacional de Antropologia Colonial, levado a efeito no Pôrto de 22 a 26 de Setembro de 1934 por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e com o apoio da Direcção da Exposição Colonial Portuguesa, realizada nesta cidade de 15 de Junho a 30 de Setembro.

A-pesar-da escassez do tempo para a preparação desta assembleia, foi possível reunir um numeroso feixe de trabalhos e colaborações e avivou-se o interêsse científico pelos problemas concernentes às populações das nossas colónias. Sem sombra de exagêro ou de imodéstia, podemos afirmar que esta iniciativa ficará assinalada como uma das de maior relêvo neste campo de investigação, não só em relação a Portugal mas a qualquer das outras nações coloniais.

Teem-se reünido, naturalmente, em Portugal e noutros países Congressos de Antropologia com maior número de membros e maior volume e importância geral de trabalhos, mas quasi todos esses Congressos fôrão internacionais e nenhum circunscreveu como êste o seu objecto de estudo às populações duma nação colonial. O próprio Congresso de Antropologia reunido em Paris em 1931 durante a Exposição Colonial Internacional, era, como esta, internacional e não tinha como objecto exclusivo as populações coloniais, mas todo o vasto campo dos estudos antropológicos.

Nesta época perturbada da vida das nações, em que frequentemente se pretende, com fins transparentes, diminuir o esforço de Portugal para a valorização racional das suas colónias, ao

notável significado científico do último Congresso alia-se um transcendente significado político, pelo desmentido que êle vem oferecer a certas versões tendenciosas e malévolas, mostrando o interêsse que o nosso país tem pelas gentes das suas colónias e como êle conta com a solidariedade destas para o engrandecimento e glória do seu Império.

A Comissão Organizadora da Exposição Colonial do Pôrto resolveu tomar sôbre si os encargos da publicação integral das actas e dos trabalhos do Congresso. Na nossa revista daremos portanto apenas uma breve resenha noticiosa do que foi a importante reünião, congratulando-nos com o seu êxito e agradecendo tôdas as colaborações e auxílios que à Comissão Organizadora do Congresso foram dadas por numerosas pessoas e por várias entidades oficiais, entre as quais se devem salientar a Direcção e restantes organizadores da Exposição, a Câmara Municipal e a Universidade do Pôrto.

Reünião preparatória

No dia 22, às 10 horas da manhã, realizou-se na aula de Física da Faculdade de Ciências uma reünião preparatória, a que assistiram as comissões do Congresso, delegados oficiais de várias entidades, sócios da Sociedade de Antropologia e autores de trabalhos a apresentar ao Congresso.

Foi resolvido que a Comissão Organizadora se transformasse em Comissão Executiva do Congresso, e foram designados para presidir às sessões das várias secções, além dos presidentes destas, srs. prof. Joaquim A. Pires de Lima, Cónego Dr. Manuel Alves da Cunha e Conde de Penha Garcia, os srs. prof. Eusébio Tamagnini, prof. Barros e Cunha, prof. Amândio Tavares, prof. Oliveira Lima, prof. Germano Corrêa, tenente-coronel Leite de Magalhães e Cónego Miranda Magalhães.

Sessão inaugural

Às 15 e 30, realizava-se no salão da Biblioteca da Faculdade de Ciências a sessão inaugural do Congresso. Presidiu o sr. prof. José Pereira Salgado, reitor da Universidade, que representava o sr. Ministro das Colónias, impossibilitado de assistir, e o sr. Director Geral do Ensino Superior. A seus lados, encontravam-se os srs. dr. Aires Kopke, director da Escola de Medicina Tropical e representante do sr. sub-secretário e do Ministério das Colónias; prof. João Duarte de Oliveira, reitor da Universidade de Coimbra; prof. Henrique de Vilhena, representante da Academia de Ciências, da Faculdade de Medicina de Lisboa, da Sociedade de Geografia e da Sociedade Anatómica Portuguesa; prof. Mendes Corrêa, presidente da Comissão Executiva do Congresso e representante da Universidade de Lisboa; capitão Sotero Ferreira, representante do Governador Civil do Pôrto; prof. Germano Corrêa, representante da Escola Médica de Gôa; capitão Henrique Galvão, director da Exposição Colonial; prof. Ernâni Monteiro, vice-presidente da Comissão Executiva do Congresso; prof. Luís de Pina e Dr. Alfredo Ataíde, secretários gerais; dr. Alberto Pinheiro Torres, professores Tiago de Almeida, Ezequiel de Campos, Barbosa Sueiro, e outras individualidades. A sala estava cheia de congressistas, professores, senhoras e estudantes.

Usaram da palavra os srs.: reitor da Universidade do Pôrto que saudou os congressistas, enalteceu a actividade dos antropólogos portugueses e, em nome do sr. Ministro das Colónias, declarou aberto o Congresso; prof. Germano Corrêa que falou em nome da Escola Médica de Nova Gôa e salientou a importância científica e nacional da assembleia; dr. Aires Kopke, que se referiu aos Congressos realizados durante a Exposição e aos objectivos especiais do Congresso de Antropologia; o prof. Hen-

rique de Vilhena, que falou em nome da Academia das Ciências, da Faculdade de Medicina de Lisboa, da Sociedade de Geografia e especialmente da Sociedade Anatómica Portuguesa, a qual reünia conjuntamente com o Congresso; o prof. Mendes Corrêa, que, saudando os congressistas em nome da Comissão Executiva, expôs os fins do Congresso, a contribuição portuguesa para o conhecimento das populações de além-mar, o estado actual dos principais problemas que a estas dizem respeito; e porfim o prof. Luís de Pina, que leu os telegramas e cartas recebidos na mesa e o texto de telegramas enviados pelo Congresso aos srs. Presidente da República, Presidente do Ministério e Ministros da Instrução e das Colónias.

Conferências e discursos inaugurais das secções

Na tarde de 23, realizou-se na aula de Física da Faculdade de Ciências, com a assistência dos delegados indígenas das várias colónias representadas na Exposição, a inauguração dos trabalhos das secções.

O sr. prof. Joaquim A. Pires de Lima, presidente da 1.^a secção, fez uma conferência sob o título *Estudos de Antropologia Colonial—O que temos feito e o que precisamos de fazer*, e o sr. Arcebispo de Ossirinco e Superior das Missões, D. João Evangelista de Lima Vidal, inaugurou os trabalhos da 3.^a secção com uma conferência sobre *Autóctones e imigrados na África do Sul*, na qual se ocupou especialmente dos bochimanos-hotentotes.

O sr. prof. Leonardo Coimbra não pôde, por motivo de doença, proferir a conferência inaugural da 2.^a secção sobre *A religião dos pigmeus*.

Conferências plenárias

Em 22, às 17 horas, o sr. prof. Lopo Vaz de Sampaio e Melo, da Escola Superior Colonial, efectuou no Teatro da Exposição, uma conferência sobre *O eterno feminino nas colónias*.

Em 24, às 17 horas, no mesmo local, o sr. prof. Eusébio Tamagnini, da Universidade de Coimbra, fez uma conferência intitulada *Os problemas da mestiçagem*.

No mesmo dia e local, às 20 horas, realizou o sr. prof. Germano Corrêa, da Escola Médica de Nova Gôa, uma conferência, com projecções, sobre *Raças e monumentos do Indústão*.

Em 25, às 17 horas, no teatro referido, o sr. prof. Aarão de Lacerda fez a sua conferência, também com projecções, sobre a *Arte negra*.

Trabalhos das secções

As secções reuniram, na Universidade, na manhã e tarde de 24 e 25 e na manhã de 26, sob a presidência das individualidades designadas na sessão preparatória. Como nas sessões plenárias, houve geralmente uma grande concorrência e vivo interesse, tendo sido larga e elevadamente discutidos por vários congressistas muitos dos trabalhos apresentados.

Eis a simples lista destes, repartidos pelas três secções:

1.^a SECÇÃO

Antropologia física; Biologia étnica; Cruzamentos;
Grupos sanguíneos

DR. CONSTÂNCIO MASCARENHAS — *Estudo antropológico duma série de crânios de indígenas de Angola.*

ARMANDO DE LAUDENET SIMÕES — *Estudo antropométrico da raça nalu.*

PROF. A. A. MENDES CORRÊA — *Os mestiços nas colónias portuguesas.*

DR. JOAQUIM R. DOS SANTOS JÚNIOR — *Contribuição para o estudo dos grupos sanguíneos nos indígenas das colónias portuguesas.*

DR. ALFREDO ATAÍDE — *Fonseca Cardoso e a Antropologia Colonial.*

AMÍLCAR DE MAGALHÃES MATEUS — *Cânones antropométricos em indígenas masculinos das colónias.*

D. MARIA IRENE LEITE DA COSTA — *Coefficiente de Pignet nos indígenas das colónias.*

JORGE A. MARTINS D'ALTE — *Índice esquelético nos indígenas das colónias.*

ARNALDO ROSEIRA — *Índice bárico nos indígenas das colónias.*

D. LEOPOLDINA FERREIRA PAULO & D. EMÍLIA DUARTE DE OLIVEIRA — *Cânones antropométricos das mulheres indígenas das colónias.*

PROF. VÍTOR FONTES — *Instruções antropológicas para uso nas colónias.*

DRS. ALFREDO ATAÍDE & LUÍS DE PINA — *Correlação entre o ângulo da inserção da orelha e o ângulo facial.*

PROF. LUÍS DE PINA — *As impressões digitais nos indígenas coloniais portugueses.*

PROF. LUÍS DE PINA — *Miologia étnica: os músculos gémeos da perna dos negros.*

IDEM — *Tipos constitucionais nos negros africanos.*

DR. ÂNGELO MAIA MENDES — *Correlação entre a estatura e o índice cefálico nos negros.*

IDEM — *Correlação entre a estatura e o índice torácico nos negros.*

IDEM — *Correlação entre o índice cefálico e o índice torácico nos negros.*

PROF. RAYMOND A. DART — *The place of the South African colonies of Portugal in Anthropology.*

PROFS. HERNANI MONTEIRO, ÁLVARO RODRIGUES & SOUZA PEREIRA — *Sobre o valor antropológico dos nervos.*

PROF. BETHENCOURT FERREIRA — *Sistemática etnológica de algumas populações indús.*

PROF. J. G. DE BARROS E CUNHA — *Alguns crânios de Angola e de S. Tomé da colecção do Instituto de Antropologia de Coimbra.*

PROF. A. GERMANO C. CORRÊA — *A necessidade do estudo antropológico das populações coloniais.*

IDEM — *Maratas da Índia Portuguesa.*

IDEM — *Os eurafricanos de Angola.*

DR. JOAQUIM DE FERNANDES FIGUEIRA — *Da antropometria no Ultramar.*

DR. ANTÓNIO BARRADAS — *Nota sobre o crescimento da criança em Lourenço Marques.*

2.ª SECÇÃO

Etnografia; Folklore; Linguística; Psicologia;
Sociologia e Religiões

- GENERAL JOÃO DE ALMEIDA — *A população de Cabo Verde.*
- IDEM — *Populações indígenas do sul de Angola.*
- MAJOR JACINTO JOSÉ DO NASCIMENTO DE MOURA — *Folklore de Cabo Verde.*
- JAIME NAPOLEÃO DE VASCONCELOS — *Da preparação etnológica dos funcionários administrativos coloniais e da sua intervenção na elaboração dos questionários etnográficos.*
- ARMANDO DE LAUDENET SIMÕES — *Questionário etnográfico da raça nalu.*
- TENENTE AFONSO DO PAÇO — *Da necessidade da criação dum Museu de Etnografia Colonial.*
- LUÍS CHAVES — *O Museu Etnográfico do Império Português: sua necessidade, bases de organização.*
- IDEM — *A colecção demonstrativa, da secção ultramarina, no Museu Etnológico; algumas notas e comentários.*
- REV. FRANCISCO MANUEL DE CASTRO — *Gramática macua.*
- IDEM — *Contos macuas.*
- IDEM — *Origem do nome «Moçambique».*
- FILIPE SÁ VALADARES — *As línguas da Índia.*

- ENG.º FERNANDO MOUTA — *Um curioso tambor dos Mussucos (Lurêmo) — Angola.*
- IDEM — *Estudos de etnografia angolana: Penteados indígenas (Distritos de Malange e Lunda).*
- PROF. A. A. MENDES CORRÊA — *Valor psico-social comparado das raças coloniais.*
- ARMANDO DE MATOS — *Um ex-voto africano.*
- DR. ANTÓNIO LEBRE — *Costumes gentílicos de Angola, sobretudo de povos de Além-Cunene (Cuanhamas e Cuamatos).*
- PROF. HERNANI MONTEIRO — *Mutilações dentárias.*
- DR. ALFREDO ATAÍDE — *Tempos de reacção nos indígenas das colónias portuguesas.*
- IDEM — *Ergografia nos indígenas das colónias.*
- PROF. L. F. MAINGARD — *Linguistic problems in Southern Africa.*
- REV. ANTÓNIO CRUZ — *Contribuição para o estudo do folklore dos uanhungues da região do Zumbo.*
- ARNALDO ROSEIRA — *Notas folklóricas sobre S. Tomé.*
- AMÍLCAR DE MAGALHÃES MATEUS — *A habitação indígena em Angola.*
- D. MÁRIA ADELAIDE AREOSA — *A visão das cores nos indígenas das colónias.*
- DR. FERNANDO PIRES DE LIMA — *Contribuição para o estudo da arte indígena de Moçambique.*

D. MARIA IRENE LEITE DA COSTA — *Contribuição para a avaliação do nível mental dos indígenas de Angola.*

DR.^a LEONOR BORLIDO — *Ensaio de psicologia infantil nos negros das colónias.*

3.^a SECÇÃO

Prehistória e Arqueologia; Geografia humana; Migrações;
Demografia; Criminologia e Aclimação

ENG.^o FERNANDO MOUTA — *Contribuição para o estudo da prehistória angolense (Distrito de Malange).*

ARMANDO DE MATOS — *Contas de pasta vítrea encontradas em Angola.*

LAWRENCE H. WELLS — *Ceramics in Southern Africa.*

MANUEL ARTUR DIAS GASPAR — *Decoração incisa angolense, representada no Museu Aznaga.*

F. DE ALMEIDA MOREIRA — *Influências coloniais na pintura portuguesa antiga.*

CÓNEGO ANTÓNIO MIRANDA DE MAGALHÃES — *Preparação antropológica e etnológica dos missionários portugueses.*

PROF. PANDURONGA PISSUERLENCAR — *Contribuição ao estudo antropológico da casta indo-portuguesa denominada chardó, à luz de documentos inéditos encontrados no Arquivo Histórico da Índia.*

PROF. J. BETHENCOURT FERREIRA — *Sobre emblemas de carácter ritual.*

IDEM — *Acêrca de tatuagens em relevo.*

D. ROSA CAPEANS — *Nota etnográfica sobre o Congo no século XVI.*

REV. ANTÓNIO CRUZ — *Notas sobre a língua chiusenga (dicionário e gramática comparada com o chihungue).*

PROF. A. A. MENDES CORRÊA — *Ruínas arqueológicas de Zimbabué (Rodésia).*

DR. JOAQUIM R. DOS SANTOS JÚNIOR — *Rui de Serpa Pinto e a Arqueologia de Angola.*

A. YORK MASON — *The problem of Southern African ruins.*

MISS MARGARET OXFORD — *Prehistoric Art in Southern Africa.*

CÓNEGO ANTÓNIO MIRANDA DE MAGALHÃES — *Os Ambundos de Angola e o percurso provável na sua migração para aquela hoje nossa colónia.*

PROF. LUÍS DE PINA — *Teses médicas portuenses sobre estudos coloniais.*

DR. MÁRIO ALFAMA FERRO — *A criminalidade em Cabo Verde e a sua repressão.*

DR. JOAQUIM DA SILVEIRA & DR. JOAQUIM R. DOS SANTOS JÚNIOR — *Sobre um instrumento pre-histórico de quartzo hialino, encontrado em Tomboca, Congo português, Angola.*

Festas e recepções

Os congressistas tiveram sempre livre ingresso na Exposição Colonial, tendo a visita oficial a esta sido efectuada na tarde de 23. A mesa do Congresso e muitos congressistas foram rece-

vidos pela direcção interina da Exposição no gabinete respectivo, trocando-se saudações entre o director interino, sr. Eduardo Lopes, e o presidente do Congresso.

Nas noites de 22, 23 e 25 houve festivais gentílicos no «cinema» Balanta, e um festival galego. Na noite de 24 realizou-se no Teatro da Exposição uma récita de gala em honra dos congressistas.

A Câmara Municipal do Pôrto ofereceu um banquete na noite de 25, no salão de festas da Exposição, às comissões, delegados oficiais, mesas das sessões e autores de trabalhos do Congresso, bem como às senhoras de suas famílias. Foi uma festa brilhante, proferindo ao *toast* discursos de saudação e agradecimento os srs. prof. Alfredo de Magalhães, presidente da Câmara, prof. Mendes Corrêa, presidente do Congresso, prof. Germano Corrêa, dr. Fernando Pires de Lima, tenente-coronel Leite de Magalhães, Cónego Miranda Magalhães, Luís Chaves e dr. Willy Frölich, do Museu Etnológico de Colónia e da Liga Colonial Alemã, que veio expressamente assistir ao Congresso.

Sessão de encerramento

Após as sessões de trabalhos da manhã de 26 reuniram na Universidade as mesas das secções e a comissão executiva do Congresso para coordenação e redacção definitiva dos votos do Congresso, a submeter a êste na sessão de encerramento.

Às 15 horas, no salão de festas da Exposição, efectuou-se a sessão de encerramento, sob a presidência do prof. Mendes Corrêa, secretariado pelo prof. Luís de Pina e dr. Alfredo Ataíde. Foram aprovados por unanimidade os votos propostos pelas secções e que adiante são reproduzidos na íntegra.

O sr. presidente comunicou ter recebido uma carta do sr. prof. Lopo Vaz de Sampaio e Melo sugerindo a realização em



Grupo de congressistas na Exposição Colonial



A mesa duma sessão de trabalhos
(Presidente, prof. Germano Corrêa; secretários, prof. Marques de Carvalho e Martins d'Alte)

Lisboa do próximo Congresso. Acrescentou que o sr. conde de Penha Garcia, presidente da Sociedade de Geografia e director da Escola Superior Colonial, secundara a idea expendida nessa carta, e alvitrava que a esta Escola fôsse atribuida a incumbência de preparar aquela assembleia científica na data mais oportuna. Estas sugestões foram aprovadas por unanimidade.

Foram lidos telegramas dos srs. Presidente do Conselho e Ministros da Instrução e das Colónias, agradecendo as saudações do Congresso e fazendo votos pela eficiência dêste.

O sr. Presidente agradeceu a todos os que de qualquer modo contribuíram para o êxito e brilho do Congresso, especializando nas suas saudações os que vieram de longe colaborar nos trabalhos daquela assembleia científica e não esquecendo nas suas palavras de simpatia as populações das colónias, tema de estudo da referida assembleia e colaboradoras indispensáveis da obra colonial dos Portugueses. Em seguida, declarou encerrado o I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, entre palmas e vivas das numerosas pessoas presentes.

Votos do Congresso

O I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, tomando em consideração as sugestões individuais e das diferentes secções, apreciadas em conjunto, adopta os seguintes votos:

1 a) — Que seja incluída no quadro das disciplinas do curso médico em Portugal a de Antropologia.

b) Que êste ensino seja obrigatório na Escola Superior Colonial.

c) Que o ensino de Antropologia e da Etnografia seja incluído na preparação científica dos Missionários.

2 a) — Que sejam criados nas capitais das províncias ultramarinas (Angola, Moçambique e Índia) Institutos de Investigação

Antropológica para os estudos de antropometria e hematologia, bem como de antropologia criminal e de aclimação.

b) Que nas capitais das restantes províncias ultramarinas se criem gabinetes de Investigação Antropológica (limitada a estudos de Antropologia normal).

3—Que no orçamento do ministério das Colónias seja inscrita a verba necessária para a organização de missões científicas respeitantes aos estudos de Antropologia em tôdas as Províncias Ultramarinas.

4—Que com um delegado de cada uma das entidades: Ministério das Colónias, Ministério da Instrução e Sociedade de Geografia de Lisboa, se constitua uma comissão para estudar as bases para, com as colecções etnográficas existentes em Lisboa, se formar um Museu único.

5—Que se crie uma entidade com fundos especiais a fim de se promover a publicação duma literatura colonial (gramáticas, vocabulários, e livros de usos e costumes) sistemática e devidamente organizada, para facilitar aos colonos, funcionários, cientistas e missionários o conhecimento dos indígenas das regiões onde devem actuar.

6—Que se signifique ao Govêrno o desejo de que se concedam às entidades administrativas, comerciais, militares, científicas e religiosas portuguesas, sem excepção alguma, tôdas as facilidades possíveis, para dirigirem inquéritos, estudarem *in loco* e trabalharem livremente em todos os nossos domínios pelo engrandecimento e glória do nosso Império Colonial.

7—Que se crie um fundo oficial destinado a premiar, pecuniariamente as publicações concernentes ao conhecimento científico das nossas Colónias.

8—Que se consiga dos actuais missionários portugueses que, à maneira do que fazem os missionários estrangeiros, publiquem nas revistas e boletins missionários dos respectivos grupos,

ou comuniquem à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia do Pôrto, ou às suas congêneres do País, os estudos e observações que fizerem no campo de antropologia, de etnologia e etnografia, nela incluída a lingüística, de maneira a poderem esses estudos aproveitar a quantos se dedicam a êste ramo de saber.

9—Que das missões científicas às colónias façam parte não só naturalistas como etnógrafos, lingüistas e arqueólogos.

10 a)—Que com brevidade se organize uma missão idónea que realize investigações arqueológicas na região de Manica e Sofala e na Zambézia.

b) Que seja promulgado um diploma de protecção aos monumentos arqueológicos coloniais e bem assim se determine que os objectos pre-históricos que sucessivamente forem aparecendo, sejam recolhidos nos museus da colónia, ou melhor ainda em qualquer dos museus da especialidade das três Universidades portuguesas, salvando-se assim de uma perda certa e permitindo-se o seu estudo aos especialistas.

Foram ainda aprovados os votos contidos nesta moção:

O Congresso de Antropologia Colonial, aplaudindo com entusiasmo a idea da criação do Instituto Colonial apresentada na última reunião da Comissão Administrativa da Câmara Municipal pelo ilustre presidente sr. prof. dr. Alfredo de Magalhães e a que os jornais fizeram referência, emite o voto de que seja um facto, no mais curto praso, a criação dêsse Instituto Colonial, de indiscutíveis e das maiores vantagens, e que pode prestar valiosos ensinamentos a todos os que queiram exercer a sua actividade nalgumas das nossas colónias, contribuindo assim para a resolução, cada vez mais imperiosa e urgente, do problema da colonização do nosso vasto domínio Ultramarino.

Que nesse Instituto, adstrito no ponto de vista científico e pedagógico à Universidade do Pôrto, se crie um «Curso de preparação de Colono», curso facultativo tendo em vista ministrar a todos os que se dirijam a qualquer das nossas colónias, as noções práticas, embora elementares, que habilitem ao mais fácil e útil exercício da sua actividade, qualquer que seja a orientação que a esta deem.

Que, anexo ao Instituto Colonial, igualmente por iniciativa da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Pôrto, se funde, como valioso elemento de estudo e aperfeiçoamento científico, o Museu Colonial, solicitando-se do ilustre presidente da Comissão Administrativa, que, com o presidente da Comissão Organizadora do Congresso Colonial, procure conseguir do ilustre director da Exposição Colonial, até onde a sua acção possa exercer-se, e dos proprietários dos *stands* da Exposição, que, para êsse Museu Etnográfico, sejam dispensados, no maior número possível, os objectos ou colecções que nesses *stands* teem estado expostos.

Em cumprimento dêste último voto, os srs. profs. Alfredo de Magalhães e Mendes Corrêa procuraram o sr. Ministro das Colónias que declarou ser seu desejo dar-lhe deferimento dentro do possível. O sr. director da Exposição Colonial, procurado igualmente, afirmou também a sua boa vontade, dizendo, porém, ser impossível dispôr, para o fim indicado, de algumas colecções exibidas na Exposição, por pertencerem aos governos coloniais que delas carecem para outras Exposições.

Infelizmente, na hora a que escrevemos estas linhas, a criação do Instituto Colonial e do Museu anexo no Pôrto não é ainda um facto. Mas da publicação dos trabalhos do Congresso resultará, para quem a êste não assistiu, a convicção de que tal idea tem pleno cabimento e até se impõe, em face do labor realizado no respectivo domínio científico por esta assembleia. O êxito da

Exposição Colonial e doutros Congressos que no Pôrto se efectuarão, foi em grande parte o resultado de incansáveis iniciativas e esforços da capital do norte. É justo e necessário que nesta fique perduravelmente assinalado o reconhecimento do país inteiro por aquelas iniciativas e esforços em favor das colónias portuguesas. Nenhum testemunho dêsse reconhecimento seria mais oportuno e eficaz do que o referido Instituto.

Homenagens

Durante o Congresso foi prestada homenagem, em diferentes secções, aos falecidos srs. capitão Fonseca Cardoso, dr. Aurélio da Costa Ferreira, dr. Rui de Serpa Pinto, prof. Silva Teles e dr. Brito Camacho, pelo concurso ou apoio por êles prestados aos trabalhos de antropologia das nossas colónias.

A Câmara Municipal do Pôrto, na sua primeira sessão após o Congresso, resolveu, por proposta do prof. Alfredo de Magalhães, dar o nome de Fonseca Cardoso a uma rua da cidade.

Foi uma justa homenagem ao iniciador da nossa Antropologia colonial, que foi também um dos ilustres redactores da *Portugália* e militar e colonialista distinto, havendo nascido no Pôrto. Esta cidade deu, daquele modo, uma sanção oportuna, inteligente e sentida ao labor do Congresso.

VÍCIOS DEFORMATÓRIOS DO TRONCO

POR

LUÍS ANTÓNIO RODRIGUES LOBO

Médico escolar do Liceu de Rodrigues de Freitas

*Le travail du médecin inspecteur seconde et
complète le travail éducateur de l'instituteur.*

HEINZ.

Pode dizer-se que só há bem pouco tempo é que começou a produzir-se entre nós um certo movimento de opinião em favor da hygiene somática, isto é, da cultura do corpo de que a do espírito se isolava por vã ser tida a velha fórmula do *mens sana in corpore sano*.

São ainda pouquíssimos os frutos colhidos nessa cultura, mercê de dois factores importantes, como sejam:

1.º Ter-se a educação física preocupado primeiramente com paradas vistosas, com que mais uma vez se confirmou a lei de Spencer—*o adorno precede o útil*. E peor do que isto, foi a educação física dar uma importância capital aos exercícios desportivos, procurando fazer atletas em vez de indivíduos vigorosos e bem equilibrados, tais como na antiga Grécia se formavam.

No entusiasmo pela cultura física *à outrance* não se atendeu a que o abuso do cérebro não justificava o do músculo; não se deu importância ao proclamado em várias secções do Congresso de Caen condenando em absoluto os desportos nos estabelecimentos escolares; não se pensou na inconveniência de exercícios violentos praticados por sujeitos que se entregam diàriamente a locubrações mentais ou por jovens que estão no período de cres-

cimento, fase assinalada por uma mutação contínua do organismo, durante a qual se modifica tanto o corpo como o espírito, de modo a desenhar-se naquele a forma definitiva pela estatura e feições, ao passo que despontam no segundo hábitos, góstos e aspirações.

Por fim, a triste verdade é esta: procurando-se o revigoreamento da raça, a nevrose desportiva veio antes aumentar o coeficiente da tuberculose pulmonar e das lesões cardíacas, veio impossibilitar os novos de chegarem a velhos.

2.º Ter a Sanidade escolar sido até agora mais uma função burocrática do que pròpriamente médica, científica, pois a influência do médico escolar ainda não se faz bem sentir na orientação a dar à cultura física, nem sequer é chamado a colaborar na organização do ensino primário e secundário, ensino que muito longe está de ser o que deve ser e mais parece destinado a mentecaptizar do que a formar o espírito.

A função do médico escolar parece, pois, apagada, quasi estéril, quando deveria ser em tórno d'ele que se agitariam todos os problemas referentes ao desenvolvimento físico e intelectual da juventude.

Veja-se o que se diz num relatório apresentado no VII Congresso de Medicina Profissional em Charleroi (1911):

«Le médecin, chargé de l'inspection scolaire, ne peut plus considérer sa mission comme terminée lorsqu'il s'est assuré de l'hygiène d'une classe, qu'il a vacciné quelques élèves ou qu'il a dépisté une maladie contagieuse; son rôle est beaucoup plus important s'il veut faire sienne la conception de cet organisme, telle que la comprennent aujourd'hui pédagogues et pédiâtres...

Le médecin d'école, tel que nous le concevons, va établir le quotient, la valeur physique de l'écolier; il établira ensuite, d'accord avec le maître de classe, le quotient moral, intellectuel, psychologique de l'élève, en basant son appréciation non plus, comme hier,

sur une impression plus ou moins vague ou conséquemment à des comparaisons coutumières, mais en s'appuyant sur l'expérimentation pédologique tout exacte, toute scientifique, celle-là.

Chaque élève aura son casier. Le maître y trouvera inscrites les anomalies physiques avec les conséquences qu'elles peuvent amener dans l'intellect du sujet; il y trouvera les manquements de tel territoire cérébral; il y trouvera des faiblesses ou des défaillances de telle faculté.

Et ainsi son enseignement, son éducation active deviendront logiques.

La fonction du médecin scolaire se mêle tellement à celle du maître que dans l'avenir la pédagogie actuelle fera place insensiblement à la médico-pédagogie.»

De acôrdo com êste critério, tenho procurado subordinar os exercícios gymnásticos às indicações fornecidas pela inspecção antropométrica dos alunos, convidando para isso os professores de educação física a prestarem-me o seu auxílio.

Desta maneira, verificando-se logo a utilidade das mensurações antropométricas, ficam aqueles professores melhor habilitados a orientarem o seu ensino, que não pode ser uniforme para todos os alunos, dada a variedade de suas conformações, em grande número defeituosas e precárias, e que não será mais ministrado às cegas visto conhecer-se de antemão a matéria prima plasticizável — o aluno, de que a educação pretende fazer um organismo bem constituído, são, válido com uma inteligência clara, uma razão sólida e uma vontade firme.

Le corps en dit beaucoup sur l'âme.

MICHELET.

O busto é o dos segmentos do corpo o que maior interêsse antropométrico apresenta, pois nêle se encontram condições anátomo-fisiológicas de que depende a vida do nosso organismo.

E são: 1.^a, de na cabeça estar alojado o encéfalo, acumulador e fornecedor da energia; 2.^a, de estabelecer o pescoço a comunicação entre o crânio e o tronco, passando por aí debaixo para cima a distribuição nutritiva e de cima para baixo a distribuição nervosa; 3.^a, de ser o tronco como que um centro dinamogénico onde se abriga o órgão incitador da vitalidade de todos os outros.

Mercê dêstes considerandos a inspecção médica tinha naturalmente de fixar a atenção em tão importantíssima parte do corpo, não se limitando simplesmente à medida de perímetros, mas reparando na conformação geral do tronco, ora deprimido na sua face ântero-superior e abaúlado na ântero-inferior, ora em arco saliente na sua face pósterio-superior e em profunda reintrância na pósterio-inferior, além dos desvios laterais para a direita ou para a esquerda da coluna vertebral, e além do deslocamento e ptose das espáduas a denunciarem insuficiência muscular.

Do exame minucioso do tronco resultou, pois, a estatística junta, a qual constitue a parte interessante e fundamental dêste trabalho.

Por ela se vê logo quão múltiplas e variadas são as anomalias, congénitas ou adquiridas, que em 678 troncos de alunos se notaram.

As de mais subida percentagem são por ordem decrescente o descolamento e ptose das espáduas (37 %), a cifose (29,6 %), a ptose abdominal (22 %), a escoliose direita (19,4 %), o deslo-

camento duplo das espáduas (17,6 %), a ptose dupla das espáduas (16,5 %) e a escoliose esquerda (13,8 %).

Tendo em conta a idade dos alunos, observa-se que é entre os 12 e 15 anos que maior número de anomalias aparecem, havendo para algumas como que uma progressão crescente manifesta, tal é a que se verifica na cifose assim como no descolamento e ptose das espáduas.

Do nosso quadro estatístico, comparando-se o número de alunos inspeccionados com o das anomalias, deve inferir-se que as apontadas não se apresentam isoladamente em cada indivíduo, quando êle é quasi sempre portador de mais do que uma.

Nalguns congregam-se às vezes tantas anomalias, que fácil é prevêr a pouca duração de tais misérias orgânicas.

Indivíduos assim, tão mal constituídos, não podem pela sua incapacidade física sujeitar-se às disposições regulamentares, que destinadas são para criaturas anatómica e fisiologicamente normais, e não para criaturas anatómica e fisiologicamente imperfeitas.

É isto porque a actividade cerebral está dependente de condições anátomo-fisiológicas tais que especificadamente são os bons músculos para produzirem fôrça e agilidade, são os excelentes aparelhos de óptica e de acústica para permitirem a agudeza da vista e a finura do ouvido, é um cérebro bem organizado para sentir, pensar e querer.

A constituição somática — o corpo, a que a Philaminta de Molière chamava lagarta, denuncia portanto a alma que encerra, ou melhor a vida, que o estimula e anima.

Le corps est le temple de l'esprit: qu'il doit être triste, pour un Dieu, d'habiter des ruines!

VOLTAIRE.

Tanto o professor Forgue no seu *Précis de Pathologie Externe* como o Dr. Dubreuil Chambardel na sua obra *Les variations du corps humain*, consideram dois grupos de desvios patológicos do raquis: uns no sentido ântero-posterior e outros no sentido lateral. Aqueles constituem duas formas segundo a convexidade da curvatura é voltada para trás—*cifose* ou para a frente—*lordose*.

Estes autores, que são mudos em relação à patogenia e etiologia destes desvios, desenvolvem, porém, muito as suas considerações relativamente aos desvios laterais raquidianos, designados sob o nome de *escolioses*.

Mas, sendo a *cifose* uma das anomalias de maior frequência (29,6 %) estranho é que não se fundamente a etiologia de tal fenómeno para se lhe procurar o remédio que o faça desaparecer ou pelo menos atenuar.

Ora, no quadro das doenças devidas ao excesso de fadiga neuro-muscular (surmenage), quadro este organizado pelo Dr. Jules Delobel na sua *Higiène Scolaire*, implícita está a etiologia da *cifose*, pois nas deformações ósseas, a que aquele excesso dá lugar, há a obliquidade da bacia, a incurvação raquidiana, a desigual elevação das espáduas, a saliência maior da clavícula direita, a tendência a ficar abobadado.

É de presumir que o inestético e brutal *foot-ball* contribua também, além de outros malefícios, para a incurvação posterior cervico-dorsal do raquis, mercê do estúpido desporto obrigar os jogadores a olharem mais para o chão do que para o ar.

É igualmente possível que a *cifose* manifestada com tanta frequência na juventude liceal seja devida àquele desporto, tão desenfreadamente pôsto em acção a tóda a hora e em qualquer lugar.

Os desvios laterais do raquis podem ter a sua curvatura principal voltada para a direita ou para a esquerda.

É mais constante o primeiro caso (19,4 %). Segundo Forgue a inflexão esquerda só se encontra nos individuos raquíticos e abaixo dos 7 anos. Ora, registamos 94 casos dêste tipo em alunos de 10 a 17 anos, sendo em maior número entre os 13 e 16 anos.

Qualquer que seja a teoria patogénica explicativa das *escolioses*, e mui especialmente pelo que respeita à chamada *escoliose dos adolescentes* ou doenças dos escolares segundo Kocher, são as atitudes viciosas tomadas pelos alunos durante a aula e sobretudo durante a escrita, que favorecem essas anormais inflexões de que é causa eficiente a insuficiência muscular.

No nosso mapa estatístico indicado está a morfologia patológica da parte anterior do tronco, traduzindo-se em deformações torácicas e abdominais que derivam, como o afirma o Dr. Lobão de Carvalho na sua brilhante tese *As perturbações da Morfologia humana*, da atrofia primitiva da região dorsal superior, armação cujas asnas musculares tem de suportar e dar firmeza às outras partes do nosso organismo.

Desde que falte a êste vigamento a resistência precisa, fatal se torna a deslocação das outras peças, resultando assim a deformidade do edificio, que em ruína deperece.

Bastantes são os casos de deformação torácica e de ptose abdominal, correspondendo a tórax agénéticos, ventres volumosos e caídos.

Assim como a agenesia de certos feixes musculares pode determinar diferentes estádios na morfologia torácica, assim tam-

bém a agenesia de outros dá causa ao descolamento e ptose das espáduas, anomalias simultâneas que tão freqüentemente se observam numa percentagem que vai até 37 %.

É de notar que nem sempre o descolamento das espáduas é concomitante com a ptose. Estas duas anomalias aparecem isoladas uma da outra, verificando-se ser quasi igual a sua freqüência, pois é de 17,6 % para a primeira e 16,5 % para a segunda. Quanto à descida do ombro, ora direito ora esquerdo, deve ela considerar-se como uma assimetria funcional resultante da actividade do membro superior correspondente, conforme o indivíduo é destro ou canhoto.

Tratando de cada uma das modalidades morfológicas anormais do tronco, enunciada foi já para algumas a sua etiologia.

Primeiro que tudo são, em geral, causas primitivas de todo aquele cortejo de anomalias a fraqueza constitucional e a pobreza muscular dos indivíduos.

Se aquela é quasi sempre o estigma hereditário de pais com taras mórbidas, a segunda é a consequência da falta de exercício, sem o qual a musculatura por assim dizer não desabrocha.

Circunstâncias há, porém, que se sobrepõem a estes maus alicerces e que muito concorrem para tornar desgraciosa, aleijada, a parte mais volumosa do corpo.

São elas tôdas as atitudes viciosas provocadas por um impróprio mobiliário escolar, um opressivo vestuário, um modesto calçado, certos exercícios deformatórios pelo facto de com elles se desenvolverem tão somente determinados grupos musculares ao lado de outros que definham.

Está neste caso o desporto como todo o mistér que obriga a exercitar repetidas vezes os mesmos músculos.

E como é preciso, segundo a expressão de Solon, tornar os nossos filhos bons e formosos, o que significava no espírito dos

Gregos da época — são do corpo e da inteligência, apontemos os males que podem affligir aqueles entes queridos para que elles sejam primeiro uns bons animais, aptos para a luta pela existência, e depois homens fortes pela consciência do dever e inteireza do carácter de modo a viverem numa pátria próspera e feliz.

Pôrto, 16 de Abril de 1928.

	10 a.	11 a.	12 a.	13 a.	14 a.	15 a.	16 a.	17 a.	18 a.	19 a.	Total dos casos	0/0
Cifose	10	13	18	26	31	45	25	24	5	4	201	29,6
Escoliose direita	11	5	13	22	18	31	18	11	-	3	132	19,4
Escoliose esquerda	4	6	8	15	25	2	11	8	4	1	94	13,8
Escoliose dupla	-	3	3	5	2	11	8	3	2	2	39	5,7
Escoliose tripla	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	4	0,6
Lordose	1	1	6	5	8	15	5	4	-	-	45	6,6
Descolamento duplo das espáduas	15	20	21	22	18	10	3	11	-	-	120	17,6
Descolamento da espádua direita	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	3	0,4
Descolamento da espádua esquerda	1	-	3	13	-	1	-	-	-	-	7	1,0
Ptose dupla das espáduas	4	9	16	37	25	22	14	4	3	2	112	16,5
Descolamento e ptose das espáduas	10	10	24	37	52	60	26	23	4	5	251	37,0
Ombro direito descido	1	3	4	8	15	12	4	2	-	2	51	7,5
Ombro esquerdo descido	1	4	5	4	8	4	2	2	-	-	30	4,4
Atrofia torácica	1	3	4	4	6	4	2	-	-	-	26	3,8
Tórax achatado	5	2	10	5	5	11	1	1	4	-	44	6,5
Tórax em quilha	1	1	1	5	3	6	3	1	-	-	21	3,1
Tórax em funil	1	1	-	5	1	1	-	-	-	-	5	0,7
Ptose abdominal	12	16	27	30	30	19	11	3	4	1	153	22,5
Assimetria torácica	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	3	0,4
Hemi-tórax direito achatado	-	2	1	4	10	8	14	7	1	1	48	7,1
Hemi-tórax esquerdo achatado	-	-	-	-	2	5	3	-	-	-	13	1,9
Ventre de batráquio	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	6	0,9
Mal de Pott	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,1
Coluna vertebral aprumada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,3
Número de inspeções	33	64	97	102	128	122	62	39	15	11	678	-

BIBLIOTECA

NOTA DE COREOGRAFIA POPULAR TRASMONTANA

A DANÇA DOS PRÊTOS (MONCORVO)

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assistente da Faculdade de Ciências do Porto,
conservador do Museu Antropológico

«Todas las cousicas boas ban acabadas; dantes, no meu tempo, havia tres dias seguidos de dança para festejar o Nascimento do Menino e agora apenas un bucadico!!!» (1)

Assim falava ao ilustre Reitor de Baçal, P.^o Francisco Manuel Alves, uma respeitável velhinha trasmontana, ao relembrar as festas da sua mocidade.

É que, na verdade, em muitas regiões de Trás-os-Montes, curiosas danças, as mais das vezes de carácter litúrgico e cultual, mas essas mesmas quasi sempre de origem remota e francamente pagã, enchiam tóda a quadra de festas que vai do Natal aos Reis.

Quasi tudo, porém, vai perdido no rodar dos tempos.

Já pouco nos resta da extraordinária riqueza coreográfica trasmontana. E êsse pouco desaparecerá de todo a breve trecho.

Veja-se o que sucede com a rítmica, animada e vibrante *dança dos paulitos*, tão empolgante por vezes na violência e na rapidez

(1) P.^o Francisco Manuel Alves, *A Festa dos rapazes* (usanças tradicionais. — Notas etnográficas. — Vestígios de um ciclo coreográfico prestes a extinguir-se), in «Ilustração Trasmontana», 3.^o ano, Porto, 1910, pág. 180.

da execução cadenciada de certos *laços*, e sempre interessante no entrecocar dos paulitos a compasso (1).

Esta dança, de feição marcial, que outrora era executada e mesmo dominante, em quasi tôda, senão em tôda a região de Trás-os-Montes, viu a sua vasta área de dispersão reduzir-se nos tempos de hoje às terras de Miranda, lá longe, no leste trasmontano.

Urge, portanto, que se faça o registo etnográfico cuidado dos restos do extraordinário ciclo coreográfico trasmontano doutros tempos.

Foi dentro dêste critério que, em 1930, consegui fôsse organizada em Moncorvo a *dança dos prêtos*, que já há uns anos ali se não realizava. Assim pude assistir à sua execução, tomar as notas precisas e tirar algumas fotografias. Fiz ainda um curto mas demonstrativo registo cinematográfico.

*

* *

A dança dos prêtos é assim chamada, por os que nela tomam parte trazerem a cara pintada de negro.

Era organizada pela irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Moncorvo, no dia 6 de Janeiro de cada ano, isto é, na véspera do Dia de Reis.

Tem carácter acentuadamente litúrgico, e é possível que seja de origem remota. Nada pude averiguar neste sentido.

(1) Sôbre a dança dos paulitos vd.: J. M. Martins Pereira, *As terras de Entre Sabor e Douro*, 1908, pág. 296-305; Ferreira Deusdado, *Escôrços Trasmontanos*, Angra do Heroísmo, 1912, pág. 152-153; P.º Francisco Manuel Alves, *A Festa dos rapazes*, cit., gravura reproduzindo o grupo dos que dançam com a sua indumentária e respectivos paulitos; P.º Francisco Manuel Alves, *Trás-os-Montes*, publicação da Exposição de Sevilha, 1929; Raul Teixeira, *A Terra Mirandesa*, art'go no jornal «O Primeiro de Janeiro» de 20 de Março de 1934.

Sei apenas que há cêrca de 50 anos, quando o velho abade e arcepreste Rev. Francisco António Tavares veio paroquiar a vila de Moncorvo, já ali encontrou o velho uso de tal dança, realizada em moldes que se conservavam, por assim dizer, invariáveis. Havia apenas de diferente e a mais, o costume de, na volta

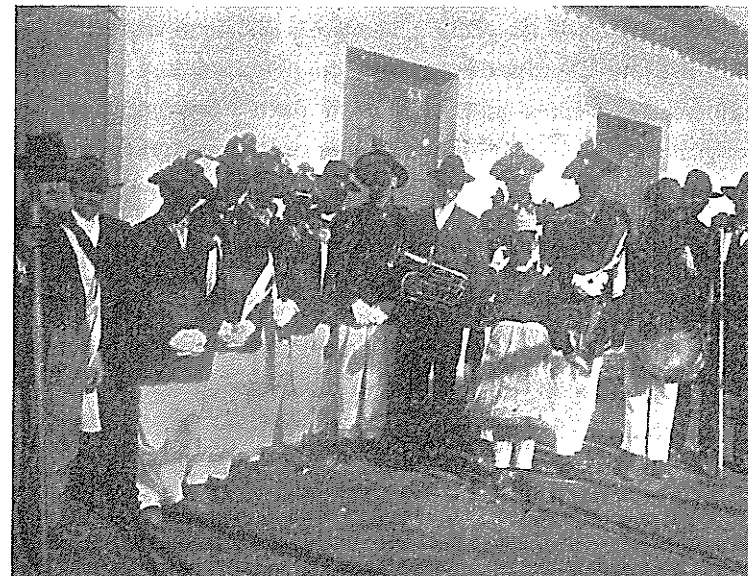


Fig. 1 — Grupo dos prêtos acompanhados por dois mesários da confraria

pela vila, os dançarinos serem acompanhados pela bandeira da Irmandade.

Nessa época não passava ano algum sem que, na véspera do Dia de Reis, se não fizesse a dança dos prêtos.

Todos os anos eram convidados para ingressar na irmandade de Nossa Senhora do Rosário dois ou três indivíduos. A estes novos irmãos competia dar o almôço e o jantar aos prêtos no dia da dança. Naquelas refeições tomavam parte alguns convidados, geralmente os grandes da terra.

Logo depois da missa dalva, ainda o dia vinha longe, já os prêtos percorriam as ruas da vila com a sua tão curiosa dança.

A animação ia num crescendo de entusiasmo pelo dia adiante.

A primeira execução era feita no adro, a seguir à missa dalva. No adro voltavam a dançar depois da missa do dia ⁽¹⁾.

Das aldeias vinha gente à vila para assistir à dança.

O magote do rapazio engrossado pelos adultos ia seguindo o rancho dos prêtos que aqui e ali dava a sua representação coreográfica e colhia o óbulo que a cada um aprazia dar por devoção.

Muitos dos membros da irmandade organizadora, envergando opa e cada um com sua vara, acompanhavam os prêtos na volta pela vila.

O produto das esmolos era consignado a despesas a fazer com a conservação e alindamento do altar da santa padroeira da irmandade e também ao pagamento dum certo número de missas ⁽²⁾.

(1) O costume da exibição coreográfica se fazer no adro encontra-se noutras danças e noutras regiões da península, como p. ex. em Sória com a dança de San Leonardo que tem algo de comparável com a dança dos paulitos. Vd. Pilar Andrés Rebolla, *Las danças de San Leonardo (Sória)*, in «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología, Facultad de Historia, Valladolid, 1934, fac. VI, pág. 419 e segs. onde se lê: «La costumbre de exhibir la danza en días señalados aún perdura pues todos los años, el día de San Blas, que es la fiesta del pueblo, los danzantes, después de la misa, bailan al pie del presbiterio acompañados de las gaitas y de la letra que cantan ocho mozas del pueblo vestidas con el traje típico del país».

«Observando la forma de las danzas es fácil ver en ellas simulacros de movimientos guerreros que sin duda se celebraban para conmemorar el triunfo de alguna batalla. ¿Que significar si no el palo y el escudete? ¿No recuerdan la espada y el escudo primitivo?»

(2) Missa cantada na manhã do dia 6 de Janeiro, o dia da dança. Missa cantada do 1.º de Janeiro. Parece que a missa do galo era também cantada à custa da esmola dos prêtos. Mais 12 missas no ano, rezadas no 1.º domingo de

*

* *

Vejamos agora o que em 1930 consegui averiguar sobre a dança dos prêtos.

São 9 os que dançam, e mais o prêto da caixa, que dá as entradas, e o músico do bombardino, que toca a parte cantante.

Dos 9 dançantes, um, com indumentária e atributos especiais, é denominado o *prêto do meio*; os 8 restantes são os *prêtos da borda* e formam em duas filas voltados uns para os outros.

O prêto do meio é sempre um rapaz dos seus 13 ou 14 anos. É preferível que tenha baixa estatura. Não me souberam explicar a razão desta preferência.

Os prêtos da borda são já homens feitos.

Assente a realização da dança, combinados os figurantes e obtidos os versos a dizer e a cantar, iniciam-se os ensaios, dirigidos as mais das vezes por indivíduo estranho à dança. Poucos ensaios bastam. Depois do Natal é que nisso se pensa e algumas ocasiões houve em que os ensaios começaram já depois do ano novo.

Entretanto cada um vai cuidando da sua indumentária.

Os prêtos da borda envergam calças brancas e casaco prêto cingido por larga faixa de sêla. Do ombro pende abundante

cada mês. A importância colhida com a dança dos prêtos era por vezes razoável. Em 1920 fez-se a dança e as esmolos foram além de 500\$00 esc. Nesse mesmo ano foram os prêtos convidados a realizar a dança na aldeia de Felgueiras, que fica a poucos quilómetros da vila, por trás do Roboredo, e ali a colheita foi de 300\$00 esc.

A irmandade de Nossa Senhora do Rosário tinha outras fontes de receita. Assim em cada baptizado de filho legítimo que se realizasse na igreja de Moncorvo, a cera era fornecida pelo altar de Nossa Senhora do Rosário que em paga recebia quatro vintens.

moldada de fitas de sêda de côres diferentes. O chapéu, prêto, tem a aba levantada na dianteira e enfeitada com um cordão de ouro, continhas douradas e uma medalha ou broche que segura uma flor de papel (fig. 2).

À roda do pescoço um lenço de sêda. Levam calçadas botas prêtas e nas mãos luvas brancas.



Fig. 2 — Três prêtos da borda, o prêto do meio e o prêto da caixa

Por dentro das calças levam muitos guizos, com os quais fazem ruidosa guizalhada ao tempo que marcham a compasso da dança (1).

(1) Na Provença também a dança das mouriscas tem guizalhada. Vd. Frederico Mistral, *Calendal*, (Tradução de João Aires de Azevedo), Porto, 1927, onde a pág. 121 se lê:

«... —, as mouriscas, em que, como sabeis, um rapaz oferece uma laranja a duas môças, enquanto, vindo, vai, volta, salta e agita os guizos dos seus largos calções;»

O prêto da caixa, também de calças brancas e blusa vermelha, tem na cabeça uma gôrra que se prolonga em penacho caído sobre o lado. Não trás faixa, nem molho de fitas de sêda presas no ombro. À roda do pescoço um lenço.

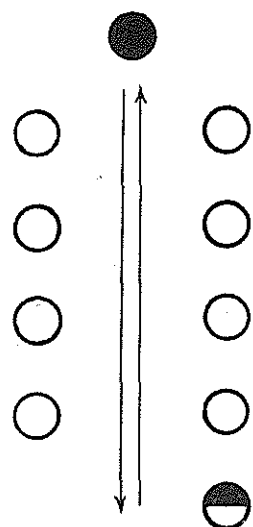
O prêto do meio tem uma indumentária especial. Calça botas prêtas e luvas brancas como os restantes, mas só êle tem meias brancas até ao joelho. Veste uma blusa vermelha com uma faixa de sêda cingida a tiracolo, e um saial de renda branca que lhes desce até aos joelhos, onde termina por larga franja. Na cabeça um barrete de papelão, cilíndrico, recortado no alto em seis bicos, com o seu quê de corôa ou mitra.

Esta mitra é também enfeitada com um cordão de ouro e continhas douradas.

O músico do bombardino não tem indumentária especial. Executa a música que vai a seguir:

Se-guir de Deus a dou-tri - ma é de - ver do bom cris -
 tão Pa - ra - po - der - mos um di - a al - can - çar a sal - va -
 ção Se-guir de Deus a dou-tri - ma é de - ver do bom cris -
 tão Pa - ra po - der - mos um di - a al - can - çar a sal - va - ção.

Ao presado consócio e ilustre musicógrafo Armando Leça, estudioso apaixonado do folklore musical português, eu devo a amabilidade de me ter escrito a música acima, sobre elementos



- Felo do meio
- Felos da borda
- ◐ Felo da caixa

Fig. 3

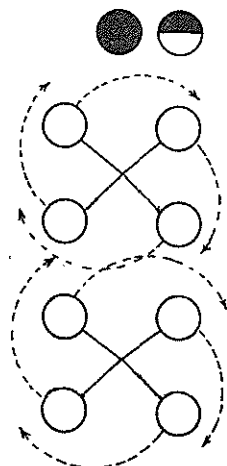


Fig. 5

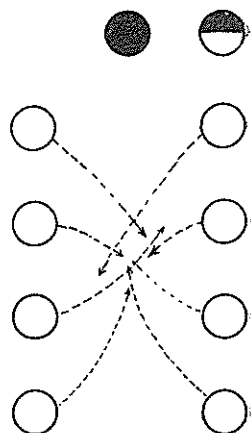


Fig. 4

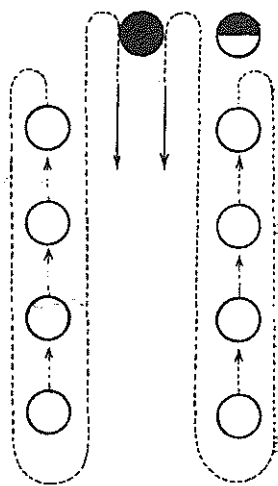


Fig. 6

fornecidos pelo Sr. Afonso Marcolino Ferreira, organizador e regente da banda de Moncorvo.

Aos dois os meus agradecimentos.

Segundo a autorizada opinião de Armando Leça, a música da dança dos prêtos «é uma melodia de entoação e analogia rítmica (longa e breve ou o chamado ritmo trocaico) com uma



Fig. 7—Uma fase da dança

outra que na Beira-Baixa setentrional se canta com o rimance da D. Silvana e até do próprio Lavrador da Arada, também ouvido na mesma região ».

Chega o dia 6 de Janeiro.

Cada um dos figurantes, envergando a indumentária descrita, dirige-se antes do amanhecer para a casa donde sairá o cortejo, depois de lhe ser pintada a cara de negro. Essa pintura é feita com pós prêtos dissolvidos em aguardente.

Dirigem-se as personagens à igreja, onde ouvem a missa dalva.

É já sabido e tôda a gente o diz: — A missa dalva daquele dia é dos prêtos.

A missa é resada no altar de Nossa Senhora do Rosário. É forçoso que a ela assistam os prêtos.

Dantes ouviam a missa postados aos lados do altar. Depois passaram a ouvi-la no átrio de entrada da igreja.

Hoje ouvem-na do côro para que a sua presença não vá perturbar o recolhimento dos que assistem.

Acabada a missa, faz-se a primeira exibição no adro. A ela assiste o pároco, que desempenha, por assim dizer, o papel de censor. Terminada a dança, colhida a esmola entre aqueles que a ela assistiram, e obtido o consentimento eclesiástico para que ela prossiga, abalam os dançarinos em via sacra à roda da vila.

Nas ruas, aqui e acolá, vão repetindo a dança e colhendo a esmola que cada um lhes dá.

Nas casas ricas entram, e a exibição é feita numa sala ou num terraço.

A dança, como a vi em 1930, é de singela execrção. Os prêtos da borda, do meio e da caixa postam-se como indica a fig. 3.

O prêto da caixa pode contudo ocupar um lugar junto do prêto do meio como indicam as figs. 4, 5 e 6.

O músico do bombardino não tem posição demarcada. Está às vezes junto do prêto da caixa, outras vezes arredado, ora a uma ponta ora a outra. Êste comparsa da dança dos prêtos não tem a cara pintada de negro como todos os outros. Por isso dá a impressão de que não faz parte do conjunto, parece um intruso que está ali a mais.

Está tudo a postos e todos atentos.

Ao sinal de comêço dado pelo prêto da caixa, dizem todos: *Eche!* (Êtche), e sacodem os guizos que levam presos por dentro das calças.

Depois do que, o prêto do meio, mãos espalmadas e postas em cutelo, antebraços um tanto flectidos sôbre os braços, e estes encostados ao tronco, caminha em marcha cadenciada de boneco



Fig. 8 — Outro aspecto da dança

articulado. Ao mesmo tempo oscila no mesmo ritmo com os antebraços, de tal modo que, quando a mão direita, acompanhando uma passada, desce, a mão esquerda sobe e vice-versa.

Vai por entre as duas filas dos prêtos da borda até ao extremo destas para depois, às arrecuas e com o mesmo passo e o mesmo jôgo de mãos, oscilando ora acima ora abaixo, voltar à posição primitiva (fig. 3).

Durante êste percurso de ida e vinda recita as duas quadras seguintes:

Salvé Belém! tu que viste
Nascer o Todo Poderoso.
Salvé presépio de Cristo.
Salvé dia glorioso.

Os heréticos duvidam
Dos mistérios de Jesus
Que nasceu, morreu por nós
Martirizado numa cruz.

O prêto da caixa, com uma pancada sêca, chama a atenção de cada um, e ao mesmo tempo dá a entrada à parte cantante que denominam *estrobilho* (sic). Todos entoam em côro a quadra que transcrevo:

Seguir de Deus a doutrina
É dever do bom cristão.
Para podermos um dia
Alcançar a salvação.

Acabado o estrobilho, tudo se cala e, então, cada um dos prêtos da borda vai dizer seus versos.

Num repelão brusco, salta para o meio da fila e, de braços ao alto e em gestos largos, recita os versos que lhe compete dizer, findo o que volta num salto a ocupar o seu lugar.

Cada um dos prêtos da borda vai dizendo sua quadra pela ordem que vai indicada na fig 4. Transcrevo essas quadras a seguir:

1.º

Boas novas moncorrenses
Dar a vós os preta (sic) vem;
Que nasceu o redentor
Num presépio em Belem.

2.º

Belem terra de Judá
Onde o Redentor nasceu.
Sua Mãi imaculada
Que tormentos padeceu.

3.º

Eu não posso compreender
Que Jesus, tão santo e nobre,
Tivesse o seu nascimento
Num lugar humilde e pobre!

4.º

Que mistério incompreensível
Que não alcança ninguém.
Como poderia ser
Ficar Virgem sendo Mãi!

5.º

Bendita sejais Senhora
Cheia de Graça e Candura;
Dos pecadores salvadora,
Urna cheia de ternura.

6.º

Só eu não ser tão feliz.
Já no mundo vi;
Era tanta o multidão
Que entre ela me confundi.

7.º

Eu lá vi êsse Deus
Nos braços da Mãi saltando.
Todo o povo em redor
Hinos de glòria entoando.

8.º

Eu quisera nesta hora voar a Belem
A ver o presépio do meu Redentor,
Cantado, inspirado na *lira (sic)* dos anjos festivos
Hossanas, palácios de amor.

Cabe de novo a vez ao prêto do meio que, na mesma atitude com os mesmos gestos e no mesmo andar compassado das duas quadras com que iniciou a dança, recita mais estas:

Que fale o monte de Gólgota.
Que fale Jerusalem.
Que fale o túmulo de Lázaro.
Que fale a própria Belem.

Mas nós que cheios de fé
Oremos com todo o ardor.
Soltemos hinos e cantos,
Mas cantos de infundo amor.

Os prêtos da borda formam depois em dois grupos de 4, dando as mãos direitas ao alto e, ao mesmo tempo que cantam o segundo *estrobilho*, vão rodando lentamente sobre a esquerda (figs. 5 e 6).

A quadra é repetida, e, desta vez, entrelaçam as mãos esquerdas e rodam sobre a direita.

Foi esta a quadra do segundo *estrobilho*:

Seguir pois os seus preceitos
Abraçar a santa história.
P'ra um dia sermos ditosos
Lá no reino da Glória.

Agora é o prêto do meio que, caminhando entre os prêtos da borda no mesmo andar compassado e lento e com os dedos indicadores ao alto em vez da mão em cutelo, canta:

Vós que sois Rainha Santa
Sempre Virgem Imaculada
Permiti aos pecadores
Possam dar no céu entrada.

Por fim, cantam todos o último *estrobilho*:

Permiti Virgem Sagrada
Que nós possamos entrar
Nessa morada celeste
Onde o Justo tem lugar.

Os prêtos da borda cantando, deslocam-se em fila como indica a fig. 6, e vão buscar pelo braço o prêto do meio que vem entre os dois prêtos dianteiros até junto do prêto da caixa (fig. 8).

Acabou a dança. Um dos irmãos da confraria vai colher entre os assistentes a esmola que geralmente todos dão de bom grado.

*

*

*

As mais das vezes os versos variavam de ano para ano. Dou a seguir algumas quadras que faziam parte da dança de há uns anos atrás:

Por ser da borda o primeiro
Venho cheio de alegria,
A saúdar do fundo dalma
A aurora do grande dia.

Mil cultos à Virgem Mãe
Todos nós devemos dar,
Irmos todos reverentes
Ao presépio ajoelhar.

Ó Cruz!... Palavra bendita,
Eu te adoro com fervor;
Tu és o símbolo sagrado,
Sinal de paz e de amor.

Para nós a religião
É amor, é esperança.
Para um dia sermos ditosos
Lá na bem-aventurança.

Uma dúvida apresento
E o meu espírito também.
Eu não sei como Maria
Ficou Virgem sendo Mãe!

A aurora do grande dia
Venho festejar também.
Rendendo graças a Deus
Mil cultos à Virgem Mãe.

Ao altar da Santa Virgem
Cheio de graça e de luz,
Corre o povo pressuroso
A ajoelhar aos pés da cruz.

Se a Cruz representa a paz,
Também é sacro pendão
Dos que querem e professam
De Cristo a Religião.

E para nos ser concedida
Essa graça, esse louvor,
É mister seguir à risca
O decálogo do Senhor.

Se quiserem alcançar
A glória lá nos céus,
Dai-nos a vossa esmola
Em louvor da Mãe de Deus.

*
* *
*

Porque caiu em desuso a dança dos prêtos? Não consegui averiguá-lo; mas seguramente múltiplas devem ter sido as circunstâncias que para isso concorreram.

Para outras danças de cunho mais ou menos pagão, a acção das autoridades eclesiásticas foi notória no seu desaparecimento.

As pastorais dos bispos de Bragança, que tão severamente anatematizaram velhos costumes e singelas danças onde viram ressaibos de paganismo, foram largamente destruidoras.

Este facto já foi pôsto em destaque pelo Rev. P.^o Francisco Manuel Alves, ilustre Reitor de Baçal, com a sua autoridade de erudito profundo (1).

Por outro lado, o contacto cada vez mais fácil e mais rápido entre a cidade e as terras da província, mesmo as mais distantes, acabará em breve por destruir o pouco que nos resta dêsse passado curioso, tão rico de tradições etnográficas.

A estrada, o caminho de ferro e o automóvel entoarão em cântico um lúgubre *requiem* a tantas e tão lindas danças que os nossos olhos não mais verão dançar, a tantas e tão lindas canções que os nossos ouvidos não mais ouvirão cantar.

Maio de 1934.

(1) P.^o Francisco Manuel Alves, *A festa dos rapazes*, cit., pág. 130.

VÁRIA

Schulten e Portugal

O ilustre iberólogo de Erlangen, Prof. Adolf Schulten, do qual já demos à estampa, em versão portuguesa da nossa autoria, o notável estudo sobre Viriato (1), e que, em vários dos seus trabalhos, se tem ocupado de antiguidades portuguesas, visitou de novo o nosso país em 1930, como foi oportunamente registado nesta revista. Ora nos fascículos 3-4 do «Archäologischer Anzeiger», de 1933, o erudito professor faz, em extracto do «Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Instituts», um relato não só daquela sua jornada como das suas investigações em Espanha de 1928 a 1933, intitulado êsse artigo *Forschungen in Spanien*, epígrafe que um português não pode deixar sem reparo, se bem que as investigações em Espanha tivessem sido mais amplas, numerosas e detidas do que as realizadas em Portugal.

Achamos de interêsse oferecer aos leitores a tradução portuguesa da parte do artigo que diz respeito ao nosso país. Acompanham êsse trecho uma fotografia do Cabo de S. Vicente, o esquêma duma hipotética localização de Moron e uma planta da Cava de Viriato. Segue a tradução:

«De Huelva fui para o Algarve, a costa sul de Portugal. Partindo de Faro visitei a vizinha Ossonoba, com seus restos romanos. Ossonoba não está propriamente junto do mar, mas à beira duma lagôa que hoje se encontra açoreada.

Num pequeno museu de Faro estão várias inscrições. De Faro fui para Portimão que tem uma baía nitidamente recortada, provavelmente o antigo *Portus Hannibalis*, nome que não provém de célebre Hannibal mas sim de um outro e recorda o comércio cartaginês que se fazia ao longo da costa ocidental, por causa do estanho do Norte.

(1) *Viriato* — Ed. da «Renascença Portuguesa», Porto, 1927.

Há nesta região muitos dolmens que foram descritos em tempo por Estácio da Veiga, nas *Antigüidades Monumentais do Algarve* (1886-1891). Hoje estão quasi inteiramente destruídos,

De Portimão fui para Lagos, em cuja vizinhança, a 1,5 km. de distância, no outeiro chamado monte de Figuerola, esteve a velha Lacobriga de que ainda existem bastantes restos. O nome celta mostra que os celtas penetraram até aqui. A menção da cidade aparece durante a guerra de Sertório (1). Do monte de Figuerola a cidade espraiou-se para Lagos e um aqueduto romano conduz para Lagos e não para Lacobriga. De Lagos fui visitar o cabo de Sagres, o *Sagrado*, o *promuntorium Saturni* de Avieno, nome que lembra o primitivo culto com sacrificios humanos (2), como de resto persistiam antigos cultos nos cabos mais salientes desta costa. Assim acontecia também no cabo de S. Vicente que igualmente visitei. É o célebre *prom. sacrum*, cujo culto nocturno Artemíodoro descreve (em Estrabão p. 138).

De Lisboa fui visitar *Moron*, a base de operações de Bruto Callaico na sua guerra contra os lusitanos no ano 138 a. C. Segundo Estrabão (p. 152), Moron estava a cerca de 500 estádios (92 km.) do mar, junto a uma pequena ilha do Tejo que tinha 30 estádios (5,5 km.) de comprimento e era quasi da mesma largura. De facto encontra-se a cerca de 90 km. do mar a pequena ilha de Almourol que corresponde evidentemente à velha Moron (com o artigo árabe), e defronte, no monte Chã Marcos, na margem Sul, está um lugar apropriado para a cidade de Moron. Mas a ilha (sobre a qual está um castelo dos templários) tem hoje só 250 m. de comprimento por 80 de largo e não pode ter sido mais ampla, visto que o Tejo aqui só tem 250 m. de largo, de modo que os números de Estrabão devem estar errados. Obliquamente, em frente à ilha, desagua o rio Zézere que vem da Serra da Estrêla. O Zézere era bem a via de entrada através destas montanhas, que foram um retiro dos Lusitanos e são ainda mencionadas neste sentido pelo continuador de César (3). A posição de Moron defronte da foz do Zézere lembra muito a de *Castra vetera* defronte da estrada de Lippe, a de *Metelinum* no Anas defronte da estrada para *Castra Caecilia* e *Vicus Caecilius*, a estrada das *étapes* de Metellus no ano 79 a. C.

De Coimbra cujo nome deriva da antiga Conim-briga situada

(1) Cf. meu livro *Sertorius*, 71.

(2) Cf. meu estudo sobre Avieno, *Ora mar.* 86.

(3) *Bell. Alex.* 48, 4.

na vizinhança, visitei esta cidade (hoje Condeixa-a-Velha) que presentemente está sendo escavada. Conim-briga, que é assim designada do nome dos Cónios (os Kynetes de Heródoto e *Cynetes* de Avieno), está situada, com muita segurança, entre profundas escarpas, de maneira que só é praticável o lado oriental. Já se desenterrou a porta oriental que é ladeada por 2 tórres. O muro da cidade está ainda bem conservado e tem a largura de 2-3 m. Visto que as moedas terminam em 400 anos a. C., foi Conim-briga destruída pelos germanos.

De Coimbra levou-me Mendes Corrêa, professor de Antropologia do Pôrto e um dos melhores pre-historiadores de Portugal, em automóvel para Vizeu no sopé da Serra da Estrêla, porque junto de Vizeu está o acampamento octogonal chamado *cava de Viriato*, que provém igualmente da guerra de Bruto, não de César que operou no ano 60 a. C. contra o *mons Herminius*, Serra da Estrêla, mas que pouco tempo aí se demorou, enquanto que o acampamento é um acampamento de duração. Vizeu e o acampamento estão num vale alto, grande e oval, que é rodeado mais ou menos, por todos os lados, de altas montanhas: no Sul pela Serra da Estrêla, no ocidente pelo Caramulo, no Norte pela Gra-lheira e Montemuro, no oriente pela Serra da Lapa. O acampamento tem portanto uma posição estratégica importante. É sufficientemente afastado das montanhas, para estar protegido contra assaltos, forma uma excelente base para a penetração nas montanhas circundantes. Correspondem a esta posição central as estradas irradiantes, para todos os lados de Vizeu, das quais algumas são romanas. O acampamento é formado por um muro de terra que com a largura superior de 6,8 m. e a altura exterior de 10 m., interior 5 m., lembra vivamente os muros de Soest e Göttingen e, como estes, serve hoje de passeio. Muro frontal parece não ter tido o reduto. A este corresponde e corresponde ainda hoje nos lados 1 e 2 um fôssco de 10 m. de largura em baixo, que outrora foi cheio com pequenas correntes de água, principalmente com o Pavia que vem do oriente. Do octógono conservam-se apenas ainda hoje completamente 4 lados e o lado 1 na maior parte; o resto foi infelizmente destruído. O comprimento dos lados conservados é: 1:240, 2:270, 4:250 e 5:240, de modo que se pode supôr como comprimento intencional 800 pés romanos (236m,5). O diâmetro é de cerca de 680 m. o que corresponde a 2300 pés, medida que reaparece noutros acampamentos, por exemplo no acampamento de Metellus em Cáceres cujo comprimento é o mesmo. Estas medidas confirmam a origem romana do octógono, a qual de resto também vem à mente. Pois na idade média ninguém cons-

trua nesta região uma obra tão gigantesca (1). Exteriormente este reduto de 8 m. de largura é o mais semelhante ao muro da cidade de Lugo de 6 m., dos séculos III e IV d. C., enquanto que os redutos dos acampamentos romanos não ultrapassam 3 e 4 metros de largura. Das portas só se encontra hoje apenas uma no lado 4; devem ter sido quatro, como é de esperar em acampamentos romanos: duas no N. e duas no S. A contra-porta teria estado no lado 8. Como o lado 2 deve conservar sinais duma porta, as outras duas portas deviam estar em 2 e 6, assim as ruas de ligação destas portas se cortariam em ângulo recto como tinha que ser. O interior do acampamento é ajardinado, portanto pelo menos foi destruída a camada superior, mas talvez valesse a pena escavar mais profundamente, apesar de me terem assegurado que já isso se tinha feito sem se haverem achado restos antigos. Visto que este acampamento tão bem fortificado era um acampamento de duração, deviam-se admitir ali construções de pedra, que em acampamentos de verão faltam. A superfície do acampamento é de cerca de 28,5 ha. O que se aproxima do tamanho dos acampamentos da legião do tempo do Império, que têm cerca de 25 ha. Mas a mesma área de acampamento pode ser coberta, segundo as circunstâncias, de maneira muito diferente como, por exemplo, os acampamentos da coorte em Masada que não têm 2 mas apenas 0,2 ha. de modo que a Cava de Viriato pode também ter abrangido duas legiões. Bruto Calaico tinha um exército consular de duas legiões. A posição da Cava de Viriato adapta-se à sua primeira expedição em 138 a. C. pois da sua base de Moron conduz o vale do Zézere ao sopé da Serra da Estrêla, em cujo lado N. está a Cava. No ano 137 marchou Bruto Calaico sobre o Douro e Minho (2).

A Cava de Viriato é conhecida em Portugal desde antigos tempos e sempre foi tida por um acampamento romano. Parece tê-la estudado em primeiro lugar mais exactamente W. Gurlitt, que dá disso notícia em Hübner (3). No ano de 1904 descreveu Leite de Vasconcelos, o veterano dos arqueólogos portugueses, o estado de então (4).

Inesquecível é para mim uma excursão que fiz à Serra da Estrêla, a qual passa com razão por ser a pátria de Viriato: selvagem montanha de granito, com escarpas profundas, muita

(1) Cf. Girão — *Vizeu*, 1923.

(2) RE. X 1021.

(3) AZ. 26, 1868, 14-15.

(4) Arqueólogo português, 1904, 13, com plano a l. 5000.

água e floresta, na qual moram ainda hoje pastores em lucta com o vento, o tempo e os lobos, dos quais descendia Viriato. Vêm-se na Serra vários castros. Seja ainda mencionado que o nome antigo da montanha, *mons Herminius*, segundo Wilh. Schülze, deriva do etrusco *hermenas*. Expliquei isto pelas migrações dos etruscos nesta região rica em ouro (1) ».

Termina nesta altura a parte do artigo alusiva a Portugal. Schulten dirige-se à Galisa, visitando La Guardia e o seu Museu, o castro de Santa Tecla, etc., e dando fotografias, a planta duma « casa céltica », a planta da região de La Guardia, etc. Falando da sua estada em Santiago de Compostela, refere-se aos trabalhos arqueológicos do Seminário de Estudos Galegos, especialmente aos de Florentino Cuevillas e ao estudo de Mário Cardoso sobre as joias arcaicas encontradas em Portugal. A-propósito da Corunha, ocupa-se da Têre de Hércules, das gravuras rupestres da vizinhança e da inscrição de ali que interessa especialmente os portugueses: *Martí Aug. sacr. C. Sevius Lupus architectus Aemi-niensis Lusitanus exvoto*.

O trecho relativo a Portugal suscita naturalmente numerosos comentários. Os leitores desta revista que tomaram conhecimento do artigo *Moron* inserto pelo Prof. Mendes Corrêa no fasc. III do vol. VI, facilmente encontrarão ali argumentos para contrariar a localização proposta pelo Prof. Schulten e preferir a hipótese emitida nesse artigo, que localiza Moron em Santarém, ou junto de Santarém.

Por informação do sr. dr. Magalhães Basto, sabemos que um manuscrito quinhentista da Biblioteca Municipal do Porto contém uma saudação, dirigida em Santarém a D. João III e sua consorte, em que já se diz ter tido Santarém o nome antiquíssimo de Moron. Esse discurso foi, segundo o mesmo amável informador, reproduzido por António Caetano de Sousa, nas *Provas genealogicas*, mas o nome Moron aparece estropiado nesta transcrição.

Não se dizem no discurso quinhentista quais as razões da identificação de Moron com Santarém, mas elas surgem desenvolvida e claramente no artigo citado *Moron*.

Quanto ao vale de Zézere como via de penetração, não nos parece também hipótese muito defensável.

Sobre o resultado negativo de escavações na Cava de Viriato vd. Mendes Corrêa — *A Lusitania pre-romana*, na « História de Portugal », de Barcelos, 1, 1928, pág. 212.

(1) Cf. meu estudo *Die Etrusker in Spanien*, in Klio 23, 1930, 403.

O Prof. Schulten, nos n.ºs 41 e 42 do *Philologische Wochenschrift*, de 20 de Outubro de 1924 (p. 1.159), dedica uma larga análise bibliográfica aos *Dispersos* de Martins Sarmiento e à *Miscelânea* de homenagem ao arqueólogo vimaranense, publicados por ocasião do centenário respectivo.

A. ATHAYDE.

A Teologia e a origem do homem

A oração de sapiência proferida na sessão solene de abertura das aulas do Seminário do Pôrto em Outubro de 1934, pelo rev. dr. Joaquim Manuel Valente (*A origem do homem, perante o Transformismo, a Filosofia e a Teologia* — Sep. do «Boletim da Diocese», Pôrto, 1934) não se propõe ser apenas uma explanação extra-científica de pura apologética, mas uma crítica sumária das doutrinas transformistas sobre a origem do homem, crítica feita não só em face do texto bíblico, mas também com base em depoimentos de cientistas. Este último facto bastaria para indicar que do trabalho nos ocupássemos nesta revista de carácter estritamente científico e aconfessional. Mas parece-nos que a Ciência, entendida no seu sentido corrente, nada tem a lucrar com uma tal indiferença perante o juízo que algumas das suas hipóteses suscitem em qualquer campo do pensamento. Acresce, neste caso, que o autor é um sacerdote culto e inteligente, e, até pelo que pessoalmente diz respeito a quem escreve estas linhas — citado nalgumas passagens — impõe-se o dever de não deixar sem reparo certas afirmações enunciadas no trabalho em questão.

O sr. P.º Valente, citando C. Bayer, proclama «herético» o dizer-se que «o homem, na sua dualidade de elementos que constituem corpo e alma, procede da evolução animal» e declara «errar filosófica e teològicamente quem nega ao corpo do animal qualquer transformação ao receber a alma racional». Um transformismo moderado que atribue apenas à intervenção divina a última disposição corporal e a criação da alma, é *sem dúvida* (afirma) também temerário, perante os dados da revelação.

Ora, o próprio A. reconhece que «a Igreja nunca se pronunciou sobre o estado da matéria de que foi constituído o corpo humano» e, citando Sinéty, diz que o Génesis *parece* (o sublinhado é nosso) claro nêsse ponto. Este «parece» não se coaduna com o «sem dúvida» que acima sublinhamos também...

No que não temos dúvida nenhuma é em divergir do autor,

quando êle afirma, por exemplo, que as tentativas de interpretação do Génesis, que negam a êste o sentido literal histórico, não assentam em nenhum fundamento sólido, ou ainda que o transformismo moderado não tem a seu favor um argumento sério.

O Génesis é cientificamente inverosímil se fôr entendido à letra. A sistemática biológica ou a cronologia geológica ali adoptadas não coincidem de modo algum com as estabelecidas pela Ciência do nosso tempo, se se atribuir àquele texto uma significação literal, e não se reconhecer o seu carácter em grande parte alegórico. Só dêste modo é possível conciliá-lo com a Ciência, conciliação que o sr. P.º Valente diz existir, o que não conseguiria aliás provar versículo por versículo, sem substituir ao sentido literal um sistema exegético que combate. A Comissão Pontificia de Estudos Bíblicos negou mesmo um sentido literal histórico à ordem e a certas passagens do Génesis que considera «uma história popular».

Bem sabemos que entre as passagens entendidas com o seu valor literal pela Comissão estão as que se referem à criação do homem, mas os limites a adoptar na exegese do Génesis são bastante incertos, e devemos atender à importância que católicos indiscutíveis ligam aos achados da prè-história.

Declarando «misterioso» o mecanismo da geração carnal do homem e da criação da alma, o sr. dr. Valente, ao passo que contesta sobre a letra da Bíblia que a primeira se possa ter operado a partir da matéria organizada, afirma que o corpo foi criado directamente do «limo da terra». Sergi, cujo testemunho científico invoca, diz que os grandes tipos biológicos fundamentais não são transformáveis uns nos outros, mas admite que todos vieram separada e directamente duma mesma matéria prima, uma vaga e desconhecida substância coloidal, amorfa, existente no fundo dos Oceanos. Que é mais verosímil? As relações genealógicas entre formas morfològicamente vizinhas (salvo nos casos de convergência) ou antes um salto colossal do limo referido ou da ignorada matéria primordial de Sergi para a estrutura complexa do homem?

O transformismo moderado — o transformismo de Le Roy, do P.º Teilhard de Chardin, de Bergson, do P.º Monchanin — não tem, segundo o Autor, um só argumento sério. O transformismo moderado funda-se — dizemos nós — no reconhecimento simultâneo: 1.º de uma multidão de factos cientificamente averiguados, que parecem mais explicáveis por evolução, por parentescos, do que por uma criação de que não há na ciência também qualquer prova (porque a revelação só se impõe sem demonstração à fé e não é invocada na pura pesquisa científica); 2.º de uma mul-

tidão de factos cientificamente averiguados, que, pela sua aparição brusca em extremo grau de complexidade, sem precedentes admissíveis, tornam mais aceitável o criacionismo; 3.º da necessidade de outorgar à mentalidade humana e às forças espirituais um papel e uma categoria que o materialismo e o mecanicismo inteiramente lhes contestam.

Suponho que, em mais dum lugar, o sr. dr. Valente considera o transformismo como materialista e mecanicista. Na verdade há, porém, entre os transformistas moderados, muitos vitalistas e espiritualistas. Bem o sabe o A. que, aliás, contesta encontrar-se o transformismo já esboçado em palavras de Padres da Igreja. Ora, ocorre-nos que, relativamente a Santo Agostinho, aludimos em 1926, na 2.ª edição do nosso livro *Homo*, à tese contestada, baseando-nos na leitura de Zahm, insuspeito de-certo a um teólogo intransigente na defesa da veracidade do texto mosaico. E, na «Exposição do dogma católico» que fez na enciclopédia religiosa *Ecclesia*, o director do Seminário de S. Sulpício, de Paris, Paul Pigué, escreveu: «Criação não exclue necessariamente qualquer evolução. O dogma da criação instrue-nos sobre a origem primeira das coisas. Mas é bem evidente que Deus nelas pôs potencialidades de futuro (as razões seminais de Santo Agostinho), e que estas potencialidades devem surgir cada vez mais amplas e cada vez mais complexas à medida que o homem toma conhecimento do mundo. Aos cientistas pertence a discussão, contanto que não esqueçam o que é o homem segundo a razão e segundo a fé».

O nosso livro *Homo* conduziu o sr. dr. Valente a incluir-nos na corrente dos transformistas sem restrições, embora tivesse conhecimento do capítulo *A controvérsia transformista* do nosso livro recente *Da Biologia à História* que também cita. E, no entanto, neste último marcamos uma posição nitidamente moderada, sem exclusão de factos de criação, e num e noutro escritos não defendemos nenhum esquema filogenético, e não ocultamos as lacunas dos conhecimentos actuais a tal respeito.

*

É curioso que o sr. dr. Valente recusa globalmente o valor de «argumentos sérios» a tudo o que, da anatomia comparada, da paleontologia, da embriologia, etc., se tem invocado como favorável à doutrina da existência de transformações, e baseia-se, pelo contrário, em tôdas as dúvidas e hesitações honestamente expostas por transformistas e em tôdas as asserções, mesmo as mais vagas ou dogmáticas, que contra o transformismo tem sido

apresentadas por alguns cientistas. Se não estivéssemos convencidos da boa fé do Autor, não pouparíamos a severos comentários o seu método de discussão e passagens do seu trabalho, como aquela em que diz que a Biologia declarou guerra à Criação, ou a que diz fora do método científico a nossa frase de que «a filiação do homem em formas animais anteriores, surge actualmente à maioria ou generalidade dos naturalistas que se ocupam do assunto, não apenas como uma hipótese admissível, mas como doutrina verosímil e mais até demonstrada». Organize-se uma estatística de antropólogos como tais considerados nos meios científicos e verifique-se quantos são os que não aceitam o transformismo na origem humana. Há muitos naturalistas que contrariam o transformismo — particularmente no que respeita ao homem — mas na sua grande maioria, não são «os que se ocupam especialmente do assunto», não são antropólogos bem ao facto da anatomia comparada, da paleontologia do homem e dos primatas, etc. Talvez o número dos anti-transformistas vá aumentando. Presumo até que assim será, porque após ter sido moda ser-se transformista, está visivelmente surgindo a moda oposta. Os cientistas são homens, e como tais influenciados pelas modas.

Por enquanto, porém, a grande maioria ou a quasi totalidade dos antropologistas é ainda transformista. No último Congresso Internacional de Antropologia em Londres nem um só dos 1200 congressistas ergueu a sua voz a contestar a asserção dum deles de que todos os biologists consideram o homem descendente de formas animais anteriores, e os debates sobre a origem humana traduziram, de facto, esta orientação naquela assembleia científica internacional em que se encontravam muitos dos mais categorizados antropólogos do mundo.

Tôdas as aproximações que a anatomia comparada sugeriu entre espécies diferentes, são, entretanto, gratuitamente declaradas pelo sr. P.º Valente como provas do plano seguido na Criação e não como provas de relações genealógicas entre as espécies. Pois estas relações são admissíveis, sem excluir os factos de criação na origem da vida ou de certas estruturas complexas. Quando a verificação da semelhança entre dois indivíduos nos conduz a presumir o seu parentesco, pode dizer-se que esta *presunção* se não funda num argumento sério, mormente sendo a verificação feita por técnicos? Ficam sempre em suspenso, no estudo científico dos mecanismos da vida, muitos mistérios, muitas maravilhas. Deve porisso a Ciência ser forçada a cruzar os braços, dando como vãos todos os seus esforços para reduzir à condição de processos considerados naturais, os fenómenos da Biologia?

As incertezas que a Ciência honestamente «confessa» ao tentar o traçado de esquemas genealógicos das formas vivas, não autorizam a concluir, como o sr. P.^o Valente, que as relações de parentesco entre espécies não existem. Por não se haver chegado à determinação segura do «missing-link», por não se verificar uniformidade ou paralelismo de direcção ao procurar dispor, para as mesmas formas, todos os caracteres numa escala evolutiva, por não se conhecerem muitos intermediários e por estes faltarem mesmo naturalmente nos saltos bruscos que são as mutações, deve concluir-se que o transformismo não tem base científica?

O *Pithecanthropus*, diz o autor, é rejeitado pelos melhores paleontólogos modernos. Perdão. Pode rejeitar-se a entidade taxonómica *Pithecanthropus erectus* e mais ainda, como nós próprios pensamos, a atribuição de todos os restos assim designados, a um só indivíduo e a uma só espécie. Mas não existe nos restos considerados daquele primata fóssil uma caracterização completamente igual à dum homem moderno ou à de qualquer espécie conhecida de antropóide. Porque oculta o sr. dr. Valente que na calote craniana do chamado *Pithecanthropus*, como no homem de Neanderthal, como no *Sinanthropus*, como no *Sivapithecus*, há alguns caracteres intermediários morfológicamente entre o Homem actual e os Antropóides existentes? O Neanderthal constitui, segundo Boule, citado com justa consideração pelo autor, uma espécie distinta do *Homo sapiens* moderno. Para asseverar que «não há nele nenhuma diferença essencial em relação ao homem moderno», o sr. P.^o Valente invoca os testemunhos de Sergi e Vialleton. Ora Sergi dá ao homem de Neanderthal não apenas o valor duma espécie, mas até dum género, distinto das formas humanas actuais ou em correspondência, ainda mal estabelecida, apenas com uma ou duas destas. E, quanto a Vialleton, sendo um grande sábio, não tinha no assunto maior autoridade do que o grande paleontologista Boule.

Vialleton, o autor da *Ilusão transformista*, invocado jubilosamente pelo teólogo portuense, ainda é, num recentíssimo livro, *Quid de l'homme?* de Ernest Lenoir, objecto duma crítica em que são postas em relêvo as suas «razões especiosas», a sua mudez em muitos pontos interessantes, a sua tendência a utilizar apenas os factos que parecem servir as suas teorias. Ninguém tem hoje o direito de negar as chamadas «formas sintéticas» da Paleontologia, a existência de alguns «intermediários morfológicos». Se aquelas e estes não são forçosamente sempre «intermediários genealógicos», é bem verosímil que muitas vezes os tenham sido. Com razão Lenoir mostra que Vialleton começou por definir inexactamente o transformismo, dando-o como «a doutrina meca-

nista que explica a formação dos seres vivos pela acção pura e simples das causas naturais». Mas o transformismo não é isso. Dum êrro inicial, Vialleton foi levado à condenação dum inocente.

Em belas páginas de filosofia biológica, Cuénot escreveu, como o católico geólogo Termier escrevia sobre o transformismo, que o ser-se mecanicista ou o ser-se vitalista era uma questão de temperamento ou de fé. O mecanicista, perante a vida, contenta-se em saber como os factos se passam sem se preocupar com o que está para além dêles. O vitalista quer saber o porquê das coisas, convencido de que a realidade tangível não constitui todo o real. Mas o naturalista mais materialista e o naturalista mais vitalista examinam da mesma maneira os factos, simplesmente como naturalistas, porque a ciência não entra em conta com as causas metafísicas.

Já Abel Rey dizia que se não distingue em nada um compêndio de fisiologia dum mecanista do de um espiritualista, na descrição dum fenómeno fisiológico ou duma função orgânica.

*

Ora o transformismo moderado que perfilhamos, apoia-se sobre numerosas probabilidades e (o que o rev. dr. Valente não menciona) sobre a verificação experimental de mutações. É cientificamente verosímil. Diz o sr. padre Valente que é contrariado pela revelação. Embora esta não constitua um método científico, lamentaria que aquele sacerdote tivesse razão. Por dois motivos: primeiro, porque «o limo da terra» appareceria não como uma simples imagem simbólica da base material ou natural da existência humana, mas como a expressão real dessa base, rebaixando a directa ascendência humana ao nível da dos seres inferiores; segundo, porque desapareceria a possibilidade duma plataforma entre a Ciência e a Religião cristã, visto que se attribuía ao texto bíblico um sentido literal que nem sempre se coaduna com as aquisições científicas. Reconhecendo à Religião um imprescindível papel moral, entendendo que só ela pode fornecer à humanidade o tonus de que esta necessita perante o angustiante pessimismo que decorre das limitações da visão científica e da desorientação e perversão das ideas e dos sentimentos—penaliza-nos que alguns seus ministros, em vez de procurarem auxiliar a concórdia entre ela e a Ciência, dificultem tal concórdia sem vantagem para ninguém, senão talvez para os adversários da Religião.

«O cristão prefere às hipóteses aventureiras, às induções ousadas duma experiência inadequada, os dados certos da reve-

lação»: eis a posição definida pelo autor. A ciência considera mais aventuroso e ousado o que se não baseia na observação rigorosa e objectiva. Cientificamente, o transformismo é admissível e fortemente verosímil. Dos transformistas há uns que são mecanicistas e outros que são vitalistas, como os há materialistas e espiritualistas.

De-certo não nos compete, a nós cientistas, resolver se perante a teologia, os transformistas podem também ser ortodoxos. O sr. padre Valente diz que não. Julgamos, porém, que o não demonstrou, e a opinião de Paul Pigué na *Ecclesia* radica a nossa crença, como a radica o parecer do P.^o Teilhard e outros altos espíritos, a um tempo religiosos e de reconhecido mérito científico.

O discurso suscitaria ainda outras críticas. A distinção nele feita entre vegetais e animais não se funda nos caracteres invocados correntemente pelos biólogos. A motricidade dos animais? A imobilidade dos vegetais? Mas há animais fixos, e vegetais móveis. Quanto à sensibilidade, na acepção científica do termo, verifica-se também em vegetais.

A asserção de que o homem é superior aos outros seres vivos nos seus caracteres físicos, exigiria uma definição preliminar do que se entende por essa «superioridade». Alguns caracteres humanos só poderão ser apontados como superiores por aparecerem no homem: se os há que sugeriram até a doutrina de Bolk, do retardamento fetal na antropogénese! Segundo esta doutrina, o desenvolvimento considerável do cérebro no homem teria como compensação a sobrevivência, no homem adulto, de caracteres que são fetais nos Antropoides. Só indirectamente pode, pois, atribuir-se qualquer superioridade a tais caracteres.

Emfim, mais haveria a dizer, mas não nos propomos demover o sr. padre Valente da sua irreductibilidade, visto que o ilustrado sacerdote prefere basear-se *literalmente* na revelação a procurar uma plataforma entre a letra desta e as induções legítimas de factos averiguados pelos métodos científicos. Entendemos, porém, que não devíamos deixar passar sem reparos algumas asserções suas sobre pretensas ou reais aquisições da ciência, como achamos interessante dar a conhecer aos leitores desta revista o que um professor de teologia e história dogmática pensa da doutrina da origem do homem.

Quando nos lembramos dos progressos que a orientação transformista imprimiu a certos capítulos da Biologia, sentimos desejos de perguntar se o triunfo — possível, mas decerto transitório — da orientação oposta se traduzirá por análogos progres-

soz científicos. Duvidamos que assim seja. Mas a história do pensamento e da civilização é feita de avanços e de recuos. Como o pêndulo, o movimento das ideias oscila periodicamente entre posições extremas. E, assim como o pêndulo não se fixa, em equilíbrio, nestas posições, a verdade reside também, em geral, entre esses limites.

O meio termo não é, contra o que alguns espíritos apaixonados supõem, uma fórmula pusilânime e acomodatória: é antes, as mais das vezes — a verdade. Tanto quanto é possível ao homem atingi-la.

MENDES CORRÊA.

A Antropologia na Exposição Colonial Portuguesa

Encerrou-se em 30 de Setembro de 1934 a Exposição Colonial Portuguesa que se inaugurara em 15 de Junho anterior no Palácio de Cristal, do Pôrto. O êxito desta iniciativa portuense foi notável. No domínio da Antropologia e Etnologia, a Exposição teve um interesse muito especial, não só pelos numerosos materiais expostos como pela oportunidade que proporcionou ao estudo antropológico de mais de 300 indígenas das várias colónias ali reunidos e à realização do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, cuja notícia damos noutra lugar.

Os Institutos de Anatomia e de Antropologia da Universidade do Pôrto obtiveram «grandes prémios» pela sua participação, com *stands* especiais, no importante certamen. Os dois *stands* suscitaram vivo interesse entre os visitantes da Exposição. Esta publicou, entre as suas edições, uma brochura intitulada «O Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto e a investigação científica colonial».

Lutuosa

Duas perdas consideráveis teve em 1934 a ciência brasileira, que o foram, ao mesmo tempo, para as ciências antropológicas: a morte dos venerandos professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Miguel Couto e Benjamim Baptista.

O primeiro, catedrático de Clínica Médica, apóstolo da educação popular, clínico da mais alta reputação moral e científica, interessava-se dedicadamente pelos problemas da Eugenia, tendo sido presidente do 1.º Congresso Brasileiro de Eugenia.

O Prof. Benjamim Baptista, catedrático de Anatomia, era também uma individualidade de grande prestígio e da maior distinção pessoal. Como anatómico, obteve merecidas consagrações, tendo, por exemplo, sido dado o seu nome ao Instituto de Anatomia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Colaborou com Roquette Pinto na antropologia anatómica dos Índios do Brasil. A nossa Sociedade, por proposta do Prof. J. Pires de Lima, associou-se ao luto da nação irmã por tão dolorosa perda.

M. C.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

JEAN BEAUVIEUX — *Recherches anatomiques sur les canaux semi-circulaires des Vertébrés* — 1 vol. de 109 págs., ilustrado com 15 figuras. Bordeaux, 1934.

Nos últimos tempos, o aparelho da audição tem sido objecto de alguns importantes estudos. Citarei especialmente a obra de Bellocq⁽¹⁾ sobre o temporal no Homem adulto, o atlas monumental de Pedro Bellou⁽²⁾, as observações tão minuciosas de Kenji Yamashita⁽³⁾ sobre as cavidades do temporal e a obra de Augier⁽⁴⁾ acerca da morfologia normal, a embriologia e as variações do temporal.

À Escola de Bordeus, onde estão tanto em honra os trabalhos acerca da patologia e da clínica otológicas, ficamos também devendo agora um notável subsídio para o conhecimento da complicada morfologia do ouvido interno.

Foi no Laboratório de Anatomia da Faculdade de Medicina de Bordeus, sob a direcção do Prof. Villemain, que M. Jean Beauvieux preparou a sua tese de doutoramento, que sumariamente vou analisar.

Na primeira parte do seu livro, o autor estuda a morfologia dos canais semi-circulares na série dos Vertebrados.

Os canais semi-circulares foram estudados cuidadosamente em dez espécies de Peixes e o autor, depois de os observar em tôdas essas espécies, faz uma síntese da morfologia de tais órgãos.

(1) M. Bellocq, *L'os temporal chez l'homme adulte. Iconographie et description de l'os et de ses cavités*. Paris, 1924.

(2) Pedro Bellou, *Atlas de anatomía del organo del oído y de las regiones con él vinculadas*. Buenos Aires, 1930.

(3) Kenji Yamashita, *Die Schläfenbeinzellen (Arbeiten aus der dritten Abteilung des Anatomischen Institutes der Kaiserlichen Universität Kyoto Herausgegeben von Prof. Seigo Funakoa, Kyoto, 1932.*

(4) Augier, *Squelette céphalique (Morphogenèse morphologie, craniométrie)*, "Traité d'Anatomie humaine", de Poirier & Charpy. Tome 1, Fasc. 1, 1.ª division. Paris, 1932.

naquela classe de Vertebrados, mencionando as dimensões dos canais e a sua topografia.

Adoptando o mesmo método, estudou os canais semi-circulares dos Reptís e dos Batráquios (Cobra, Tartaruga e Rã) e em seguida os das Aves (onze espécies diferentes).

Passa depois a estudar os canais semi-circulares nos Mamíferos (Gato, Cercopiteco, Gorila e, por último, no Homem).

A forma, dimensões e orientação dos canais semi-circulares e suas ampolas são estudadas no Homem com particular desenvolvimento.

Na segunda parte da sua valiosa tese, o Dr. Beauvieux interpreta os numerosos factos que observou, discute muito sensatamente a opinião de diversos autores a respeito da orientação dos canais semi-circulares no Homem e confessa estar de acôrdo com o ponto de vista de Fernando Pérez (de Buenos Aires), a quem se deve a seguinte lei: «colocando-se, em qualquer Mamífero, o canal semi-circular externo em posição horizontal, com êsse movimento dá-se ao crânio a atitude característica da espécie, isto é a atitude normal do repouso fisiológico». (*Société d'Anthropologie de Paris*, 20-IV-22). Pérez chama-lhe *Plano Vestibiano* e propõe que êle seja considerado como uma referência anatómica da linha horizontal do crânio de qualquer Mamífero.

Beauvieux estuda as relações entre o plano ampular e o plano vestibiano em tôdas as classes de Vertebrados, chegando à conclusão que o ângulo vestibio-ampular aumenta à medida que se ascende na série animal, sendo nulo nos Peixes e atingindo 55° a 88° no Homem.

Estuda igualmente o ângulo vestibio-foraminiano de Pérez (plano dos canais semi-circulares horizontais em relação com o plano do buraco occipital) concluindo que a orientação do buraco occipital muda à medida que a coluna vertebral se vai aproximando da vertical.

Como se vê, são curiosas as aplicações à Antropologia das observações de Pérez e de Beauvieux: o ângulo vestibio-ampular é maior nos braquicéfalos que nos dolicocéfalos.

A autor tira dos seus estudos numerosas conclusões de carácter anatómico, antropológico e embriológico.

A tese é valorizada com uma vasta bibliografia referente ao assunto.

PIRES DE LIMA.

J. A. PIRES DE LIMA — Luís de Freitas Viegas — Sep. do «Anuário da Faculdade de Medicina do Pôrto», vol. XV, Pôrto, 1934; *Nouveau cas de muscle présternal chez un monstre exencéphalien* — Sep. das «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis», vol. IX, 1934.

O primeiro opúsculo do ilustre professor J. Pires de Lima é o elogio do antigo presidente da nossa Sociedade, proferido na sessão de homenagem prestada à sua memória pela Faculdade de Medicina de que o professor Viegas foi um dos valores mais brilhantes. Não se trata duma oração tecida de hipérboles retóricas, mas dum elogio cheio de verdade e de imparcialidade, feito com límpida eloquência por alguém que conheceu muito de perto o saudoso professor e soube apreciar as qualidades raras de inteligência, de exposição, de saber e de austeridade que o distinguiam. São ali postos em devido relêvo os serviços prestados pelo Prof. Viegas à Antropologia criminal em Portugal.

No segundo trabalho, o sr. Prof. J. Pires de Lima descreve um caso de músculo présternal num monstro exencefaliano, do género notencéfalo. Em 15 monstros teratencéfalos dissecados pelo autor, 5 apresentavam êste músculo cuja origem o Prof. Pires de Lima explica pelo desvio dum feixe do grande peitoral e também por uma compensação em caso de redução da musculatura do pescoço.

De acôrdo com Luís de Pina, que dissecou também um exencefaliano, portador de duplo présternal, o A. entende que a percentagem diminui à medida que aumentam as séries. É de pouco mais de 40 0/0, enquanto que nos indivíduos não monstruosos, a percentagem é apenas duns 4 0/0.

MENDES CORRÊA.

ARMANDO LEÃO — *Anomalias raras dos músculos do pescoço* — Sep. da «Medicina Contemporânea», 1934.

O A., assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, descreve o caso duma mulher, morta com 67 anos de idade, e que apresentava, à dissecção, as seguintes anomalias da musculatura do pescoço: inserção bifida do ventre

posterior esquerdo do digástrico; ausência, de ambos os lados, neste, da botoeira que normalmente lhe forma o estilo-hioideu; inserção trífida do ventre anterior; presença e contacto com o ventre posterior, dum músculo muito pouco vulgar, o hio-glosso-angularis (?); fusão dos feixes clavicular e esternal do externo-cleído-mastoideu. O sr. dr. Armando Leão, apoiado nas bibliografias portuguesa e estrangeira, discorre sôbre a significação e frequência destas anomalias.

M. C.

DR. K. SALLER — *Der Einfluss der Rasse auf die Entstehung und den Ablauf von Krankheiten* — Extr. de «*Medizinisch Klinik*», n.º 9, Berlim, 1934.

O A. expõe os resultados obtidos até agora na investigação da influência das raças sôbre o aparecimento e o decurso das doenças, sendo de opinião que estes resultados ainda devem ser encarados sob certa reserva.

As doenças nervosas aparecem com muita frequência nos judeus o que alguns autores atribuem ao facto de geralmente casarem cedo, isto é, antes de qualquer tendência patológica ter aparecido, e êsses casamentos serem efectuados entre indivíduos com taras hereditárias.

As doenças dadas como adstritas a certos povos da Ásia, encontraram-se também nos povos europeus.

Mais complicadas aparecem as relações entre as raças e as doenças infecciosas, a-pesar-de na América já se ter verificado que a tuberculose ataca mais facilmente os indivíduos, segundo a raça a que pertencem, por esta ordem crescente: brancos, japoneses, negros, índios e chineses.

O A. termina por afirmar que para se caminhar em terreno firme, neste capítulo da Antropologia, se torna necessária uma colaboração íntima entre o médico e o antropologista.

A. ATHAYDE.

DR. HANS-LÜTIEN JANSSEN — *Die ältere und mittlere Bronzezeit Mecklenburgs* — Königsberg, 1934.

Depois de estudar detalhadamente os achados da idade do bronze no Mecklenburgo, o A. examina cuidadosamente a sua distribuição e a forma como são ornamentados. Dirige principalmente a sua atenção para a cerâmica, pois é de opinião que as armas de guerra e mesmo os objectos de uso pessoal podem mais facilmente conduzir a erros de interpretação.

E, depois de ponderar todos os resultados a que chegou nas suas investigações, conclue por afirmar que os introdutores da cultura da época do bronze no Meklenburgo foram os germanos.

A. A.

FRANCISCO MANUEL ALVES — *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança* — t. IX, 1 vol. de cêrca de 750 págs., Pôrto, 1934.

O infatigável estudioso que é o rev. Reitor de Baçal, director do Museu Regional de Bragança, acaba de publicar o nono volume da sua obra notável, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*.

Contém êste volume uma descrição minuciosa do Museu, notas arqueológicas sôbre muitas povoações do distrito, capítulos especiais sôbre castros, castrelos, castelos, cidades, dolmens, estradas, etnografia, forais, conventos, pelourinhos, arte rupestre, esculturas da arte chamada ibérica (como a porca de Murça), etc. Os materiais e informes reunidos são em quantidade formidável. Devemos destacar a valiosa contribuição para a carta arqueológica do distrito, o inventário dos castros, os informes etnográficos (só apodos tópicos e cancionero geográfico ocupam mais de 40 páginas do volume e as tradições relativas a feiticeiras umas 30 páginas!), a resenha de estações de arte rupestre. Sôbre estas últimas, o A., com razão, exprime dúvida sôbre o carácter prehistórico de alguns sinais, que seriam apenas sinais de divisão de terras e alguns aditamentos modernos. Mas é enorme a quantidade de estações bem averiguadas, umas já conhecidas, outras — muitas — ainda inéditas, de que dá notícia, colhida por observação

pessoal ou por informe indirecto. Estão ali materiais preciosos para um *Corpus* da arte rupestre portuguesa e certos sinais tem impressivas afinidades com os das grafias de Alvão, de Lerilla, ou das inscrições ibéricas.

Poder-se-iam formular objecções à arrumação ou à interpretação de alguns materiais reunidos no volume, mas é tão valioso e abundante o pecúlio de notícias ali contidas e tão nobre e digno de admiração o labor desenvolvido pelo rev. Francisco Manuel Alves que se tornaria inoportuno e descabido diluir no debate de pormenores secundários o elogio devido ao seu esforço tenaz, honesto e verdadeiramente excepcional, esforço duplamente meritório — pelo seu interesse científico e pelo seu significado levantadamente nacionalista.

M. C.

E. F. GAUTIER & MAURICE REYGASSE — *Le Monument de Tin-Hinan* — « Académie des Sciences Coloniales, Annales », t. VII, Paris, 1934.

Nas margens do *ued* Abalessa, a 914 m. de altitude, na região do Ahaggar, existia um amontoado informe de pedras, que os tuaregs daquelas paragens consideravam o túmulo de Tin-Hinan — a sua avó comum.

Uma missão franco-americana em 1926 descobriu num ângulo do monumento uma câmara funerária, com um esqueleto e variado mobiliário que, como o das explorações subseqüentes, foi recolhido no Museu do Bardo, em Argel, museu cuja direcção pertence ao illustre arqueólogo Prof. Maurice Reygasse.

Como aquela câmara não era senão uma pequena parcela do monumento, a Academia das Ciências Coloniais promoveu novas explorações, sob a proficiente direcção de Reygasse. As escavações, realizadas em 1933, foram levadas até ao solo natural e abrangeram toda a área do monumento.

Verificou-se que este tinha um plano e era duma construção em pedras regulares e regularmente dispostas, sendo a aparência irregular do conjunto o resultado de desmoronamentos. Uma muralha envolvia onze câmaras, de formas diversas, e nas quais appareceu um mobiliário interessante: adornos de ouro, contas de colar em prata, calcedónia, ágata, cornalina, vidro, armas de cobre e bronze, braceletes de ouro, prata e ferro, etc. Mas os achados

mais importantes foram uma estatueta do tipo esteatopígico, em gesso (Tin-Hinan?), uma moeda de Constantino Magno e uma lucerna romana do séc. III. A ausência de vestígios do culto islâmico e aquela moeda e a lucerna, marcam respectivamente o *terminus ad quem* e o *terminus a quo* deste monumento, que é cercado por 14 monumentos funerários mais pequenos, que forneceram restos esqueléticos humanos, ao passo que no monumento central só uma câmara, a primeira explorada, deu um esqueleto.

Segundo os AA., o monumento seria não só um túmulo real, mas também um blockhaus de cerca do séc. IV da nossa era.

M. C.

NINA RODRIGUES — *Os Africanos no Brasil* — 1 vol. de 400 págs. Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1932.

Bem merece da ciência etnológica o sr. Homero Pires por ter emfim conseguido exumar das gavetas onde haviam sido sepultadas, as páginas valiosas que sobre os negros no Brasil haviam sido escritas pelo falecido professor de medicina legal da Baía, Nina Rodrigues. O livro do eminente etnólogo, psiquiatra e criminologista ficou incompleto, mas a parte que chegou a ser escrita e agora surge à publicidade, é suficientemente vasta e importante para que se verifique não só que se justifica, como até que se impunha essa publicação.

O A. estudou as procedências africanas dos negros brasileiros, as suas religiões, línguas, artes, folklore e valor social, as suas sublevações no Brasil, a sua criminalidade, etc. O presente volume apresenta precisamente interrompido o capítulo sobre esta última, mas dela se ocupara Nina Rodrigues noutros trabalhos.

Quem quer que deseje estudar os problemas étnicos e sociais no Brasil, não pode deixar de ler o livro do professor baiano, mestre duma geração distinta de médicos e escritores.

M. C.

RENATO MENDONÇA—*A influência africana no português do Brasil*—1 vol. de 138 págs., Rio de Janeiro, 1933.

Como justamente diz num lúcido prefácio o ilustre director da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sr. Rodolfo Garcia, êste livro do sr. Renato Mendonça, professor no Colégio Pedro II, daquela capital, revela especial competência e investigação acurada da parte do seu autor e, sem pretensão a definitivo, constitue uma contribuição séria para o estudo das influências africanas no português falado no Brasil.

Pouco há feito sôbre o assunto, e, como em tempos mostrava Hipólito Raposo no seu belo livro *Ana Kalunga*, àquelas influências se devem principalmente as diferenças entre o português da Europa e o português falado na América do Sul.

Precisamente, neste mesmo n.º dos *Trabalhos*, é assinalada como merece, a publicação do livro póstumo de Nina Rodrigues *Os africanos no Brasil*, onde o problema lingüístico referido é rapidamente considerado, em confronto com os aspectos histórico, etnográfico, folklórico, religioso, etc. O livro do dr. Renato Mendonça encara mais especialmente o problema lingüístico, embora não deixe de se referir à etnologia africana, ao folklore e à história das importações e distribuição dos elementos africanos no território brasileiro, o que era de-certo indispensável para a compreensão do grau diverso e natureza das influências lingüísticas nos vários pontos do país.

O A. analisa especialmente a acção dos falares africanos na fonética portuguesa do Brasil e apresenta um curioso vocabulário em que reúne cerca de 300 palavras de origem africana. Mais rapidamente se refere a influências morfológicas e sintácticas, que, na verdade, são menos importantes.

M. C.

ALBERTO VIEIRA BRAGA—*Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal*—Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933.

S. Tiago, o Máximo Apóstolo, foi o Grande Evangelizador da Espanha.

A extraordinária devoção por êste santo, mais avolumada pela temerosa superstição de que, quem em vida não fôsse a

Santiago de Compostela em peregrinação, lá teria de ir depois de morto, fêz com que a multidão de peregrinos desfilasse diante do sarcófago que encerra o corpo do santo, «sem parança, em longa e pegada ferrilheira de horas, dias, noites e meses». Isto foi assim um pouco desde o século XI ao séc. XVIII.

No decorrer dêste tempo, reis e rainhas de Portugal, alguns bispos e muitos fidalgos portugueses foram em romagem piedosa a Santiago e valiosas foram as ofertas deixadas ou de cá enviadas.

Alberto Vieira Braga, compulsando os 11 volumes da *História de la Santa A. M. Iglésia de S. Tiago de Compostela* por D. António Lopes Ferreira, colheu elementos múltiplos referentes a Portugal que distribue por dois capítulos do trabalho: *Templo—Materiais e Artistas portugueses; Doações, foros e ofertas; Visitantes e Peregrinos*.

Em capítulo especial analisa a tradição da estada de S. Tiago em Guimarães.

O estudo da obra de Lopes Ferreira deu ao A. o ensejo de descobrir um valioso documento para a história de Guimarães, que «nos vem dizer que, aí pelo séc. X, existiu na pequenina freguesia de Penselo uma comunidade de monjas, onde o culto a S. Tiago se iniciou, numa capela do seu nome e erguida num monte que o seu nome tem». Faz a transcrição e a análise crítica do documento em questão.

A última parte dêste valioso trabalho sôbre a influência de S. Tiago em Portugal é constituída por alguns exemplos do nosso folclore, cantares e romanceiros que a S. Tiago se referem.

SANTOS JÚNIOR.

A. LEÃO PIMENTEL—*Manual do Colono*, III, 3.ª edição, Porto, 1934.

A publicação duma 3.ª edição dêste manual representa, no nosso restrito meio editorial, um êxito de livraria. O volume agora dado à estampa ocupa-se de construções, topografia, sondagens, explorações mineiras, preparações zoológicas, meteorologia, antropologia, caça, pesca, fotografia, etc. Encontram-se no livro inúmeras informações úteis. Poder-se-iam formular certos reparos aqui e ali, mas no conjunto é digno de louvor o esforço meticoloso e paciente, desenvolvido pelo distinto oficial do exército, sendo de

recomendar aos colonos e mesmo a pessoas estranhas às colónias, a posse desta fonte prestimosa de consulta.

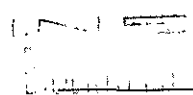
A pág. 288 o sr. Leão Pimentel atribue-me a recomendação de *Les negrilles du centre africain* do dr. Poutrin « como um estudo especial das medições antropológicas sobre o vivo na raça negra ». Os negrilhos não são da chamada raça negra (ou seja do *H. afer* típico ou do bântu) mas pigmeus africanos, dos quais alguns são verdadeiras reduções de tipos nigríticos, outros de proporções corporais diversas das destes.

Ora, o trabalho de Poutrin é, como outros, recomendável como um modelo de pesquisa antropométrica, utilizável não só para os pigmeus a que se refere, como para negros e até para outras raças, pois fornece um plano de estudo e muitos elementos de comparação.

Para métodos antropométricos, porém, há trabalhos desenvolvidos como os tratados de Martin, de Saller ou de Frassetto, não falando nas instruções dos Congressos Internacionais de Antropologia e Arqueologia Prehistórica de Mônaco e de Genebra e do *Comité* antropométrico da *British Association*. Decerto, no entanto, alguns não são facilmente acessíveis a leigos e complicam-se com pormenores excessivos para este objectivo.

O capítulo do *Manual do Colono* consagrado ao assunto, está, dum modo geral, louvavelmente ao alcance dos leitores menos familiarizados com a Antropologia. Pena é que sejam demasiado escassas as noções práticas ali fornecidas para pesquisas arqueológicas e paleontológicas.

M. C.



Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO

SUMÁRIO:

I Congresso Nacional de Antropologia Colonial (Pág. 5).

LUÍS ANTÓNIO RODRIGUES LOBO:

Vícios deformatórios do tronco (Pág. 23).

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

Nota de Coreografia popular trasmontana (Pág. 33).

Vária:— Schnften e Portugal (A. ATHAYDE); A Teologia e a origem do homem (MENDES CORRÊA); A Antropologia na Exposição Colonial Portuguesa; Lutuosa (M. C.) (Pág. 49).

Revista bibliográfica:— BEAUVIEUX (63); PIRES DE LIMA (65); A. LEÃO (65); SALLER (66); JANSSEN (67); F. MANUEL ALVES (67); GAUTIER & REYGASSE (68); NINA RODRIGUES (69); RENATO MENDONÇA (70); VIEIRA BRAGA (70); LEÃO PIMENTEL (71).

TRABALHOS DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



VOL. VII — FASC. II-III

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PORTO, 1935

O culto das fontes no noroeste hispanico

POR

FLORENTINO LOPES CUEVILLAS

Debemos a Estrabo ⁽¹⁾, a Iustino ⁽²⁾ e ainda a Silio Itálico ⁽³⁾ algunhas referencias curiosas encol da relixion preromana da Galecia, mais é soio en Plinio onde alcontramos algo que faga relación co culto das fontes.

Refire o autor da Historia Natural ⁽⁴⁾, que os tres nascentes do rio Tamaris, afastados entre si por intervalos de oito pés, tiñan a particularidade de estiñar durante doce, e ás veces, vinte dias, e que era ruin presaxio, pros que queriam visitar semelhantes manantiaes, atopalos secos, citando pro caso o que aconteceu ao legado Lartius Licinius, que os ollou enxoiros, e que morreu ao cabo de sete dias.

É sabido que na Galecia lucense eisistia um rio Támara, o aitual Tambre, mais Plinio di que os nascentes de referencia situábanse na Cantabria, circunstancia que fai sospeitar se em tal rexión decorriam augas que levabam un nome idéntico ao do rio galeco.

É certo que Estrabo ⁽⁵⁾, puxo o nascimento do Miño na Cantabria e o da Limia na Celtiberia, podendo-se supor em consecuencia se um erro análogo non se deslizaria no texto pliniano, mais é bem ter em conta que a Historia Natural foi escribida após

(1) III, 3, 6 e III, 3, 7.

(2) XLIV, 3.

(3) Lib. III.

(4) XIX, 2.

(5) III, 2, 4

das guerras cántabras, e que Plinio amosra posuir un coñecimento moito mais esaito do noroeste peninsuar, que aquel que acadaron Polibio e Posidonio, de cuos libros tirou Estrabo as suas informacións encol da Galecia.

Por todo elo a intresante noticia referente aos presagios fornecidos pol-as fontes do Tamaris, que nos daría um primeiro dato sobre as prácticas higrománticas no pais galeco, non pode ser aproveitado confiadamente, véndonos obrigados, se non a rexeitalo en absoluto, a abrir pol-o menos á sua beira um signo interrogante.

Mais esta falta de aportacións literarias, áchase compensada com amplitude pol-a epigrafía latina, tan inzada na Galecia de elementos autóctonos, que a convirten num podeiroso auxiliar prestudo da nosa protohistoria.

Restitúenos em feito os epigrafes de época romana, tres nomes indixenas correspondentes aos numens doutras tantas fontes.

É o primeiro Bormanico, deus acuático ben coñecido, que conta com dous epigrafes (1), que apareceron nas Caldas de Vizela. O mesmo o nome do deus, relacionado epigraficamente com muitos nascentes medicinaes, que a sua identificación con Apolo nunha lápida galo-romana, que o localismo das duas adicións miñotas, emprazadas perto das termas de Vizela, tan soadas pol-as suas virtudes curativas, fan que o caraiter hidrico e salutar do numen represéntese dum xeito por compreto evidente.

Outro xenio indixena dunha fonte galeca é o chamado Edovio, que conta cunha soia adicación posta por Adalus Cloutai en comprimeto dum voto (2). Apareceu este epigrafe nos fundamentos dunha arquiña de auga mineiral, provida do seu correspondente cano de bronce, descuberta nas Caldas de Reis, nas antigas

(1) C. I. L., II, 2402 e 2403.

(2) C. I. L., II, 2543.

Aquis Celenis, perto da casa de Baños de Davila. O caraiter votivo da inscripción e o seu emprazamento, amosram que Adalus Cloutai agradeceu ao numen daquelas augas, a saude que delas rescibira.

Asi mesmo á beira dunha fonte, situada esta vez na cidade de Braga, está posto o monumento que Celicus Fronto exhibiu en honra de Tongoenabiago (1), monumento no que, a mais do epigrafe, óllase o releve dunha figura varonil que quizais represente o deus ali honorado, sendo bem advertir que nos elementos daquel nome divino, dexergou Schuchardt (2) a palabra *Nabia*, que serviu pra desinar nos tempos céltigos unha deusa galaiço-lusitana e que ainda desina oxe dous rios galegos; a Navea e mais a Navia.

Fora dos tres casos que quedam reseñados o corrente é, que nas lapidas votivas que fan relación cas fontes, os deuses autóctonos, sempre masculinos, aparezan substituídos pol-as ninfas acompañadas, en ocasións por um calificativo indixena.

Tal ocorre cas Ninfas da Fonte Ameucn, de Leon (3); cas Ninfas Cestacae, de Santa Eulalia de Barroso (4); cas Ninfas Lupianae, de Tagilde (5); cas Ninfas Silons ou Silonsacro, dunha fonteliña de Alongos (6) e tal semella acontecer con outras adicións da mesma caste dos Baños de Bande (7) e de Chaves (8), que pol-o seu mao estado de conservación non poideron ser enteiramente descifradas.

Nun soio caso, no da Fonte Agieneesis, de Boñar, na pro-

(1) C. I. L., II, 2419 e 115 Adden.

(2) *Die iberische Deklination*.

(3) C. I. L., II, 5084.

(4) C. I. L., II, 2404.

(5) C. I. L., II, 5288.

(6) C. I. L., II, 5625.

(7) C. I. L., II, 2531.

(8) C. I. L., II, 2474 e 2475.

vincia de Leon (1), óllase no canto das Ninfas a eispresion *Genio* e noutros varios localizados en Santa Eufemia de Ambia, perto dos Baños de Molgas (2); nas Burgas de Ourense (3); en Caldeas de Braga (4); nos Baños de Bande (5) en Cuntis (6); en Guimaraes (7) i-en Leon (8), as ninfasalcontramse senlleiras e sen ningún aditamento autóctono.

O eisame dos datos que levamos enumerado, embora nonos refrexe todol-os aspeitos dum cadro cultural, permitenos pol-o menos, asentar algúns feitos intresantes e por comprobante utilizabeis como antecedentes e como espicadeira pra interpretarmos fenómenos posteriores.

A repetición de nomes de deuses galecos nas inscricións latinas relacioadas con nascentes de auga, revélanos a eixistencia dun culto, que o localismo das lápidas consintenos supor que tiña maior forza e extensión nas terras dos conventos de Bracara e Lucus, que nos países suxeitos a xurisdición de Asturica.

Vese tamem, por outra parte, que co avance da romanización aqueles deuses indixenas, sempre masculinos, foron substituídos ou equiparados cas ninfas, do mesmo xeito que o numen galeco da guerra, do raio, do ceu e das montañas identificou-se con Ares-Marte ou con Iovi Optimo Maximo (9).

As formas rituaes e as particularidades que revestia este culto

(1) C. I. L., II, 2694 e 5726.

(2) C. I. L., Adden. Nova, 2836.

(3) C. I. L., II, 2527.

(4) C. I. L., II, 2457 e 5572.

(5) C. I. L., II, 2530.

(6) C. I. L., II, 2546.

(7) C. I. L., II, 5569.

(8) C. I. L., II, 5679.

(9) A persistencia, nun primeiro lugar, do deus guerreiro do ceu, típico dos indoxermanos occidentais, entre as tribus galecas, é un dos feitos característicos da cultura norte dos castros.

das fontes, non aparecen acraradas en ningún monumento epigráfico, podéndose deducir tan soio que todos eles deberon a súa erección a aitos de gratitude pol-o alivio ou curación de doenzas, ou ao mandado imperativo dunha visión durante o soño, como se consina nunha ara das Burgas de Ourense, que mandou executar unha certa Calpurnia Abana Aeboso, destacando aínda o caraiter benéfico e salutar dos deuses honorados pol-a circunstancia de relacionarse topograficamente a case totalidade das adicacións, con nascentes medicinaes que aínda oxe se aprican con fins terapéuticos.

E por último acollendo a noticia que con referencia ás fontes do Tamaris nos fornece Plinio, teremos un indicio de vellas prácticas higrománticas, domiciliadas ou na propia Galecia, ou entre xentes que asegún Estrabo (1) achábanse emparentadas etnograficamente cas xentes galecas.

Mais se a domiñanza política de Roma non alteirou no fundamental a relixion indixena das fontes, limitando-se soio a por un nome latino no canto doutro galeco, non ocorreu o mesmo ao propagarse o cristianismo pol-as terras do noroeste hispánico. A nova fe pretendia derrubar dende a súa base os vellos cultos, quería borrarlos das lembranzas e faguer desaparecer todol-as súas manifestacións.

É sabido que a acometida cristián tivo éxito no que se refire aos grandes cultos do Estado, mais é sabido tamen que as formas populares do paganismo resistíronse bravamente. Despareceron a relixión de Iupiter, a de Roma e as dos emperadores divinzados, mais os pequenos numens tópicos e xentílicos, os deuses familiares da casa, do fogar, da coleitividade castrexa e da entidade tribal seguiron vivos. Foise o que era artificial e postizo, e quedou o que era esencia da ialma do pobo, o que estaba mais perto dil.

(1) III, 3, 7.

Dentre o conxunto daqueles numens familiares non foron os das fontes os menos rebeldes nin os menos vivaces, i-en plea época suévica, i-en plea época visigoda vemos como a Eirexa lidaba teimosamente coiles. Nos cánones do XII ⁽¹⁾ e do XVI ⁽²⁾ concilios de Toledo, censúrase e pénase aos *excolentes sacra fontium*. E estes anatemas, dirixidos agora mais concretamente aos galecos, repítense nas aitas dos concilios bracarenses, e por último San Martiño de Dumio ⁽³⁾ califica de arte diabólica o *vinum et panem in fontem mittere*.

E ao chegarmos a iste punto compre que nos deteñamos unha miga pra preguntármonos com que finalidade se botaba nas fontes o pan e o viño. Tratábase dunha sinxela ofrenda? Tratábase pol-o contrario dunha operación higromántica?

En Roma ofrendábanse aos espíritos dos manantiaes especies moi diversas. Marcial ⁽⁴⁾ fala do sacrificio dunha porca virxe, feito por él en honor da divindade dun nascente que deitaba na sua propia casa, e que lle devolvera a saude. Ovidio ⁽⁵⁾ cita o año imolado pol-o rei Numa na Fonte do Picus, e Horacio ao cantar â Fonte Bandusia ⁽⁶⁾ alude âs froes, ao año tenro e ao viño puro que se lle adicaban pra honorala.

O viño puro era pol-o tanto unha das especies usadas no mundo romano coma ofrenda aos deuses dos manantiaes, mais esta circunstancia que poderia ter un valor decisivo pra interpretarmos acertadamente o pasaxe do Dumiense, atópase invalidada pol-a noticia de que o viño empregábase nas prácticas leucumánticas de moitos pobos, mediante a observación das figuras que

(1) Canon II.

(2) Canon II.

(3) *De Correctione rusticorum*.

(4) VI, 47.

(5) Fasti III, 2005.

(6) Od., III, 13.

aquel líquido formaba ao misturarse cas augas tranquilas dos estanques e dos lagos.

O problema prantexado sobre os motivos do nefando costume que mencioa o bispo de Braga, non ten pol-o tanto neste aspecto unha solución doada, e ainda a ten menos se nos fixamos no pan que xuntamente co viño depositábase nas fontes.

Non temos alcontrado en ningún texto clásico nada que teña relación con ofrendas nin prácticas ligadas cas fontes e nas que o pan apareza aludido. É posibele que se trate dun ritual rústico ou localizado na Galicia, mais ainda cinguindonos a feitos aituaes ou relativamente recentes da nosa terra, achámonos, por unha parte con que as ofrendas de pan eran postas encol da herba do Pico Sagro pol-os doentes que ian ali en pelerinaxe ⁽¹⁾, por outra con que o pan aparece utilizado no folklóre de oxe no desencantamento das mouras que viven nos manantiaes ⁽²⁾ e por unha terceira con que os anacos de pan serven na fonte de San Andrés de Teixido ⁽³⁾ pra unha verdadeira operación higromántica, endeireitada a averiguar se o Santo vai atender ou non o pedido do devoto.

Os antecedentes de operacións daquela clas que procedan con craridade dos tempos precristiáns foxen pol-o tanto agora aos nosos inquéritos como foxian tamen ao comentarmos o texto de Plinio atrás citado, mais non por elo coidamos imposibele a sua eistencia nun país coma o noso, poboado por xentes cuia abelencia adiviñatoria foi gabada por Estrabo ⁽⁴⁾ e por Silio Itálico ⁽⁵⁾.

(1) Murguía, *Galicia*, pax., 207.

(2) Vexase revista «NOS», Marzal 1927, paxs., 15 e 16.

(3) F. Maciñeira, *San Andrés de Teixido*, pax., 10.

(4) III, 3, 6.

(5) Lib. III.

De todos xeitos a alusión do tratado de *Correctione rusticorum*, restitúenos unha modalidade do culto das fontes, da coal non tiñamos noticias pol-a epigraña e que ven engadir algo novo ao cabdal dos nosos coñecimentos.

Mais a importancia principal da admonición do Dumiense descansa no seu valor polémico e no senso diabólico que outorga aos espíritos dos nascentes de auga. O santo bispo bracarense, seguindo neste a tendencia de Iustino Mártir, de Taciano, Ireneu e Hipólito, non nega a realidade daqueles espíritos, afirma pol-o contrario que están ali e que ali aitan, mais teñen pra él un caraiter demoniaco. *Ad culturas Diaboli revertentur*, di aos seus fieis.

Ora, que debia ser cousa dificil o persuadir aos sinxelos labregos, aínda non ben expurgados do paganismo antergo, de que aqueles deuses das fontes, que daban a saude, eran verdadeiros seres infernaes que soio se gozaban en fagueren mal i-en perderen aos homes. Cousa tan dificil en efecto que a Eirexa tivo por cabo que transixir, encetando naquel intre o traballo de cristianización e pondo unha Nosa Señora ou un Santo no lugar que ocupaban outrora os vellos numens do tempo da xentilidade.

Este fenómeno da cristianización dos nascentes paganos é algo tan coñecido e esteso que non compre que insistamos encol del. Nas Illas Británicas, onde os vestixios da relixión preromana das fontes, que quizais teña ali concomitancias ca das Matris, son numerosos e elucidadores, son infindos os manantiaes que oxe están postos baixo a advocación dun Santo, que moitas veces venérase nunha eirexa proisima. En Francia, país no que se deu culto a ninfas acuáticas como Aciona, Aventia, Carpunda, Clutoida, Divona, Ura, Urnia e Vesunna, construíronse despois ao pé dos nascentes divinzados pol-o paganismo capelas e hermidas, e os cregos benzoaron as augas miragreiras (1). E eiqui, no noroeste peninsuar

(1) F. Maciñeira, *San Andrés de Teixido*, pax., 11.

vese nidio o desenvolvemento dun proceso análogo. As fontes que ostentan o patronaxe dunha Nosa Señora ou dun Santo son numerosísimas e son moitas asimesmo as que se sitúan perto i-en relación cun santuario, seguro sucesor dun vello edículo como aquel que descubriu Sarmiento ao pé do castro da Saia (1), dando idea da forza deste labor cristianizante o feito de que soio en Santiago de Compostela houbera nos séculos XIII e XIV, catro fontes; a da Fonte Sequelo, a do claustro de San Lourenzo, a da Virxe da Cerca e a dos Placeres, que ostentaban na súa ornamentación a figura da Señora co Neno ou a da Epifanía (2).

Mais os vellos espíritos dos manantiaes galecos non se resignaron a desaparecer. Emigraron dun lado pra outro, cambearon de forma e de caraiter, apropiáronse aspeitos que non lles pertescian, e non morreron. Desfigurados, alteirados, vestidos con roupas que non son suas aínda están presentes e aínda siguen dando aos homes a saude que lles piden.

E dahi a traza abigarrada e confusa das crenzas relativas ás fontes. Dahi a mistura de ritos cristianos con procedimentos máxicos. Dahi a interferencia das lendas de tesouros, de xigantes gardians e de mouras encantadas que se acochan nos nascentes.

Non pretendemos decerto discriminar agora a orixe de cada un dos elementos deste complexo, nin moito menos seguilos nos seus movementos e nas suas transformacións. Pretendemos tan soio ordear e resumir o que sabemos acerca das particularidades que reviste oxe o culto das fontes nas terras do noroeste peninsuar e de modo especial na Galicia. Craro está que un traballo enxergado deste xeito ten que ser incompreto e fragmentar, mais quedará sempre en pé a posibilidade de engadirlle novas aportacións, i-estará aberto o camiño pra cotexar o material eiqui colleitado

(1) M. Sarmiento. *Dispersos*, pax., 203, nota 2.

(2) Murguía. *Galicia*, pax., 167.

co procedente doutros países. E dese cotexo non ha ser dificil tirar un cadro de paralelismos e de diverxencias que consinta a localización de fondos comúns de credices antigas e de análogas reacións ante os fenómenos posteriores que os teñan afeitado dunha maneira semelhante, tendo que resultar de tal labor a determinación de feitos dun subido valor histórico e etnolóxico.

Deciamos denantes que os deuses galecos das fontes aínda curaban aos doentes. En efecto o carater salutar de tales deuses, xa salientado pol-a epigrafía latina, consérvase oxe con enteira enxebreza. Mais convén advertir que namentras nos tempos romanos aludíase con case escrusividade aos nascentes que agora chámanse minero-medicinaes, nos tempos modernos os vellos numens parecen teren fuxido destes nascentes, aos que non vai unido, que nós seipamos, ningunha práctica máxica nin ningunha referencia folkórica. As suas augas séguense usando, soio que dunha maneira racional e con arreglo as prescripcións médicas, que se observan de xeito mais ou menos estricto. E iste fenomeno dase o mesmo cos manantiaes que son obxeto dunha esprotación industrial, que con fonteliñas homildes, esquencidas en calquer recanto, coma ocorre cos nascentes sulfurosos de Reza, que deitan entre unhas penedas á beira do Miño, catro kilómetros de Ourense. Os doidos dun mal xa non se achegan a ningunha destas augas co pensamento posto no espírito benéfico que outrora as animaba, e a sua fe endereita-se cara o ferro, o xofre, o bicarbonato ou a radio-aitividade que revelan os análisis dos quimicos.

Mais os antigos deuses miragreiros continúan a vivir nalgunhas fontes de auga quente e potabele i-en moitos manantiaes de auga ordinaria e común, e aínda poderíamos decir, en ocasións que en calquer manantial de auga común e ordinaria, pois se ás veces hai fontes que teñan virtude pra sandar dos males mais diversos, e se as hai tamen especializadas na cura de doenzas

determinadas, abonda noutros casos pra que o efecto salutar se produza, con usar a iauga dun manantial calquera, ou con recoller cun especial ritualismo a dun número fixo de manantiaes ou con empregar a dun nascente que nunca estiñara.

Asegura Murguía ⁽¹⁾ que as fontes que sandan de toda doenza son numerosas na Galicia, e estimadas pol-o tanto como dons do Céu.

Eisisten en efecto na nosa terra moitos manantiaes cuí as augas teñen sona de preservaren das enfermidades ou de seren sinxelamente boas pra saude, mais nalguns deles obsérvase que fora xa das suas coalidades profiláiticas ou estesamentente curativas, teñen especial virtude pra algunhas doenzas. A mención duns cantos eixemplos servirá pra ilustrar a nosa afirmación.

Dando frente á porta da capela da Nosa Señora dos Remedios, de Ourense, hai un manantial que aparece protexido por unha construción cilíndrica de pedra, coberta por unha meia laranxa, tamen de pedra. A romaxe deste santuario celébrase os días 7 e 8 de Setembro, i-eran e aínda son moitos os romeiros que se lavan coaquelas augas, que teñen sona de seren eficaces pra preveñiren toda caste de doenzas, mais que son usadas principalmente pra curar os males dos ollos e da pel, lavándose entón somente os órgaos ou a rexión atacada.

De tipo imitante ao desta fonte ourensán debem seren outras catro da terra de Lemos, das que fala Castro Lopes ⁽²⁾ anque sen fornecernos precisións demasiado amiudadas con respecto ás suas propiedades. Sitúase a primeira nas imediacións da eirexa parroquial de San Estebo de Atán e gosa sona de possuir virtudes maravilosas. Deita a segunda por baixo da capela de Recesendes,

(1) Murguía. *Galicia*, pax., 167.

(2) Ramón Castro Lopes. *Reseña histórico-descriptiva de la parroquia de Vilar de Ortelle y su comarca*, pax., 113.

na fregresia de Eiré, e o día da festa da dita capela, que é o 15 de Agôsto, son moitos os romeiros que beben no manantial con fins curativos, lavando outros os ollos, chagas e feridas e non faltando quen enche vasixas caquela auga pra conservala na casa. A terceira fonte santa está na parroquia de Seteventos onde concurre moita cristiandade co fin de sandar as suas doenzas. Algunhas persoas toman baños e pol-o xeral as mulleres lavan os ollos e peinanse ca iauga da fonte. E por último o carto manantial salufifero localizase na Candaira, parroquia de Santa Cruz de Rebordaos, acodindo aínda oxe bastante xente a faguer uso das suas augas, ás que se apoñen virtudes miragreiras.

Un caso curioso de repartición de propiedades profiláiticas e curativas entre varias fontes próisimas, dáse nas Burgas de Ourense, que contan con varios manantiaes de auga potábele, mais todos eles con temperatura superior á normal, que acada nalguns nascentes os 68 grados. Os mais coñecidos destes manantiaes son os que se chaman a Burga de arriba e a Burga de abaixo, e as suas augas gozam de escelencias notabeis. No día da Santa Cruz, que é o da festividade do Cristo que se venera na catedral auriense e na vispora e no día do Corpus a xente labrega achegábase, e aínda se achega ás fontes e cò liquido fumegante, tal como sai do cano, remollan a cara, as mans, o pescozo e a cabeza, crendo que con semellantes ablucións quedan ceibes por unha longa tempada, de toda caste de doenzas e de maneira particular de andacios e de pestes. A iauga destes mesmos manantiaes cóidase que é moi boa pra sandar os catarros, sendo condicións precisas pra que faga efecto o bebelo quente, na cama, unha hora denantes de inxerir o desaúno e tres días seguidos.

Moi perto da Burga de abaixo deitaba unha nascente, que se coñecía co nome de Fonte de Santa Lucia, i-em cuías augas tépedas ían lavar os ollos os que padecían de conxuntivitis e

doutras doenzas. Este nascente foi clausurado hai xa anos pol-as autoridades por razóns de hixiene.

E por cabo a outra fontela mais quente que xurde próisima ao lugar onde deitaba a de Santa Lucia, acoden os atacados de panadizos e doutros procesos inflamatorios pra mergullaren na iauga as partes atacadas.

Propiedades curativas análogas ás destes manantiaes ourensans ten a Burga de Baños de Molgas, fonte pública de auga potábele e cunha temperatura de 49 grados, que se toma ás noites, ao mesmo irse meter na cama, con obxeto de sandar os catarros e que se emprega en lavados contra os panadizos, as mordedelas das cobras e pra que cerren as feridas asañadas. Nesta Burga de Baños de Molgas vimos, nunha ocasión, como unha familia labrega, sinábase após de mollar as maus na iauga e como cas maus botaban logo unhas pingas de liquido no alto da cabeza. Âs nosas preguntas endereitadas a acrarar o significado e utilidade de semellantes ceremonias; contestaron que o facían sinxelamente por que era unha cousa boa. Inquéritos posteriores que fixemos con persoas que viven naquela terra non diron millor resultado, mais abrigamos a sospeita de se o sinado e o remollo da cabeza non acocharía unha intención profiláitica da mesma caste que a que deixamos relatada ao falar das Burgas de Ourense.

A alta temperatura destes nascentes e a sua acción desinfectante e sudorífera pode servir, apesares do empirismo dos procedimentos, de espicadeira natural de moitas das prácticas citadas, mais tal espicadeira falla en absoluto cando se trata de augas que xurden á temperatura normal e cuía composición química é a corrente dos manantiaes potabeis.

Na freguesia de Coles eisiste unha fonte desta clas situada ao pé do lugar que ocupou a vella eirexa parroquial, mudada oxe a sitio mais céntrico e aicesibele. Leva esta fonte o nome de San Xohan e as suas augas bebidas, a mais de seren boas en

xeral, pra saúde teñen particular eficacia contra os catarros e usadas e levados son excelentes contra os males dos ollos.

Mais hai outras fontes cujas virtudes especialízanse pra preveñir ou sandar unha determinada doenza.

Dunha delas existe unha curiosa referencia que data do século XV e que debemos a un alemán que fixo a pelerinaxe a Santiago de Compostela. Conta este home que a unha milla aprosimadamente daquela cidade había unha fonte que deitaba por baixo duns tilos de notábele frondosidade, e que era común creencia, que os que bebían da súa auga quedaban ceibes de calenturas durante todo o ano ⁽¹⁾.

Outro manantial miragreiro alcóntrese na Ponte da Barca, no Minho portugués. Chámanlle a Fonte do leite e serve pra que volvan segregar os peitos das nais, que por calquere circunstancia secan ⁽²⁾.

E no monte de Meán, en terras de Arousa, hai unha fonte cuia auga cura as doenzas dos ollos. Según un informante ten que usarse sete días seguidos, no abrente e no solpor. Asegún outro informe abonda con apricala denantes da saída daquel astro ⁽³⁾.

E citaremos por cabo un nascente que hai en Paderne, a dúas legoas de Allariz, que xurde nun burato dunha peneda que ten a forma dun ouvido. O líquido deste nascente usado nove días consecutivos en lavados sobre o órgano enfermo, lavados que deben combinarse con aplicacións de aceite da lámpara que arde nunha capela próisima, é de resultados seguros pra curar da xordeira.

(1) Murguía. *Galicia*, pax., 167.

(2) M. Sarmiento. *O Roteiro dos Tesouros*, in *Dispersos*, pax., 314.

(3) F. Bouza Brey. *Monte e pedra de Meán*, (NOS), n.º 39, Marzal, 1927.

Existen asimesmo en Galicia fontes meiciñeiras que a mais de seren eficaces pra sandar aos homes ou ao gado, teñen virtude pra escorrentar os vermes que magoan as plantas cultivadas. Desta caste é un dos tres manantiaes de Santa Mariña das Augas Santas, a quince kilómetros de Ourense, que cura os males dos ollos cun sinxelo lavado e cuia auga se se emprega salferíndoa encol dunha horta atacada por bechos, deixaa limpa inmediatamente.

Unha práctica análoga achámola na terra de Melide, onde é uso corrente benzoar con auga das fontes miragreiras as hortas apestadas pra esconxurar os vermes, debéndose advertir que unha destas fontes miragreiras, a de Bermil, ten virtude pras doenzas do gado sempre que ao recoller a súa iauga se teña coidado de rezar unha oración calquera e de non botar ningún pecado ⁽¹⁾.

Noutras ocasións pra que o efecto salutar se produza abonda con usar a iauga dunha fonte que nunca estiñara. Tal ocorre nun caso que nos foi referido por unha muller de Santa Marta de Velle, que nel aituou de protagonista. Trascrebemos o relato que é pouco mais menos como segue:

«Un dos meus fillos cando era aínda moi pequeno deu en se entagarañar ⁽²⁾. Toda il era cabeza e tiña as perniñas delgadas e tortas que daba medo verllas.

Entón eu fun xunta dun home sabido e leveille o rapaz. Mirouno moito, e logo de miralo ben dixome:

— Tes que ir nove veces seguidas a unha fonte que nunca secura. E has de ir pasada a media noite e denantes de nacer o sol, tendo o coidado de recoller a iauga nunha xerra e de que

(1) Vicente Risco. *Etnografía da Terra de Melide*, in *Terra de Melide*. Publicacións do Seminario de E. Galegos.

(2) E decir a arriquitarse, a porse raquitico.

ao volver pra casa non che caía nin unha pinga. E ao collela tes que repetir unhas palabras que che vou deprender (1).

Fixen como me dixeran e unha vez tras doutra colliu a iauga, volvin coela pra casa tendo tino de non verter nin unha pinga e remollei coela ao rapaz.

Mais unha noite cando iba sair sentiu como se houbera algo que turrara por min. Eu a querer andar e a aquela cousa a turrar pra trás con tanta forza que resolvin quedarme. E cando xa tiña pousado o xerro espertou o meu pai e preguntoume.

—Il fuches pol-a iauga do rapaz?

—Señor, eu non sei o que me pasa oxe. Mais hai unha cousa que non me deixa ir.

E il entón ergueuse e deu en porfiar comigo e a poder de porfiar volvin coller o xerro, e anque aquela cousa seguía a turrar por min, andiven, cheguei á fonte, collin a iauga, tiven tino de que non me caíra unha pinga e boteilla por riba ao rapaz.

Pasados os nove días xa tiña as perniñas mais grosas, e despois foise pondo millor, e agora ahi o ten. Non direi que sea un gran mozo, mais anda por onda os outros andan e traballar traballa como calquera».

Na mesma parroquia de Santa Marta de Velle acadamos a noticia dunha práctica máxica pra que serve o liquido de calquer manantial. Trátase dunha receta pra curar as carouquexas, que pol-o visto sou unha especie de granulacións ou de aftas que lles nascen na lingoa aos rapaces.

Pra facer desaparecer esta enfermidade compre ir co paciente á beira dunha fonte calquera e levar sete farrapiños encarnados. Unha vez no sitio agárdase a que o sol comece a encobrir e

(1). A nosa informante dixonos que pol-o moito tempo que pasara dende o sucedido esquencera por comprobante as palabras que deprende de memoria e que apuntou por escrito.

cos farrapos molladas na iauga do cano, vanse lavando o sitio ou sitios onde nasceron as carouquexas. E ista operación precisase repetila sete veces con cada un dos farrapos, decindo de cada vez que se lava a lingoa, estas palabras:

Sol ponte
e as carouquexas
ao bico da fonte.

E anque a credice que imos citar non teña en aparencia grande relacion ca saúde diremos por cabo que na terra do Saviñao cóidase que a iauga de sete fontes collida denantes de nascer o sol é o millor formento pra levedar o pan.

Tirase dos casos que atrás quedan espostos, e que son de seguro unha parte minima dos que poderían enumerarse, que as fontes santas e miragreiras do noroeste peninsuar estenden as suas virtudes salutareas e benéficas nun senso vario e múltiple.

As mais delas son eficaces pra preveniren doenzas ou pra sandar dos males dos ollos, da pel ou do peito, xa que na verba catarro deben acocharse outras enfermidades do aparello respiratorio como as bronquitis e aínda algunhas formas de tuberculosis. En menor número alcóntranse os nascentes que sandan da xordeira, que volven o leite aos peitos secos das mulleres, que curan os gados ou que se utilizan pra escorrentar os vermes dañinos.

Mais dentre os eisemplos que deixamos citados é ben que salientemos algúns que se notabilizan por certas particularidades. Os números 3, 7 e 9, cuio valor simbólico e ben coñecido alcóntranse o primeiro, nos tres manantiaes do santuario de Santa Mariña e nas tres tomas de auga da Burga indispensabeis pra coutar os catarros; o segundo nas sete fontes cuio liquido debe recollerse no Saviñao para levedar o pan, e nos sete farrapos encarnados e nas sete aplicacións da cura das carouquexas, e o

terceiro nos nove lavados e nas nove duchas que se precisan pra sandar da xordeira en Paderne e do tangaraño em Velle.

E ista cura do tangaraño ofrece ainda outra circunstancia digna de ser notada. Anque a nosa informadora non falou prañada de bruxas resulta crara a intervención dunha delas. En primeiro lugar porque os entangarañamentos dos rapaces son obra case que sempre dun mal ollado, i-en segundo porque a forza misteriosa que turraba pol-a nai a noite que quería sair e non podía ten que interpretarse obrigadamente como producida pol-a persoa que ocasionara o mal ao rapaz, persoa que daquel xeito procuraba impedir a realización da cura máxica, véndose así que a iauga das fontes é eficaz, pol-o menos, contra esta caste de meiguerias.

E chegados a este intre compre que nos preguntemos de onde tiran as fontes as suas facultades miragreiras e que esprito ou axente vive nelas e lles dá virtude. Compre que inquiramos se son todas como a Fonte do leite, da Ponte da Barca, â que os devotos chéganse, asegún palabras de Sarmiento (1), sen pensaren na intervención de Dios ou de calquer santo, ou se as hañ pol-o contrario que aparezan avencelladas con algún culto cristián. Compre saber se as lendas piadosas ou os contos de tipo profano aséntanse soio nos nascentes meiciñeiros ou se se estenden a algún no que non se sinalan escelencias curativas, e compre por cabo dexergar a relación daqueles contos profanos con outros fenómenos do noso folklore.

É indudábele en primeiro lugar, que os mais dos manantiaes meiciñeiros atópanse ligados con algún culto cristián. A fonte que perto de Santiago, evitaba por un ano as calenturas, debia esta virtude a que nela tiña bebido o Santo Apostol cando andaba

(1) *O Roteiro dos Tesouros*, in *Dispersos*, pax., 314.

por Galicia pregando a Boa Nova. A vea liquida das Burgas de Ourense din que pasa por baixo dos pes do Cristo que se venera na Catedral, e os millores dias pra aproveitarse das suas coalidades profiláiticas son o da Santa Cruz e na vispora e na festividade do Corpus. Os manantiaes de San Estebo de Atán, de Recesendes, dos Remedios e de San Xohan de Coles áchanse emprazados ao pé de eirexas ou capelas e faise preferentemente uso das suas augas nas datas das respectivas romaxes. A fonte de Paderne, que ten feitura de ouvido, sitúase así mesmo perto dunha hermidia, e os lavados que nela se fan combinanse com aplicacións do aceite da lámpara que alumea ao santo.

Os tres nascentes da Santa Mariña xurdiron cando a cabeza da martir deu tres tombos sobre o chan no aito de ser decapitada, e asegún outra versión, o mais miragreiro dos tres nascentes, que é o que se chama das augas negras, debe a sua virtude e o seu nome a terse mergullado nel a Santa cando estaba a arder, razón pol-a coal o sitio onde mana a vea quedou pra sempre chamuscado (1).

Na fonte de Belmil, tan eficaz pra esconxurar os vermes nocivos, apareceuse nunha ocasión a Nosa Señora dos Ulimentos. E como se tratara de levala pra eirexa de Liñares co obxeto de que estivera en lugar apropiado pra lle dar culto, a Santa Virxe voltou pro sitio no que aparecera e pónose por riba do penedo onde nasce a iauga entrouse nel, sentindose dende entón no cerne da peneda un bruido semellante ao que fai un muiño cando está a moer (2).

E temos ainda o caso da fonte de Aranga, na terra de Betanzos, onde pasou que unha vez sentiron unhas mulleres que por baixo da terra tanxia unha campaña. Avisaron â xente que

(1) Informes do xoven dibuxante señor Prego.

(2) Vicente Risco, *Etnografía da Terra de Melide*, in *Terra de Melide*.

após de comprobado o feito púxose a cavar naquel sitio e dali a pouco atoparon unha cruz.

Andando o tempo uns ladróns roubaron a cruz e no mesmo intre no recanto en que a desatuaran xurdiu un nascente de auga miragreira. E daquela fixose unha eirexa á beira do nascente e hai agora ali unha romaxe que se celebra o día 3 de Maio, festividade da Santa Cruz, romaxe do que dá razón esta cantiga:

Verdadeira cruz de Aranga,
que has dar aos teus romeiros
auguiña da túa fonte,
sombra dos teus castiñeiros (1).

O carater sagro destes manantiaes salientase ainda nos relatos en que as fallas de reverencia ou de respeito que na sua presenza se cometen teñen a debida sanción. Como xa dixemos, pra servirse eficazmente da fonte de Belmil, é necesario non decir, no intre de coller a iauga, ningún pecado. Nunha ocasión uns homes de Liñares rifaron por quen habia de encher primeiro as suas vasixas, e un deles co malo xenio que se lle puxo ca rifa ceibon unha blasfemia. E o mesmo foi ceibala que secar a fonte. Mais estaban ali un vello e unhas mociñas de Moldes, que ian tamen coller auga pra remediar as suas necesidades e co pasmo que lles entrou ao ver aquel prodixio sobrecolléronse todos, e o vello axionllouse e comenzou a guiar o rosario e as mociñas a contestarlle, e conforme adiantaban no rezo a fonte ia botando e canto mais rezaban mais deitaba, e cando remataron xa poideron encher as garrafas e pucheiros de que eran portadores (2).

E un eisempro análogo ao de Belmil vimolo alcontrar en

(1) Xaquín Lourenzo *A Lenda da hermiida de Aranga*, revista «NOS» n.º 99, Marzal 1932.

(2) Vicente Risco, *Etnografía da Terra de Melide*, in *Terra de Melide*.

Velle. Na entrada da eirexa parroquial eisiste unha fonte adicada a Santa Marta, patroa da freguesia. A vea hai xa tempo que secou e non se sabe se as suas augas tiñan ou non virtudes meiciñeiras. Mais apesares delo o carater sagro do nascente áchase testemuñado por un releve en pedra ca imaxe da Santa Patroa, que ali eisiste, e percíbese ainda na crenza, corrente entre os rapaces, de que se algún se atrevera a mexar na fonte, mirrariaselle o pene aos poucos días de cometer semellante irreverencia.

Mais lendas piadosas de tipo imitante ás que atrás referimos localizanse nalgunha ocasión en manantiaes aos que non parece aponse agora ningunha propiedade salutar ou miragreira. Unha laxe que hai xunta dunha fonte de Sampaio de Vizela, no concello de Guimarães tem marcados os xoellos de San Gonzalo (1), e noutra fonte asimesmo minhota de São João da Ponte, na marxe dereita do Ave, aparecéuselle unha Señora a unha muller que andaba a termar de dous touros, e dixolle que trouxera un carro e que apuxera os touros porque ela quería ir á eirexa montada no carro. E como a muller puxera reparos decindo que os touros eran bravos e que ningún poidera xunguilos nin apolos, a Señora insistiu no seu pedido, i-entón a muller foi pol-o carro e os touros bravos deixáronse xunguir e marcharon pra eirexa turrando pol-a canga e apegados ao cabezallo como se foran bois mansos (2).

Nos mais dos casos que levamos relatado as Nosas Señoras ou os Santos parece que residen no interior dos manantiaes, aos que dotan en ocasións de propiedades benéficas. Contrariamente as bruxas non viven nunca nas fontes, limitándose a xuntarse perto delas ou a evitar, ás veces, o contaito cas suas augas. Dois eisemprios servirán de ilustración ao que afirmamos.

Algunhas fontes do concello de Cotabade, i-entre elas a do

(1) M. Sarmiento, *Dispersos*, pax., 208.

(2) M. Sarmiento, *Dispersos*, pax., 265.

castro de Famelga, nas Augasantas, teñen sona de seren moi visitadas pol-as bruxas, i-en troques na parroquia de Loureiro, no mesmo concello de Cotobade, asegúrase que se as meigas, na noite de San Xohan, tocan a iauga de certos nascentes, descubren os seus segredos e quedan espidas de toda arte máxica (1).

Fora xa desta interferencia das bruxas, o resto dos contos avencellados cos nascentes dauga, pertesce de cheo ao que podemos chamar folklore castrexo dos mouros e dos haberes acobilados. Querse decir que nas fontes imos alcontrar reproducidos todol-os relatos que fan referencia aos seres de vivir sotereo, tan semellantes aos elfos e aos korrigans, que a xente desíña co nome de mouros, e que imos atopar asimesmo os xigantes, os señores e sobre todo os tesouros, que xuntamente ca mouramia áchanse decotio domiciliados en castros, mámoas e penedos, debendo-se advertir, en primeiro lugar, que os nascentes de auga en que iste complexo folklórico se assenta, non gozan que nós seipamos, de ningunha virtude particular, de caste profiláitica ou curativa.

Comensaremos cunha lenda que com lixeiras variantes atópase estesa em Portugal, nas Asturias i-en Galicia e unha de cuias versións aparece localizada nunha fontela da parroquia de Alongos a uns 9 kilómetros de Ourense.

Chámanlle a fonte de Ana Manana i-é moi coñecida em toda aquela terra da ribeira do Miño.

Dunha vez un home de por ali, andaba na sega en Castela e fixo coñecencia cum señor moi luxoso. Deron en falar e o señor perguntolle.

—Ti queres ser rico?

—Eu quero señor, non hei querer.

(1) Anton Fraguas, *As Lendas da fonte Pormás* revista «NOS» n.º 108, Decembro 1932.

—Pois mira, colle iste queixo, e cando volvas á tua terra chégaste á fonte de Ana Manana, e levando o queixo na mau berras tres veces ¡Ana Manana!. Como ves o queixo ten catro bicos, ten moito tino de que ao ires coil á fonte non lle falte ningún. E ti xa verás como te fan rico.

O home, após de rematar a sega volveu pra Galicia, mais denantes de ir á fonte foi pra sua casa e a muller viuille o queixo e deu em preguntarlle que pra quem o traguia. E il contestouille calquera cousa.

Mais a muller entroulle antoxo, tirouille um bico ao queixo e comeuno, e cando de ali a pouco o home foi á fonte e berrou por Ana Manana, saiuille unha señora chea de maxestade e de carraxe que colleu o queixo e dixolle.

—Este queixo habia servir pra me desencantar, mais tiña que vir inteiro, e agora como lle falta un bico non sirve pra cousa ningunha.

E depois de falar convertiu o queixo num cabalo, e ao cabalo, aquel faltaballe enteiriña unha pata.

E a mulher maxestosa, ainda lle dixo ao home.

—Por culpa de quem lle tirou o bico ao queixo eu quedo encantada pra sempre e ti perdes a riqueza que che iba regalar. Ora, que como quero que leves algo meu, toma esta faixa e cando a tua muller estea a parir poslla no corpo.

O home agarrou a faixa e botou a andar cara a sua casa, mais como receara que aquel regalo non podia ser cousa boa, púxolle a faixa a un sa'gueiriño, e no mesmo intre de porlla arderon en labaradas o salgueiriño e mais a faixa (1).

Este mesmo conto foi recolhido en Portugal (2), no castro

(1) Vex., revista «NOS», Marzal 1927, paxs., 15 e 16.

(2) Revista Lusitana, n.º 64.

Pedro de Melide ⁽¹⁾, na fonte Pormás, da Arzúa ⁽²⁾ e na fonte Cambroña, de Caravia, nas Asturias ⁽³⁾.

As variantes que ofrecen estes relatos con relación ao de Alongos, refírense ao número de mulleres encantadas, ás persoas do desencantador e do individuo que propón o desencantamento. É dino de notarse que na maioría dos casos enumerados a operación máxica faise com pás de catro bicos, e aínda coidamos que a aparición do queixo no relato de Alongos, débese a ser costume entre os ceifadores que ían traballar a Castela o traer pra si ou pra regalar algún queixo dos que se fabrican naquela terra. E débese salientar así mesmo o feito de que o nome de Ana Manana, seméllase notabelmente ao das fadas Y Mamaman do Pais de Gales, que quizais se relacionen cas fontes ⁽⁴⁾.

Outro relato de tipo castrexo, con extensións e variantes análogas ao anterior, localízase na fonte Pormás, de Castañeda, na terra da Arzúa e forma parte do abondoso folklore de aquel nascente.

Tratase dun fidalgo que ten unha filla e que quer encantala. Pra conseguilo vaise ao pé da fonte en compañía da rapaza e e levando consigo un libro e un adibal. Xa no sitio, lê no libro e a poder de conxurar mete a filla pol-o cano por onde sai a iauga. Despois convirte o adibal nunha serpe grandísima que entra tamén no manantial.

E cumpridas as dúas operacións máxicas, formula no castelán arbitrario que falan por veces os mouros, a súa sentenza irrevocábele, destiñada a espantar a calquer destemido:

(1) *Prehistoria de Melide*, in *Terra de Melide*.

(2) Anton Fraguas. *As Lendas da fonte Pormás*, revista «NOS», n.º 108 Decembro 1932.

(3) Aurelio del Llano. *El Libro de Caravia*, paxs., 184 e 186.

(4) Eleanor Hull, *Folklore of the British Isles*, pax., 116.

—El que te desencatare nove veces atrás del cachazo te ha de besare.

Un mozo presencia o que fixo o fidalgo, vé a rapaza, que de seguro era fermosa e arriscase a intentar o desencanto. Tan aixiña se chega á fonte preséntaselle a filla do fidalgo e advirtelle anguriada.

—Se non tés valentia non trates de desencantarme.

Mais o mozo é valente e arriscase á empresa. Por tres veces sai do cano da fonte o adibal convertido en serpe e de cada vez o mozo dalle tres bicos atrás do cachazo. E non ben remata de dar o noveno beixo, a filla do fidalgo queda desencantada e dali a pouco casa co mozo ⁽¹⁾.

Esta lenda da fonte Pormás, ou millor os temas da serpe gardián, do mouro, do señor ou do fidalgo que encanta a unha rapaza, e o dos beixos indispensabeis pra ceibala do fado, repítense como xa dixemos no norte de Portugal, na Galicia e nas Asturias ⁽²⁾. O relato mais semellante ao que vimos de citar é un do castro de Samoedo, recollido por Anxel del Castillo ⁽³⁾, e no que uns mouros ou xigantes convirten en serpe unha corda que botan pol-o pescozo dunha doncela filla sua, pondo como condición pro desencanto da rapaza e das grandes riquezas que coela deixan, dar nove beixos á serpe.

Un curioso paralelo do tema dos bicos atopámolo en Irlanda, onde aparece unha fonte gardada por unha vella de aspecto repelente que eisixe un beixo a catro guerreiros mozos que ali acoden, cheos de sede en procura de auga. Por último o quinto guerreiro,

(1) Anton Fraguas. *As Lendas da fonte Pormás*. revista «NOS» n.º 108, Decembro 1932.

(2) Vex., F. L. Cuevillas e Fermin Bouza Brei: *Os Oestrimnios, os Saefes e a Ofiolatria en Galicia*, paxs., 134 e seguintes.

(3) *Los castros gallegos*, pax., 11.

accede a satisfacer os desexos da vella. Beixa, e no mesmo intre convírtese nunha rapariga de peregrina beleza (1).

Na fonte asturián do Alisu, en Caravia, hai varias princesas encantadas que viven, custodiadas por um *cuélebre*, nun pazo de cristal. Na madrugada de San Xohan o mostruo durme e as princesas, aproveitando-se do seu sono, van limpar a cadea de ouro que arrodea um castro que hai ali perto e mais a beillar, a facer coroas e a xogar con bolas de ouro e de almasi no campo da Llana.

E se durante o sono do *cuélebre* alguén mete unha medalla no ollo da fonte, as princesas cheas de ledicia achéganse a quen tal fixera e dinlle:

—Toma a nosa riqueza e danos a tua pobreza.

I.é condición precisa pra operar o desencanto que o mortal en custión entregue ás princesas un obxeto bento, pois se non-o fai esperta o *cuélebre* e as princesas teñen que voltar ao seu pazo de cristal (2).

A si mesmo na amañecida de San Xohan, tan pródiga en mirages, ponse unha moura por riba dunha peneda do castro de Vimieiros ou de Doniz, en terras de Cartelle. E non ben se pon no sitio xurde do penedo unha fonte onde o moura lava a sua cara e pentea os seus cabelos. E se alguén querse achegar a ela saen do chan moitas serpes e óvense unhas zunidas tan terribéis que dan espanto ao mais destemido (3).

Por baixo do castro de Donide, en Melide hai unha fontela da que sai unha galiña con pitos, e na mesma terra de Melide, outra fonte, situada perto do castro de Meire apareceu nunha ocasión

(1) O Grady. *Silva Gadelica*, citado por Martins Sarmiento, in *Dispersos*, pax., 379.

(2) A. del Llano. *El Libro de Caravia*, pax., 184.

(3) *Catálogo dos Castros Galegos. Terra de Celanova*.

coberta cunha pelica que se retirou por si mesma dali a un pouco.

No castro de San Facundo, em Cea, eisistia un nascente en cuia iauga bañábanse as mouras todas espidas (4). Perto de Santiás, na Limia, hai um manantial chamado dos Picos, no que habita outra moura que se presenta sentada nunha cadeira de ouro e da que se conta que en certa ocasión apodeirou-se dunha rapaza pra devorala. Noutra fontela, asi mesmo da Limia, vive unha princesa encantada en figura de rá, e por cabo nun nascente do monte do Castro, en Cambeo, aparece unha señora cunha tenda.

Quitado o caso da princesa convertida en rá, que tem caracteres de singularidade, os demais relatos que deixamos enumerados, e sobre todo o dos mouros antropófagos e o da señora ca tenda son vulgares e correntes nos castros. O mesmo aspeito castrexo ostentan as lendas relativas a tesouros acobillados nas que atopamos as trabes de ouro e de alquitrán, os xigantes e os haberes encantados que tanto se prodigan na nosa literatura popular.

As fontes con tesouros son infindas. Hainos no nascente do rio Mao; na fonte de Nogalla, en Bermés; na fonte da Moura, de Souto; na fonte do castro de Vimiázo i-en San Martiño de Cadoso, no Minho portugués.

Noutras ocasións especificase a forma ou a calidade dos tesouros. Nas fontes asturiáns da Minariega e da Llana hai na primeira doce barras de ouro e na segunda, a mais doutras cousas preciosas um colar de rubis e esmeraldas que valen mais que unha cidade. Na fonte da Cór, en Ragilde, Minho, eisiste unha grade de ouro e outras riquezas e na de Facós, en Lobeira, un carro feito todo de ouro, ou carregado de ouro.

(4) *Catálogo dos Castros Galegos. Terra do Carballino*.

Mais todas estas preciosidades non sealcontran sempre en condicións de seren acadadas. Moitas veces atópanse atuadas a fonduras inacesebeis, outras teñen encanto e non poden verse sen a axuda dunha operación máxica i-en outras ocasións eisiste un gardián animado ou inanimado que as protexen e gardan.

Tal é o caso das fontes dos Picos e das Carrizas que se sitúan respectivamente en Sandiás i-en Ganade. Hai nas dúas unha trabe de ouro e outra de alquitrán. Na das Carrizas sábese xa que se ao precurar a primeira atópase ca de alquitrán, arde unha aldeña prósima que se chama Penin e perecen tamen abrasados os buscadores do metal precioso. Na dos Picos debían ignorarse istas desagradabeis circunstancias, e un día, uns homes pouco avisados e cheos de cobiza puxéronse a cavar ali afincadamente. Mais cando xa tiñan feito un burato de regulares dimensións aparecéuselle un mouro que lles advertiu que pararan deseguida no traballo, poi se seguían afondando iban dar logo ca trabe de alquitrán que produciría sen remedio, ao ser descuberta, un lume devastador.

Mais non sempre os haberes acochados nos manantiaes contan ca protección máxica do lume e algunhas veces os gardiáns dos tesouros encantados e aínda os tesouros mesmos revisten formas diversas e animadas.

Na fonte santa de Piñor, en Melide, os homes que buscan o tesouro, son mortos a couces por un cabalo que sai da terra.

Na fonte de An, en San Xes de Paderne hai moita riqueza gardada por dous xigantes armados com mazos de madeira dos que se usan pra construír os carros do país.

Dunha vez un home viu saír deste nascente un becerro negro. Era o haber encantado que tomara aquela figura, e se o home houbera cuspid o encol del, o becerro teríase convertido no mesmo íntre nunha morea de ouro.

A fonte Pormás, de Castañeda, que citamos xa anteriormente,

acocha tamen moitas cousas preciosas. Sabíase delas porque perto do nascente aparecían visións de variadas castes, e sabíase asimesmo que pra operar o desencanto cumprían imprescindiblemente istas dúas condicións: non ter medo e possuír unha ialma limpa e inocente.

E certo día foron á dita fonte un vello sabidor e un neno. Chegados ao sitio, o vello deu en lér nun libro que trouxera, e dali a pouco sentiuse un bruar forte como de vento lonxano, e fixo a súa aparición un xigante vestido de militar. I en canto se presentou, ergueu a espada que levaba e dun soio golpe fendeu un penedo que acobillaba no seu cerne un maravilloso fatelo de santiños aureos. E o neno ao ver brilar os santiños non poido conterse e ceibou un berro.

—¡Ai Jasus, cantas cousas!

E non ben o dixo desapareceu o xigante e pechouse o penedo. Ora, o rapaciño metera xa a man alá adentro e sacou pra fora o brazo dun santo, que venderon despois a un reloxeiro de Santiago que deu por él unha chea de cartos.

Mais as fontes galegas non gardan soio no seu seo ouro da mourindade, xigantes e princesas encantadas. Nalgunhas rexións da nosa terra eisisten manantiaes nos que sealcontra algo mais visíbele e vulgar. Hai manantiaes que non son soados pol-as súas virtudes curativas, nos que non asenta ningunha lenda nin froresce unha cousella e nos que vive sinxelamente unha troita colida nun río.

Na terra de Melide abundan, como no resto de Galicia, os nascentes de auga protexidos por unha especie de caixa de pedra aberta por un lado, tipo de fonte correntísimo entre nós, e tan antigo que aparece xa nas ruiñas da citania de Briteiros. Lembrámonos ben que cando no vran do 1929 percorríamos as fregrías melidenses facendo traballos de catalogación, sorpredeunos o ollar no líquido que encoraba no fondo de moitas destas

caixas de pedra, unha troita, que ao parecer era respectada por todo o mundo.

Inquerimos repetidas veces as causas de semellante feito e as nosas preguntas obtiveron decote a mesma resposta. Que as troitas eran levadas ali, case que sempre por man de rapaces, co gallo de que limparan a iauga de bechos e doutras imundicias que poideran emporcala.

A espicadeira non deixaba de ter unha certa lóxica e houberamola admitido sen demasiadas reservas se non lembráramos que nalguns distritos das Illas Británicas, eisten fontes nas que viven troitas e outros peixes que son obxecto dunha especial consideración e das que se contan casos prodixiosos.

Na fonte irlandesa de Tober Kieran hai dúas troitas que se coida que están ali dende sempre. Noutro manantial de Sligo, no de Tobernanalt vivía unha troita que era vista por un cego de nascimento e que depois de asada por un lado fuxiu do lume e voltou á iauga. Unha muller ao ir á fonte apañou co caldeiro a troita que ali estaba e o líquido posto ao fogo non ferbeu nin queceu xiquera. Da fonte de Efinos well quitaron nunha ocasión a anguía que había nela e a iauga perdeu as súas virtudes miragreiras e hai por cabo numerosas fontes santas que teñen dentro unha troita a que ninguén toca nin molesta ⁽¹⁾.

Como se vé, nas Illas Británicas o rol dos peixes que viven nas fontes aparece moito mais avencellado que en Galicia ás virtudes salutaras das augas, e aínda podería pensarse que os espíritos dos nascentes residen nos corpos das respectivas troitas ou anguias que neles moran, e que a esta circunstancia son debidos os caracteres estraordinarios e maravillosos que en ocasións adornan a tales animaes.

(1) Eleanor Hull, *Folklore of the British Isles*, paxs., 112 a 119.

Mais tendo en conta as semellanzas que se observan entre as culturas protohistóricas do noroeste peninsuar e as de Irlanda e oeste de Inglaterra, non é despropositado supor que os feitos cuio paralelismo deixamos salientado, tiveran un común orixe remoto, cuia natureza dexérgase nida nas Illas Británicas, pol-o aspecto arcaico e pagán que revisten no día as prácticas e os relatos ligados ás fontes en que viven peixes, e que esmoreceu en troques na Galicia, perdendo pouco e pouco a súa fisionomía primitiva até acocharse atrás dunha espicadeira pouco convincente.

E quedan xa tan soio por enumerar dous asuntos: o relativo ás ofrendas aos manantiaes e o que fai referencia ás operacións higrománticas, sendo ben advertir por adiantado que o material que sobre deles posuímos é ben escaso.

O costume tan estesa en Inglaterra i-en Alemania de ofrendar frores ás fontes ⁽¹⁾ non-a temos atopado craramente representada na Galicia, anque coidamos que non será difíicile alcontrar vestixios seus o día en que se remate a exploración folklórica da nosa terra.

De ofrendas doutra caste hai en cambeo siñaes evidentes que se perciben na Fonte do leite, da Ponte da Barca, cuias augas teñen que recibir pra que cumpran o seu efecto benéfico, unha ofrenda branca. e asimesmo na fonte melidense de Belmil, na que compre colocar tantas cruces, e non de palla, como cabezas de gado hai nas cortes da casa, pois soio asin o líquido que deita o nascente será bo pros animaes.

Dalguns casos de adiviñacións levadas a cabo nas correntes do Miño e do río de San Lufo ocupouse circunstanciadamente Murguía ⁽²⁾. A higromancia nas fontes semella pol-o de agora que

(1) E. Mogk. *Mitología nórdica*, pax. 22.

(2) *Galicia*, paxs., 173 e 174.

tivo menor extensión ou que acadou mais curta perduranza que a localizada nos rios, e non temos acerca dela outra referencia que a que sobre o santuario do San Andres de Teixido, consina Federico Maciñeira ⁽¹⁾ nos parrafos que a continuación trascribimos:

«Ao pe da hermidia xurde dentre as penedas un manantial de augas cristaiñas que chaman a Fonte do Santo, sendo moitos os romeiros que baixan a bebela e a consultarlle ao San Andres se lles mostrará propicio nas doenzas cuio remedio improran. O meio de inquerilo non pode ser mais sinxelo nin mais inocente: no amprio pilo onde por catro canos deita a fonte, acugulada sempre da rica linfa, botan un anaco de pan, que se sobrenada, é proba segura de que a romaxe surtiu os desexados efectos, mais se afonda constitue un ruin presaxio.»

E coisto damos fin ás presentes notas, reservando o seu comentario pra cando a información folklórica sobre as fontes galegas estea mais compreta que na aitualidade.

Ourense 7 do Sant-Yago 1934.

(1) *San Andrés de Teixido*, pax., 10.

Cancioneiro de Celorico de Basto

POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

Ao Mestre insigne da Etnografía portuguesa, Senhor Professor Leite de Vasconcelos, humilde e respeitosa homenagem.

Nas férias grandes de 1932 vivi mais dum mês na vila de Celorico de Basto. Esta região é duma beleza quási trasmontana, se bem que ainda faça parte da Província do Minho. A sua paisagem abrupta apresenta-nos panoramas duma larguíssima riqueza visual.

Foi nesta vila, situada nos confins do Minho, pertença do Distrito de Braga, a qual serve de fronteira a Trás-os-Montes pela Vila de Mondim de Basto, que fica já no Distrito de Vila Real, foi ali que eu ouvi cantar os rapazes e as raparigas as quadras com que organizei êste cancionero.

Em pleno coração da vila existe uma histórica e tosca hospedaria, conhecida por Hotel Central ou melhor ainda por Hotel da Mota, nome êste que tem a sua origem numa antiga proprietária. Foi neste edifício que o autor destas linhas teve ocasião de conviver com os tipos mais populares do lugar, apreciando o seu modo de viver simples e bom.

Justo é dizê-lo, que me receberam com uma simpatia sem limites, desde o mais humilde habitante até ao mais grado.

Esta gentileza permitiu que eu pudesse obter dados curiosíssimos àcerca da maneira de ser dêste povo, tão diferente da do baixo Minho e especialmente com uma psicologia tão diversa da

gente de S. Simão de Novais (Vila Nova de Famalicão), que em tempo estudei.

De tôdas as pessoas, filhas do povo mais humilde, destacarei um curioso rapaz que me conseguiu uma preciosa colecção de quadras.

Vivo e esperto, com uma certa facilidade de escrever, foi um bom colaborador.

Habitado a ver os *progressos* porque tem passado S. Simão de Novais, onde o industrialismo vai destruindo tudo o que havia de característico dêstes sítios, foi com vivo prazer que me desloquei até uma terra ainda, relativamente, pouco atingida pelos chamados benefícios da civilização.

Pode dizer-se que o folclore, com o seu cortejo de hábitos, costumes, modos de viver e modos de ser da gente de S. Simão de Novais quási que desaparece. A doce cantiga popular, devido principalmente à invasão das fábricas, tem sido substituída pelas «coplas» mais imbecis das revistas da cidade. Por isso, tudo o que hoje se fizer para arquivar o que ainda resta do Cancioneiro do povo português, é um acto do mais alto nacionalismo. Quis Deus, repito, que Celorico não tivesse ainda sido vítima dos progressos da indústria, que, roubando a gente aos campos, não só lhes tira a saúde do corpo, mas também a do espírito. Tenho em mente fazer um dia, sabe-se lá quando, um estudo mais completo sobre as Terras de Basto. Por hoje pretendo apenas publicar, como contribuição ao Cancioneiro popular português, um Cancioneiro de Celorico de Basto. Terá perto de quatrocentas quadras e será, por assim dizer, a primeira série dum futuro e grande Cancioneiro desta região, pois que Celorico bem o merece pela riqueza de material que aí se encontra.

Não foi só entre a gente humilde, como atrás disse, que encontrei facilidades para levar a cabo a tarefa que me propus. Várias pessoas categorizadas de Celorico me prestaram informa-

ções. No entanto seja-me lícito destacar o nome do honrado celoriquense Ex.^{mo} Sr. Comendador Justino da Mota Ribeiro, pelos subsídios verdadeiramente importantes que me forneceu.

Quis conhecer a origem de Celorico e dos principais monumentos do seu Concelho, não sob o rigorismo científico da história, mas sim debaixo da fantasia da voz do povo.

Parece que Celorico de Basto é nome de remota antiguidade. Há quem afirme que Celorico tem a origem do seu nome nos seus primeiros habitantes, os «celorinos».

¿Terá o nome de Basto origem nos «bastianos» ou «bastios», da Andaluzia, que parece terem vindo até junto das margens do Tâmega?

Deixo êste problema aos historiadores para o resolverem.

O povo tem o direito de criar a lenda, para dar largas ao seu prodigioso génio inventivo.

Ao homem de ciência compete registar e interpretar os factos históricos, com o maior rigor, libertos de tudo aquilo que for pura fantasia. No meu caso, deixo-me ir ao sabor de informações que tive, sem cuidar da veracidade absoluta dos factos relatados.

E dito isto continuemos...

Faziam parte das «terras de Basto», antigamente, os Concelhos de Celorico, Mondim e Cabeceiras, confinando nos seus extremos com Amarante, Felgueiras e Barroso.

De tudo aquilo que em Celorico mais me impressionou, foi sem dúvida o Castelo, magnífico, vèlhinho, que, do cimo dum monte, domina uma paisagem cheia de cor e de imponente magestade. É o «Castelo dos mouros» para a gente daquelas redondezas...

¿De há quanto tempo datará o antigo e nobre Castelo de Celorico?

Parece estar averiguado que já existia no tempo dos romanos.

Contaram-me o seguinte episódio, que tem o seu quê de curioso:

O alcaide-mór do Castelo do tempo de D. Denis pretendeu entregar as chaves do Castelo à Rainha Mãe e, como ela não aprovasse a resolução, o alcaide, depois de ponderar bem o caso, optou pelo seguinte: pegar fogo ao Castelo e, ao mesmo tempo, descer para a povoação por uma corda, gritando: «Acudam ao Castelo de El-Rei que se queima!»

É assim que a gente do sítio explica o estado de ruína em que se encontra o Castelo. Foi D. Manuel I quem deu foral a Celorico de Basto.

Conta-se que, ainda noite fechada, de quando em quando, uma moura encantada chora e geme o seu encantamento.

Tive ocasião de, uma vez, depois da meia noite, me dirigir de automóvel ao Castelo para verificar a confirmação da lenda. O vento, batendo nas pedras castelãs, traduz, de facto, uma espécie de gemido, de lamentação. Eis talvez a origem da lenda, de tão transcendente beleza, que passo a relatar:

Um dia—há quantos séculos isso foi!—uma princezinha moura, doce e linda como são tôdas as mouras das lendas, apaixonou-se por um fidalgo cristão, forte e gentil. Namoraram-se longo tempo até que, um dia, o coração da princezinha sofreu duro golpe, quebrando a sua história de amor. O fidalgo deixou-a, para casar-se com uma donzela cristã. E nunca mais lhe apareceu. E a pobre moura, com tamanha dor, adoeceu e morreu. E os séculos foram passando... E a alma da moura, encantada, vive ainda no Castelo...

E ainda hoje, pela noite alta, se ouvem os queixumes daquela que morreu de amor.

¿E quem sabe se a chuva que tomba sôbre o Castelo não será feita das lágrimas da Princezinha encantada?

*

* *

Entremos agora, e já não é sem tempo, no estudo do Cancioneiro.

Vamos, através dêle, apreciar a sensibilidade, a maneira de ver, os hábitos e os costumes da gente dêstes lugares. Cada região tem características especiais, que se podem interpretar através dos doces cantares dos trovadores.

O Cancioneiro de Celorico de Basto é sem dúvida, rico, muito mais rico do que aquele que recolhi em S. Simão de Novais (Vila Nova de Famalicão).

Na sua quási totalidade, não se encontra proveniência erudita. É o povo, pelos seus poetas anónimos, que as constrói ao seu sabor e ao seu geito, não deixando dúvidas sôbre a sua origem. Algumas, muito raras, têm um cunho erudito; são possivelmente quadras de poetas conhecidos que foram assimiladas pelo povo.

Como será de prever, a grande maioria versa motivos de amor.

É curioso que, no meu Cancioneiro de S. Simão de Novais, se bem que a cantiga amorosa fôsse também a maioria, não se encontra ali aquela sensualidade brutal que é vulgar nos cantares das gentes de Celorico.

Dizia-me alguém que parece correr muito sangue árabe naquelas raparigas fortes, morenas e bonitas e nas veias dos rapazes escuros e bem construídos da região. Tenta assim explicar-se a sensualidade daquela gente. Mas não me parece exacto.

Não queiramos ver nessas môças de olhos negros e aveludados, castigadas pelo sol, e nêsses moços sádios a tragédia da sua sensualidade na sua cor morena-escuro. Não! A influência

árabe não se estenderia tanto para o Norte. Mais me parece que essa excitação genésica é devida ao amortecimento do espírito religioso, e que o segrêdo da transformação do carácter libidinoso desta gente estaria na propaganda religiosa inteligente e aturada, a qual, pelo correr do tempo, iria modificando a sua índole.

Justifica esta afirmação o número diminuto de quadras religiosas, o que contrasta com o Cancioneiro de S. Simão, onde elas se encontram abundantemente.

Nos costumes e nos hábitos há grande diferença, do baixo Minho para Celorico. Por exemplo: o conceito de propriedade é muito mais respeitado em terras de Basto do que em Famalicão.

Outra coisa que me chamou a atenção foi a forma garrida como as raparigas de Celorico, com os seus vestidos claros, com as faces còradas, respirando saúde por todos os poros, contrasta com as mulheres de S. Simão, que vestem quási sempre de preto, enfezadas e pálidas. Emfim, a obra das fábricas, que mataram a alegria e a beleza das mulheres de Famalicão. ¡Que diferença elas fazem das do tempo em que viviam no campo e só para o campo e nada mais!

*

* *

É digna de registo a maneira como namoram as raparigas e os rapazes de Celorico; vou transcrever para aqui uma carta de amor dum namorado de Fafe para a sua mais que tudo, que vive em Celorico. Conservarei a linguagem tal como está escrita, sem lhe alterar uma virgula. Reza assim:

« Querido Amor

Sempre alenbrado. São raroz muito raroz os momentos em que o meu curacão deixa de palpitar portí.

Querido Amor Querido Amor xeu de saudades porte não dezer adeuz na festa do Santroquarto procuremos duas vezes vimos pai e mai que lhe eide

«chamar meu sogro e sogra Querido Amor alenbre-se das falas que le dei não são intrijisses não dichese de cartas são papeiz.
que alem de eu istar longe de longe faso perto só se a menina não não amor perfeito bira amor

Amor

Dezejava mandarlhe o meu retrato odepois de boce me prometese que Mandame o seu tambem que eu não sou intrujão. não? alem destar longe ãon não faso escrobo da minha palavra.

Menina aceite um abraço cheiu de saudades!

deste Seu amor que eide amar ate a Morte

Só se bose não quizer.

não se importe

de eu Ronper Sola;

que quem anda a gosto não cansa.

Amor. Amor! Só em me alenbiar Amor já meu Curacão já fica melhor.

Amor Querido

responda a estas du linha mal nutada que a vão encontrar de uma perfeita saude que a minha fica sendo boa graças a Deus.

Amor com isto adeuz.

adeuz-amor adeuz nãote cero macar maiz. espero bolta por correio o quanto mais brebe melhor. Se eu fico anciozo por resposta areceber Sem ter tua carta outra não posso escrever.

Baite carta nas azas do

Roissinol bai o meu amor maiz

lindo que ainda debaixo da

Roda do Sól

baite carta feliz carta nas ondaz do Mar

semcontrares o meu amor por mim bai falar».

Há nesta carta, escrita num português em que as mais elementares regras de gramática sofrem tratos de polé, qualquer coisa de curioso que está para além da rigidez gramatical. Quero referir-me ao muito amor que a distância da sua bem amada faz sofrer ao pobre coração apaixonado, e ainda à ingenuidade como está escrita e que tanto está em contradição com um ror de cantigas que colhi.

Aquêlê «Sempre alenbrado» de rapaz em plena crise de amor, que nunca esquece a sua querida namorada distante, tem um sabor bem característico. A tristeza profunda de não ter

podido dizer-lhe adeus na Romaria de S. Torcato em Guimarães, e a frase: «alembre-se das falas que le dei» são tão verdadeiras como o verdadeiro amor que lhe dedica, desmentindo o dito: «cartas são papeiz».

Mais além, ao dizer «de longe faso perto», vem demonstrar que a ausência só serve para aumentar, se isso é possível, o seu grande amor.

Aquêle «bira amor» é forma tão simples e tão doce de pedir licença para voltar a página da carta...

«Menina aceite um abraço cheio de saudades! deste Seu amor que eide amar ate a Morte». ¡Que rica imagem bem demonstrativa de característico lirismo português!

Aquela advertência à rapariga para que se não aflija por êle a ir ver, a-pesar-da distância que os separa: «não se importe de eu Ronper Sola que quem anda a gosto não cansa».

Finalmente as duas quadras tão singelas, tão saudosas com que fecha a epístola: «Baite carta»...

Que lhe perdoe Mestre Agostinho de Campos os graves êrros desta carta, pois o autor bem o merece pelo muito amor que exprime nas imagens tão simples, mas tão portuguesas, que o seu coração ditou. É o puro amor dos lusitanos...

*

* *

Quem se der ao trabalho de ler com atenção êste rosário de quadras encontrará verdadeiras maravilhas, a reflectir diversos aspectos da filosofia popular.

Encaremos alguns dêsses aspectos, apenas os mais importantes, para não aumentar em demasia êste estudo, que eu desejaria o mais claro e conciso possível.

O amor é sempre o grande cartaz, a grande preocupação

do trovador! ou êle não fôsse português! Se êste trabalho fôsse só parar às mãos de homens, ou exclusivamente para estudiosos, não retiraria dêste Cancioneiro algumas dezenas de cantigas de feição meramente obscena. Mas, como tal não sucede, deixarei para opúsculo especial essas quadras pornográficas.

Preguntava eu a razão porque algumas raparigas e mesmo mulheres casadas não tinham vergonha em responder ao cantador atrevido na mesma linguagem desbragada com que, nas cantigas ao desafio, eram solicitadas a replicar. Uma delas trouxe-me a explicação:

«Se tu ouves para te dizer,
Deves aprender para lhe responder».

Nas quadras de amor há vários estados de alma a interpretar. Vejam-se os mais característicos.

Na cantiga que vai ler-se, a namorada queixa-se, e com razão, do namorado ter ido sem ela à romaria, e nem sequer lhe ter trazido uma lembrança, como prova de a não ter esquecido:

Tu foste ao S. Torquato
Nem uma prenda me deste;
Nem os moiros da moirama
Faziam o que tu fizeste.

Encontra-se no Cancioneiro esta composição poética, que pela sua singeleza, impressiona:

O meu amor é moleiro,
Coitadinho, dorme só:
Passa noites em *quelaro*,
Encostadinho à mó.

Nesta agora mostra-se a vaidade do cantador e a sua basófia de conquistador:

Preguntei ao sol se viu
À lua se percebeu,
Às estrêlas se já viram
Coração igual ao meu.

Veja-se a emoção e a tristeza do poeta e a forma como traduz a sua saúde:

Vai-te carta venturosa
Responde, sabes falar:
Os olhos que te notaram
Estão fartos de chorar...

Tenho presentes algumas quadras em que uma ou mais raparigas, feridas no seu amor próprio, respondem altivamente:

Cuidavas que eu te queria?
Olha o toledo do mundo!
Os meus olhos já navegam
Por outro poço mais fundo.

Julgavas em me deixar
Qu'eu por ti deitava dó?
Há mais rapazes no mundo,
Não julgues que és tu só...

Cuidavas em me deixar
Haveria algum *desvelo*?
Tenho meu brio guardado
Para mais alto castelo.

Nesta vê-se que o poeta anda a ser solicitado pelo amor, o que êle explica duma forma pitoresca:

Ando rouco do meu peito,
Não é catarro nem tosse:
É o ladrão do amor
Que de mim quer tomar posse!

A falta de constância do homem é posta à prova nas seguintes cantigas:

Ó meu amor, não embarques.
Olha que o mar não tem fundo!
É como o amor dos homens
Que engana todo o mundo.

Os homens são como os lobos
Só lhes falta ter o rabo:
Aparec'às raparigas
Na figura do diabo.

Os namorados não esquecem e até aneiam a hora do encontro, para trocarem as suas doces palavras de amor:

Ó estrelinha do norte,
Agulha de marear!
Eu com ela me governo
Quando te quero falar...

¿ Não haverá aqui uma referência às antigas navegações dos Portugueses?

O amor que não é correspondido é recusado na seguinte quadra:

O Serpão é miudinho,
Não se pode atar aos molhos;
Amar a quem me não ama
É grande cegueira de olhos.

Também chega a sua vez aos amuos dos namorados. Senão leia-se:

O meu amor, coitadinho,
Anda de costas voltadas.
Se tem dor de cotovelo
Ponha-lhe urtigas pisadas.

Quando o amor é verdadeiro, a mínima sombra vem perturbar o coração dos namorados e, se Deus tiver de levar um deles, que os leve a ambos:

Esta noite sonhei eu
Tinha morrido meu bem;
Acordei, pedi a Deus,
Que me levasse também!

E ainda noutras surge o amor, puro e forte que está para além da própria vida:

Hei-de-te amar 'té à morte
Até depois de morrer:
Mesmo debaixo da terra,
Meu amor, podendo ser...

A alegria das raparigas não é leviandade, antes pelo contrário. Desconfiai sempre das mais caladas, pois são as peores:

Raparigas, cantai tôdas,
Guardai o que vosso é:
As que não cantam, nem dançam
Também lh'escorrega o pé...

A ironia não é esquecida também. Vejam-se os seguintes cantares:

Maria, linda Maria,
Tu és o meu ai-Jesus;
Quem me dera pôr a mão
Onde o lenço faz a cruz!

Eu sempre gostei de ver
As pernas às raparigas:
Se são grossas ou delgadas
Se são curtas ou compridas...

E, por aí fora, onde nós iríamos, se eu não promettesse de início retirar as cantigas pornográficas...

E, no amor, ponto final.

Passemos agora às quadras religiosas. Algumas há que têm um cunho duma grande beleza e dum perfeito misticismo:

A Senhora da Apar'cida
Apar'ceu na Barreirinha;
Ó que milagre tamanho!
Senhora tão pequeninha!

Ou ainda esta, duma suave inspiração:

Senhora da Conceição,
És das Santas mais bemditas,
Por teres altar no peito
Destas môças mais bonitas...

Uma vez por outra surge-nos uma quadra de sabor erudito:

Deus fêz de leite e de neve
A ondulação do teu seio;
A tua boca formosa
De um rubi partido a meio.

Elevados pensamentos traduzem muitas vezes as composições poéticas de quatro versos:

Ó alta serra da neve
Donde o penedo caiu!
Ninguém diga o que não sabe,
Nem afirme o que não viu!

É indiscutível que o honrado lavrador se destaca da profissão dos outros homens. Ser-se lavrador é por assim dizer um título de legitimo orgulho, com pergaminhos de muito e honesto labor:

Sapateiros não são homens,
Alfaiates também não:
Onde chega o lavrador
Bate o pé e treme o chão!

Não se diga que o poeta popular, perdido nas musas do amor, se esquece da sua Pátria e dos seus Heróis. Às vezes, quantas vezes, com desalento profundo, choram a desgraça do seu País ao desfazer-se em lutas mesquinhas e tristes. Vem a altura em que o poeta chora e descrê da salvação da Pátria e da sua eternidade:

Desgraçado Portugal,
Qu'ainda não ficas assim!
Quem me dera ser eterno,
Para ver teu triste fim!

Mas, de repente, como fôsse milagre de Deus, o poeta acorda da sua tristeza e vai cantar aquêles que foram grandes e que deram honra e glória à Pátria amada.

A ingratidão e o esquecimento ainda não entraram na alma generosa do povo português:

Ó D. Carlos de Bragança,
Filho de Luís Primeiro!
Hás-de vir p'la rua abaixo,
Para o pé do Paiva Couceiro!

Sidónio Pais, essa figura que iluminou uma época, também é focado na trova popular:

Ó grande Sidónio Pais,
Director da Rev'lução:
Não nos deixeis sofrer mais,
Rende a nossa divisão!

Esta quadra deve datar dos tempos calamitosos da Grande Guerra.

Depois vem a morte de Sidónio Pais, que tanto impressionou a mesma gente. E o poeta anónimo regista:

Em Lisboa, no Rossio
Pêrtinho da estação,
Mataram Sidónio Pais,
Director da Rev'lução.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral, os heróis máximos da aviação portuguesa, também são cantados nas trovas populares:

O Sacadura Cabral
E mais Gago Coutinho
Foram ambos a voar
Nas asas dum passarinho!

Depois veio a tragédia que tirou a vida ao grande Sacadura Cabral, quando se perdeu o aeroplano nas brumas do mar do Norte:

Ó mar, que nas ondas levas
Uma pedrinha de sal!
Tu levaste e não trouxeste
O Sacadura Cabral!

Ó mar, que nas ondas levas
Uma casca de limão!
Tu levaste e não trouxeste
O nosso hidro-avião.

Muito longe nos levariam as citações, pois outras muito

curiosas devia apresentar. Mas tenho de finalizar e fecharei a série de Celorico de Basto com uma quadra muito bela:

Procurei a paz no mundo,
Fui ao cemitério e vi
Um letreiro que dizia:
Não há paz senão aqui!

NOTAS

Aparecem com muita frequência grande quantidade de moedas romanas em Celorico. Foram-me oferecidas algumas dezenas, as quais serão oportunamente estudadas. Devo a maior parte delas ao Sr. Comendador Justino Mota Ribeiro, a quem mais uma vez me confesso grato.

Estou plenamente convencido que uma série de escavações, bem orientadas, nêstes locais, produziriam importantes descobertas arqueológicas.

*

* *

Penso, em trabalhos futuros, encarar Celorico de Basto sobre outros aspectos, como sejam: sob o ponto de vista da sua história e da sua arqueologia. E aí farei largas referências bibliográficas.

No entanto, seja-nos lícito citar, além do estudo: *Excerptos históricos e genealógicos*, por Eduardo de Freitas, publicados no jornal *O Celoricense*, (1905), que tem um capítulo dedicado a Borba de Godim e Castelo de Celorico de Basto, os trabalhos muito importantes de Pedro Vitorino, sobre: *O Castelo de Celorico de Basto* (1 grav.), no *Arqueólogo Português*, vol. XIV, 1909, pág. 314; *O Castelo de Celorico de Basto* (2 grav.), em *O Norte*, Pôrto, 13 de Agosto de 1914; *S. Salvador de Ribas* (6 grav.), em *A Voz Pública*, Pôrto, 18 de Setembro de 1919; *Inscrição tumular de Arnoia* (1 grav.), na *Epigrafia portuguesa* ou *Arquivo Português*, vol. XXVI, 1923 e 1924, pág. 167; *S. Salvador de Ribas* (1 grav.), *Apolinea*, n.º 5, 1933. E ainda o livro muito curioso de Daniel Salgado, *Terra de Basto*, etc., 1933, Tip. Minerva, Vila Nova de Famalicão. Qualquer estudo honesto sobre esta região não dispensa a consulta destas supra-citadas obras.

*

* *

Ao meu querido amigo, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. Abel Salazar, sábio e artista na mais alta acepção da palavra, agradeço o primoroso desenho que ilustra esta obra.

*

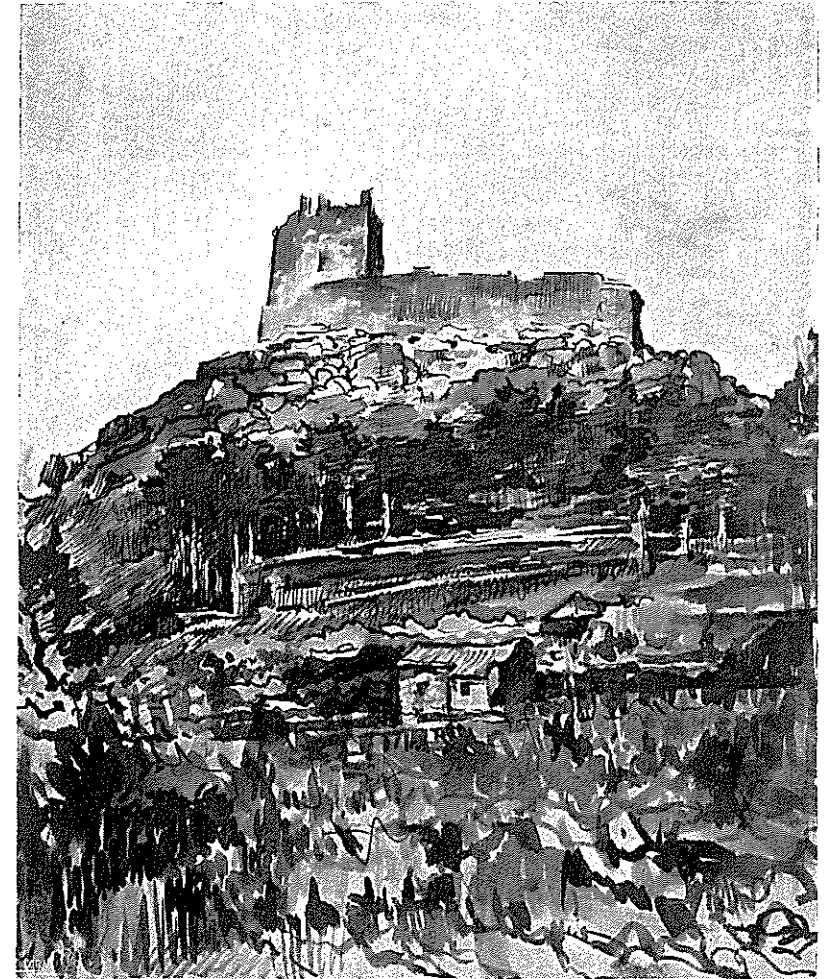
* *

Por amabilidade, que muito agradeço, o meu presado amigo e ilustre investigador Sr. Dr. Artur de Magalhães Basto conseguiu-me uma informação pre-

ciosa, que muito vem valorisar o presente trabalho. Trata-se da confirmação histórica duma lenda atrás citada (pág. 108), que é corrente em Celorico de Basto. (*Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, tit. LV, in «Portugaliae Monumenta Historica», *Scriptores*, I, fasc. III, pág. 358).

Eis o curioso documento:

«E este Martim Vaasques de Cuyinha que já dissemos, padre de Vasco Martiins de Cuyinha e de Ruy Martiins de Nomaes que já dissemos, teue o Castello de Çellorico de Basto que era d'arras. e teneo em tempo delrey dom Dinis: e porque fez por el façanha muy boaz come muy boo caualeiro posemos em este liuro como passou pera saberem os boos que teuerem castellos e lhos nom quiserem filhar aquelles de que os tem, seemdo em paz e em assesego e sem cerco como cs podem leixar sem erro. Este Martim Vaasques foi o que teue o castello de Çelorico de Basto da rrainha por sas arras: veolhe a querer dar seu castello e ella disse que o dêsse a elrey dom Dinis seu filho e ella que lhe quitaua a menagem que lhe por elle tiinha feita: e el veo a elrey a dizer que filhasse seu castello e frontar-lhe muytas vezes, e elle nom lho queria filhar por querella que auia delle porque doestara huum bispo de Lixboa que era seu priuado que auia nome dom Domingos Jardo. E o caualleyro veemdo que lho nom queria filhar elrey per nenhuma guisa o castello ouue d'hir a Alemanha e a Lombardia e a Imgraterra e a França e a Çezilia e a Nauarra e a Aragon e a Castella e a Leom e preguntou todollos rreys e todollos príncêpes e a todollos homeens de todallas terras como poderia leixar aquell castello a seu saluo pois que lho elrey nom queria tomar: e todos lhe disserom que emtrasse no castello e que metesse huum gallo e a galinha e gato e cam e sal e uinagre e azeite e pam e farinha e uinho e agua e carne e pescado e ferradura e crauos e beesta e seetas e ferro e baraço e lenha e móos e alhos e çebollas e escudo e lança e cuytello ou espada e capello ou capellina e caruom e folles de ferreyro e fozil e isca e pederneira e pedras per çima do muro, e que fizesse fogo em huuma das casas em guisa que see veesse a saluo, e depois que todo esto fizesse que possesse todos fóra do castello e que ficasse el dentro e que çarrasse as portas e as tapasse de dentro do castello, e depois que sobisse no muro e que atasse huum baraço em huuma das ameas e que se saísse pello baraço em huum çesto, e depois que atasse no cabo do baraço huuma pedra ou huum çepo em guisa que tornasse o baraço dentro per çima do muro, e depois que sse acolhesse a huum cauallo e que fosse dizemdo per tres freeguesias «acorrede ao castello delrey que sse perde, acorrede ao castello delrey que sse perde», e quando fosse per estas tres freeguesias assy dizemdo que nunca parasse mentes tras ssy. E este conselho lhe derom e lhe mandarom que assi o fizesse e os rreys e outros príncêpes e altos senhores e homens filhos d'algos a que elle preguntou, e diziam os rreys todos e cada huum delles que se elrey de Portugall pisesse que o caualleiro nom fazia direito em esto e o que deuia, que cada huum delles lhe meteria as mãaos; e esto meesmo deziam os altos senhores princepes e duques e comdes e altos homeens; e o comde dom Gomçallo que



Castelo de Arnóia (Celorico de Basto), segundo um desenho do Prof. Abel Salazar

entom era e outros homens boos e rricos que em Portugall auia se quisessem dizer que o caualeiro nom fazia dereito, que elles lhe meteriam as mãaos : e esto meesimo deziam os caualeiros e filhos d'algo das outras terras aos filhos d'algo de Portugal que lhes meteriam as mãaos se dissessem que o caualleiro nom fezera dereito. E todo esto trouxe Martim Vaasquez por escripto e assiinado per mãaos de notairos das terras, e trouxe cartas dos rreis e dos príncipes e dos altos homeens sobre esto assiinadas por elles. E este Martim Vaasques da Cuy-nha leixou o castello de Çellorico pella maneira que lhe mandarom os rreis e outros altos homeens, e fez dous boos feitos que nunca foram feitos em Espanha pera poderem os fidaligos leixar os castellos sem vergonha quando lhos nom quizerem tomar aquelles de que os teem. Esta boa façanha ficou pera sempre».

Cancioneiro de Celorico de Basto (1)

1
A açucena c'o pé n'água
Dura mais quarenta dias;
Eu sem ti, nem uma hora
Quanto mais anos e dias...

2
Abaixai-vos, serras altas
Eu quero ver Carvalheira;
Quero ver o meu amor
Debaixo duma roseira.

3
A barra da minha saia
Foi você quem m'a queimou
Com a ponta do cigarro,
Quando comigo falou.

4
Abre-te, campã adorada!
Minha amada quero ver;
Quero-lhe beijar o rosto
Antes da terra o comer.

5
Adeus ó Penafiel,
Adeus ó pena da pena!
Eu também tenho a minha,
Ou maior ou mais pequena.

6
Adeus ó Penafiel,
Ó igreja do Calvário!
Por causa do meu amor
Passo aqui um fadário.

7
Água do rio, clara,
Deixa passar a barrenta;
Coração de pedra dura
Cai ao chão, não arrebenta.

8
Águas do mar abrandai,
Que eu quero caçar um peixe;
Eu quero deixar amor
Antes que o amor me deixe.

(1) Para mais fácil confronto com outras colectâneas, foram dispostas estas quadras por ordem alfabética.

9
 Ai de mim, ai de você,
 Ai de nós ambos e dois!
 Ai de mim primeiramente
 Ai de você ó depois!

10
 Ainda depois de morta,
 Onde meu corpo repousa,
 Acharás teu nome escrito
 Debaixo da fria lousa!

11
 Alfádega é o rei dos cheiros,
 Segurelha o meu preceito;
 Hei-de te amar 'té à morte:
 Essa jura tenho feito.

12
 Altas torres têm teu peito,
 Eu não posso lá entrar:
 Bem poderas tu, menina,
 Altas torres abaixar...

13
 Alto pinheiro redondo
 No cimo tens grande *c'rucha*;
 'Stou à beira do pomar,
 Não posso comer a fruta.

14
 Amores, ao longe ao longe,
 Que ao perto quem quer os tem;
 Quanto mais ao longe ao longe,
 Mais, amor, te eu quero bem.

15
 A mulher enquanto é nova
 É um braço de loucura;
 Depois que vai para velha
 Nem o diabo a atura.

16
 Anda-me ver à janela,
 Da janela tabuleiro;
 Anda ver a triste vida
 Que passa um rapaz solteiro.

17
 Ando rouco do meu peito;
 Mal haja a rouquidão,
 Que me não deixa cantar
 A minha satisfação.

18
 Ando rouco do meu peito;
 Não é catarro, nem tosse:
 É o ladrão do amor
 Que de mim quer tomar posse.

19
 Anel de ouro não é prenda
 Nem o de prata lembrança;
 Anel de contas miúdas
 Requer tôda a confiança.

20
 À noite, quando me deito,
 A Deus peço, a chorar,
 Que me mate num momento
 Para te eu poder deixar.

21
 Ao passar do ribeirinho
 Quebrei a minha viola;
 Fui juntar os cacos todos
 Para fazer uma nova.

22
 Ao teu quarto eu trepei
 P'ra roubar teu coração;
 Gritaste aqui del-rei...
 Fiquei prêso por ladrão!

23
 A rosa depois de sêca
 Foi-se queixar ao jardim;
 O cravo lhe respondeu:
 Tudo o que nasce tem fim...

24
 A rosa depois de sêca
 Por todos é desprezada;
 A *felor* que cai ao chão
 Até aos pés é calcada.

25
 A salsa do meu quintal,
 As pedrinhas do teu muro:
 Aqui 'stão as testemunhas
 Das vezes que t'eu procuro.

26
 As asas dos passarinhos
 Foram feitas p'ra voar;
 Os corações das donzelas
 Foram feitos para amar.

27
 A Senhora da Apar'cida
 Apar'ceu na Barreirinha;
 Ó que milagre tamanho!
 Senhora tão pequeninha!

28
 A Senhora do Sãmeiro
 Tem um manto que reluz,
 Que lhe deu um brasileiro,
 Que se viu no mar sem luz.

29
 As estrelas miudinhas
 Trazem o Céu bem composto.
 Nunca contigo, menina,
 Pude falar a meu gôsto!

30
 As lágrimas e as saúdades
 São irmãs que nascem juntas:
 Sôbre as nossas esperanças
 No mundo jazem defuntas.

31
 As ondas do mar dão saltos
 Dão saltos como cabritos;
 Também eu, por tua causa,
 Saltarei aos infinitos.

32
 As ondas do mar são brancas,
 No meio são amarelas:
 Coitadinho de quem ama
 P'ra morrer no meio delas.

33
 As ondas do mar são verdes,
 No meio são amarelas;
 Ai duma mãe, que criou
 Um filho p'ra andar nelas!

34
 As telhas do teu telhado,
 As pedrinhas do teu muro
 Hão-de ser as testemunhas
 Das vezes que te eu procuro (1).

35
 As telhas do meu telhado
 Deitam água sem chover;
 O meu triste coração
 Alegra-se em te ver.

36
 Atiraste ao meu peito,
 A parte mais delicada;
 Quem ao meu peito atira
 Pouco bem me quer ou nada...

37
 A viola quer qu'eu cante,
 A prima quer qu'eu padeça;
 O tocador da viola
 Quer qu'eu por êle endoideça.

38
 Bota-me daí os olhos,
 Amor, de quando em quando,
 De modo que não perceba
 O povo que está no bando...

(1) Cf. N.º 25.

- 39
Campa é terra sagrada
É de todos triste leito;
Já morreu a minha amada,
Trago luto no meu peito.
- 40
Canário, lindo canário
Canário lindo, meu bem,
Quem me dera ter as penas
Que o lindo canário tem...
- 41
Candeia que não dá luz
Não se espete na parede;
O amor, que não é firme,
Não se faz mais caso dêle.
- 42
Cantigas ao desafio
Comigo ninguém as cante;
Eu tenho quem m'as ensine:
O meu amor é 'studante.
- 42
O teu amor é 'studante
O meu anda no estudo:
O meu 'studa p'ra doutor
O teu estuda p'ra burro.
- 43
Carta vai, carta me leva,
Segue lá minha ilusão:
Vai dizer à minha amada
Que me encontro na prisão.
- 44
Carta vai, carta me leva,
Segue lá o meu destino:
Vai dizer à minha amada
Que me encontro aqui prezinho.
- 45
Chamaste a meu pai teu sogro,
À minha irmã, cunhada?
Nem o meu pai é teu sogro,
Nem a minha irmã t'ê nada.
- 46
Chamaste à minha bôca
Gaiola dos passarinhos;
Eu também chamo à tua
Gaiola dos meus beijinhos.
- 47
Chamaste ao meu cabelo
Canavial de Viana;
Eu também chamo ao teu
Que é de prender quem ama.
- 48
Chamaste ao meu cabelo
Dobadoira de dobar;
Também eu chamo ao teu
Sarilho de ensarilhar.
- 49
Combóio arrasta, arrasta,
Combóio arrastador:
Levaste e não trouxeste
Da marinha o meu amor.
- 49
Da marinha o meu amor...
Eu também sou marinheiro:
Só te peço que me leves
Para o Rio de Janeiro (1).
- 50
Com pêna peguei na pêna,
Com pêna, p'ra te escrever:
A pêna caiu-me ao chão
Com pêna de te não ver.

(1) Esta réplica foi ouvida a uma rapariga de Penafiel.

- 51
Coração por coração,
Amor, não troques o meu:
Sabes que o meu coração
Sempre foi leal ao teu.
- 52
Cravo branco da janela,
Criado à revelia!
Quem quer bem, trata por tu:
Amor não tem senhoria.
- 53
Cravos brancos à janela,
Meninas, não os ponhais;
Dá-lhes o vento, balançam:
Eu cuido que me acenais.
- 54
Cravos roxos à janela
Meninas, não os ponhais;
Dá-lhes o vento e eles bolem:
Dirão que vós me acenais...
- 55
Cuidavas em me deixar
Haveria algum desvelo?
Tenho meu brio guardado
Para mais alto castelo.
- 56
Cuidavas que eu te queria,
Minha pereira abanada?
Tôda a vida trouxe e trago
Tôda a mulher enganada...
- 57
Cuidavas que eu te queria?
Olha o toledo do mundo!
Os meus olhos já navegam
Por outro pôço mais fundo.
- 58
Da minha janela à tua,
Do meu coração ao teu,
Podia andar um barquinho:
O navegador sou eu...
- 59
Da minha janela à tua,
Do meu coração ao teu,
Vai um tiro de espingarda:
Quem o dispara sou eu.
- 60
Da minha janela à tua
É o salto duma cobra;
Inda espero de chamar
À tua mãe minha sogra.
- 61
Das lágrimas faço contas
Que eu rezo às escuras;
Ó, morte, que tanto tardas!
Ó, vida, que tanto duras!
- 62
De domingo a domingo
Me parecem três semanas,
Que te não vejo, amor;
Ó que saudades tamanhas!
- 63
Deixa-me ir dormir contigo,
Que uma noite não é nada:
Eu entro com o escuro
E saio na madrugada...
- 64
Deixa-me ir, que levo pressa,
Ao freixo tirar o ninho:
Está o cano a quebrar
C'o pêsco do passarinho.
- 65
Deixa-me ir, que levo pressa,
Levo água de regar:
Amanhã é dia santo
Temos tempo de falar...
- 66
Desgraçado Portugal,
Qu'ainda não ficas assim!
Quem me dera ser eterno,
Para ver teu triste fim!

67

Deste ao noivo adorado
Três cravos para Jesus;
Com três cravos foi pregado
Com muito amor na cruz.

68

Deste-me uma pêra verde,
Para eu amadurar;
O que é verde, verde fica:
Tu querias-me enganar.

69

Deus fêz de leite e de neve
A ondulação do teu seio;
A tua bôca formosa
De um rubi partido a meio.

70

De vermelho veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

71

Dizem que não pode ser
Silva verde dar um cravo?
Aqui o trago ao peito
Da mesma silva cortado.

72

Em Lisboa, no Rossio,
Pertinho da estação,
Mataram Sidónio Pais,
Director da Rev'lução.

73

Ergue o chapéu para cima,
Não o tragas derribado;
Desengana o teu amor,
Não o tragas enganado.

74

Escrevia-te uma carta,
Se a tu subesses ler;
Mas tu vais dar a outro
Meus segredos a saber.

75

Escrevi na branca areia
O retrato do meu bem;
Tornei-o a riscar fora,
Porque não estava bem.

76

Ês linda, posso dizer,
Ês de tôdas mais formosa;
Os teus cabelos são loiros
Tuas faces côr de rosa.

77

Êsses teus cabelos loiros
Pelas costas ao comprido
Parecem fics de oiro
A martelos rebatido.

78

Esta noite sonhei eu
Contigo, minha beleza;
Acordei, achei-me só:
Em sonhos não há firmeza!

79

Esta noite sonhei eu,
Na outra sonhado tinha,
Qu'estava na tua cama:
Acordei, 'stava na minha!

80

Esta noite sonhei eu
Tinha morrido meu bem;
Acordei, pedi a Deus
Que me levasse também!

81

Esta palavra saüdade,
Aquêle que a inventou
A primeira vez que a disse,
Com certeza que chorou...

82

Estas meninas d'agora
São poucas, mas são valentes:
Pegam nas pias dos porcos
Atravessadas nos dentes.

83

Êste mundo é, donzela,
Todo cheio de ilusão:
Por poucos dias de vida
Não mates teu coração.

84

Estes mocinhos d'agora
Cuidam que são e não são;
São como o ouriço chocho:
Dá-lhe o vento, cai ao chão.

85

Estes rapazes d'agora,
Franganitos de vintém,
Prometem dez réis às almas,
A ver se a barba lhes vem.

86

Escrevi teu lindo nome,
Pus-me com êle na mão:
P'ra o não perder, guardei-o
Dentro do meu coração.

87

Escrevi teu lindo nome
Sôbre a areia fugidia;
Veio o vento, apagou
As cinco letras: Maria.

88

Ês uma cruz que alveja
Em linda noite ao luar:
Quem me dera ser o Cristo,
P'ra nessa cruz me pregar...

89

Eu atrás das pulgas,
Elas aos saltinhos;
Não te posso amar,
Sem te dar beijinhos...

89

Sem te dar beijinhos,
Não te posso amar;
Eu atrás das pulgas,
Elas a saltar.

90

Eu comprei uma sopeira
Por trinta réis de canela;
Mandei-a aparelhar
E pus-me a cavalo nela.

91

Eu comprei um chapéu branco
P'ra aprender a namorar;
O chapéu branco rompeu-se,
O amor vai-se acabar.

92

Eu sou como a borboleta
Que seguiu a luz tirana:
De repente caiu morta.
Ê infeliz o que ama.

93

Eu fui dos que disse ao sol
Que não tornasse a nascer:
Tendo a luz dos teus olhos
Mais sol não quero eu ver...

94

Eu fui uma das que disse:
Ou contigo, ou co'a terra!
Ou hei-de casar contigo,
Ou hei-de morrer donzela...

95

Eu hei-de ir à romaria,
Que me hei-de regalar,
Com cinco réis de tremoços
Que o meu amor me vai dar...

96

Eu hei-de subir ao alto,
Ao mais alto que eu poder:
Ao mais alto ramalhinho
Qu'a oliveira tiver.

97

Eu já vi Lisboa a arder,
As pedrinhas a estalar;
Eu já vi uma menina
Pelo seu amor chorar.

- 98
Eu não torno a Amarante
Nem de noite, nem de dia;
Roubaram-me o meu amor:
Era o que eu mais pretendia...
- 99
Eu não torno a Amarante
Que escorrego no Covelo;
Só se fôr agarradinho
Às ondas do teu cabelo...
- 100
Eu nunca te dei motivos
Para de mim duvidar;
Meu amor é sempre firme:
Escusas de te queixar...
- 101
Eu o cravo, tu a rosa,
Qual de nós se estima mais:
Os cravos pelas janelas,
As rosas pelos quintais?
- 102
Eu quero bem ao cigarro
Que me custa o meu dinheiro:
Em certas ocasiões
Serve-me d'alcoviteiro...
- 103
Eu sempre gostei de ver
As pernas às raparigas:
Se são grossas ou delgadas
Se são curtas ou compridas...
- 104
Eu sempre ouvi dizer
Ao lavrador da cidade:
Quem semeia em boa terra
Colhe boa novidade.
- 105
Eu troquei meus olhos pretos
Por outros acastanhados:
Agora todos me chamam
Amor dos olhos trocados...
- 106
Filomena, dá-me um beijo,
Que eu venho da confissão!
Um beijo não é pecado
Se o dá o coração...
- 107
Foste ao correr da água,
Meu amor, fizeste bem;
A água vai e não torna:
Assim tu fôsses também...
- 108
Fui à fonte beber água,
Bebi, tornei a beber;
Nem meu coração se enfada,
Nem meus olhos, em te ver.
- 109
Fui à fonte dos amores,
Tomei pela dos cuidados,
Enchi o cânt'ro de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.
- 110
Fui à fonte p'ra te ver,
Ao rio p'ra te falar:
Nem na fonte, nem no rio
Nunca te pude encontrar.
- 111
Fui ao arco da Igreja
Dar a mão à liberdade.
Era vário do juízo
Quando te fiz a vontade...
- 112
Fui ao jardim passear
P'ra espalhar a minha dor:
Encontrei o teu retrato
Na mais mimosa *felor*.
- 113
Fui ao mar buscar beijinhos
Numa bandeja de prata;
Tomar amores não custa,
Mas deixa-los é que mata...

- 114
Fui ao S. João a Braga
Dei a volta ao Bonfim,
Vi tudo embandeirado
Com bandeiras de setim.
- 115
Fui ao S. João a Braga
Fui à volta, vim direito,
Encontrei o S. João
C'um ramo d'ourc ao peito.
- 116
Fui-me deitar a dormir
Ao pé da água que corre:
A água me respondeu:
Quem tem amores não dorme!
- 116
Quem tem amores não dorme
Quem os tem não adormece;
Eu tenho amor e durmo:
Meu amor nunca me esquece...
- 117
Fui morta, crucificada
Por todos os meus trabalhos;
Fui casada, desonrada,
Causadora de baralhos.
- 118
Fui passear ao jardim,
P'ra 'spalhar a minha dor:
Encontrei o teu retrato
Na mais brilhante *felor* (1).
- 119
Hei-de te amar 'té à morte
Até depois de morrer:
Mesmo debaixo da terra,
Meu amor, podendo ser...
- 120
Inda que o lume s'apague,
Na cinza fica o calor:
Inda qu'o amor se ausente
No coração fica a dor.
- 121
Já comi, e já bebi,
Já molhei minha garganta;
Eu sou como o rouxinol:
Quando bebe logo canta...
- 122
Já fui canário do rei,
Já lhe cantei na gaiola;
Agora sou pintassilgo
Destas meninas de agora.
- 123
Já fui mar, já fui marinha,
Já fui meio marinheiro;
Já tive amores de graça:
Agora nem por dinheiro...
- 124
Já á muito qu'as tuas falas
Não tinham grande calor;
Porque era noutro tempo,
Quando me tinhas amor.
- 125
Já me davam dez milreis
E uma pipa de azeite,
P'ra casar c'uma donzela
Qu'há dez anos dava leite...
- 126
Já morri, já me enterraram;
Não me quis comer a terra.
Tornai-me a desenterrar
Ver se ainda sou quem era.

(1) Cf. N.º 112.

- 127
Janela de pau de pinho,
De pau de pinho janela!
Quem me dera dar um beijo
Em quem 'stá em cima dela...
- 128
Janela de pau de pinho,
Quebrada te veja eu!
Que daí tanto m'encobres
Um amor que já foi meu.
- 129
Janela, qu'estás fechada,
Só para mim te abriste;
Torna-te a fechar, janela,
Faz, amor, que me não viste.
- 130
Janelas avarandadas
Só o meu amor as tem;
Hei-de mandar fazer umas
Avarandadas também...
- 131
Já por aqui não passeio,
Já o caminho ganhou ervas;
S'eu viver e tu viveres,
Hei-de ver em quem t'empregas.
- 132
Já te quis, já te não quero,
Já te perdi a afeição:
Já te deitei de arremêço,
Fora do meu coração.
- 133
Julgavas em me deixar
Qu'eu por ti deitava dó?
Há mais rapazes no mundo,
Não julgues que és tu só...
- 134
Julgavas em me deixares
Qu'eu de paixão morreria?
Vai-s'um amor e vem outro:
Vivo na mesma alegria...
- 134
Julgavas que eu te queria,
Ó meu preto do inferno?
Não há água que te lave,
Nem no pino do inverno.
- 135
Julgavas que eu te queria
Por me rir quando te vejo?
Foi geito que Deus me deu,
Que p'ra mim não te desejo.
- 136
Jura amor, juramos ambos,
Faz uma jura bem feita:
Jura que me hás-de dar,
Na igreja, a mão direita.
- 137
Lá te mandei um raminho:
Leva silva, que é prisão.
Também leva cravo roxo:
É sinal de afastação.
- 138
Manjeriço da janela,
Já te podes ir secando:
Quem te regava morreu,
Eu já me vou enfiando.
- 139
Manjeriço da janela,
Meu coração foi teu vaso!
Tomaste novos amores,
Já de mim não fazes caso.
- 140
Maria foi a primeira
Que no meu peito entrou:
Há-de ser a derradeira,
Juro à fé de quem sou!
- 141
Maria, linda Maria,
Tu és o meu ai-Jesus;
Quem me dera pôr a mão
Onde o lenço faz a cruz!

- 142
Maria, por Deus te peço,
Por Deus te mando pedir,
Que me dês teu coração
E a chave, p'ra o abrir.
- 143
Maria, teu lindo nome,
Linda sorte te há-de dar:
Nem hei-de casar contigo,
Nem te hei-de deixar casar!
- 144
Maria, tu és na terra,
O qu'os anjos no Céu são:
Se tu morresses, Maria,
Morria o meu coração...
- 145
Menina, anda comigo,
Deixa a mãe que te criou:
Por muito que t'ela dê
Não te dá o que t'eu dou...
- 146
Menina, que'stá à janela,
Comendo queijo e trigo!
Dê-me cá um bocadinho,
Senão zango-me consigo.
- 147
Menina, que'stá à janela,
Comendo trigo e queijo!
Faça da boca pistola
Atire-me com um beijo...
- 148
Menina, que'stá à janela,
Com seu relógio à cinta!
Diga-me que horas são,
Fale verdade, não minta.
- 149
Menina, que'stá à janela,
Olhando para quem passa!
Tem olhinhos de cadela:
Venha comigo à caça...
- 150
Meu amor, anda-me ver
Às grades desta prisão:
Meu corpo com frio gêlo,
Minha cama é no chão...
- 151
Meu amor disse que vinha
Quando a lua viesse:
A lua já acolá vem
Meu amor não aparece...
- 152
Meu amor, não vivas triste,
Vive alegre se poderes,
Que algum dia será teu
O que tu agora queres...
- 153
Meu amor, quero-te tanto,
Que não to dou a mostrar;
Não te quero causar pena,
Nem ao mundo que falar.
- 154
Meu amor, se tu te fores,
Diz-me a quem eu hei-de amar:
Não ames a mais ninguém,
Qu'eu, se fôr, hei-de voltar.
- 155
Meu amor, vai-te deitar,
Vai dormir, que eu já dormi:
Agora vai-te gabar
Que eu, de inocente, caí!
- 156
Meu amor, vou-te deixar
Como a água deixa a fonte:
Inda te hei-de ver chorar
Bagadas de monte em monte.
- 157
Meus senhores, venham ver
Coisa que nunca se viu:
Minha gata pôs um ôvo
Minha galinha pariu!

158

Minha sogra morreu ontem,
Deus a leve ao Paraíso;
Deixou-me uma manta velha:
Não posso chorar com riso...

159

Minhas lágrimas são contas
Que eu rezo às escuras.
Ó, morte, que tanto tardas!
Ó, vida, que tanto duras!

160

Moro à beira do mar,
Moro mesmo à beirinha:
Da janela do meu quarto
Vejo saltar a sardinha.

161

Morte, se agora viesses,
Quanto te eu agradecera;
Que me tirasses do mundo
Antes que o aborrecera.

162

Muitas máguas me consomem,
Uma só me faz cismar:
Morrendo o último homem
Quem o há-de enterrar?

163

Não ames, ou ama sempre,
Era melhor nunca amar:
O amor começa a rir
Acaba sempre a chorar!

164

Não calcufas, meu amor
A dor do meu coração;
Mais me valia morrer
Que sofrer tanta paixão!

165

Não olhes p'ra mim, não olhes,
Que eu não sou o teu amor:
Eu não sou como a figueira
Que dá frutos sem *fetor*.

166

Não posso andar descalça
Que me picam as areias;
O meu amor 'inda ganha
Para sapatos e meias.

167

Não quero amor bonito
Nem de caracóis na testa:
Eu não quero ser a árvore
Onde o cuco faz a festa...

168

Não vou falar das mulheres,
Que a mim não me convém,
Porque eu gosto ricamente
De uma coisa que elas têm!

169

Na Senhora d'Apar'cida,
Numa pedra me assentei:
C'o sentido no amor
Nem a 'smola à Santa dei...

170

Nem meu pai, nem minha mãe
Não querem que te eu logre;
Queira eu e queiras tu,
Contra o amor ninguém pode...

171

No mar largo anda a guerra;
Eu bem ouço dar os tiros:
Eu bem ouço combater
Os teus ais c'os meus suspiros.

172

No meio daquêle campo
Lá no meio nada o peixe;
Nos dias que te não vejo
Não há saúdades que *deixe*.

173

Nossa Senhora da Graça,
Eu aqui 'stou a chegar:
Botai-me as vossas bênçãos
Lá de cima do altar.

174

Nossa Senhora da Graça!
Eu p'ra o ano lá hei-de ir,
Ou casado, ou solteiro,
Ou criado de servir.

175

Nunca vi figueira preta
Dar os figos bacorinhos;
Nunca vi mulher donzela
Dar de mamar aos filhinhos.

176

Ó *acipreste* do adro,
Não ensombres a Igreja!
Bem ensombradinho anda
Quem não logra o que deseja...

177

Ó *acipreste* do adro
Retiro dos passarinhos!
A quem deste os abraços,
Dá-lhe também os beijinhos...

178

Ó alta serra da neve
Donde o penedo cafu!
Ninguém diga o que não sabe,
Nem afirme o que não viu.

179

O amor e o dinheiro
São dois amantes leais;
Quando o coração tem penas
Os olhos dão os sinais.

180

O amor é uma criança
Que connosco vem brincar:
Canta, ri, salta e dança,
E por fim faz-nos chorar!

181

O anel que tu me deste
Á saída de Amarante,
Era-me largo no dedo;
Dei-o a outro amante.

182

O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou;
A amizade que me tinhas
O anel a demonstrou.

183

O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou;
Assim dure a tua vida
Como o anel durou.

184

O anel que tu me deste,
Eram horas da Trindade,
Era-me largo no dedo,
Apertado na amizade.

185

O anel que tu me deste
Trago-o no dedo mendinho:
Cada vez que tu me lembras,
Manuel, dou-lhe um beijinho...

186

O chapéu que o amor cobre
Tem presilha de metal;
Prometo de te ser firme,
Se tu me fores leal.

187

Ó coração retraído,
Diz-me com quem te divertes!
Com quem passas o teu tempo,
Que tanto de mim te esqueces?

188

O cravo depois de sêco,
Depois de sêco, mirrado,
Foi-se queixar ao jardim,
Que não qu'ria ser mais cravo.

189

O cravo, depois de sêco,
Foi-se queixar ao jardim;
A rosa lhe respondeu:
Tudo por tempo tem fim.

190
O cravo tem vinte fôlhas,
A rosa tem vinte e uma:
Anda o cravo em demanda
Por a rosa ter mais uma.

191
Ó D. Carlos de Bragança,
Filho de Luís Primeiro!
Hás-de vir p'la rua abaixo
P'ra o pé do Paiva Couceiro.

192
Ó, élo da videirinha!
Põe-te a pé, dá-me um abraço,
Qu'eu nunca fiz a ninguém
Meiguices que a ti te faço.

193
Ó estrelinha do norte,
Agulha de marear!
Eu com ela me governo,
Quando te quero falar...

194
O fado é um ladrão
Roubador do meu dinheiro;
Hei-de te mandar prender
Às grades do Limoeiro.

195
Ó grande Sidónio Pais
Director da Rev'lução,
Não nos deixes sofrer mais,
Rende a nossa Divisão!

196
Ó, ingrata, tu já dormes,
Tu dormes e não suspiras?
Se me tivesses amor,
Suspiravas, não dormias...

197
Ó lampeão da esquina,
Alumia cá p'ra baixo!
Eu perdi o meu amor,
Às escuras não o acho.

198
Olhos brancos, olhos pretos
Olhos azúis, olhos verdes:
Essas quatro castas de olhos
Em poucas caras os vêdes.

199
Olhos pretos, sonhadores,
Porque vos não confessais
Dos delitos que fazeis,
Dos corações que roubais?

200
Oliveira de pé torto,
Hei-de te mandar cortar,
Que me tiras os acenos
Que meu amor me quer dar.

201
O loureiro é pau verde,
Quando chega ao lume, estala;
Assim é meu coração,
Quando para o teu não fala.

202
Ó, luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo!
'Stou à porta de quem amo
Não posso entrar contigo.

203
Ó mar, que nas ondas levas
Uma casca de limão:
Tu levaste, e não trouxeste
O nosso hidro-avião!

204
Ó mar, que nas ondas levas
Um bem que eu tanto adoro!
Se levas fartura de água,
São as lágrimas qu'eu choro.

205
Ó mar, que nas ondas levas
Uma pedrinha de sal!
Tu levaste e não trouxeste
O Sacadura Cabral...

206
Ó menina, dê-me, dê-me,
Eu não lhe peço dinheiro:
Peço-lhe o seu anho preto
P'ra turrar c'o meu carneiro.

207
Ó menina, dê-me, dê-me,
Que uma vez não é pecado:
Uma brasinha de lume
P'ra acender o meu cigarro.

208
Ó meu amor, ama, ama
A quem trazes no sentido:
Não se me dá de ficar
Em faltas para contigo.

209
Ó, meu amor, anda, vamos
À Igreja dar a mão,
Tapar as bocas ao mundo,
Descansar meu coração.

210
Ó, meu amor, a quem deste
O teu lenço de pintinhas?
Em quem foste empregar
A amizade que me tinhas?

211
O meu amor, coitadinho,
Anda de costas voltadas;
Se tem dor de cotovelo,
Ponha-lhe urtigas pisadas.

212
O meu amor, coitadinho,
Chora de noite na cama;
Chora que já foi amado
Agora ninguém o ama...

213
O meu amor, coitadinho,
De repente adoeceu:
Faltaram-lhe os meus carinhos,
Não pode viver, morreu...

214
Ó, meu amor, dá-me, dá-me,
Que levas na mão fechada;
Se a levasses aberta
Já te não pedia nada.

215
O meu amor é moleiro,
Coitadinho, dorme só:
Passa noites em *quelaro*,
Encostadinho à mó...

216
O meu amor é um santo,
Eu por santo o venero;
Se o chego a lograr
Nada mais do mundo quero...

217
O meu amor, esta noite,
Pela vida me jurou
Que se ia deitar ao mar:
Eu atrás dêle não vou...

218
Ó, meu amor, não embarques,
Olha que o mar não tem fundo:
É como o amor dos homens,
Que engana todo o mundo...

219
Ó meu amor não i'nores
De eu para ti não olhar:
Isto em mim são disfarces
Para o povo não falar.

220
Ó meu amor, não me deixes
Por nenhuma rapariga!
A ti não te hei-de deixar
Nem por quanto há na vida...

221
O meu cantar é de escárneo,
Bem me ouve quem m'entende;
Dê-me Deus habilidade
De comprar a quem me vende...

222
O meu amor e o teu
Andam naquela ribeira:
O meu anda à erva doce
O teu à erva cidreira.

223
O meu amor é ourives,
Já me deu uma aliança;
Eu já tenho quem me ame,
A-pesar-de ser criança.

224
O meu amor é um corno
Daqueles mais retorcidos:
Hei-de o pôr à janela,
P'ra convidar os amigos...

225
O meu peito é um relógio,
Coração dá badaladas;
Nos dias que t'eu não vejo
Trago-te as horas contadas.

226
Ó meu amor, se tu fôres
Ao tribunal das formosas,
Apega-te às trigueirinhas,
Que as brancas são enganosas!

227
Ó, meu amor, tu que tens
Que me falas a doente?
Para mim falas tão triste
Para outros tão contente...

228
O meu pé ao pé do teu,
Minh'alma ao pé da tua;
Bailas tu e bailo eu
Sôbre as pedrinhas da rua.

229
Ó, minha caninha verde,
Ó minha verde caninha!
Não faças a tua cama,
Amor, deita-te na minha...

230
Ó, minha caninha verde,
Verde cana ricóco!
Quem me dera ricócar
Contigo uma noite só!

231
Ó, minha caninha verde,
Ver'e cana ricóqueira!
Quem me dera ricócar
Contigo uma noite inteira!

232
Ó, que rua tão escura!
Não vejo nada por ela:
Bem podias tu, menina,
Pôr candeias à janela...

233
Ó raparigas, ó moças!
Tôdas mo haveis de dar:
Dinheiro para o caminho
Qu'eu não levo que gastar...

234
O rouxinol quando canta
Mete o rabo na silveira;
Eu também metia o meu
Numa menina solteira...

235
O Sacadura Cebral
E mais o Gago Coutinho
Foram ambos a voar
Nas asas dum passarinho.

236
Os amores, hoje em dia,
São falsos como o melão:
Tem de se partir um cento,
Para se encontrar um são.

237
Os beijos que tu me deste,
Sem a tua mãe saber,
Toma lá, já não os quero,
Que já lho foram dizer...

238
Ó Senhor dos *Afelitos*,
Bem *afelito* 'stou eu!
Recebi um telegrama
Do amor que me morreu!

239
Ó Senhora da Saúde!
A vossa capela cheira:
Cheira a cravo, cheira a rosa,
E a flor de laranjeira.

240
Ó Senhora da Saúde,
Dai saúde ao meu irmão!
Eu prometo de lá ir
C'um ramo d'oiro na mão.

241
Ó Senhora da Saúde,
O caminho pedras tem!
Se não fizesses milagres,
Já cá não vinha ninguém.

242
Ó sepultura tirana,
Terra que me hás-de comer!
Já te podes alegrar
Qu'eu não tardo em morrer.

243
Os homens são como lobos,
Só lhes falta ter o rabo:
Aparecem às raparigas
Na figura do diabo.

244
Os meus olhos, de chorar,
Já nenhuma graça têm...
Eu tanto lhes, tenho dito
Que não chorem por ninguém!

245
Os olhos do meu amor
São duas Ave-Marias;
São rosários de amargura
Qu'eu rezo todos os dias.

246
Os olhos do meu amor
São duas continhas pretas,
Colhidinhas ao luar
No jardim das violetas.

247
O serpão é miudinho,
De miúdo cobre a terra;
Não tornas a ter amor
Tão leal como t'eu era.

248
O serpão é miudinho,
Não se pode atar aos molhos;
Amar a quem me não ama
É grande cegueira d'olhos.

249
Os teus beijos têm veneno,
Que matam quem fôr beijado:
Eu tenho muito desejo
De morrer envenenado...

250
O tocador da viola
É bonito e canta bem:
Amante das raparigas,
É o defeito que êle tem...

251
Ouvia gabar os beijos,
Dizer dêles tanto bem...
Um dia tive desejos
De os provar eu também...

252
Ó Vila Real alegre,
Província de Trás-os-Montes
Nos dias que te não vejo
Meus olhos são duas fontes.

253
Palmira, tu és um anjo,
Que nasceste para mim.
Olha qu'êste nosso amor
Só por morte terá fim.

254
Papel com qu'eu te escrevo
Sai-me da palma da mão,
A tinta sai-me dos olhos,
A pena do coração.

255
Passarinhos, que cantais
Às grades do Limoeiro!
Vós cantais em liberdade,
Eu canto prisioneiro.

256
Pega lá meu coração,
Retalha-o como ao marmelo:
Depois dêle retalhado
Verás o bem que t'eu quero.

257
Pinheiro, dá-me uma pinha!
Ó pinha, dá-me um pinhão!
Menina, dá-me os teus olhos,
Eu dou-t'ó meu coração...

258
Pomba branca vai pousar
À campá da minha amada!
Aquece com teu calor
Aquela terra gelada!

259
Por aquela serra acima
Vai um caminho seguido;
Adiante vão meus olhos,
Atrás me fica o sentido.

260
Por tempo tudo acaba,
Até o ferro batido.
Só nunca tem que acabar,
O amor para contigo.

261
Portugal todo inteiro
É uma meada d'amores:
Quem a quiser bem urdida
Venha à terra dos doutores...

262
Preguntei ao sol se viu,
À lua se percebeu,
Às estrélas se já viram
Coração igual ao meu.

263
Primavera, linda flor,
Com'ela não há iguais:
Primavera volta sempre
Mocidade não vem mais!

264
Procurei a paz no mundo,
Fui ao cemitério e vi
Um letreiro que dizia:
Não há paz senão aqui!

265
Pus-me a checrar ao pé d'água
Lágrimas de sentimento:
Uma voz me respondeu:
Nada cura como o tempo!

266
Pus-me a contar as estrélas,
Só a do Norte deixei:
Por ser a mais bonitinha,
Contigo a comparei...

267
Quando eu era pequeno
Não sabia o que fazia:
Mandaram-me ao azeite
E eu mijeji na almotolia.

268
Quando eu tomar amores
Há-de ser em Macieira:
Ou em baixo, ou em cima,
Ou no meio, ou à beira.

269
Quando o sobreiro der baga
E o loureiro der cortiça:
É quando te hei-de amar:
Agora tenho preguiça...

270
Quando passares por mim
Deita os olhos ao chão:
Podemo-nos querer bem
E o mundo dizer que não...

271
Quando t'eu disse: adeus Pôrto,
Do alto de Vila Nova,
Bem podias entender
Que eu me vinha embora!

272
Quantas vezes, ó luar,
Com tuas mãos erguidinhas
Abençoaste do ar
Almas de amantes juntinhas!

273
Quem diz que o amor que custa,
De-certo que nunca amou;
Já amei e fui amado,
Nunca o amor me custou...

274
Quem me dera ser 'moreira
Carregadinha de amoras!
Quem me dera ser o santo
Do altar que tu adoras!

275
Quem houver de amar os homens
Há-de amá-los por dois modos:
Por diante mil carinhos
Por detrás figas para os olhos.

276
Quem houver de amar os homens
Há-de ter o pé ligeiro:
Há-de ter andar de galgo
E marrar de perdigueiro.

277
Quem me dera agora ver
Quem m'agora aqui lembrou:
O meu amor da minh'alma,
Que tão longe dêle estou.

278
Quem me dera cantar alto
Do alto que canta a rôla:
O meu amor não me ouve;
Se m'ouvisse melhor fôra...

279
Quem me dera ser a hera
Pela parede a subir:
Eu ia ter à janela
Do teu quarto de dormir.

280
Quem me dera tinta roxa,
Que a pena tenho-a eu!
P'ra escrever ao meu amor
Que de mim se esqueceu.

281
Qu'ria ser a violeta
Entre as silvas escondida;
Por tua mão ser cortada,
Em teu peito recolhida.

282
Rapariga, faz-te tumba
Qu'eu farei o corpo morto;
Quando fôr ao dar da terra
Dá um geitinho ao corpo...

283
Raparigas, cantai tôdas,
Ajudai-me um bocadinho:
Foi coisa que nunca vi
Melro só fazer o ninho...

284
Raparigas, cantai tôdas,
Guardai o que vosso é:
As que não cantam, nem dançam
Também lh'escorrega o pé...

285
Raparigas, dançai tôdas,
Dai voltinhas ao redor!
S'eu quiser dizer, bem sei
Qual de vós dança melhor...

286
Raparigas de Viade
São duras como o arame:
Não há machado que as corte
Nem rapaz que as engane.

287
Raparigas do meu tempo,
Cachopas da minha idade,
Fazei tôdas como eu:
Gozai-vos da mocidade...

288
Raparigas, tomai tento,
Cachopas, não vos fiéis!
Cantigas leva-as o vento
Cartas de amor são papéis.

289
Rosa branca, ganha cor,
Não sejas tão desmaiada,
Para que as mais não digam:
Rosa branca, não és nada!

290
Salsinha, olaré, salsinha,
Salsinha, olaré, meu bem!
Ainda não sabes, menina,
O gosto que a salsa tem...

290
O gosto que a salsa tem,
O gosto qu'ela teria;
Salsinha, olaré, meu bem,
Tu és a minha alegria!

291
Sant'Antônio dos porquinhos,
S. José dos carpinteiros,
Santa Luísa dos trolhas,
O diabo dos pedreiros.

292
Sapateiros, alfaiates
São um bando de ladrões:
Sapateiros roubam sola
Alfaiates os botões.

293
Sapateiros não são homens,
Alfaiates também não:
Onde chega o lavrador
Bate o pé e treme o chão!

294
S'as lágrimas fôssem pedras,
Que eu por ti tenho chorado,
Formariam um castelo,
No meio do mar sagrado.

295
S'a violeta nascesse
Em teu quarto perfumado,
Também meu amor nascia
Em teu coração gelado.

296
Se as saúdaes matassem
Muita gente morreria:
As saúdaes não matam
Senão no primeiro dia...

297
Se Coimbra fôsse minha
Como é dos estudantes,
Mandava-lhe pôr no meio
Um ramo de diamantes.

298
Se eu fôsse ladrão, roubava,
Roubava aquela menina:
Roubava a filha ao pai
Deixava-a desgraçadinha.

299
Seja novo, seja velho,
Esse teu belo tear
Leva um fio de saúde
Que sobressai a matar.

300
Semei e não colhi,
Eu bem pudera colher:
Semei os teus carinhos,
Não me quiseram nascer.

301
Semei na minha horta
O brio das raparigas:
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de margaridas.

302
Semei no meu quintal
A semente do repolho:
Nasceu um velho corcunda
C'uma batata num olho.

303
Semei no meu quintal
O brio das raparigas:
Nasceu uma rosa branca
Cercada de margaridas (1).

304
Semei os teus carinhos
Ao redor dos pinheirais,
Só p'ra ver se m'esquecias:
Cada vez me lembras mais!

305
Senhora da Conceição,
És das Santas mais benditas,
Por teres o altar no peito
Destas m'ças mais bonitas...

306
Senhor mestre serralheiro,
Faça-me uma vara de aço,
P'ra bater nas raparigas,
Que não têm desembaraço.

307
Se o mar tivesse varandas
la-te ver ao Brasil;
O mar varandas não tem
Diz-me, amor, par'onde hei-de ir.

308
S. Gonçalo de Amarante,
Casamenteiro das velhas!
Porque não casais as novas?
Que mal vos fizeram elas?

309
Se o meu amor me ouvisse,
Eu cantava todo o dia;
O meu amor não me ouve.
A quem fará companhia?

310
Se os beijos espigassem
Como espiga o alecrim,
Na cara das raparigas
Se formava um jardim...

311
Siga a rusga, siga a rusga,
Siga a nossa reinação!
O meu pai era da rusga,
Os filhos p'ra rusga são...

312
S'o Padre Santo soubesse
O gosto que o fado tem,
Viria de Roma aqui
Cantar o fado também.

313
Sou alegre e vivo triste,
Morrerei duma paixão!
Eu desejo e não posso
Lograr o teu coração...

314
Sou filho duma viúva,
O meu pai morreu no mar;
Agora passo a vida
No terreiro a dançar.

(1) Cf. N.º 301.

315 *
Sou violeta nascida
Nas relvas do cemitério:
Desprezo os prazeres da vida
Pela sombra do mistério.

316
'Stou aqui à tua beira
A *mais* tu não me conheces:
Fui o primeiro zmor
Que tu na vida *tivestes*.

317
'Stou cansado de viver,
Morte, leva-me de-prensa!
Quero esquecer tôda a gente
Antes que tôda me esqueça.

318
Suspiros e ais e dores,
Imaginação, cuidados,
É o manjar dos amores
Quando andam escamados.

319
Tendes o cabelo louro?
Dai-me dêle três pontinhas,
Para cordas de viola,
Que me quebraram as minhas.

320
Tenho à minha janela
O que tu não tens à tua:
Cravo roxo fechadinho
Viradinho para a rua.

321
Tenho dentro do meu peito
Coisa que não sei dizer:
Um bocadinho de amor
Que me faz endoidecer...

322
Tenho dentro do meu peito
Duas 'çucenas a abrir:
Uma diz que lute, ame,
Outra diz que te deixe ir.

323
Tenho dentro de meu peito
Uma flor p'ra ti, criança,
Qu'eu rego todos os dias
Com lágrimas sem esp'rança.

324
Tenho dentro do meu quarto
Uma mesinha de vidro,
Onde eu agora choro
Lágrimas d'arrepêndido.

325
Tenho passeado terras,
'Inda não fui ao Marão;
Tenho visto caras lindas,
Como a tua ainda não.

326
Tenho passeado terras,
Muitas mais passearei;
Tenho visto caras lindas,
Como a tua não achei.

327
Tenho-te dito mil vezes
Comigo não percas tempo;
Se tornares a teimar
É falta de entendimento.

328
Tenho tido saúdaes
De me tirar o comer;
Estas que eu agora tenho
São de cegar, e não ver.

329
Tenho um lenço de beijinhos,
Meu amor, para te dar;
Com quatro nós de ciúmes
Não se pode desatar.

330
Tens o coração de açúcar,
Só na água se derrete:
Dai-me um bocadinho dêle
Para o meu que se não seque.

331
Tens o coração de bronze,
Rebatido a martelo;
Pois o meu é de açúcar,
Para dar a quem eu quero.

332
Teus olhos, linda morena,
Que parecem dois carvões:
Quando olho para êles
Meu coração dá esticções.

333
Tôda a mulher que tiver
Um hominho pequeninho,
Deita-lhe as mãos às orelhas:
Dança aqui, meu macaquinho!

334
Tomaste novos amores
C'um amor que já foi meu;
Agora colhe-lhe a rama:
A *feloz* colhi-lha eu.

335
Trago o aguilhão na vara,
Sinal de que sou toureiro:
Hei-de mercar uns tourinhos
Para lavar o lameiro.

336
Trago o meu coração prêso
C'um fio de ouro no bôlso;
Quero-vos dizer adeus,
Com saúdaes não posso.

337
Trago meu peito aberto,
Não acho retelhador,
Que me *chove* dentro dêle
Lágrimas do meu amor.

338
Três dias antes que eu morra
Hei-de ir visitar o adro:
Hei-de ir ver a sepultura
Onde hei-de ser enterrado.

339
Três dias 'steve lá morto
Sem seu pai, nem mãe saber:
Só o sabiam as águias
Que o iam lá comer.

340
Tua boca é tinteiro
A língua pena aparada,
Os olhos letra miúda,
A testa carta fechada.

341
Tuas mãos são pequeninas,
Teus dedos lindas *felozes*,
Teus braços cadeias de ouro,
Com que se prendem amores.

342
Tudo o que no mar embarca
À barra do pôrto vem:
Tudo vejo vir à vela,
Só o meu amor não vem!

343
Tu és a minha alegria,
Tu és a minha paixão;
Salsinha, olaré, salsinha,
Salsinha do coração.

344
Tu foste ao S. Torcato
Nem uma prenda me deste;
Nem os mouros da mourama
Faziam o que tu fizeste.

345
Um dia que t'eu encontre
No meu quartô às escuras,
Não te há-de valer dizer:
Está quieto, amor, não bulas...

346
Vai de roda, vai de roda,
Vai de roda assim, assim:
Dá um geitinho ao corpo,
Vira-te agora p'ra mim.

347

Vai-te, carta venturosa,
Que lindos olhos vais ver!
Deves pôr-te de joelhos
Quando te fôrem a ler.

348

Vai-te, carta venturosa,
Responde, sabes falar;
Os olhos que te notaram
Estão fartos de chorar.

349

Vai-te, carta venturosa
Vai ter àquele jardim;
Pede licença, ajoelha,
Dá mil abraços por mim.

350

Viva o Gago Coutinho
E Sacadura Cabral!
Por'o Brasil e vieram
Nas asas de um pardal!

351

Você diz que tem, que tem
Uvas na sua ramada?
Eu também digo que tenho
O meu amor em Lousada.

352

Vós chamais-me trigueirinha?
Isto é do pó da eira.
Se vós me *vires* ao domingo...
Sou um botão da roseira.

O ÍNDICE DA SECÇÃO DOS CABELOS NOS PORTUGUESES

POR

CARLOS TEIXEIRA

Os cabelos, cujos caracteres têm por vezes uma larga amplitude de variação, fornecem, para a classificação das raças humanas, valiosíssimos elementos.

A côr, a disposição, o enrolamento, a quantidade, em suma os seus caracteres macroscópicos, desde há muito já que, nesse sentido, são utilizados pelos antropologistas.

Todavia, hoje liga-se grande importância, também, aos seus caracteres microscópicos, não só pelo que diz respeito à histologia mas, sobretudo pelo modo de distribuição do pigmento e forma da secção transversal.

Foi Pruner Bey quem, pela primeira vez, procurou estudar os caracteres microscópicos dos cabelos, fazendo observações sobre cortes longitudinais e transversais destes. Estudando a forma da secção transversal, aquele investigador, dividiu-os em três grupos, figurando no primeiro os cabelos de secção elíptica, no segundo os de secção oval e no último aqueles que tivessem secção circular.

O Doutor Lateux fez também observações sobre os cabelos e procurou descobrir o processo de os seccionar normalmente, tendo chegado no seu estudo a conclusões idênticas às de Pruner Bey.

Nos «Elementos de Antropologia Geral», Topinard dedica ao assunto algumas páginas, calculando, pela primeira vez, segundo

julgamos, um índice da secção dos cabelos, obtido dividindo pelo diâmetro maior o diâmetro menor multiplicado por cem. É sobre este mesmo índice que se baseia também o nosso presente estudo.

Quando o cabelo tenha uma secção circular, o índice (a que podemos chamar índice da secção do cabelo) toma um valor muito próximo de 100, sendo tanto mais baixo quanto maior fôr a desigualdade dos diâmetros da secção.

A forma da secção do cabelo estaria, porém, relacionada intimamente com o modo de enrolamento, isto é, com a sua curvatura. Esta deveria ser tanto menor quanto mais o cabelo se aproximasse da forma cilíndrica.

Mas Werner Neuert, que estudou a correlação entre estes dois caracteres num seu trabalho, cujos resultados foram publicados no «Anthropologischer Anzeiger», obteve, utilizando cabelos de indivíduos de diferentes raças, o valor somente de — 0,57.

É nos Peles Vermelhas, nas raças mongólicas, nos Índios da América, nos Lapões, nos Esquimós, Polinésios, etc., que o índice da secção atinge os valores máximos, oscilando entre 77 e 97. Nestas raças a secção transversal é quasi cilíndrica ou um pouco oval e os cabelos apresentam-se direitos e lisos ou só muito ligeiramente ondulados.

A secção é ainda oval nos Senoi ou Sakai e nos Aïnos, cujos cabelos são também ondulados.

Nos Europeus, Berberes e Semitas, cujos cabelos são ondulados, o índice varia entre 60 e 75 e a secção é elíptica, de eixos pouco diferentes, e algumas vezes oval.

Nos Australianos e nas raças negras, nos Bochimanes, Pigmeus, Semang, Papúas, Malaios, Indianos, etc., a secção é elíptica ou reniforme, de excentricidade maior, variando o índice entre 40 e 60. Os cabelos são, nestas raças, frisados ou crespos.

É sobretudo no cabelo de *tipo lanoso*, de certas raças negras,

que o índice da secção atinge o valor mínimo, dispondo-se os cabelos em tufos, ora com a forma de grãos de pimenta — lofócomos —, ora tomando o aspecto de lã de carneiro — eriócomos.

*

* *

Em Portugal os trabalhos feitos sobre os cabelos reduzem-se aos estudos regionais da côr realizados pelos srs. Fonseca Cardoso, Santos Júnior, Prof. Mendes Correia e sobretudo Prof. Eusébio Tamagnini, e, há pouco tempo ainda, o dr. Alfredo Athayde publicou um outro trabalho sobre o modo como hereditariamente se comporta aquele carácter.

Neste capítulo, como em alguns outros, a antropologia portuguesa está insuficientemente estudada.

O presente estudo que será um elemento mais a juntar aos trabalhos daqueles investigadores, reúne, como já dissemos, as nossas observações sobre o índice da secção do cabelo nos portugueses.

Na realização dêste trabalho encontramos, sobretudo, a dificuldade de seccionar normalmente os cabelos, pois consultando vários manuais em nenhum encontramos indicações precisas sobre o assunto.

De vários ensaios que fizemos, incluindo os cabelos em parafina, não obtivemos em nenhum resultados satisfatórios, pois raros eram os cortes perfeitos e em condições de serem medidos.

Experimentamos ainda outros processos, mas sem resultados práticos.

Lembramos-nos então de revestir os cabelos com medula de sabugueiro, ajustando as duas partes do bloco por uma substância que não só as ligasse uma à outra, mas na qual aqueles ficassem também incluídos de modo a poderem ser cortados sem

deformação e observados facilmente. Como substância de ligação obtivemos bons resultados com parafina a que juntamos uma pequena quantidade de cêra. Poderá usar-se também a goma arábica filtrada, ou gelatina.

Os cortes são feitos à mão, com auxílio duma navalha apropriada, e os cabelos antes de serem revestidos pela medula são desengordurados com éter.

Desta maneira o contôrno das secções aparece nitidamente desenhado, quando os cortes são examinados ao microscópio, desde o momento que sejam normais. Se os cortes não obedecem a esta última condição facilmente o reconhecemos.

Êste processo, que não deixa de ser rigoroso, é, no entanto, simplicíssimo e cómodo.

No trabalho citado já, de W. Neuert, o autor confessa também que não tendo encontrado referências a nenhum método de seccionar os cabelos procurou descobrir uma técnica rigorosa, e descreve um processo bastante complicado em que é utilizada a cortiça.

Refere o sr. Prof. dr. Mendes Correia, que um seu velho mestre lhe contara ter visto, quando da visita a Guimarães dos congressistas de 1880, um dêles, querendo examinar a secção dos cabelos de alguns camponeses minhotos, os cortar com uma tesoura vulgar, observando-os a olho nu...

*

* *

A nossa série é de 101 indivíduos portugueses, sendo 51 femininos e 50 masculinos.

Para cada indivíduo tomamos sempre mais do que um cabelo, seccionando-os sensivelmente à mesma altura e anotando para diâmetros as médias aritméticas dos diâmetros obtidos para cada

secção. Os cabelos observados foram colhidos na região do vertex, sendo a forma da secção quasi em todos os casos elíptica, para vezes oval.

Para a série masculina a média dos índices obtida foi:

$$M = 64,04 \pm 0,46$$

sendo o desvio padrão

$$\sigma = 4,9 \pm 0,33.$$

Nesta série o valor máximo é 77 e o mínimo é 54.

Na série feminina a média obtida é um pouco inferior, e sem significado estatístico. Com efeito os resultados são:

$$M = 63,76 \pm 0,52$$

sendo o desvio padrão

$$\sigma = 5,5 \pm 0,36.$$

O máximo é também 77 e o mínimo 53.

Podemos dividir a série em três grupos:

	Masculinos	Femininos
Índices inferiores a 60	6 casos	13 casos
Índices compreendidos entre 60 e 68	37 »	28 »
Índices superiores a 68.	7 »	10 »

Como vemos predominam os índices compreendidos entre 60 e 68, não havendo, como dissemos já, diferença sexual apreciável.

Nas várias raças os índices da secção dos cabelos distribuem-se da seguinte maneira:

Mundrukus.	97,56 *
Samoiedas.	90
Índios do Paraguay	86,4
Peruvianos.	85,24 *
Peruvianos antigos	84,1

Japoneses	84
Jacutas	80,2
Dayaks	77,78 *
Maoris	76,90 *
Chineses	75,8
Azteques	74,74 *
Tasmânios	68,0
Russos de Moscovo	61,5 a 71,6
Russos de Kurgan	61,0 a 73,5
Portugueses	64,04 e 63,76
Árabes	59,8
Negros Kru	55,4
Galas	50,7
Bochimanes	48,61 *
Pigmeus	48,09
Papúas	40

Os cabelos dos Antropóides são lisos ou levemente ondulados, nunca frisados ou lanosos. Os cabelos do Gorila, por exemplo, têm um índice que se aproxima de 65. No Chimpanzé o índice tem um valor médio de 66 e no Orango de 67,5.

Este carácter afasta pois as raças negras dos Antropóides, enquanto que aproxima dêles as raças amarelas e as brancas; em todo o caso este facto poucas vezes tem sido pôsto em evidência pelos antropologistas.

Antes de terminar o nosso modesto estudo, que prometemos continuar em trabalhos futuros, queremos testemunhar aos srs. Prof. Mendes Correia e Drs. Alfredo Athayde, Santos Júnior e Betencourt Ferreira o mais profundo reconhecimento pelas utilíssimas indicações que nos deram e sem as quais pouco ou nada teríamos feito.

Braga, 1935.

O sinal (*) significa que as médias apresentadas se baseiam num número pequeno de casos.

Bibliografia:

- WERNER NEUERT — *Untersuchung über die Korrelation der Krümmung und Querschnittsform menschlicher Kopfsaare*, «Anthropologischer Anzeiger», VI, 1929.
- MARTIN, R. — *Lehrbuch der Anthropologie*, Jena, 1928.
- K. SALLER — *Mikroskopische Beobachtungen an den Haaren der Kisaresen und Kisarbastarde*, «Anthropologischer Anzeiger», V, 1928.
- TOPINARD — *Éléments d'Anthropologie Générale*, Paris, 1885.
- GEORGE MONTANDON — *Ainou, Japonais, Bourialles*, «L'Anthropologie», XXXVI, 1926.
- M. P. CLAVELIN — *Observations microscopiques des cheveux chez les Indiens de l'Amérique du Sud*, «L'Anthropologie», XXXII, 1922.
- P. LESTES — *L'Anthropologie de l'Éthiopie. Les Gallas*, «L'Anthropologie», XXXVIII, 1928.
- H. TEN KATE — *Indiens de l'Amérique du Nord*, «L'Anthropologie», XXVIII, 1918.
- M. C. LE DARAIER — *Contribution a l'étude des Bara-Imamono de Madagascar*, «L'Anthropologie», XXXI, 1921.
- K. SALLER — *Untersuchungen an Haarproben der Senoi und Semang*. «Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie», 1931.
- R. VERNEAU — *Resultats anthropologiques de la mission de M. de Gironcourt en Afrique Occidentale*. «L'Anthropologie», XXVIII, 1918.
- ALFREDO ATHAYDE — *Estudos sobre a pigmentação e sua hereditariedade*. «Trab. da Sociedade Port. de Antrop. e Etnologia», vol. VI, 1934.
- E. TAMAGNINI — *A côr do cabelo e dos olhos nos estudantes das escolas primárias*. «Rev. da Univ. de Coimbra», IV, 1915.
- FONSECA CARDOSO — *Antropologia portuguesa*, «Notas sobre Portugal», I, Lisboa, 1909.
- SANTOS JÚNIOR — *Estudo antropológico e etnográfico sobre S. Pedro-o-Velho (Mogadouro)*. «Trabalhos da Soc. Port. de Antr. e Etnol.», vol. II, Pôrto, 1924.

VÁRIA

Dissecção de um Negro de Moçambique (1)

Exponho, em breve nota, como nova contribuição para o estudo da anatomia das partes moles (não ósseas), o resumo protocolar de dissecção, seguido em tais casos, pelo «Comité International» de Investigação sôbre as partes moles (não ósseas) dos indígenas primitivos.

Em trabalho anterior, em colaboração com o sr. Prof. auxiliar Dr. Luís de Pina, estudei a morfologia anatómica de uma negra de Angola, seguindo a mesma orientação protocolar de dissecção; nesse relatório se faz menção da já vasta bibliografia das investigações e observações, sôbre tal assunto.

Os Professores Drs. Américo Pires de Lima, Joaquim Pires de Lima, Hernâni Monteiro e Constâncio Mascarenhas, em estudos raciais de indígenas do nosso Império Colonial; os Professores auxiliares Drs. Sousa Pereira, Álvaro Rodrigues e Luís de Pina, e os assistentes Drs. Melo Adrião e Lino Rodrigues, em trabalhos parciais de sistematização (nervos, músculos e vísceras), trilhando o caminho indicado pelo Comité orientador, representam entre nós a coorte de investigação anatómica das raças coloniais.

Com a presente comunicação, que supponho ser a 12.^a enviada ao dito Comité, junto apenas mais alguns dados de observação anatómica, como pedra auxiliar no monumento científico em construção.

O cadáver em questão foi dissecado pelos alunos da cadeira de Anatomia descritiva, srs. Andresen Leitão, Ventura Outeiro, Parry de Castro Henriques e Gui de Pina, aos quais agradeço o auxílio.

*
* * *

Em princípios do mês de Janeiro do ano corrente, ingressou no Instituto de Anatomia o cadáver de um negro moçambicano,

(1) 2.^a comunicação ao «Comité Internacional» de Investigação sôbre as partes moles (não ósseas) dos indígenas primitivos.

autopsiado a 31 de Dezembro do ano transacto no Instituto de Medicina Legal.

Tendo em consideração de que se trata de um autopsiado, não causará estranheza a omissão involuntária de determinadas constatações de ordem anatómica, impossíveis de realizar.

Fica assim incompleta e truncada a presente comunicação, como infelizmente já aconteceu à primeira, por análoga razão.

O Negro, natural de Lourenço Marques, de nome Joaquim Romano S., filho de José S., e de Maria Romano S., de 45 anos de idade, casado, *chauffeur* de profissão, falecera na Ilha das Pedreiras, n.º 45, desta cidade, vitimado por pneumonia fibrinosa aguda, segundo consta do relato de autópsia n.º 8:632 do Instituto de Medicina Legal.

De acentuados relevos musculares, o cadáver apresentava uma coloração pigmentar, intermédia entre o negro retinto e o mestiço escuro; fisionomia incaracterística, no sentido etnográfico.

Como dados subsidiários, foram colhidos:

Estatura: 1^m,78;

Perímetro bimamilar: 1^m,05;

Pêso: 49 kilos;

Sinal particular: tatuagem na região anterior do ante-braço, representando, em coloração débil, um desenho simples mas indecifrável.

Em resumo, apresentarei o protocolo de dissecação adoptado.

CABEÇA:

- 1.º Risorius de Santorini: bilateral, bem desenvolvido;
- 2.º Transverso do mento: atrofiado;
- 3.º Transverso da nuca: existe, medianamente desenvolvido;
- 4.º Parietó-epicraniano: vestígios;
- 5.º Auricular posterior: ausente.

PESCOÇO:

- 1.º Forma do omo-ioideu: ansa muito descida à direita; ausência de feixes acessórios;
- 2.º Esterno-clido-ioideu: normal.

TRONCO:

- 1.º Pre-esternal — ???;
- 2.º Grande peitoral (parte abdominal) — ???;
- 3.º Grande dentado: insere-se à esquerda, até à 9.ª costela; à direita — ???;
- 4.º Grande recto: inserção superior na 8.ª costela; duas.

interseções supra-umbilicais. Aponevrose vertical de separação muito desenvolvida;

- 5.º Grande recto (inserções costais) — 8.ª costela;
- 6.º Oblíquo externo — inserções sobre as 9 últimas costelas (12-4);
- 7.º Oblíquo interno — inserções sobre as 8.ª, 9.ª, 10.ª e em parte da 12.ª, passando sem se inserir, por sobre a 11.ª;
- 8.º Transverso do abdómem — ???;
- 9.º Piramidal — bilateral e igualmente bem desenvolvido.

DORSO:

- 1.º Trapézio — últimas inserções espinhosas sobre as 8.ª e 9.ª vértebras;
- 2.º Grande dorsal — inserções até à 5.ª apófise espinhosa;
- 3.º Grande dorsal — inserções costais sobre as 5 últimas costelas (à direita) e sobre as 6 últimas à esquerda;
- 4.º Dorso-epitrocliano: falta;
- 5.º Elevador da omoplata — (angular) — inserções até à apófise transversa da 4.ª vértebra cervical;
- 6.º Esplénio — inferiormente, inserções até à 6.ª apófise espinhosa dorsal, e em cima, até à metade inferior do tёрço superior do ligamento cervical posterior.

MEMBRO SUPERIOR:

- 1.º Bicipite braquial — dois feixes, sendo a longa porção muito atrofiada, nomeadamente à esquerda;
- 2.º Redondo pronador — feixe acessório coronoideu;
- 3.º Pequeno palmar — existe;
- 4.º Curto extensor do polegar; e
- 5.º Longo extensor do polegar — fusionados na sua inserção inferior;
- 6.º Lombicais — normais.

MEMBRO INFERIOR:

- 1.º Pequeno soas — reduzido a fibras isoladas e fracas;
- 2.º Piramidal da bacia — existe;
- 3.º Gémeos — à esquerda o interno desce mais 3,5 centim., à direita, 5 centim.;
- 4.º Plantar delgado — insere-se inferiormente na face ântero-externa do calcâneo;
- 5.º Flexor tibial — 4 tendões terminais;
- 6.º Flexor peronial — existe, normal;
- 7.º Peronial anterior — existe;
- 8.º Curto flexor comum dos dedos-normal.

VISCERAS:

- 1.º Abóbada palatina — 4 cristas transversais;
- 2.º Língua — papilas caliciformes, dispostas em U truncado;
- 3.º Comprimento do intestino delgado — ???;
- 4.º Apêndice — ???;
- 5.º Divertículo de Meckel — ???;
- 6.º Pêso do fígado (são?) — 2100 grs.;
- 7.º Pêso do baço (são?) — 100 grs.;
- 8.º Nariz: número de cornetos nasais — 3;
- 9.º Laringe: comprimento do ventrículo — ???;
- 10.º Glândula tiroideia — pêso — ???;
- 11.º Rins, bacinetes — ???;
- 12.º Pâncreas — pêso — 80 grs.;
- 13.º Encéfalo — pêso — 1220 grs.

ANGIOLOGIA:

- 1.º Pêso do coração — 350 grs.;
- 2.º Crossa da aorta e seus ramos — ???

Satisfeito assim o questionário protocolar, mencionarei apenas, como nota subsidiária, a existência, neste Negro, de formações de ósteo-calcificação, ou melhor de miosites ossificantes, bem acentuada ao nível do músculo bicipite esquerdo, e difusa e extensa no tecido célula-adiposo na região posterior da perna do mesmo lado.

Incrustada na aponevrose de revestimento da longa porção do m. bicipite esquerdo encontrei um nódulo, irregularmente circular, duro e resistente ao tacto, medindo cerca de 0,8 centim. de circunferência, e de aspecto vagamente morular; notei a coincidência topográfica da sua correspondência com a cicatrícula vacinal infero-externa, e a sequência explicativa de se tratar de presumível migração de tecido de esclerose cicatricial, através dos planos profundos.



Formação de ósteo-
-miosite do músculo
bicipite.

Exame mais cuidado e principalmente o auxílio do nosso Laboratório de Histologia normal, esclareceu o caso; a presença de zonas de calcificação, de fibras musculares e de retalhos de tecido de neo-organização óssea, indicam tratar-se de uma miosite ossificante, reproduzida em delineação mais esquemática na região posterior da perna.

É pois reduzido e pobre o estudo de variações musculares, e apenas a miosite ossificante reveste de certo interesse a presente comunicação; é apenas mais uma ligeira nota complementar do trabalho anterior, sobre idêntico assunto.

(Trabalho do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto — Subsidiado pela Junta de Educação Nacional).

Pôrto, 24 de Fevereiro de 1935.

ARMANDO LEÃO.

Exposição de Etnologia Sul-Africana

O Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto organizou ultimamente uma Exposição de Arqueologia e Etnologia Sul-Africanas, que foi inaugurada no dia 15 de Março com uma conferência elucidativa feita pelo Prof. Mendes Corrêa, director do referido Instituto. Dessa conferência a imprensa diária inseriu aproximadamente o seguinte resumo:

«Tendo pedido ao prof. Lídio Cipriani, de Florença, membro da missão científica italiana que percorreu há pouco a África, e ao prof. Raymond Dart, de Joanesburgo, a sua colaboração no Congresso de Antropologia Colonial que se realizou no Pôrto em Setembro último, o conferente obteve dos dois ilustres antropologistas um auxílio valioso. Simplesmente a maior parte da documentação por eles enviada não chegou a tempo de ser examinada no próprio Congresso ou apresentada na Exposição Colonial, o que não quer dizer que nas actas do Congresso deixem de ser publicadas, como merecem, as importantes memórias recebidas de Joanesburgo.

O prof. Cipriani é um jovem catedrático italiano, autor de trabalhos valiosos entre os quais se contam os relatos das suas recentes jornadas científicas em África. O prof. Dart é o director do Instituto de Anatomia da Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo, na União-Sul-Africana. O seu nome tornou-se célebre pela descoberta do «Australopithecus» de Taungs e por outros trabalhos científicos, tanto de anatomia como de arqueologia africana.

A comissão executiva do Congresso recebeu, por seu intermédio, comunicações dos seus colaboradores Lawrence Wells, miss Margaret Orford e York Mason, respectivamente sobre cerâmica, arte rupestre e ruínas arqueológicas sul-africanas, tendo

ainda vindo gráficos de outro seu colaborador, Alexander Galloway, sobre antropologia física dos Bochimanes. Outras memórias anunciadas sobre lingüística e música da mesma região e sobre relações desta com as colônias portuguesas não puderam ser elaboradas pela escassez de tempo em virtude da antecipação do Congresso. Mas o material recebido é já importante.

A documentação refere-se, em primeiro lugar, às ruínas da Rodésia meridional, sendo de destacar uma carta e muitas fotografias remetidas por York Mason e Cipriani. Essas ruínas, sem dúvida relacionadas com as antigas explorações mineiras naquela região aurífera, foram do conhecimento dos portugueses do século XVI como provam os testemunhos de João de Barros, Damião de Gois, e no princípio do século seguinte Fr. João dos Santos.

Isso não obsteu a que fôsem modernamente dadas como descobertas no meado do século XIX por Mauch e Renders. Os nossos autores, como os árabes daquelas épocas e paragens, relacionavam-nas conjecturalmente com as riquezas bíblicas de Ofir, de Tarsis, de Salomão e da Rainha Sabá.

Modernamente, as referidas ruínas foram objecto de novos estudos, depois de lamentáveis vandalismos nelas praticados por uma empresa sul-africana na pesquiça de ouro.

As opiniões sobre a cronologia daqueles restos são divergentes, falando-se em influências exóticas muito remotas, mas predomina, sobre bases objectivas, o parecer de que, na maioria, são medievais, embora atribuíveis a uma população africana ou não africana de cultura superior à dos negros actuais daquela região.

A área daquelas ruínas ultrapassa mesmo a fronteira de Moçambique. Frobenius, por exemplo, fala das ruínas de Naimara em território português e, no entanto, um inquérito feito há pouco sobre o assunto pelo prof. Mendes Corrêa no território de Manica e Sofala e na Zambézia, junto de várias entidades destas regiões, foi, infelizmente, de resultados nulos, apesar de apoiado com decidida boa-vontade pela Companhia de Moçambique. Impõe-se a ida de uma missão arqueológica a esta colónia. O local de algumas ruínas da Rodésia tem nome português, por exemplo: — Penha Longa.

Outros documentos que figuram na Exposição, são decalques e moldes de arte rupestre do Transvaal ocidental que acompanham um trabalho de miss Margaret Orford sobre técnica das gravuras rupestres dessa região.

As pinturas e gravuras rupestres sul-africanas têm sido correntemente atribuídas sobretudo aos Bochimanes, tendo sido procuradas as suas relações com a arte europeia dos tempos prè-históricos.

Embora o prof. Dart tenha registado afinidades babilónicas e egípcias e os professores Frobenius e Breuil hajam falado de influências do Egipto predinástico e doutras nessa arte, não é possível dar como resolvidos todos os problemas cronológicos e etnológicos que se referem a estas manifestações artísticas, por vezes dum simbolismo misterioso.

Há, de-certo, entre elas, muitas que são prè-históricas, mas há-as também de data recente: Breuil viu numa dessas pinturas representado um carro boer. Seja como fôr, o assunto merece a atenção dos cientistas.

Ora, ainda pelo que respeita à arte rupestre, os resultados do inquérito acima referido, feito no território de Moçambique, foram negativos. Pois na Exposição figura uma ampliação fotográfica, mandada fazer pelo Instituto de Antropologia, duma pequena estampa, publicada há anos por Dart, de pinturas rupestres de Chilumbazi, na nossa Zambézia.

Foi um estrangeiro Weise, que as descobriu há alguns decénios e foi outro estrangeiro, Lechter, que primeiro as publicou num jornal da Rodésia. Em Portugal não há notícias disto!...

No domínio da Antropologia Física, a Exposição contém moldes faciais de indígenas de Moçambique (Batongas), moldes obtidos por Cipriani, ao realizar estudos antropológicos na nossa colónia, sobre a qual já um seu colaborador publicou um estudo craniológico. Mas estão expostos ainda os esquemas já referidos de Alexander Galloway sobre os Bochimanes-Hotentotes, essa curiosa raça humana, diferente dos negros, descoberta pelos portugueses em 1497, no cabo da Bôa Esperança e nas angras de Santa Helena e de S. Braz.

Felizmente, sobre antropologia física das nossas colónias há já uma bibliografia portuguesa recente, de certo vulto, embora haja muito a fazer. Na última Exposição Colonial, o Instituto de Antropologia do Pôrto e os seus colaboradores fizeram mais de 300 observações minuciosas de indígenas coloniais, aumentando assim a documentação já existente. Numa sala anexa à da presente Exposição sul-africana, pode ajuizar-se do esforço realizado em etnografia, prè-história e antropologia física colonial pelos elementos universitários portuenses e seus colaboradores.

Também se encontram em vitrines, na sala principal, livros de autores antigos e modernos, existentes na Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto e nos seus Institutos e que se referem à arqueologia sul-africana.

Organizando esta Exposição, o Instituto teve um duplo fim: — pôr, agradecidamente, em evidência, a contribuição prestada pelos ilustres cientistas estrangeiros que se ocuparam de proble-

mas de modo algum estranhos às nossas colónias e à história portuguesa, e chamar a atenção pública, especialmente da gente nova, para a insuficiência dos nossos esforços actuais no estudo de vários problemas científicos relativos ao nosso domínio colonial.

Os descendentes dos pioneiros dos séculos XV e XVI não podem resignar-se a que se continue a dizer com razão o que York Mason, no valioso trabalho, que enviou, sobre as ruínas de Rodésia, diz, a êsse respeito, de Moçambique, esperando os esclarecimentos que dali poderão emanar: — Moçambique por enquanto «is a closed book», é um livro fechado.

*

Eis a lista sumária dos documentos reünidos na Exposição:

Ruínas prè-portuguesas da África-do-Sul

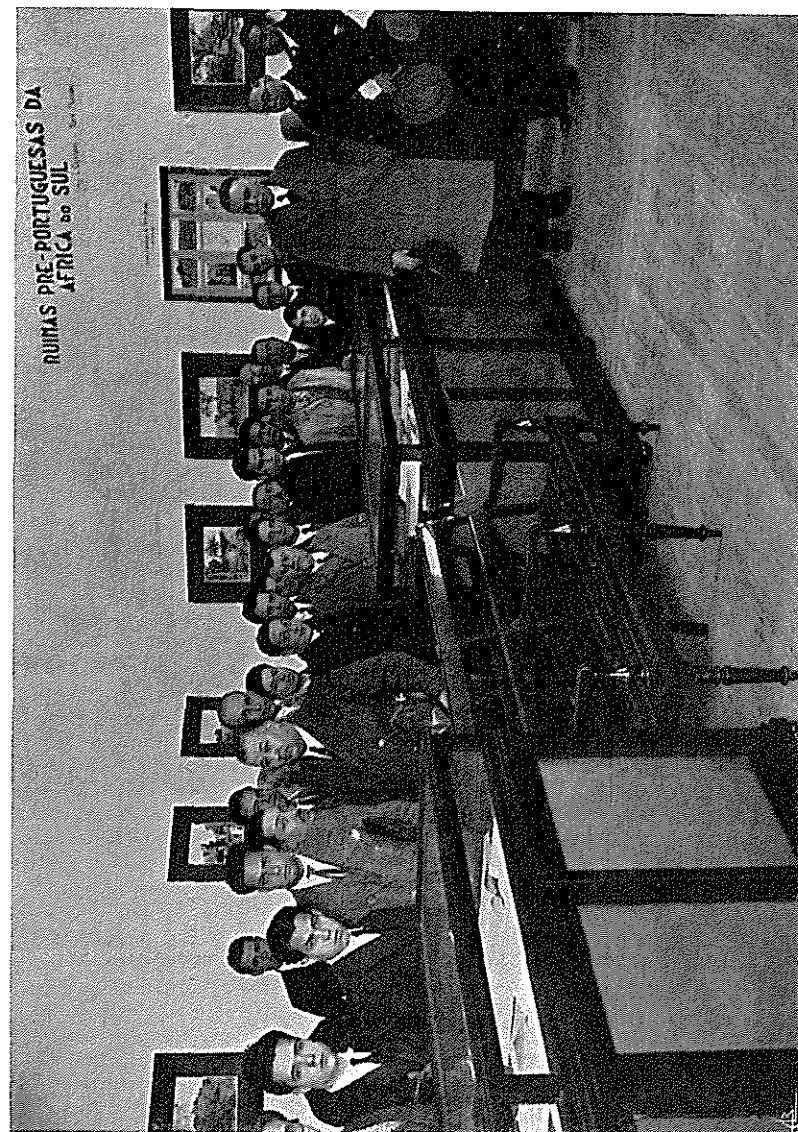
Fotografias de Lidio Cipriani:

1. Acrópole de Zimbábue;
2. Muralhas de Zimbábue ligadas com penedias;
3. Exterior da muralha principal de Zimbábue, com obeliscos e ornatos;
4. No interior das ruínas principais de Zimbábue: a tórre cónica;
5. Uma das aberturas nos muros de Zimbábue;
6. Disposição defensiva numa passagem natural entre dois grandes penedos de granito;
7. Uma das muitas passagens estreitas dos muros de Zimbábue;
8. Ruínas de Dzata (território dos Bavenda, Transvaal septentrional), com obeliscos de basalto;
9. Aspecto dos muros de Dzata;
10. Abertura externa duma mina antiga.

Fotografias e mapa das ruínas da África do-Sul: estudo arqueológico de York Mason, de Joanesburgo:

Ruínas do sul do Transvaal:

11. Muro típico de recinto, mostrando a escala e o método de construção;
12. Encosta em terraços;
13. Cabana colmeia.



Na inauguração da Exposição Sul-Africana

Ruínas de Manica:

14. Abertura de tunel para a câmara central, mostrando a escala de construção;
15. Abertura externa de túnel de entrada numa câmara circular.

Ruínas de Zimbábue:

16. Entrada para o templo elítico, mostrando as extremidades arredondadas da muralha e os degraus;
17. Face N. E. do muro exterior do templo elítico;
18. Interior do templo elítico, voltado a S. E. mostrando a torre cônica;
19. Mapa da África-do-Sul que mostra a distribuição aproximada dos vários grupos de ruínas, com um mapa da costa oriental que indica as localizações estrangeiras medievais.

Bibliografia exposta:

20. *Livro de Duarte Barbosa* (acabado em 1516), edição da Academia das Ciências de 1812, exemplar da Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto (referências ao Benametapa e a Zimbaoche);
21. João de Barros — *Décadas da Ásia*, edição de 1628, exemplar da Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto (referências ao reinos de Butua e de Benomotapa, a Symbaoe e às ruínas de Toróa);
22. Damião de Gois — *Chronica del Rei Dom Emanuel*, edição de 1619, exemplar da Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto (referências aos reinos de Batua e Benomotapa e às ruínas);
23. Viagens de Duarte Lopes em 1578, versão francesa da edição latina de 1598 (referências ao reino de Monomotapa);
24. Fr. João dos Santos — *Ethiopia orientalis*, reprodução moderna da edição de 1609 (referências ao reino de Monomotapa, ao Zimbaoe e às ruínas de Fura);
25. Julião Quintinha — *Oiro africano*, 1929, (referências ao reino de Monomotapa, a Zimbaché e às ruínas da Cafraria);
26. G. Caton-Thomson — *The Zimbabwe culture*, Oxford, 1931;
27. Leo Frobenius — *Erythraea*, Berlin-Zurich, 1931, (referências às ruínas sul-africanas, menção das de Niamara, em Moçambique);
28. D. Livingstone — *Explorations dans l'intérieur de l'Afrique australe* (tradução francesa), Paris, 1859 (referências às ruínas de Zumbo);
29. A. York Mason — *The Penhalonga ruins, Southern Rhodesia* — «South African Journal of Science», vol. XXX, 1933;

30. Lidio Cipriani — *In Africa dal Capo al Cairo*, Firenze, 1932 (referências às ruínas de Zimbábue);

31. Lidio Cipriani — *Le antiche rovine e miniere della Rhodesia*, Firenze, 1932.

Arte rupestre sul-africana

(Estudo de Miss Margaret Orford)

Decalques :

32. Rinoceronte. Afrikaner Kop, Borworth Farm, Klerksdorp, Transvaal ocidental;

33. Girafa. Bushman's Kop, idem;

34. Zebra. Bushman's Kop, idem;

35. Cabra. Bushman's Kop, idem;

36. Figura humana (de significação fálica?). Schoeman's Kop, Rhebokfontein, Transvaal ocidental;

37. Lião (incompleto?). Shoeman's Kop, idem;

38. Cabra selvagem. Schoeman's Kop, idem;

39. Dois oryx. Schoeman's Kop, idem.

Moldes :

40. Avestruz. Bushman's Kop, Borworth Farm, Klerksdorp, Transvaal ocidental;

41. Rinoceronte atacando. Idem;

42. Avestruz. Idem;

43. Figura simbólica. Bloemfontein, Estado-Livre de Orange.

44. Figuras humanas. Schoeman's Kop, Rhebokfontein, Transvaal ocidental;

45. Gamo saltando. Ston's Kop, Christiania, Transvaal ocidental;

46. Mapa que mostra a distribuição aproximada das rochas com gravuras e pinturas na África-do-Sul;

47. Reprodução fotográfica das pinturas rupestres de Chifumbaze, na África Oriental Portuguesa, a N. do Zambeze e 165 milhas de Tete. Descoberta de Carl Weise e publicação de Owen Letcher.

Bibliografia :

48. Raymond A. Dart — *Rock engravings in Southern Africa and some clues to their significance and age*. «South African Journal of Sciences», t. XXVIII, Joanesburg, 1931;

49. Margaret Orford — *The rock engravings of the Western Transvaal* (inédito);

50. A. York Mason — *The problem of the stone structures in Southern Africa* (inédito);

51. Cartailhac et Breuil — *La Caverne d'Altamira*, Monaco, 1906. (L'Art des Primitifs Actuels).

Antropologia e Etnologia

52. Moldes faciais de negros de Moçambique, tirados pelo Prof. L. Cipriani;

53. Moldes faciais de Bochimanes-Hotentotes, tirados pelo Prof. L. Cipriani;

54. Molde de crânio de raça Hotentote, raça descoberta pelos portugueses no século XV (peça do Instituto).

Bibliografia :

55. Claudio Massari — *Crani del Mozambico*, «Archivio per l'Antrop. e l'Etnol.», vol. LXII, Firenze, 1932;

56. Alexander Galloway — Gráficos mostrando médias e variação de caracteres antropológicos de Bochimanes, Korana, Hotentotes e Strandlooper;

57. L. H. Wells — *South African Native Ceramics* (inédito).

Sala anexa

58. Retrato de Fonseca Cardoso, iniciador da Antropologia colonial portuguesa.

Documentários fotográficos :

59. Prof. L. Cipriani (Aspectos do S. de Angola);

60. Capitão Fonseca Cardoso (Quiocos, Luenas e Lutchazes);

61. Tenente-coronel Leite de Magalhães (Timor);

62 e 63. Capitão Santos Fonseca (Angola);

64. Prof. A. Pires de Lima (Moçambique);

65. Prof. Aarão de Lacerda (Arte negra);

66 e 67. Dr. F. Pires de Lima (Arte indígena de Moçambique);

68. Engenheiro Correia de Barros (costumes do Dundo, Lunda);

69 e 70. Desenhos etnográficos do tenente-coronel António de Azevedo;

71. Mapa parietal mostrando as populações das Colónias Portuguesas a que se referem estudos de Antropologia Física, publicados por investigadores do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, com indicação dos grupos estudados pelo mesmo Instituto na Exposição Colonial;

72. Quadro de fotografias e um mapa relativo aos estudos de prè-história colonial de Rui de Serpa Pinto;

73. Machado de silex do Dundo (Lunda), oferecido ao Instituto pelo Prof. Castro Portugal;

74. Machado de quartzo de Tomboco (Congo, Angola), oferecido pelo dr. Joaquim da Silveira;

Publicações de Antropologia Colonial do Instituto de Antropologia.

Peças etnográficas de Angola, Moçambique e Índia.

*

A Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, em sessão de 28 de Março, aprovou por unanimidade um voto de congratulação, proposto pelo académico sr. General Teixeira Botelho, por esta iniciativa do Instituto de Antropologia do Pôrto.

A Teologia e a origem do homem

Quando, no último número da nossa revista, sob o título que encima estas linhas, demos a sùmula duma oração de sapiência proferida pelo rev. dr. Joaquim Manoel Valente no Seminário do Pôrto, e fizemos algumas considerações sôbre a dita oração, visávamos expressamente dois objectivos: 1.º pôr os leitores dos «Trabalhos» ao facto das ideias dum professor de teologia dogmática sôbre a origem do homem; 2.º esclarecer a nossa posição relativamente ao transformismo, visto que, nalgumas passagens daquele discurso, ela não aparecia correspondente à realidade e era dada como ofensiva da religião.

Não supunhamos que o rev. P.º Valente entendesse necessário vir a público discutir as nossas considerações e defender-se da *acusação* de «irreductibilidade» que lhe fizemos. Mas o facto é que o erudito teólogo não ficou satisfeito, e, em separata do «Boletim da Diocese do Pôrto», recebemos 38 páginas impressas, da sua autoria, nas quais volta ao assunto.

Na verdade, se nêle e em nós houvesse o virus da discussão, o culto da dialéctica, ficaríamos, nestas matérias controvertidas, num eterno «dize tu, direi eu» que não adiantaria nada ao que julgamos enfim notório e é: que o rev. Valente se inclina para o fixismo, admitindo no entanto o «transformismo moderado», como hipótese, aliás «pouco provável»; e que nós adoptamos o «trans-

formismo moderado», considerando-o também uma hipótese, mas «fortemente verosímil» e de modo algum heterodoxa perante a teologia.

Razões das nossas atitudes: para o sr. P.º Valente, a revelação e as opiniões anti-transformistas de alguns sábios; para nós, dum lado o conhecimento duma multidão de factos cientificamente averiguados que é menos aceitável explicar por uma caprichosa e estranha convergência casual do que por uma lógica descendência, de outro lado também as opiniões transformistas de alguns teólogos e doutores da Igreja—embora estas opiniões possam, nos antigos, diferir do actual transformismo, como a antiga exegese bíblica (reconhece-o o sr. dr. Valente) difere das de hoje.

Quere dizer, o sr. dr. Valente argumenta com a teologia ou com a filosofia teológica, e acessoriamente—não sendo naturalista—com testemunhos indirectos e sumários de cientistas; nós argumentamos com os resultados dos estudos de biologia e com a filosofia científica, e, do mesmo modo, acessoriamente—não sendo teólogos—com as opiniões de teólogos, como Teilhard de Chardin, P.º Monchanin, etc.

Nunca nos propuzemos resolver, por nós mesmos e definitivamente, a questão da conformidade ou não conformidade entre o transformismo e as doutrinas da Igreja, embora desejassemos essa conformidade. Surpreende-nos assim que o sr. P.º Valente venha aludir à nossa competência... em matéria teológica. O título que demos ao nosso artigo, ao contrário do que escreve o rev. dr. Valente, não significa nada a tal respeito: apenas utilizamos uma parte do título do próprio trabalho do nosso amável contraditor. E fizemo-lo intencionalmente, porque o título dêsse trabalhara... muito longo, e afinal o que dêste nos interessava era o posição do problema das origens humanas perante a teologia, visto que sôbre a sua posição perante o transformismo e perante a filosofia científica, o digno sacerdote nos fará de-certo a justiça de supôr que sabemos alguma coisa...

O sr. P.º Valente, com todo o pêsso da sua categoria de professor de teologia, chamou-nos «temerário» e preconizou perante os seus ouvintes a doutrina de que o fixismo e a criação separada do homem, no corpo como na alma, são mais consentâneos com os princípios da Igreja do que qualquer doutrina salpicada de laivos heréticos do transformismo, mesmo do transformismo atenuado. Reagimos contra essa concepção tanto quanto no-lo permitia o conhecimento das opiniões de teólogos. Verificou-se a-final que o rev. Valente não é tão «irreductível» como nos apareceu na sua oração de sapiência. Realmente, quer S. Ex.ª o conteste quer não, Santo Agostinho e S. Gregório de Nissa não se podem dizer fixis-

tas, admitiam uma evolução, e, modernamente, sacerdotes eminentes não mostram perante o transformismo (que não exclua factos de criação ou mesmo uma constante acção divina através da evolução natural) a antipatia que o rev. Valente manifesta... ou manifestou.

O «limo» do Génesis, na formação do homem, aparece ao P.^e Teilhard de Chardin (*Études*, Paris, tomo 166, p. 577) como «um esforço prolongado da Terra inteira» e não como um pedaço de matéria amorfa. O mesmo ilustre sacerdote, embora reconhecendo as «dificuldades sérias» que o assunto ainda apresenta, entende que as opiniões transformistas, «familiares a S. Gregório de Nissa e Santo Agostinho, não devem desconcertar-nos». Pouco a pouco, diz, se conseguirá o acôrdo entre a ciência e o dogma, «sem regeitar de qualquer lado, o menor raio de luz», a menor parcela de elemento. «A Fé — conclui nobremente — precisa de toda a verdade!»

A seu turno, o P.^e Périer na *Revue Apologétique* (Paris, t. LX, p. 144), considerando manifesto o antropomorfismo da linguagem bíblica, declara que «não nos é vedado acreditar em que o trabalho do divino obreiro, incidiu sobre uma matéria já viva», porque «a transformação é menos considerável nesta hipótese, visto que o corpo animal se avizinha mais do corpo humano do que a matéria inerte».

Não insistamos. A causa está julgada. Comparem-se as reticências do sr. P.^e Valente ao nosso livro *Homo* com a largueza de ânimo com que um ilustre membro da Companhia de Jesus que é também um ilustre cientista, apreciou nas páginas insuspeitas da *Brotéria* (vol. V, 1927, p. 242) a 2.^a edição desse livro. Transcrevemos as últimas linhas dessa análise: «Para um católico, — conclue E. J. (o rev. Eugénio Jalhay) — poderão talvez ser tidas como menos exactas certas expressões do A., mas a elas não terei dúvida de aplicar, fazendo-as minhas, as palavras de P. Teilhard de Chardin, ao analisar na Revista *Études* (Março de 1921) a obra clássica de M. Boule: *Veillent les philosophes et les théologiens qui rencontreront ces phrases contestables ne pas se laisser impressionner par les mots, mais chercher à transposer dans un langage orthodoxe un enseignement dont les grandes lignes, sous un voile encore épais de conjectures et d'hypothèses, paraissent conformes à la réalité.*»

*

* *

O sr. dr. Valente não é naturalista, nós não somos teólogos. Ora, do mesmo modo que julgamos fóra do domínio da nossa

competência debater a questão dogmática e teológica, a exegese bíblica, etc., e apenas invocamos a tal respeito opiniões alheias, também supomos que o rev. Valente não pretende invadir com opiniões próprias o domínio científico. Os pareceres de cientistas em que se procura fundar, são respeitáveis em grande parte, mas nem são sempre susceptíveis da interpretação que lhes dá, nem algumas vezes valem tanto como factos objectivos que nos parecem mais concludentes...

Temos muita consideração por Sergi e Vialleton, por exemplo, mas não somos obrigados a partilhar as suas ideias sobre a evolução. Em vários trabalhos discutimos com elementos positivos as doutrinas de Sergi, mostrando a sua inverosimilhança. Para quê voltar ao assunto? Diremos apenas ao dr. Valente que o sábio italiano não é tão respeitador dos foros e da independência augusta do agrupamento humano que não procure em formas animais, como o *Propliopithecus* e o *Parapithecus* do oligoceno de Fayum, os representantes terciários daquele agrupamento...

O *Propliopithecus* — que teria o tamanho de dois palmos!? Quem conheça os trabalhos de Dubois e de Lapicque sobre as dimensões relativas do cérebro e do corpo nos Mamíferos e nas Aves, não poderá admitir um homem adulto com aquele tamanho, como não admite a verosimilhança dos pigmeus de Gulliver. Tais anões seriam quasi apenas cérebro!...

Mas sorri mais ao rev. Valente o poligenismo de Sergi do que o nosso transformismo moderado, monogenista? Não o cremos, porque o rev. Valente é, sem dúvida, monogenista. E já reparou o ilustrado sacerdote em que Sergi, em quem tanto se apoia, não invoca senão factores *naturais* nos processos formativos das espécies? Nos seus livros *I Mammiferi, Il posto dell'uomo nella natura, Problemi di scienza contemporanea*, etc., êle procura mostrar a origem marinha da vida e dos próprios Vertebrados, de todos os Vertebrados, descreve nebulosamente a embriogenia *formativa* das espécies, diferente da embriogénese individual, fala da matéria bio-química amorfa que daria todos os tipos biológicos em saltos que mais cabe classificar de «troppo acrobatici e perciò irrazionali» (as palavras que êle mesmo aplica ao modesto mutacionismo de De Vries), etc. etc. Pois não nos consta que se documente com «a letra» do Génesis para todos êsses paradoxos que, como já dissemos, não vamos agora discutir de novo.

Querida o sr. dr. Valente que desfiássemos aqui os factos? Mas a anatomia comparada e a paleontologia fornecem-nos um sem número dêles. Encontram-se nos livros modernos de Caullery, Guyénot, Labbé, Rabaud, Cuénot, Abel, Broom, Osborn, etc. Porém, as atitudes que alguns despertam nos próprios cientistas,

são diversas: destes uns falam em paralelismos, em coincidências, outros invocam relações genealógicas, para os explicar. Confessamos, por exemplo, que o grupo fóssil das Pteridospérmicas ou *Cycadofilicales* nos aparece, na Botânica, duma eloquência surpreendente e formidável para fundamentar o parentesco mais ou menos remoto entre as Pteridófitas e as Espermatófitas, a gradual aparição da flor. Pois alguns cientistas não encontram nesse grupo uma tal significação. Continuamos entretanto na nossa. O rev. Valente adoptaria de-certo o parecer destes especialistas...

O grupo dos Antropóides fósseis possui formas com alguns caracteres que, a nosso ver, como na opinião de tantos outros naturalistas, denunciam, senão relações genealógicas directas com o homem, pelo menos uma pluralidade de direcções evolutivas, entre as quais é *verosimil* ter aparecido a que conduziu ao homem, o que se depreende das afinidades *humanoides* de certos caracteres de alguns. Quere o sr. dr. Valente saber quais são estes caracteres: faça favor de lêr o nosso *Homo*, 2.^a edição, pp. 83, 88, 91, 95, 102, 103, 116, 117, etc.; pode lêr os trabalhos de Sera, Boule, Elliot Smith, Keith, Hrdlicka, etc., etc. Não há *uniformidade* de tendências em todos os caracteres? Mas, se houvesse, não estaríamos talvez aqui a discutir, porque a sentença teria de-certo passado já em julgado entre os cientistas. A ciência não é dogmática, e onde não tem a certeza sensível contenta-se com cautelosas hipóteses.

O simples título duma conferência do sábio paleontologista da Sorbonne, Prof. L. Joleaud, publicada no Boletim da Associação Francesa para o Avanço das Ciências (1932, p. 593) é bem expressivo. Intitulou-se esse trabalho: «*Os Primatas fósseis intermediários entre os Simios antropóides e os Homens*». Falando das descobertas do *Pithecanthropus*, do *Sinanthropus* e do *Eoanthropus*, o eminente paleontologista afirma que esses organismos «*viennent si naturellement combler la lacune séparant, dans le monde actuel, les Anthropoïdes des Hominiens, au milieu de la série des Primates.*»

Aqueles caracteres do *Pithecanthropus*, que são intermediários entre os do homem e os dos Antropóides, figuram em manuais e tratados de Antropologia, como figuram os que são mais humanos e os que são mais pitecoides. O *Sinanthropus* de Peiquim veio ainda trazer mais elos para esse encadeamento morfológico: os estudos de Davidson Black, do P.^e Teilhard, etc. o mostram sem hesitação. Note-se que esse encadeamento morfológico não nos parece cabalmente demonstrativo duma genealogia directa, mas é um índice perturbante, difícil de remover... Cada vez aparece menos fácil a separação estanque, nítida, entre os *Hominidae* e os

Primatas seus próximos vizinhos. Em que formas fósseis surgiu a linguagem articulada? Sabe-o o sr. dr. Valente? Nós não sabemos.

Reparou já o sr. dr. Valente no que escreveu Boule — cuja autoridade justifiadamente lhe merece o maior acatamento — sobre os caracteres do *Pithecanthropus*? Pedimos que releia: «Basta desde já afirmar o facto incontestável (*incontestável!* — está lá com todas as letras): a calote craniana do *Pithecanthropus* realiza verdadeiramente um intermediário morfológico ideal entre crânios de Simios Antropomorfos, como o Chimpanzé e o Gibão, e um crânio de Homem» (*Les hommes fossiles*, 2.^a ed., Paris, 1923, p. 25). E sobre o cérebro do homem de Neandertal? Se o sr. P.^e Valente leu essas páginas, é impossível que a origem animal do corpo humano lhe não tivesse aparecido à mente, mesmo de fuga, senão como uma evidência, pelo menos como uma presunção fortíssima. Só se o seu espírito se imobilizou, se estereotipou, numa fórmula arbitrária, cerrando definitivamente as portas, num mecanismo psíquico incompreensível, a qualquer nova evidência!...

Bem sabemos que intermediário morfológico não significa necessariamente intermediário genealógico! Mas o *Pithecanthropus*, o *Sinanthropus*, o *Australopithecus*, os homens de Mauer e de Neandertal, trazem testemunhos morfológicos tão impressionantes, através de tudo!... Numa casa praticou-se um crime cujo autor se ignora: succede que fôra visto, momentos depois, a sair furtivamente dessa casa um indivíduo estranho. Não há outros indícios. Que faz a polícia? Prende ou procura prender esse indivíduo. Porque êle é, necessariamente, o criminoso? Não, mas porque é natural que o seja, ou, pelo menos, que seja testemunha e possa esclarecer o caso. O rev. Valente, se fôsse comissário de polícia ou juiz de instrução, deixava-o fugir, pôr-se a bom recato. Que será preciso para que o estimável sacerdote prenda o *Pithecanthropus* como suspeito? Nem pelo mal que faz às suas ideias?

Concordamos em que a morfologia não basta para concluir definitivamente, se bem que muitas disposições comuns no homem e nos animais possam ser encaradas, senão como «prova directa» da evolução, pelo menos como tendo um valor probatório, análogo ao que pode ter em juízo uma série de fotografias, ou uma reconstituição cinematográfica dum crime, por exemplo. Da embriologia dizia o grande Brachet: «se a ontogénese não reproduz antepassados, testemunha em todo o caso a existência destes». A embriologia dos Tunicados é um argumento formidável em favor do transformismo, deem-lhe as voltas que derem.

Mas, a propósito de morfologia, concordemos mesmo com Sergi (aliás, acima de tudo, morfologista) em que «se tem atribuído à morfologia o primeiro lugar, à função o segundo, como

uma dependência» — numa inversão de valores. Vamos, pois, à fisiologia. Não são eloquentes as afinidades fisiológicas entre os homens e os animais? Não é favorável à tese do parentesco o estudo das reacções hemáticas? Não servem os animais de material de experiência para o estudo da fisiologia, da patologia, da terapêutica no homem?

No seu estudo *The evidence bearing on man's evolution* (Washington, 1928), o ilustre antropólogo americano Ales Hrdlicka chama a atenção para semelhanças do homem e de outros mamíferos no modo de concepção, no processo de desenvolvimento, no curso da vida, na senescência — e até na morte. Invoca semelhanças biológicas, semelhanças químicas, as analogias de todos os processos vitais, os soros, a opoterapia, outras afinidades glandulares, digestivas, circulatórias, etc. Apenas reconhece a superioridade humana nas mais altas manifestações mentais, porque na vida psíquica inferior ainda admite comunidade (instintos, medo, desejos, paixões animais)...

Negar o parentesco corporal entre o homem e os Primatas, negar a significação eloquente das analogias de processos biológicos fundamentais de seres inferiores até ao homem, não será, pois, negar uma verdade flagrante, não será uma cegueira obstinada e incompreensível, não constituirá uma ofensa à própria Razão humana? Analogias não significam necessariamente relações de filiação directa, mas tornam imensamente verosímil o parentesco. Este quer dizer origens comuns — longínquas ou próximas, mas comunidade de origens.

O rev. Valente julga-nos mutacionistas e invoca opiniões contrárias ao mutacionismo. Poderia juntar-lhes mais. O próprio Felix Le Dantec imaginava as mutações incidindo apenas sobre caracteres de segunda ordem ou «de ornamentação». Mas ninguém hoje pode duvidar de que *há mutações!* Provocam-se nos laboratórios. Ninguém hoje as nega, a sério, dentro da ciência. Podemos debater a sua extensão, o seu papel na génese de novas espécies (espécies biológicas — não as vagas espécies de que por vezes fala o rev. dr. Valente). Não se podendo já discutir se há ou não mutações, pode-se ser ou não mutacionista, isto é, explicar ou não por mutações a evolução.

No entanto, se à nossa vista há saltos pequenos no mundo vivo, há o direito de contestar *in limine* que nos milénios incontáveis dos tempos geológicos tenha havido saltos um pouco maiores?

A existência de soluções de continuidade, de lacunas, na sucessão das floras e das faunas, é perfeitamente explicável se atendermos às condições de formação dos estratos terrestres. Se essas lacunas não existissem e se os fósseis hoje conhecidos

representassem mais do que a ínfima fracção, que representam, das espécies que realmente teem vivido à superfície da Terra, talvez não se levantassem as dúvidas que alentam discussões como esta...

Continuamos a afirmar ao sr. dr. Valente que a maioria dos especialistas que se ocupam da paleontologia humana e da antropologia física, são *ainda* transformistas, e bem sabemos que assim é porque temos andado por Congressos e institutos científicos da especialidade, lêmos a bibliografia desta. «Está-se quasi universalmente de acôrdo sobre o facto de que o homem descende dum símio antropóide» — escreve R. Broom no seu recentíssimo livro *Les Origines de l'Homme*. E o mesmo autor admite «uma fôrça inteligente a dominar a evolução». Isto não agrada ao rev. dr. Valente?

Muitos (não nós — que nunca o dissemos como opinião *nossa* nem na 1.^a edição do *Homo*) dão até o transformismo como *demonstrado*, o que, a nosso ver, está longe de ser exacto. A *moda* fixista voltará? Talvez; entretanto, contra o que o rev. dr. Valente insinua, ela não alterará os *factos* positivos da Biologia, as aquisições tidas como *certas* pela ciência, mas as interpretações dêsses factos, as *hipóteses* erigidas sobre êles. A variabilidade das orientações científicas não é um motivo para a ironia com que o culto teólogo se lhe refere, mas antes um motivo de respeito pela ciência, que honestamente reconhece as suas incertezas e, sem anquillosos, sem desânimo perante as dificuldades, sempre está pronta às revisões, a recomeçar... As incertezas da ciência — a qual, aliás, tem também certezas — não impedem que dela tenham já resultado benefícios incalculáveis para a humanidade.

Continuamos a afirmar que o que distingue os animais dos vegetais não são a motricidade e a sensibilidade nos primeiros, como dizia o rev. Valente. Há mais de 20 anos que professamos cursos superiores de biologia e nunca adoptamos nem vimos adoptado êsse critério distintivo. Também quando preguntámos ao rev. Valente qual era o seu critério de «superioridade» de caracteres físicos do homem, fizemo-lo por êle não aludir então aos caracteres relacionados com a vida psíquica. Na verdade, em que é, por exemplo, que o aparelho digestivo do homem é intrinsecamente «superior» ao de muitos animais?

Quando expuzemos a tríplice razão do nosso transformismo moderado, conjugamos intencionalmente elementos dos quais uns favoreciam o criacionismo, outros o transformismo, chegando assim a uma fórmula transaccional intermédia. Dizendo que as nossas razões a favor da criação não contrariavam o fixismo, o rev. P.^o Valente abriu uma porta aberta.

*

* *

Muitas outras passagens haveria a comentar ou sublinhar, mas basta-nos registrar que o sr. dr. Valente nos não apareceu no seu segundo artigo tão irreductível e apaixonado como no primeiro. Falando em «apaixonado», há de nos permitir dizer sem ofensa, que sorrimos ao ler as suas alusões à nossa «paixão» em favor do transformismo. Mas o certo é que nos felicitamos por ter provocado num professor de história dogmática declarações que tendem a estabelecer uma ponte de bom entendimento entre a ciência e a religião. Afinal o rev. Valente aceita uma exegese do Génesis conforme com a ciência moderna, considera-o uma história popular e reconhece que, escrito numa época distante da nossa, concebe certos factos duma maneira hoje inadmissível. Mas, diz, a sua finalidade é diferente da da ciência e o que nele importa não são aspectos episódicos, as causas segundas, não se devendo confundir inspiração com revelação.

Afinal, embora o rev. Valente a firme que a Teologia é também ciência, embora combata o «desprêzo» (que não perfilhamos) dos positivistas e de alguns cultores das ciências experimentais, pela filosofia, pela metafísica e pela revelação, embora repita a frase de Moreux, de que o facto da revelação é de ordem experimental (nesto ponto parece que surge uma confusão entre a análise «científica» da historicidade da revelação e o carácter estritamente científico que esta possua como método e fonte do conhecimento), embora nos acuse indevidamente de «relegar para segundo plano» a Teologia e a Filosofia (que estamos nós a fazer aqui senão filosofia sobre dados da ciência ou da fé?), embora diga que os cultores das ciências físicas possuem a tendência a não admitir outras verdades ou certezas que não sejam as fornecidas pela experiência e pela observação externa e sensível — é ele mesmo que reconhece que a teologia e a revelação se ocupam das causas primárias, e a ciência trata das causas segundas, e é ele mesmo que escreve que «a Bíblia e a ciência não têm o mesmo fim nem o mesmo objecto, e não usam o mesmo método».

Exactamente, sr. dr. Valente! O método do teólogo, a revelação, a fé, são diferentes do método que o cientista — *no domínio puro da Ciência* — segue. É legítimo ao cientista filosofar, procurar, sobre as verdades positivas, experimentais, ascender a problemas de ordem geral, à metafísica. Podemos ainda considerar esse esforço como científico, se bem que em geral conduza a hipóteses, não a conclusões demonstradas como um teorema. Não é

vedado também ao cientista procurar relacionar as verdades experimentais e essas hipóteses e explicações com os postulados que a fé religiosa impõe aos crentes, sem a necessidade e a possibilidade de demonstrações científicas. Está ele ainda no seu direito — e, por nós, entendemos que faz bem. Mas, ao entrarmos no domínio puro da fé religiosa, já não nos encontramos no campo estrito da ciência. Isto não quer dizer que não haja uma ciência, uma história, uma filosofia das religiões, temas que ocupam simultaneamente a atenção do cientista e do crente.

As atitudes, os processos de indagação, as preocupações, do teólogo — como teólogo — e do cientista — como cientista — é que se não confundem, embora o teólogo possa fazer ciência e o cientista possa colaborar na teologia.

A prova da diversidade dos dois domínios do pensamento dá-a afinal o próprio dr. Valente, quando mostra que até palavras do vocabulário habitual tomam sentidos diversos na boca de um cientista ou na boca dum teólogo. Não precisamos de deitar abaixo das estantes os dicionários consagrados e os compêndios mais autorizados de ciência para verificar a legitimidade semântica da nossa compreensão de termos como «temerário», «espécie», «sensibilidade», etc., que, fundado nos seus expositores, o rev. Valente entende de maneira diversa da nossa. Dir-se-ia que falamos linguagens diferentes. O caso de Lapparent, dizendo que, se tivesse de resumir em quarenta linhas, as aquisições mais autênticas da Geologia, copiaria o texto do Génesis, é simplesmente lamentável. Os seus notáveis tratados de Geologia e Geografia Física não autorizam a supôr que essa frase fôsse mais do que uma *boutade*, imprópria do sábio insigne que foi Lapparent. Nada nesses livros reproduz o esquema do Génesis. O próprio dr. Valente reconhece que o Génesis é uma «história popular» escrita para uma época em que se não sabia o que se sabe hoje! Ao dizer aquela frase, Lapparent esquecera tãda a geodinâmica, tãda a tectónica, tãda a estratigrafia, tãda a geologia moderna.

Pensando precisamente na referida variabilidade de acepções vocabulares e lembrando as incertezas de limites na interpretação de textos sagrados como o Génesis, onde, como diz o rev. Valente, o «dia» pode não significar «dia», e a distinção entre «águas superiores» e «águas inferiores» pode não corresponder a distinção nenhuma, nós encerramos, pela nossa parte, esta discussão còrtez e desapaixonada com aquele sacerdote, registando com prazer que o mesmo sacerdote reconheceu: não ser adverso à Religião o «transformismo moderado»; não ser este necessariamente materialista e mecanicista; haver um transformismo dos padres da Igreja a que é simpática a «Criação evolutiva»; não poder o

Génesis ser entendido à letra em face das aquisições científicas de hoje; não saberem ao certo os teólogos qual o «limo» empregado por Deus para formar o homem; ter o transformismo dado um grande impulso ao progresso da ciência; enfim não ser profunda a nossa discordância.

Felicitemo-nos por ter provocado estas afirmações que mostram não ser afinal comnôco que se entendiam as palavras com que o sr. dr. Valente justificava a escôlha do assunto para a sua «oração de sapiência».

O prolongamento dêste debate não se explicaria, pois, da nossa parte. Limitamo-nos a afirmar ainda a nossa convicção sincera de que o acôrdo, a conciliação, são possíveis entre a Religião e a Ciência, desde que teólogos e cientistas se concedam mútuamente: 1.º que a revelação é o reconhecimento indefinido — mas certo —, não demonstrado cientificamente — mas seguro —, duma Realidade essencial, formidável, magnífica, imensa, que escapa aos meios limitados da análise sensorial mas que se nos impõe à razão e à fé, e que domina fulgurantemente o Universo; 2.º que a ciência é o reconhecimento definido, preciso, de múltiplas realidades mais modestas, mais fragmentares, aliás também interessantes e úteis, que se verificam experimentalmente, patenteando-se à nossa indagação metódica, na existência quotidiana e no mundo de relações em que esta se desenrola.

Não temos a idolatria da Ciência, mas respeitamo-la e admiramo-la no seu esforço porfiado e útil através dos séculos. Bem sabemos que, para além do seu domínio, há um mundo imenso perante o qual ela confessa honestamente a sua ignorância. Apreciamos mais esta confissão do que a olímpica superioridade dos que tudo sabem ou tudo supõem saber, desdenhando do trabalho recatado, mas fecundo, dos laboratórios, e sorrindo perante as limitações naturais do conhecimento científico. Tem a Ciência aplicações nocivas, como as mortíferas na guerra? Não tem tido a Religião paladinos que com os seus crimes mais a prejudicam do que a servem? E não abundam duma e doutra os benefícios?

Mas fiquemos por aqui. Iamos abandonando os pontos iniciais do debate e esquecendo que estamos a escrever numa revista exclusivamente científica. Ora, se, como já afirmamos, nos pode interessar o que de alguns nossos estudos se diz noutros campos do pensamento, não temos o direito de modificar a atitude neutral, acconfessional, destas páginas em matéria religiosa. É a atitude do cientista como cientista. Nada proíbe, porém, que, como homem, êste seja também um crente. Pensamos mesmo que, numa visão integral do Universo, num conceito justo da finalidade da existên-

cia, o deve ser. Mas isto já não é para aqui. Escrevemo-lo apenas em resposta ao sr. dr. Valente e para todos os leitores que não detenham as suas curiosidades e os seus interesses mentais na zona fronteira entre o domínio científico e a especulação metafísica.

MENDES CORRÊA.

Semana cultural galega

De 31 de Março a 7 de Abril realizou-se no Porto a *Semana cultural galega* que decorreu com o maior brilho, tendo sido feitas pelos ilustres membros do Seminário de Estudos Galegos conferências na Universidade sôbre varios assuntos, as quais despertaram tôdas o mais vivo interesse na numerosa assistência que acorreu a ouvil-as.

D'entre os assuntos que serviram de tema aos conferentes, alguns houve que devem ficar arquivados nesta publicação por se referirem a assuntos de que a S. P. A. E. se ocupa.

Tais são as conferências pronunciadas pelos Srs.:

D. PAULINO PEDRET — «Saco e Arce e os estudos lingüísticos en Galiza no século XX».

D. AFONSO R. CASTELAO — «As cruces de pedra na Galiza».

D. RAMON OTERO PEDRAYO — «Terra e alma da Galiza».

D. XAQUIM LORENZO FERNANDEZ — «A arte popular nos xvgos da Galiza».

D. VICENTE RISCO — «Hipóteses e problemas do folklore galego e português».

D. FEDERICO MACINEIRA — «Las estaciones préhistóricas del Ortegal».

No dia 5 de Abril reuniu-se, no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências, a secção de Etnografia do Seminário de Estudos Galegos sob a presidência de D. Vicente Risco, tendo sido discutidos e aprovados planos de estudos a realizar.

Os ilustres hóspedes retiraram no dia 7 de Abril tendo no regresso visitado Braga e a sua catedral, como do Pôrto haviam ido a Guimarães, Penha e Citânia de Briteiros, a convite da Sociedade Martins Sarmento, e ao Bussaco e Curia, a convite da Câmara Municipal do Pôrto.

Nas várias festas e sessões realizadas trocaram-se calorosas saudações entre os intelectuais galegos e os do Norte de Portugal.

Abade do Baçal

Bragança rendeu no dia 9 de Abril calorosa homenagem ao Rev. Francisco Manuel Alves, abade do Baçal, que, atingindo nesse dia o seu 70.º aniversário, era, por fôrça da lei, obrigado a abandonar a direcção do Museu Regional, função em que tão grandes serviços prestou. Foi inaugurado um monumento ao incansável investigador, realizou-se uma sessão solene, e houve outras cerimónias de consagração do venerando arqueólogo. Às homenagens prestadas por Bragança associaram-se o Govêrno, as Universidades, as Academias e sociedades científicas e numerosas individualidades em destaque de todo o país.

Em Lisboa, o Grémio de Trás-os-Montes efectuou também uma sessão solene em honra do seu ilustre conterrâneo.

O Govêrno, além de distinguir com a Ordem de S. Tiago o rev. abade do Baçal, resolveu dar o seu nome ao Museu de que êle foi prestante organizador.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia solidarizou-se expressamente com tão justas homenagens.

Rui de Serpa Pinto

O 2.º aniversário do falecimento do nosso inditoso consócio foi comemorado em sessão da Sociedade. Por ocasião da Semana Cultural Galega, efectuada no Pôrto, o Seminário de Estudos Galegos realizou uma romagem ao jazigo do seu saudoso associado. O relato desta eloqüente homenagem foi feito nestes têrmos por um dos ilustres membros do Seminário presentes ao significativo acto:

«Despois de têr depositado a Señora do Presidente do Seminario de Estudos Galegos o ramo de froles sobor da campa de Rui de Serpa Pinto, o Sr. Fernández del Riego pronunciou un discurso na sua lembranza en nome da xeneración nova de Galicia.

Dirixiu un saúdo a Portugal xunguido a Galicia por unha forte aperta de séculos.

Adicou un saudoso recordo ao grande mozo, ilustre cientista e gran amigo da Galicia, morto prematuramente cando a sua obra ofrecía as máis ópimas colleitas, Rui de Serpa Pinto.

Dí que as froles sinxelas e cordiales que deixa caer sobor da

campa doce e conmovedora do esgrevio portugués, son froles da ialma nova da sua terra aromadas de noite, de infindo e de tremoroso augurio, como o espírito mesmo da sua raza.

Lembra os anseios do romantismo do pasado século que latexa no cerne da espiritualidade galaico-lusitana, propensa â forma lírica, ao arte do sentimento, suxerida pol-a paisaxe que dicta emocións blandas e imaxinativas realidás. Antonio Nobre, Anthero de Quental e Guerra Junqueiro son o froito poético de Portugal. Eduardo Pondal, Rosalía de Castro e Curros Enríquez son o resultado anímico do romantismo galego.

O amoroso renacemento das duas Patrias, reinicia a xeira da compenetración que o meioevo plasmara na inclita obra dos cancioeiros.

Agora o coñecimento mutuo dos dous pobos irmáns vibra en ares de branco rexurdimento. E dista laboura de amor e de compenetración fora Rui de Serpa Pinto un dos máis firmes esteos. A sua morte chorada sempre foi unha perda consideravel para Portugal e Galicia, por a sua obra perdura e o seu espírito sigue aletexando antre nós, coma proel e coma guieiro inmorredoiro.

A morte arrebatou a Galicia xente nova, espranzadora. Poetas esquisitos: Amado Carballo e Manuel Antonio. Filósofos de fina sensibilidade: Xohán Vicente Viqueira. E cientistas destacados: Xurxo Lourenzo. A morte, tamén, quixo levarse cruel ao noso grande amigo e benquerido irmán: Ruí de Serpa Pinto. Él era mozo, amante coma poucos do cultivo das ciencias. Brilantísimo traballador en múltiples eidos da cultura e dunha bondade suma e un fervor de ergueita espiritualidade. Coa sua morte perdeu tanto Portugal, coma Galicia. Pra él un agarimo de irmáns, prâ sua lembranza unha oración saudosa».

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

ERNEST LENOIR — «*Quid*» de l'homme? — 1 vol. de 200 págs.,
Librairie Ernest Léroux, Paris, 1934.

Depois duma larga introdução em que, citando numerosos factos, combate o misonheísmo *à outrance* de certos meios e se detem sobretudo na crítica das ideias de Vialleton sobre a evolução, o autor examina alguns aspectos dos problemas das relações genealógicas entre o homem e os antropóides (especialmente o gibão) e entre o homem de Neanderthal e o homem moderno. Merecem-lhe particular atenção os caracteres da mandíbula de Mauer, as relações entre os antropomorfos e o homem nos pontos de vista da locomoção, do cérebro, do pulmão, do fígado, do cecum e do apêndice, da placenta, das glândulas, da coluna vertebral, do pterion, do pescoço, dos órgãos genitais, etc., o significado dos restos do *Pithecanthropus*, do *Sivapithecus* e do *Sinanthropus*, etc.

A despeito das estatísticas de Keith e doutros factos, E. Lenoir entende que é o gibão o antropóide com o qual o homem tem mais estreitas relações, e, quanto ao homem de Neanderthal, é de opinião que se não trata, como correntemente se admite, duma espécie colateral e desaparecida, mas dum intermediário na cadeia genealógica do homem moderno.

O livro de E. Lenoir contém muitos factos interessantes, mas em geral são tratados dum modo demasiado sumário. Algumas explicações propostas deixam-nos cépticos: o grande comprimento dos membros superiores do gibão explicar-se-ia «pela ginástica incessante e desordenada a que êle habitualmente se entrega»... No entanto, como disse, o livro, a-pezar-das suas pequenas dimensões, reúne muitos factos de interêsse para o debate dos problemas postos. Todo o estudioso de antropologia zoológica lerá, com interêsse e mesmo certo proveito, êste volume.

É justo salientar que o autor é desapaixonado e se defende de vãos de imaginação como os de Haeckel. É cabida a reprodução que faz destas palavras de Serres: «Na paleontologia humana,

o erro ameaça-nos de tantos lados, que nunca são demasiadas as reservas nas induções feitas sobre a consideração dos restos ósseos.

MENDES CORRÊA.

MARIO BARBÀRA — *I fondamenti della craniologia costituzionalistica* — 1 vol. de 181 págs., ilustrado, Roma, 1933.

O A. começa por fazer uma descrição das diferentes teorias que até hoje tem sido apresentadas no objectivo de achar uma relação entre o físico e o psíquico. Faz depois referência aos métodos de estudo dos crânios: métrico e descritivo, e, a propósito, apresenta objecções a um e a outro e destaca pela sua importância o de Frassetto que se funda nos graus de desenvolvimento, e ao qual o A. dá a denominação de «critério embriológico», notando contudo, e com razão, que enferma de alguns defeitos do método descritivo.

Estabelece então o seu «nuovo critério biológico, anatomo-funzionale, costituzionalistico» da classificação dos crânios. Pretende o A. com este método, relacionar a fisiopatologia com a forma do crânio.

Discípulo de Viola, adopta o critério deste sob o ponto de vista constitucionalístico e faz corresponder à vida vegetativa o crânio facial, limitado superiormente por um plano que passa pela raiz do nariz e pelo foramen auditivo, e à vida de relação o crânio cefálico, situado acima daquele plano. A cada uma dessas partes, no critério de Viola, correspondem respectivamente, o tronco e os membros.

Expõe em seguida algumas objecções que podem ser postas ao seu método, procurando interpretá-las pelo lado fisiológico, baseando-se simplesmente no raciocínio e nada em elementos experimentais, os quais, ve parece, devia procurar, como também devia procurar a existência ou não de correlação entre os «valores» do tronco e crânio facial e entre os dos membros e crânio cefálico. O próprio A. confessa que não sabe se tal correlação existe. A dar-se a negativa, podiam aparecer indivíduos braquítipos pelo crânio e longítipos pelo «habitus», o que biologicamente se não compreende, a não ser que estas denominações não correspondam a nada de fisiológico, o que vem tirar grande parte do valor a essa doutrina constitucionalística.

Na escolha das medidas o A. afasta-se um pouco das normas

da Antropologia, como de resto é vulgar ver em médicos que se dedicam a assuntos antropológicos.

Reparte os crânios por 13 grupos: um tipo médio, quatro combinações, quatro variedades e quatro formas de passagem. E, da mesma maneira que na sua modificação aos grupos constitucionais de Viola, tira-lhe o valor sintético.

Faz estudos sobre 367 crânios de lígures e chega à conclusão de que o tipo mais freqüente é o braquítipo (incluindo nêle as variedades, combinações e formas de passagem que se lhe ligam), com 221 casos, sendo menos freqüentes os harmónicos (incluindo da mesma forma as combinações correspondentes). Compara o tipo dos crânios com o índice cefálico e chega à conclusão de que não há relação nenhuma entre uma coisa e outra.

Juntamente com Muzio, Bardanzellu e Casazza, tenta aproximar a conformação dos ossos temporais e palatinos, a sela turca e a órbita.

Nota-se bastante, neste trabalho, a influência da escola de Lombroso, cujas ideias estão já um pouco abaladas.

A obra é ilustrada com fotografias de alguns crânios estudados e com diagramas, acompanhados da respectiva explicação.

A. MATEUS.

PEDRO BELOU — *Revision Anatómica del Sistema Arterial* — 1 vol. de XVI + 544 págs. e dois Atlas estereoscópicos de 243 + 199 estampas, Buenos Aires, 1934.

A recente fundação da Sociedade de Anatomia normal e patológica veio, por assim dizer, consagrar e unificar o importantíssimo labor dos morfologistas argentinos que, nos últimos anos, desenvolveram, em Buenos Aires e nas outras cidades universitárias, um dos mais importantes centros de estudos de Anatomia humana macroscópica.

A primeira obra de vulto apareceu em Buenos Aires no ano de 1925 ⁽¹⁾ e deve-se a Lagos Garcia; seguiu-se-lhe, em 1930 ⁽²⁾, Pedro Belou, com um trabalho de grande mérito, que a Academia

⁽¹⁾ Lagos Garcia, *Las deformaciones de la sexualidad humana*, Buenos Aires, 1925.

⁽²⁾ Pedro Belou, *Atlas de Anatomia del Organó del oído y de las Regiones con el vinculadas*, Buenos Aires, 1930.

de Medicina de Paris galardoou com o Prémio Testut no ano seguinte.

No enalço do eminente Professor de Anatomia descritiva de Buenos Aires seguiu o seu Colega de Anatomia topográfica Eugénio Galli (1), publicando, três anos depois, um belo estudo de Anatomia seccional do tórax, e especialmente do coração.

Em 1934, os dissectores da cátedra de Pedro Belou (2), em número de vinte e nove, deram à luz um luxuoso tratado de técnica anatómica em dois volumes, ilustrados com cêrca de 600 figuras originais.

Falando no esfôrço colossal dos anatómicos daquele País, não devemos esquecer os notáveis e originais trabalhos de museologia do Prof. Pedro Ara que, depois da obra que realizou em Cordoba (Argentina), se transferiu para Madrid, em cuja Faculdade de Medicina continua o seu labor.

A última obra de Pedro Belou consta de três grossos volumes. Prefaciada pelo Prof. Lapersonne, o Tomo I, dedicado à técnica, é profusamente ilustrado com documentação fotográfica e foto-tricrômica totalmente original.

De origem francesa, Pedro Belou ocupa há vinte anos a Cadeira de Anatomia descritiva da Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires, e sempre se ocupou especialmente do sistema arterial, podendo, assim, apresentar agora uma obra verdadeiramente monumental sôbre o assunto.

Além do trabalho de investigação pessoal, Belou estudou a obra de todos os anatómicos do mundo, principalmente os do último século, mencionando uma bibliografia exaustiva, na qual inclui largamente a parte portuguesa.

Em vinte anos, Pedro Belou observou o sistema arterial de três a quatro mil cadáveres. Calcule-se o que pôde fazer, com tão opulento material, um observador sagaz e laborioso como Belou.

O estudo técnico é extremamente desenvolvido e, para mostrar a riqueza da documentação, basta dizer que a bibliografia apensa no fim do Tomo I, ocupa cêrca de duzentas e cinqüenta páginas.

A colecção iconográfica do Instituto de Pedro Belou compreende 120 fotografias tricrômicas, 2:500 fotografias e 3:500 estéreo-fotografias sôbre trajectos arteriais.

(1) Eugénio Galli, *Corazon, Estudio descriptivo y topográfico*, Buenos Aires, 1933.

(2) Prof. Pedro Belou. *Prática Anatómica por los disectores de la cátedra de Anatomia*, 2 vol., Buenos Aires, s. d.

Na impossibilidade de editar todo êste material fotográfico, fez-se uma selecção que, todavia, compreende uma iconografia bem sufficiente para estudar as disposições normais e as principais variações do sistema arterial.

A primeira parte do Atlas (Tomo II) compreende as artérias da cabeça, pescoço, tórax e membro superior, e a segunda parte (Tomo III) ocupa-se das artérias do abdómen, da bacia e do membro inferior.

Não considera ainda completa a sua tarefa o grande anatómico de Buenos Aires; a obra em três volumes que estou analisando sucintamente é apenas a primeira parte do vasto programa de Belou, que promete editar ulteriormente um Tratado de Anatomia descritiva e topográfica do Sistema Arterial, que virá completar o seu programa.

Para ser, tanto quanto possível, completo, Pedro Belou pede aos seus colegas do mundo inteiro que lhe mandem exemplares dos seus trabalhos sôbre morfologia do sistema arterial, os quais serão devidamente citados na sua futura obra.

J. A. PIRES DE LIMA.

K. SALLER, CH. GUTBIER, A. KOHL & F. SCHIERECK — *Über die Vererbung der Kopfmasse und Indices* — Extr. de «*Zeitschrift für Konstitutionslehre*», vol. XVIII, fasc. 1.

Os AA. investigaram a hereditariedade das medidas e índices da cabeça, colhendo as observações numa população bastante homogênea, como é a do Holstein oriental.

Mas, antes de entrarem propriamente no estudo da hereditariedade, examinaram os caracteres não só debaixo do ponto de vista morfológico como ainda genético.

Notaram que, na formação dos diferentes caracteres, desempenham um papel muito importante a sua correlação, a diferença sexual e as influências da idade; que tôdas as medidas da cabeça analisadas são mais ou menos influenciadas pela estatura; e que as correlações das medidas absolutas da cabeça entre si são, na maior parte dos casos, positivas.

Relativamente à hereditariedade, depois de terem calculado os coeficientes de correlação entre as médias dos pais e as dos filhos, sendo o valor maior de 0,43, concluem afirmando que é necessário investigar a correlação entre pais e filhos, não só relativamente à mesma medida, mas ainda tomando em consideração a depen-

dência entre uma e as outras medidas. Em face dos números apresentados, conclue-se, como dizem os AA., que nos caracteres estudados existe uma evidente polimeria como já os resultados do estudo morfológico e genético das medidas claramente indicavam.

A. ATHAYDE.

HERNANI MONTEIRO — *Visibilidade do sistema linfático no vivo* — Extr. do «Portugal Médico», Pôrto, 1934.

O ilustre professor de Anatomia Topográfica da Faculdade de Medicina do Pôrto resume nesta conferência realizada em Lugo por ocasião das «Jornadas Médicas Galegas» de 1933 os resultados das experiências suas e de seus dedicados colaboradores Roberto de Carvalho, Alvaro Rodrigues e Souza Pereira para obter a visibilidade dos vasos linfáticos no vivo. Estas investigações estão na sequência das de Egas Moniz, Reinaldo dos Santos, etc., sobre arteriografia e flebografia, e foram inspiradas, durante o estudo da anátomo-fisiologia do simpático — a que Hernani Monteiro, Alvaro Rodrigues e Souza Pereira se consagraram — pela necessidade de averiguar da influência das simpaticectomias sobre a circulação da linfa.

Injectadas nos gânglios de cães substâncias opacas (abrodil, tordiol e ultimamente o torotraste, que é preferível), conseguiu a técnica consagrada de Roberto de Carvalho excelentes radiografias.

É escusado salientar a importância que este método, aplicado ao homem, virá de-certo a ter não só em Fisiopatologia e Clínica como na própria Fisiologia Geral.

M. C.

ALFREDO NICEFORO — *Profilo di una statistica biológica* — 1 vol. de 300 pág., extr. da «Difesa Sociale», Roma, 1934.

O grande Mestre da estatística dá-nos neste volume uma bela síntese da história, do estado actual e das perspectivas da estatística biológica. Examina em primeiro lugar os factos susceptíveis de apreciação estatística, refere-se em seguida às estatísticas médicas, à bio-estatística vegetal e animal e respectivas leis quantitativas e aplicações biométricas experimentais, à Antropo-estatística e Psico-estatística, aos estudos estatísticos em Eugenia e Genética, à Biosociologia ou Biologia social, etc. Por fim, ocupa-se dos

novos métodos de cálculo, da seriação, da variabilidade, da probabilidade e erros prováveis, dos perfis gráficos para o estabelecimento dos caracteres normais e anormais, da correlação.

São muito lúcidas e importantes as considerações do A. sobre o factor biológico na vida social, sobre o valor social das raças, sobre o exame biosociológico dos grupos de excepção (criminosos, homens de génio, etc.), sobre o aumento da população e dos grupos, etc.

O autor, espírito duma clara visão crítica e duma rara erudição, fornece neste livro seguras directrizes a quem quiser orientar-se nestas matérias em que a prudência e o saber se devem encontrar permanentemente associados.

M. C.

DR. RENÉ MARTIAL — *La Race Française* — 1 vol. de 350 págs., «Mercure de France», Paris, 1934.

O Dr. René Martial, encarregado do curso de Imigração no Instituto de Higiene da Faculdade de Ciências de Paris e conferente na Escola de Antropologia, considera a raça, não apenas no ponto de vista morfológico, mas também nos aspectos psicológico e histórico. Define-a «o conjunto duma população cujos caracteres psicológicos latentes ou manifestos (a língua especialmente) e cujos traços antropobiológicos constituem no tempo (história) uma unidade distinta». A trilogia «antropologia, psicologia, história» lhe serve de base para a noção de raça. Na verdade, os laços entre estas diferentes facetas dos problemas da população não aparecem bem claros e, embora reconhecendo na Europa as tres raças «fundamentais» clássicas — nórdicos, alpinos e mediterrâneos — o Dr. Martial fala-nos aqui e ali em «raça judaica» ou em «raça ariana» sem se saber ao certo o que elas são, e intitula corajosamente o seu livro «Raça francesa», quando, na verdade, teria feito melhor, a-pezar-de tudo, em escrever, por exemplo, «Etnia francesa»... Ele mesmo acha excelente a expressão «etnia» proposta por F. Regnault, embora o conjunto psíquico nesta apareça muito mais acentuado do que o físico. Mas poderia ampliar a expressão para «Bio-etnia»...

Na realidade, F. Martial emprega (p. 296) as palavras raça e etnia quasi como sinónimas, dizendo que uma raça, uma etnia, traduz a sua psicologia por um *habitus* exterior. De-certo. Mas o *habitus* externo duma etnia não é necessariamente uma raça.

Na sua definição de raça, já referida, Martial põe de parte o

mestiçamento « porque a raça é definida pelos seus resultados, por um estado, um *status*, um *habitus* ». « Os componentes desapareceram nela. Vê-se como esta definição é diversa da clássica, dos naturalistas, e esquece as diversidades somáticas no seio de muitas etnias.

Á parte o que há de confuso ou discutível em tal aspecto geral do livro, êste é cheio de interesse e erudição. As origens do povo francês, os seus elementos, o seu desenvolvimento, as suas mestiçagens e cruzamentos, o sua expansão, aparecem ali estudados com uma riqueza magnífica de documentos e informes. Muito curioso para nós o pequeno capítulo sobre os Portugueses em França. Importante a parte do livro consagrada aos Judeus.

Martial põe em evidencia os riscos que experimenta hoje a vitalidade francesa. Trata largamente os problemas demográficos do seu país e acentua neste o abandôno progressivo das actividades agrícolas, cuja origem vai buscar ao elemento lígure que, com os Gauleses e os Romanos, entende ter sido creador da « Raça Francesa ».

Sejam quais fôrem as objecções que suscite nalguns pontos, o livro do dr. Martial merece ser lido com atenção e é de grande proveito para todos os que se interessam pelos problemas populacionais, hoje em justo relêvo nos países civilizados.

M. C.

PIERRE ROFFO — *Sur deux gisements paléolithiques des environs d'Alger* — Extr. da « *Revue Africaine* », Alger, 1933; *Les civilisations paléolithiques du M' Zab* — 1 broch. illustr. de 75 págs., Alger, 1934; *Découvertes préhistoriques dans la région de Djelfa* — Extr. da « *Rev. Anthropologique* », t. XLV, Paris, 1935.

O conhecimento do paleolítico norte-africano vai constantemente progredindo. O A., no seu primeiro estudo, ocupa-se de duas estações paleolíticas de Sidi-Salém, a 30 km. a E. de Argel. São estações de superfície, pobres em documentos líticos, apresentando-se estes sem pátina marcada, factos que dificultam conclusões definitivas. Tipològicamente, porém, o A. reconhece a presença de uma utensilhagem grosseira mustierense, em quartzite, outras também mustierenses mais evolutidas em quartzite e em sílex, e emfim uma utensilhagem rara e mais fina de técnica

aterense, em sílex. Apareceu apenas uma peça capsense em sílex. Numa das jazidas surgiu um pequeno *coup de poing* chéleo-acheulense em quartzite, muito desgastado.

Com oportunidade o A. recorda as considerações de Boule sobre a passagem da indústria grosseira de quartzite para a indústria cuja matéria prima é o sílex.

Na segunda memória, o dr. Roffo, discípulo do illustre prof. Reygasse, descreve as suas descobertas paleolíticas na região do M' Zab, no Saará septentrional, ao S. da provincia de Argel, região que até agora não tinha fornecido quaisquer achados líticos. As novas estações estão escalonadas quasi tôdas junto da pista Ghardaïa — Beni Isguen — El Golea, e são cerca duma dúzia, sendo duma riqueza variável em instrumentos, que, porém, o M' Zab forneceu num total de 2:959. As estações pertencem ao paleolítico médio e superior, sendo de fácies nitidamente saariana pela sua pátina desértica e pelos conjuntos que formam. Novidades estão numa indústria de afinidade capsense pura, em instrumentos em crescente, e em formas aberrantes que constituiriam uma fácies local do aterense.

O capsense, puro ou misturado com outras indústrias, está representado no M' Zab, faltando, porém, aqui muitas formas, os ovos de avestruz, ossos trabalhados, mós e fauna. No entanto, diz o A., este capsense é mais antigo do que o encontrado até hoje no Saará. O ibero-maurusense falta no M' Zab. O dr. Roffo espera, porém, novas revelações noutras explorações que venham a realizar-se.

Interessa-nos dum modo especial o capsense final, com formas microlíticas geométricas de afinidades tardenoisenses, que aparece nalgumas estações (estações III e IV, Kef-Haouri, Gara-Taam).

Emfim, no seu terceiro estudo, o dr. Roffo descreve alguns ateliers líticos de fácies mustierense, aterense e capsense que descobriu ao sul de Djelfa, prolongamento meridional da provincia de Argel, também no território de Ghardaïa. Abunda a utensilhagem do capsense superior, aparecendo mesmo alguma capsense final. A pátina desértica não é completa. Aparecem núcleos e instrumentos em calcáreo, duma fácies mustierense evoluída ou aterense.

É importante o novo material fornecido pelo dr. Roffo para o conhecimento do paleolítico norte-africano. A maior dificuldade neste estudo é a falta de indicações estratigráficas ou faunísticas por se tratar, em geral, de estações de superfície, como sucede quasi sempre também no nosso paleolítico. A tipologia e a pátina não bastam para um escalonamento cronológico preciso mas, não

havendo mais elementos, temos de nos fundar exclusivamente nelas, salvaguardando com prudência rectificações futuras.

M. C.

A. DARPEIX — Station préhistorique de La Forge — Extr. do «Bull de la Soc. Histor. et Archéol. du Périgord», Périgueux, 1934.

Com o seu saudável sogro, M. Bourrinet, o A. dêste artigo fêz em 1925 a exploração desta estação madalenense da comuna de Plazac (Dordogne). Dá-nos a descrição do local, a estatigrafia, o inventário das peças líticas. Ausência de fauna, de ossos humanos, de indústria em osso ou chifre, de gravuras ou esculturas. Pela indústria lítica o A. fixa-se no madalenense (III ou IV).

M. C.

COMTE BÉGOUEN — Femmes préhistoriques — Toulouse, 1935.

Pequenina brochura sobre as conhecidas estatuetas femininas do paleolítico superior. Contra Luquet, que atribui às estatuetas aurinhacenses um fim estético, o Conde Béguen considera-as relacionadas com um rito mágico da fecundidade. No madalenense esta idea desaparece. Muito interessantes as considerações do A. sobre a tatuagem, a pintura corporal, o penteado, etc., nas mulheres prehistóricas.

M. C.

HUGO OBERMAIER — Estudios prehistóricos en la provincia de Granada — Extr. do «Anuário de Archiveros, Bibliotecários y Arqueólogos», vol. I, Madrid, 1934.

O sábio professor Obermaier explorou em 1916 a região da Serra de Harana, entre Moreda e Granada. Descobriu aí quatro abrigos com pinturas rupestres, e vários jazigos paleolíticos. É dêstes últimos que se ocupa no presente artigo. Trata-se, na sua maioria, de estações de superfície, com indústrias líticas mais ou menos misturadas, mas predominantemente do mustierense e do aurinhacense, surgindo, nalgumas, também peças neolíticas.

Como diz o A., os achados do paleolítico inferior da Serra

de Harana relacionam geográficamente os das províncias de Cádiz e Málaga com os das províncias de Almería e Múrcia. Quanto aos do paleolítico superior, teem grande importância por se conhecerem até hoje apenas estações do aurinhacense a leste desta região e poderem contribuir, como novos achados, para o esclarecimento de relações com o N. de África.

O Prof. Obermaier entende que mais uma vez se verifica haverem sido exageradas a área e importância do capsense, das quais, por exemplo, cabe ao aurinhacense reivindicar grande parte. Recentes descobertas levariam a imaginar a pátria do aurinhacense na Ásia Ocidental, donde se estabeleceriam várias correntes de expansão, duas das quais — uma através da Europa e outra pelo N. de África — viriam convergir na Península Ibérica. Depois dos trabalhos de Vaufray, é admissível que o capsense mais antigo seja uma civilização local, limitada ao S. da província de Constantina e ao de Túnis. O paleolítico superior europeu teria tido muito maior influência na Península Ibérica do que antes se supunha. As «gentes do norte», de caçadores da rena e do mamute, penetraram aqui mais do que se julgava. No paleolítico superior mais antigo foram até ao S. da Península; depois, ter-se-ia dado uma evolução local ou um prolongamento tardio do aurinhacense, um epi-aurinhacense, sincrónico do solútreo-madalenense europeu. É então que surgem na Península os primeiros indícios do capsense, mas a arte rupestre estabelece nitidamente o carácter mediterrâneo, não derivado de França, da unidade cultural levantina e meridional da Espanha, unidade que então se constitui. A propósito, o A. afirma que ninguém pode hoje duvidar seriamente da idade quaternária das pinturas rupestres do levante espanhol, sobretudo depois da aparição em Parpalló, em níveis solútreo-madalenenses, de gravuras de estilo levantino ao lado das de estilo cantábrico.

Em suma o Prof. Obermaier, reconhecendo a existência dum domínio aurinhacense mediterrâneo e apenas, então, de algumas infiltrações capsenses na Península, entende que a principal vaga capsense não se espraiou ali marcadamente durante o aurinhacense e o epi-aurinhacense, mas só na fase final do capsense, coetâneo do azilense do N. de Espanha e do mais antigo tardenoisense francês. É a vaga que se apresenta «na sua forma pura» nos concheiros de Muge, e ao capsense final pertenceria também a mais antiga arte rupestre esquemática da Andaluzia, Serra Morena e Extremadura. A onda capso-tardenoisense invadiria no período subsequente a França, a Bélgica e a Inglaterra e chegaria à Dinamarca (desenhos do estilo capsense nos jazigos maglemosenses).

É de-certo muito sugestivo êste quadro geral que, com a sua grande autoridade, nos desenha o eminente prehistoriador, mas sem dúvida êle mesmo reconhece o seu carácter provisório, porque o conhecimento de algumas estações ainda é excessivamente sumário e imperfeito, sendo também de esperar novos achados que confirmem ou rectifiquem ilações como as expostas. Além disso, a reconstituição da marcha das civilizações prehistóricas na sua difusão assenta sôbre elementos por vezes demasiado precários. Mas a resenha de Obermaier é uma exposição autorizada do «estado actual da questão».

M. C.

FEDERICO MANCIÑEIRA PARDÓ DE LAMA — Los castros prehistóricos del norte de Galicia — Sep. do vol. I do «Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos», Madrid, 1934, 19 págs., 12 figs.

Na comarca ortegalesa, situada na ponta mais setentrional da Espanha, banhada pelo Atlântico e pelo Cantábrico, descobriu o A. numa área de cêrca de 700 quilómetros quadrados nada menos de 57 castros, irregularmente distribuídos desde a orla marítima até meia encosta das montanhas do interior. Dêste notável grupo castrejo, 36 são pre-históricos, alguns dos quais mais ou menos romanizados, e 21 essencialmente romanos, os *castra stativa*.

Estuda em especial os castros pre-históricos que aponta como os mais simples e de mais rudimentares processos defensivos entre os castros da Galiza.

A despeito da falta de escavações sistemáticas, falta que o próprio A. põe em destaque, e baseado nas suas características de situação, forma e natureza dos elementos defensivos, estabelece vários tipos assim discriminados:

a) Castros circulares ou ovais, situados quer em altos montes de ladeiras abruptas, quer em cabeços mais baixos e de encostas suaves, constituídos por um único parapeito térreo e um fôssco, e que em casos excepcionais apresentam um segundo fôssco a reforçar o lado mais acessível. A entrada no recinto entrincheirado fazia-se por uma aberta no parapeito levada até ao nível do mesmo recinto.

Do espólio arqueológico aparecido neste tipo de castros cita: machados de bronze de talão e anilhas, fragmentos de delgadas lâminas de cobre, cerâmica grosseira, restos de objectos

em ferro, um torques (?) de ouro, parte duma fíbula de tipo sabrosino, singelamente ornamentada no apêndice caudal, e vestígios de construções de pedra, algumas em forma de fornos.

b) Castros compostos, semelhantes aos anteriores mas apresentando anexo um ante-castro, ou seja, um segundo recinto em crescente lunar formado por outro terraplano um tanto escavado e situado num plano inferior ao entrincheiramento principal,

Como resultado de escavações sumárias em dois dêstes castros o A. refere restos duma pequeníssima habitação rectangular e na mesma vestígios da lareira com cinzas, fragmentos de vasos de cerâmica e um pequeno polidor manual, de pedra.

Num ante-castro descobriu uma espécie de rua estreita pavimentada à maneira das da citânia de Briteiros, marginada por ruínas de pequenas construções e entre elas parte dum pequeno «hogar» semi-circular, que só continha cinza.

O A. soube por informação que num dêstes castros têm aparecido «una especie de groseras cajas cuadrilongas de piedra, formadas por cuatro toscas lajas, clavadas de canto». Aventa a hipótese de se tratar de cistas, o que, a ser assim, documentaria a civilização do bronze. Neste tipo de necrópoles têm aparecido também alguns machados de pedra polida.

c) Castros simples. Pouco numerosos e situados em torno de alguns valesinhos litorais.

Não assentam nos cumes, em proeminências, mas sim no plano inclinado das faldas das colinas, sendo por isso dominados pelo prolongamento ascendente das mesmas.

Estes castros são de forma semicircular ou em ferradura com a parte convexa para o lado da encosta. O parapeito térreo, bem como o fôssco só contornam a parte convexa e os lados, enquanto que a frente inferior ou corda do arco foi simplesmente arranjada em terraço ou degrau, e assim pode dominar o sector baixo da ladeira em que assenta.

Todos estes castros têm fôssco, o qual adquire maior importância do que na generalidade dos tipos anteriores, de forma a compensar a situação topográfica desvantajosa.

Nestes castros teem aparecido machados de pedra polida, bastante cerâmica grosseira e mós manuais. Num castro dêste tipo encontrou-se cerâmica ornamentada, um punho de bronze duma espada de antenas de Hallstatt e um grande machado de ferro semelhante aos actuais de La Tène.

d) Finalmente um 4.º tipo representado por um único castro que pela sua forma circular e leves vestígios de pequeno fôssco e parapeito de mediano relêvo podia classificar-se no 1.º tipo mas que o A. individualisa, e bem, pela circunstância singular de estar

situado no meio de terras pantanosas, em situação nem dominante nem dominada dada a horizontalidade do terreno.

Na parte final faz eruditas considerações sobre a cultura dos castros e sua cronologia pondo em destaque a necessidade de se fazerem escavações sistemáticas em várias regiões do noroeste peninsular de forma a poderem ser esclarecidos devidamente os problemas arqueológicos postos em tórno da civilização castreja.

Desnecessário será encarecer o extraordinário interêsse que têm os estudos, que, como o do notável arqueólogo galego D. Federico Manciñeira, representam tentativas de sistematização dos castros do noroeste peninsular.

A designação de castro simples, dado pelo A. a um tipo de castro que como os outros apresenta parapeito e fôssos, parece-me que poderia ser substituída com vantagem por outra que especificasse precisamente a sua situação na base da encosta, no que essencialmente se distingue dos outros tipos.

SANTOS JÚNIOR.

EUGENIO JALHAY — *El culto del hacha en el Castro de Santa Tecla (La Guardia-Pontevedra)* — Sep. do n.º 216 do «*Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense*», Orense, s. d.; *Alguns cossoiros notáveis do "Castêlo" de Tendais*. Sep. da «*Revista de Arqueologia*», tomo 1.º, fasc. IX, Lisboa, 1934.

A propósito do aparecimento, no ano último, em Santa Tecla, de duas estelas em granito tendo gravadas cada uma delas um báculo-espiral com um machado triangular na sua base recorda a descoberta ali feita em 1919 dum rochedo com várias gravuras rupestres entre as quais sobressaía uma representação dum machado chato do tipo dos do primeiro período de bronze.

O A., com uma notável erudição, passa em revista os achados de vária ordem que são considerados como representações simbólicas ou votivas de machados em gravuras rupestres, dolmens e menhirs.

A par do culto da serpente e do culto solar que tiveram larga difusão no noroeste peninsular, havia também o culto do machado que o autor diz, e bem, ser confirmado pelos achados de Santa Tecla.

E termina o primeiro artigo concluindo que o culto do machado existente em Santa Tecla nos princípios da idade do bronze, como o atesta a gravura rupestre descoberta em 1919, persistia na idade do ferro como provam os gravados das estelas.

Num castro da freguesia da Tendais, concelho de Sinfães, a par de grande quantidade de cerâmica castreja, apareceu uma lança de ferro, e mais tarde 3 cossoiros de pedra, um liso e dois ornamentados.

O liso é de granito e dos outros um é de calcáreo e o outro também de granito.

O de calcáreo tem numa das faces, à volta do orifício que o atravessa de cima abaixo, 9 covinhas em disposição grosseiramente circular.

O terceiro cossoiro é o mais interessante dos três, não só pelas suas grandes dimensões e forma de disco achatado, como também pela ornamentação que o enfeita.

Numa das faces há 34 covinhas dispostas em dois círculos irregularmente concêntricos. Do outro lado dois quadriláteros o maior envolvendo o mais pequeno e tendo ambos como centro o orifício principal do cossoiro. Entre os dois quadriláteros oito covinhas simetricamente dispostas em dois lados opostos. O bordo é riscado a tóda a roda por um sulco equidistante das duas faces e cortado por 15 traços verticais separados uns dos outros cerca de 1 centímetro. O cuidado que o Sr. P.º Jalhay, arqueólogo distintíssimo, põe em todos os seus trabalhos, é uma vez mais demonstrado na notícia que estamos analisando, não só pela bibliografia que compulsou, mas pelo estudo comparado que faz com outros objectos arqueológicos semelhantes, o que lhe permite emitir a hipótese de que os cossoiros ornamentados de Tendais teriam um significado necrolátrico.

S. J.

FERNANDO MOUTA — *Contribuição para o estudo da pre-história angolense (Distrito de Malange)* — Sep. do t. XIX das «*Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*», Lisboa, 1934, 13 págs., 1 carta e 4 est. com 9 figs.

O A. foi encarregado dos estudos geológicos na Brigada de Estudos do Prolongamento do Caminho de Ferro de Luanda Além Malange, e nessa missão teve ensejo de descobrir uma interessante estação pre-histórica em N'zongôlo, baixa do Cassanje, Malange.

Trata-se duma jazida de superfície que forneceu machados (?), raspadores, coups de poing, facas, etc., ao todo 56 peças em pedra de natureza siliciosa, grés polimorfo, por vezes verdadeiro sílex.

Pelo estudo sumário destes instrumentos grosseiros conclue o A. que deve tratar-se duma estação paleolítica.

É mais um trabalho com que o Engenheiro Fernando Mouta concorre para o conhecimento científico da nossa grande colónia. Valiosos estudos de geologia, de etnografia e de arqueologia de Angola conferem-lhe um lugar do maior destaque entre os que desinteressadamente e com maior entusiasmo estudam os largos tesouros científicos do nosso grandioso império.

S. J.

MARCELLE WEISSEN-SZUMLANSKA (M.^{me} GEORGES VICREY) — *Un foyer primitif de civilisation* — «*Afrique*», XII année, Alger, Février 1935.

Nestas breves oito páginas, ardentes de entusiasmo pela decifração dos mistérios do passado, M.^{me} Georges Vicrey alude às brilhantes manifestações da arte parietal quaternária no ocidente europeu, às hipóteses sobre a existência dum foco pré-histórico de civilização atlântica — independente do domínio do Mediterrâneo oriental —, a ritos funerários, também ocidentais da pintura dos mortos e das câmaras mortuárias com ocre vermelho, ao culto solar «*espiritualista e individualista*», à abundância inumerável de dolmens de formas clássicas nos altos platós do Atlas, às suas explorações no Medras'en, etc.

De tôdas essas considerações, a Autora, inclinando-se para a tese ocidentalista, infere a necessidade de se procurarem indicações «*cada vez mais precisas*» sobre as relações entre as antiguidades da Europa ocidental e as do domínio norte-africano. É evidente essa necessidade, se bem que algumas relações se vão já esboçando entre as duas áreas. Simplesmente, ao mesmo tempo que surgem afinidades, notam-se também diferenças.

M. C.

DR. LOTHAR WICKERT — *Epigrafiá emeritense* — «*Anuário del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecários y Arqueólogos*», vol. I, Madrid, 1934.

O infatigável continuador de Hübner no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, dr. Lothar Wickert, associa-se à homenagem a D. José Ramon Mélida, prestada neste volume do Anuário de Arquivistas, Bibliotecários e Arqueólogos, ocupando-se de algumas inscrições

de Mérida, onde as pesquisas de Mélida exumaram numerosos documentos epigráficos.

Uma das inscrições estudadas por Wickert refere-se a uma reforma do teatro local no século IV. Outras inscrições, de carácter funerário, referem-se a personagens oficiais, a uma mulher que o marido louvava como mãe excelente e não, ao contrário do que se supoz, como médica ou parteira, etc. Nesta última inscrição leu-se «*medica optima*» onde autorizadamente Wickert reconhece «*mater optima*».

M. C.

Davidson Black (1884-1934) — *In Memoriam* — Geological Society of China, Peking Society of Natural History — Peiping, 1934.

A cuidada *plquette* que temos diante de nós, representa uma piedosa homenagem ao antropologista Davidson Black, falecido subitamente no seu laboratório, em Pekim, em 15 de Março de 1934. Davidson Black deixou um nome célebre pelos seus estudos sobre o *Sinanthropus pekinensis*, o famoso fóssil de Chu-Ku-Tien. Era discípulo da escola anatómica de Elliot Smith.

Nesta brochura comemorativa que contém o seu retrato, a sua biografia e a sua bibliografia, colaboraram, entre outros, o dr. Wong Wen Hao, director do Serviço Geológico da China, o dr. Paul Stevenson, professor de Anatomia, presidente da Sociedade de História Natural de Pekim, o dr. V. K. Ting, o dr. Amadens Graban, o P.^o Teilhard de Chardin, o dr. C. C. Yong, Mr. W. C. Pei, etc.

M. C.

G. H. LUQUET — *Deux problèmes psychologiques de l'art primitif* — «*Journal de Psychologie*», XXX^e année, Paris, 1933.

São bem conhecidos os importantes trabalhos de Luquet sobre a arte dos primitivos e a arte das crianças. Na sua opinião, o desenho figurado inicia-se pelo realismo intelectual (desenhar o que se sabe existir no objecto, ainda que não seja visível ao observador) que vai sendo substituído gradualmente pelo realismo visual (desenhar apenas o que se vê).

No presente artigo, extremamente documentado como são em geral os trabalhos do A., este examina o estado actual e os métodos de resolução de dois problemas psicológicos da evolução da

arte. O primeiro desses problemas diz respeito à ordem de sucessão de representação estática de animais em perfil absoluto ou em perfil relativo. No primeiro modo de representação, dos órgãos pares (patas, chifres, olhos, etc.) é figurado apenas, para cada par, um dos elementos. O perfil relativo ou perfil simples compreende a representação dos dois elementos.

O outro problema focado é o que diz respeito aos processos de narração gráfica do movimento ou de representação de espetáculos dinâmicos, de histórias. O A. indica as variedades dessas representações e, como para o problema anterior, as dificuldades em analisar experimentalmente o processo da sua evolução.

M. C.

DR. EMIL BREITINGER — *Körperform und sportliche Leistung Jugendlicher* — München, 1933.

Com o fim de estudar a dependência entre progressos obtidos nos exercícios de ginástica pela mocidade das escolas bávaras e a sua forma de corpo, mediu o A. cerca de 3.000 alunos que frequentavam essas escolas. Depois de os separar por idades desde os 10 aos 19 anos, calculou os diferentes coeficientes de correlação entre os caracteres métricos e as informações de aproveitamento.

Duma maneira geral os coeficientes entre a estatura e os informações dos exercícios físicos são pequenos (máximo 0,54 entre a estatura e o salto em altura) predominando os maiores desde os 14 aos 16 anos de idade. Entre o peso dos ginastas e os diferentes exercícios também os valores da correlação não são grandes (máximo 0,62 entre o peso e o arremesso da esfera aos 15 anos) e o A. diz que ela é maior nos exercícios em que é necessário imprimir uma aceleração a uma carga alheia ao corpo enquanto que é quasi nula naqueles em que o próprio corpo tem de ser deslocado, como nas corridas e no salto. Quasi que não há relação entre o comprimento do braço e os exercícios de arremesso. Pelo contrário há uma parcial diminuição dos resultados da corrida e dos saltos relativamente ao comprimento da perna.

E há uma forte semelhança entre os valores dos coeficientes de correlação já encontrados para o peso e os exercícios físicos e entre estes, a largura biacromial e o perímetro torácico.

O A. observa que os valores médios dos resultados dos exercícios físicos se encontram nos alunos pertencentes ao tipo

constitucional eurisoma, enquanto que os menores coincidem com os tipos leptosomas.

Duma maneira geral, conclue o A., que os caracteres somáticos isolados, como comprimento da perna, largura biacromial, etc., não favorecem por si só os progressos que se podem obter nos exercícios físicos, os quais estão mais ligados aos tipos constitucionais.

A. A.

EGON FREIHERR V. EICKSTEDT — *Die Mediterranen in Wales* — in «*Zeitschrift für Rassenkunde*», vol., I, fasc. I, Stuttgart, 1935.

O A. apresenta um estudo sobre a população de raça mediterrânea do país de Gales, baseado em investigações antropológicas feitas em Llangynog, Kerry e no sul e norte de Montgomery, e na arqueologia pré-histórica e histórica da região.

É um estudo minucioso e documentado, que muito contribue para os nossos conhecimentos sobre a expansão da raça mediterrânea e sua cultura pré-histórica.

O A. chegou à conclusão de que no país de Gales existem dois elementos: um de baixa estatura, dolicocefalo (índice 77) e cameprósopo, e outro de estatura elevada, com o índice cefálico médio de 79 e mais leptoprosopo que o primeiro. Estes dois elementos encontram-se representados, aproximadamente, em partes iguais.

Segundo o A., a entrada do elemento mediterrâneo nesta região deve ter tido lugar logo após o último período glaciário, dando-se uma segunda invasão entre os anos 4.000 e 2.000 a. C..

As conclusões a que o A. chegou neste seu trabalho concordam com as já obtidas por outros investigadores, mostrando que no país de Gales o elemento mediterrâneo não foi absorvido pelo nórdico, porquanto algumas aldeias de Llangynog e de Kerry, os indivíduos com caracteres da raça mediterrânea ultrapassam em cerca de 20 %, os que possuem caracteres de raça nórdica.

A. A.

ARMANDO PINTO CORRÊA — *Gentio de Timor* — 1 vol. ilustrado de 360 págs., Lisboa, 1935.

Antigo administrador da circunscrição de Baucau, em Timor, o sr. Armando Pinto Corrêa coligiu durante cerca de 6 anos de

permanência na longínqua colónia portuguesa, uma quantidade considerável de informes etnográficos sobre a região de Baucau e outros pontos da ilha. Os costumes e tradições relativos ao nascimento, à infância, à adolescência, ao casamento, à morte, guerras, alianças, desportos, organização social, medicina, cultos, festas periódicas, lendas, etc., são desenvolvidamente descritos neste livro, que é, sem favor, um dos mais notáveis que se têm publicado sobre etnografia colonial portuguesa. Uma bibliografia sobre a ilha de Timor e algumas ilustrações acompanham o valioso estudo.

Pinto Corrêa é céptico em relação a devaneios de alguns « antropólogos e etnógrafos » sobre as origens étnicas dos Timorenses e escreve com razão: « prehistória, arqueologia, antropologia, etnologia, são líquidos capitosos que embebedam cabeças fracas, espíritos pouco disciplinados, propensos a tomarem a nuvem por Juno e a fazerem dum argueiro um autêntico cavaleiro... » Mas a alusão evidente logo em seguida feita à série craniológica de Timor, estudada por Barros e Cunha, suscitou ao ilustre antropologista de Coimbra uma carta na imprensa que mostrou não ter essa série a suposta origem que cientificamente a desvalorizaria, de modo completo e definitivo, para o estudo dos timorenses.

Por outro lado, não sabemos quem tenham sido os « antropologistas » que, segundo o A., tomaram a sério as « mágicas descobertas » que serviram de alicerce às fantasias de conferentes « manipuladores dum estapafúrdio repertório de lendas » sobre timorenses. Ao contrário do que supõe o A., não chegaram, que saibamos, êsses devaneios a fazer incursão em qualquer congresso antropológico recente, se bem que tivessem sido anunciados sob o patronato dum instituto científico, desconhecedor por-certo do conteúdo real das comunicações. Quem escreve estas linhas viu diversas peças cerâmicas e osteológicas sobre as quais se pretendeu architectar toda uma nova mitologia timorense e em que se quiz descortinar imprevistas raízes etnológicas para aquela população. Com a mesma prudência que tem posto invariavelmente em todos os seus estudos, ficou cheio de cepticismo perante tão heteróclito e vago material, cuja proveniência não era esclarecida com os pormenores que na autêntica ciência se exigem como garantia documental e que, além disso, não apresentava os indícios objetivos duma antiguidade respeitável e significativa.

Ignoramos se alguém mais, com responsabilidades técnicas, viu êsse espólio e se pronunciou sobre êle.

Precisamente às rasgadas e pressurosas fantasias que prejudicam perante o grande público o prestígio de ramos sérios de

estudo, o sr. Pinto Corrêa prefere a colheita paciente e meticulosa dos factos. O seu livro demonstra brilhantemente o labor aturado e fecundo que realizou durante a sua estada em Timor.

M. C.

DOEKE BROUWER — *Bijdrage tot de Anthropologie der Aloreiland* — 1 vol. de 155 pág., excelentemente ilustr., Amsterdam, s. d.

A escola antropológica de Amsterdam que tem por figura primordial o ilustre professor Kleiweg de Zwaan, continua dando à estampa os resultados de sucessivas investigações no arquipélago timorense, sobre o qual já se publicaram importantes trabalhos de Ten Kate, Kleiweg, Bijlmer e outros distintos antropólogos holandeses.

O presente estudo refere-se às ilhas de Alor e Pantar, tendo o autor realizado ali mais de 1500 observações somatológicas em indivíduos dos dois sexos. Sucessivamente Brouwer expõe os resultados que obteve para a estatura, índices cefálico, nasal, facial, fronto-interorbital e outros caracteres métricos, e para a cor da pele, enrolamento do cabelo, grupos sanguíneos, etc., e chega à conclusão de que os montanhese das referidas ilhas são « Melanésios, resultantes duma mistura de elementos Proto-malaíos, com forte adição do elemento Papua ».

Tendo distinguido nas duas ilhas sete grupos para o seu estudo (Alor, Kalong, Barawahing, O-Alor, Lemma, M-Pantar, Kabir), o Autor mostra algumas diferenças entre estes grupos, aliás todos mais ou menos dolicocefalos ou subdolicocefalos e com pequena proporção de pregas mongólicas. O índice-bioquímico mostra em geral fraca proporção do grupo A, mas ao passo que esta excede nos insulares de Pantar a proporção de B, dá-se o inverso nos insulares de Alor. Em ambas as populações o grupo O é muito freqüente.

Quadros detalhados das medidas e índices, gráficos, bons métodos estatísticos, excelentes e numerosas fotografias, larga bibliografia, valorizam êste trabalho que honra o seu autor e a escola de que provém.

M. C.

EDWIN M. LOEB & ROBERT HEIN-GELDERN — *Sumatra — Its history and people* (E. Loeb); *The Archaeology and Art of Sumatra* (R. H. Geldern), 1 vol. de 350 págs. ilustrado, Viena, 1935.

Teem sido escritos vários livros sôbre Sumatra, mas não tão completos como este, sob o ponto de vista etnográfico. Os autores que firmam a presente obra, dividiram entre si a tarefa de escrever um livro o mais desenvolvido possível, sôbre os habitantes desta grande ilha da Insulíndia. Coube a E. Loeb a parte histórica e etnográfica e a R. Hein-Geldern a parte relativa à arte e arqueologia.

Na introdução descreve-se sumariamente a geografia, a geologia, o clima, a fauna, a história, as raças e povos, a divisão política e lingüística, e a população. Na história, como não podia deixar de ser, fazem-se referências à estada dos portugueses em Sumatra e ao modo como esta passou das nossas mãos para as dos holandeses.

Depois, o povo, a vida económica, a sociedade e a religião das diferentes regiões sumatrenses, são descritos com cuidado.

Na parte de Hein-Geldern, expõem-se os dados arqueológicos de Sumatra, comparando-os com o estado actual da cultura dos diferentes povos que a habitam.

Do estudo comparado das manifestações artísticas conclue o A. que se devem admitir influências do vários povos circunvizinhos e de alguns distantes.

A. M.

J. P. PÔRTO-CARRERO — *Grandeza e Misérias do Sexo* — 1 vol. de 200 págs., Irmãos Pongetti, Rio de Janeiro, 1934.

O ilustre psicanalista brasileiro, Prof. Pôrto-Carrero reuniu neste volume, que se lê com vivíssimo interesse, uma série de artigos e estudos sôbre o crime passional, o abôrto legal, a educação sexual, o exame pre-nupcial, o sentimento de inferioridade física, e outros problemas médico-sociais que tem estado últimamente na tela do debate no mundo científico e até em meios extra-científicos.

Pôrto-Carrero é um convicto defensor das doutrinas de Freud cuja orientação segue na análise das paixões criminosas, do sentimento de inferioridade física, na questão da educação sexual, etc. A verdade é que a leitura dum livro como o de Genil-Perrin nos

deixa muito cépticos quanto à extensão e oportunidade da psicanálise em criminologia e medicina legal. Quando os próprios partidários reconhecem o que há de utópico na criminologia psicanalítica, e como é reduzido o número de casos em que a interpretação e a terapêutica respectiva teriam cabimento, não será arriscado fazer tábua rasa dos actuais meios de defeza social para nada lhes substituir de eficiente?

Mas o eminente professor brasileiro de Medicina Legal não se arreceia das terapêuticas mais revolucionárias, menos consentâneas com as opiniões tradicionais, para a solução de vários males que afligem a humanidade. As suas ideas favoráveis ao abortamento legal, por motivos eugénicos, profilácticos, terapêuticos, económicos, morais, estéticos e profissionais, chocaram, por exemplo, certos meios científicos do seu país, provocando debates na imprensa, no Congresso Médico-Sindicalista, na Academia de Medicina, etc. A educação sexual é por êle preconizada, de modo que a uma criança de 5 anos se não oculte já a maneira como foi gerada.

Conheço Pôrto-Carrero, os seus méritos, os seus sentimentos dignos. A um homem assim não se responde com celeuma, com protestos fusilantes de indignação. Discute-se serenamente com factos e razões. Êle não defende a liberdade de abortamento, mas a legalização dêste em certas condições. Temos de convir em que a sociedade tradicional condena a mulher, no ponto de vista sexual, a situações torturantes a que poupa iniquamente o homem. Temos de convir em que a educação sexual metódica e correcta seria preferível às desilusões bruscas em certos convívios juvenis, com todo o seu cortejo de conseqüências brutais e nocivas.

Mas tôdas estas soluções têm averso e reverso. As mais desassombradas soluções racionais são espadas de dois gumes. Do abortamento prudentemente consentido e praticado em casos restritos, indicados pela mais perfeita lógica científica, dentro do respeito sagrado devido a uma vida humana — mesmo a uma vida embrionária —, não resultará na consciência pública, como da divulgação das práticas anti-concepcionais, a errónea, perigosa e indigna impressão de que a mais sã moral é conforme com a idea de que as relações sexuais no grupo humano não passam dum acto puramente animal, dum puro prazer sensual, a que se não liga o menor significado dignificador da espécie, e em que se não reconhecem as origens respeitáveis da vida? E o pudor mais elementar não será ferido, desvendando-se sem ambages a uma criança de 5 anos o processo fisiológico da sua origem? Estamos certos de que há muitas pessoas que, conhecendo os segredos da fecundação, nunca *pensaram* sequer no contacto entre os seus

progenitores do qual derivaram. Tamanho o ambiente de sagrada veneração que envolve os pais a nossos olhos. Há o direito de profanar sentimentos tão puros?

Da educação sexual sem limites, ao nudismo, ao amor livre, não medeia grande distância. A sociedade lucrará com o desaparecimento de todos os *tabús*? Bem sei que os há irracionais e nocivos mas também os há inofensivos e mesmo úteis. Que desapareça a rigidez de alguns, da qual resultam por vezes indefensáveis desgraças, plenamente de acôrdo. Que a severidade das tábuas de valores morais ou dos Códigos em relação ao abortamento seja compensada com medidas sociais de protecção à mulher, e que a educação sexual se faça gradualmente, habilmente, com decência e tacto—inteiramente de acôrdo também. Mas que o abortamento seja considerado correntemente de prática legítima (até por motivos estéticos!!!) e que os pais apareçam aos olhos dos filhos como simples animais reprodutores — não podemos concordar. Quanto ao abôrto, as causas mais correntes devem ser hoje as económicas e as morais: os filhos aparecem frequentemente como um encargo ou como uma vergonha. Removam-se essas causas, o abortamento tornar-se-á raríssimo. A solução preferível será a que a Itália procura hoje dar à situação desigual da mulher e dos matrimónios muito prolíficos, combatendo o celibato, protegendo inteligentemente a mulher que caiu, e o filho ilegítimo, protegendo as famílias numerosas, etc. Com que prazer lemos em «Lá Giustizia Penale» o discurso a tal respeito proferido na inauguração do ano judiciário de 1935 em Ancona pelo procurador geral Antonio Marongiu!

O livro de Pôrto-Carrero suscitaria um sem número de considerações, que não cabem nesta revista bibliográfica. Podemos não estar conformes — e não estamos — com muitas das suas opiniões, com os excessos freudianos na psicologia e na psiquiatria, com a latitude que o ilustre Mestre concede ao abortamento, à educação sexual, à indulgência com os delinquentes. Mas êle apresenta-nos com clareza e desassombro as suas ideas, expõe factos impressionantes, alguns da sua própria experiência clínica, e, se não tem inteiramente e invariavelmente razão, tem, algumas vezes, carradas de razão. O seu depoimento é o dum médico inteligente, culto e honesto. Não é infalível, não deve ser acolhido sem reservas, — mas é digno de ponderação serena.

M. C.

COLETTE HALLU — *L'Avenir professionnel des Enfants Anormaux et Délinquants* — 1 vol. de mais de 200 págs., Paris, 1934.

É uma tese de doutoramento em Direito, na qual, entretanto, o problema do destino profissional da infância anormal e delinquente é pôsto não apenas sob o aspecto jurídico, mas também sob os aspectos médico, pedagógico, moral e económico. Colette Hallu está bem orientada, notando-se no seu estudo um conhecimento profundo das instituições francesas que dizem respeito ao assunto, e dos ensinamentos de mestres, como Paul Boncour, repetidas vezes citado neste belo livro ao qual não falta a documentação concreta recolhida pela Autora na Escola Théophile Roussel e em Fresnes, como em patronatos.

Segundo a A., é evidente a insuficiência da organização francesa actual para tratamento de anormais, mas a insuficiência dessa organização é ainda mais manifesta no que se refere à *utilização* das anormais adaptáveis. Colette Hallu indica as perspectivas profissionais que se podem oferecer a menores atardados, instáveis, perversos, epilêpticos e delinquentes, mostrando como o regimen actual é geralmente desconexo e mau. Insiste na necessidade de instituições pedagógicas adequadas, de internatos de reeducação e de formação profissional, de patronatos, etc. A lei francesa de 1909 é deficiente; seria para desejar a adopção do projecto de lei de 1930. Isto no interesse dos menores e da sociedade a que êles podem ser úteis, em vez de prejudiciais.

De 45:969 crianças atardadas que se encontraram em França em 1927, só 2:000 são actualmente reeducadas em casas especiais. Pois a Suíça reeduca 5:700, a Holanda 6:397, a Alemanha 68:000, os Estados Unidos 96:000. E Portugal? Supomos que nem sequer há uma estatística de atardados. Expressivamente a A. diz que a orientação profissional considerada em geral é um problema, considerada em relação aos anormais envolve muitos problemas.

M. C.

GIULIO ANDREA BELLONI — *Sul "tipo" dell'uomo delinquente* — Quaderni de «La Corte d'Assise», n.º 9, Foggia, 1934.

O tipo criminal não aparece ao A. como «causa» do crime, mas antes como um «efeito» histórico do modo de viver e agir dos criminosos. A razão histórica, diz, fêz-se nêles natureza. Mas não há uma etiologia unitária do crime, nem a pretensa especifi-

cidade de caracteres. É necessário, segundo o A., examinar com «mente spregiudicata» as doutrinas criminológicas, tomando-as como hipóteses úteis de trabalho, e não apreciando-as dentro dum critério exclusivista de escola.

Não podemos senão aplaudir.

M. C.

LUÍS DE PINA — A propósito de alterações de figuras papilares digitais — Extr. do «Arquivo da Repartição de Antrop. Criminal do Pôrto», vol. III, Pôrto, 1935.

Este interessantíssimo artigo é motivado pelas publicações de Leonídio Ribeiro sobre as alterações patológicas dos desenhos digitais. Luís de Pina, como nós mesmos no Congresso de Identificação do Rio de Janeiro, acentua que estas alterações não destroem o princípio fundamental da dactiloscopia porque não significam a transformação dum tipo dactiloscópico noutro, mas a destruição progressiva das linhas papilares. Acrescenta Luís de Pina que Jeanselme, Blum e Terris já em 1923 demonstravam serem conhecidas dos dermatologistas as lesões papilares produzidas pela lepra. Este facto não significa, a nosso ver, que Leonídio Ribeiro não tenha tido o mérito de precaver os dactiloscopistas contra essas alterações e de estudar estas mais pormenorizadamente. Sobre as chamadas «linhas brancas» que o ilustre professor brasileiro considera possíveis sinais precoces da lepra, Luís de Pina tranqüiliza os seus portadores mostrando as divergências estatísticas a tal respeito.

Estes assuntos foram tratados numa sessão da nossa Sociedade à qual Luís de Pina apresentou o seu valioso trabalho, com muitas ilustrações. A propósito da discussão entre Locard e Leonídio Ribeiro, conclui-se que a divergência é mais aparente do que real. Nem Locard pode pretender que o princípio da dactiloscopia implica a indestructibilidade das linhas papilares por processos patológicos, nem Leonídio Ribeiro pretende certamente que as alterações patológicas destas invalidam aquele princípio, enunciado nos devidos termos. Com razão, Afrânio Peixoto, no dito Congresso, acentuou os perigos que há numa má interpretação dada pelo público a debates como este.

O estudo de Luís de Pina é circunspecto e documentado.

M. C.

RICARDO GUMBLETON DAUNT — Herschel e a dactyloscopia — 1 folheto de 31 págs. e várias estampas, São Paulo, 1934.

O sr. Gumbleton Daunt, chefe do Serviço de Identificação de São Paulo, procede neste opúsculo à revisão dos elementos relativos ao papel de W. Herschel na fundação da Dactiloscopia. Alguns autores, como Vucetich e Faulds, tinham reduzido a muito pouco ou a nada essa contribuição. As marcas digitais empregadas por Herschel nas Índias seriam borrões inexpressivos.

Pelo contrário, o sr. Gumbleton Daunt mostra sobre documentos incontrovertidos que no meado do século XIX Herschel obtivera verdadeiras impressões digitais, atribuindo-lhes um valor, para identificação, superior à fotografia e provando a persistência e a variedade dos desenhos respectivos.

O A. entende que não há prova de ter sido empregada originariamente na China a impressão digital para fins de identificação, sendo comum no Oriente no emprêgo das simples manchas ou meros borrões dos dedos como marcas.

As ilustrações fornecidas pelo A. no seu estudo mostram que de facto Herschel se deve considerar um dos fundadores da Dactiloscopia científica.

M. C.

GERARDO DANIEL — Riforma penale nel Messico e Dottrina Giuridica Italiana — 1 vol. de 116 págs., Roma, 1933.

Neste pequeno volume, prefaciado pelo professor de direito penal de Turim, Eugénio Florian, o A. descreve a evolução da legislação penal no México nos últimos anos, acentuando a influência que no Código Almaraz teve o projecto italiano da Comissão Ferri. Em 1931 essa reforma teve um recuo, mas a-pesar-dos defeitos técnicos então introduzidos, os princípios doutrinários da escola italiana subsistem essencialmente.

Justamente respeitoso com a iniciativa de Lombroso, G. Daniel declara-se entretanto contrário à opinião de que o delinquentes tenha uma constituição atávica autónoma e específica, definida por caracteres diferenciais anatómicos e físicos. Mas, com razão, reconhece que entre os delinquentes há um grande número de anormais, com predisposições que não são aliás uniformes. É este facto que a lei mexicana aceita, e bem.

Embora ela não consigne a indeterminação da pena, por ser anti-constitucional, estabelece limites largos nas suas disposições sobre a reincidência, a delinquência habitual, a «retenção» ou

prolongamento da detenção dos presos que se conduzem mal, a liberdade condicional, a «relegação», etc. «O deliçante é, como pessoa concreta, o protagonista da justiça prática».

A lei estabelece o trabalho carcerário, a reparação do crime, etc., e nas Penitenciárias autoriza-se desde 1924 a «visita conjugal», hoje, porém, ampliada em virtude das falsificações matrimoniais que surgiram, tornando o regimen injusto. Essas visitas, reconhecidas de efeito moralizador, são autorizadas para detidos bem comportados, condenados pelo menos a dois meses de prisão, exigindo-se a quem os visita certificado de boa conduta e um certificado médico favorável.

É presumível que entre a letra dos Códigos e a sua aplicação haja diferenças: assim, o regimen de trabalho carcerário ainda está por organizar. Por outro lado, verifica-se que, nestes como noutros assuntos, as leis sofrem as vicissitudes das transformações políticas.

G. Daniel tem, porém, confiança no futuro. E é bem diferente o regimen penal mexicano de hoje, da legislação de Porfírio Dias que mandava executar imediatamente, sem qualquer julgamento, os estupradores, homicidas e ladrões, presos em flagrante...

No entanto, ainda há pouco nalguns estados do México era considerado criminoso e punível o exercício do seu ministério por um sacerdote supranumerário, isto é, por qualquer sacerdote que ultrapassasse um certo número de eclesiásticos tolerado para cada cem mil habitantes...

M. C.

RENATO KEHL — *Conduta* — 1 vol. de 236 págs., Rio de Janeiro, 1934.

O ilustre eugenista brasileiro continua na propaganda meritória dos sãos princípios de higiene do corpo e da alma. O presente livro é um excelente repositório de preceitos de moral prática para indivíduos dos dois sexos. «Estou certo — escreve Renato Kehl — de que, assim como se exercitam os músculos para obter e manter boa compleição física, deve-se exercitar a vontade para obter e manter firme a consciência moral». Sabedoria, verdade, vontade, domínio, disciplina, mentira, sinceridade, amizade, bondade, cólera, método, preguiça, polidez, prudência, são, como muitos outros, os títulos de capítulos deste livro. Enumerando-os, verifica-se que o Autor não fez uma sistematização rígida de matérias, mas reuniu apenas, sem preocupações de ordem de

assuntos, páginas soltas de boa moral que oferece sobretudo aos jovens.

De-certo transparece naquelas páginas o fundo de cultura científica de que o seu Autor dispõe, mas o objectivo do volume é acima de tudo moralizador, e este objectivo é atingido, graças especialmente às qualidades literárias de elegância, clareza, simplicidade e persuasão que o dr. Renato Kehl tem manifestado em constante progresso, assinalando-se hoje na vida brasileira não apenas como o cientista justamente reputado, mas como um escritor de notáveis recursos.

M. C.

HILÁRIO VEIGA DE CARVALHO — *Saúde e Medicina Legal* — 1 opúsculo, S. Paulo, 1934.

O jovem assistente do Instituto de Medicina Legal Oscar Freire, de S. Paulo, é seguramente um dos talentos mais prometedores da nova geração de cientistas brasileiros. No presente opúsculo, dá à estampa a palestra que realizou na Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de S. Paulo ao receber o Prémio Oscar Freire de 1929, prémio que lhe foi justamente outorgado pelos seus trabalhos de medicina legal.

Depois de sugestivas considerações literárias sobre a saúde, o A. mostra como o desespero que ela pode gerar em certos indivíduos, pode conduzir estes ao suicídio ou ao crime. Em 266 casos de suicídio que recolheu e estudou, deparou com exemplos em que a saúde desempenhava sem dúvida o principal papel etiológico. Já Ferraz Alvim, citado pelo A., havia notado que em 142 suicidas, a maioria (74) era de estrangeiros. «Não haverá aí saúde a invocar?»

Com razão, Veiga de Carvalho conclui: «Aquele que passou impune através a pena e a voz de poetas e cantores, teve um mau momento sob o bisturi do legista. Pôs-lhe, êle, a flor de liz à mostra. Denunciou-a. Abra-se inquerito».

Muito bem. A acusação está provada. Mas como eliminar a saúde nas almas em que ela nasce por causas irremediáveis? O dr. Hilário Veiga de Carvalho responderá de-certo que a ciência muitas vezes tem de se limitar à simples verificação de factos. Mas acrescentará sem dúvida que, evidenciados os perigos da saúde, é preciso não desamparar de vigilância e carinhos os infelizes que sofrem do doce mal...

M. C.

JAIME LOPES DIAS — Regime e organização do trabalho rural no concelho de Idanha-a-Nova — Separata do «Boletim de Agricultura», ano II, 3.^a série, Lisboa, 1934.

No concurso de monografias aberto pela Direcção Geral da Acção Social Agrária em 1933, foi premiado o trabalho, que temos presente, do ilustre etnógrafo, dr. Jaime Lopes Dias.

Entra esta valiosa monografia no campo dos nossos estudos sob um duplo aspecto: pelos informes etnográficos e históricos que fornece sobre Idanha-a-Nova, e pelos elementos importantes que contém sobre a demografia, higiene, conforto e outros problemas relativos à vitalidade daquela população.

O sr. dr. Jaime Lopes Dias põe em triste relêvo a insuficiência do trabalho regular para 1:500 famílias de jornaleiros, a falta de instrução e educação profissional, a deficiente alimentação do jornaleiro e de sua família, a falta de higiene, conforto, assistência médica, instituições de previdência, etc.

Muito sensatas as soluções que aventa para estes males.

M. C.

Zeitschrift für Rassenkunde, dirigida por Egon Freiherr von Eickstedt, Stuttgart, 1935.

Pela casa Ferdinand Enke Verlag, de Stuttgart, foi editada esta revista de Etnologia, que é dirigida pelo ilustre director do Instituto de Antropologia e Etnologia de Breslau.

Apresenta, êste primeiro fascículo, excelente colaboração abrangendo vários domínios da ciência antropológica e uma secção com valiosas informações do movimento científico antropológico de vários países.

Relativamente a Portugal insere uma notícia, firmada pelo sr. Prof. J. Pires de Lima, sobre o I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, realizado por ocasião da I Exposição Colonial, indicando essa notícia alguns trabalhos que ali foram apresentados.

A. A.

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO

SUMÁRIO:

FLORENTINO LOPES CUEVILLAS:

O culto das fontes no noroeste hispanico (Pág. 73).

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA:

Cancioneiro de Celorico de Basto (Pág. 105).

CARLOS TEIXEIRA:

O índice da secção dos cabelos nos Portugueses (Pág. 145).

Vária:—Dissecção de um Negro de Moçambique (ARMANDO LEXO);
Exposição de Etnologia Sul-Africana; A Teologia e a origem
do homem (MENDES CORRÊA); Semana cultural galega; Abade
do Baçal; Rui de Serpa Pinto (Pág. 153).

Revista bibliográfica:—BARBARA (180); BÉGOUEN (188);
BELLONI (203); BELOU (181); BREITINGER (196); BROUWER (199);
DANIEL (205); DARPEIX (188); DAUNT (205); VON EICKSTEDT
(197); HALLU (203); HERNANI MONTEIRO (184); «IN MEMORIAM»
BLACK (195); JALHAY (192); KEHL (206); LENOIR (179); LOEB &
HEIN-GELDERN (200); LOPES DIAS (208); LUQUET (195); MAN-
CINEIRA (190); MARTIAL (185); MOUTA (193); NICEFORO (184);
OBERMAIER (188); PINA (204); PINTO CORRÊA (197); PORTO-
-CARRERO (200); ROFFO (186); SALLER, GUTBIER, KOHL & SCHIE-
REK (183); VEIGA DE CARVALHO (207); M.^{me} VICREY (194);
WICKERT (194); ZEITSCHRIFT FÜR RASSENKUNDE (208).

TRABALHOS DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



VOL. VII—FASC. IV

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PORTO, 1935

BI
CA
al

A ARTE POPULAR NOS XUGOS DA GALIZA

por

XAQUIN LORENZO FERNANDEZ

Ao meu mestre J. R. dos Santos Júnior.

Tan imprensíbel coma os piñeiros e coma o ceo nubrado, é o carro na paisaxe da Galiza. O seu canto é o complemento inevitábel do marmurio do ár entre os arbres e do bruido das ondas na beira mar.

É algo tan fondamente noso que sendo unha creación do home, axuda á natureza a forxar a ialma dos nosos irmáns do campo.

A súa marcha vagorosa e segura fai na mente campesiña o mesmo efecto que a nosa paisaxe arisca, que os nosos rios de augas craras e que os nosos piñeiros sempre verdes.

O que conduz un carro síntese empuxado por íl sempre cara adiante, de un xeito lento e seguro, na conquista da súa terra. O carro ensínalle os camiños do mundo e móstralle a maneira de ir por íles pouco a pouco, señan bós ou ruins, con constancia e sin vacilacións.

O carro é unha parte integrante do vivir aldeán; non falla en ningún fogar campesiño, por probe que iste seña. Toda a Galiza está chea de carros que percorren os seus camiños, axudando ao labrego na loita cotidián coa vida.

É o carro algo que o campesiño olla coma moi seu. As vacas e o carro forman, por decilo así, parte da súa familia. É algo mais que un istrumento de traballo: é tamén o orgulo do seu propietario.

O coidado do campesiño fixase especialmente en dúas partes do carro: no eixo e no xugo.

O eixo quer ser ben feito; é a peza que resiste mais peso e compre que se nou crebe. Ademais, o bó eixo debe cantar coma un asubio:

Se queres que o carro cante,
compañeiro, meu veciño,
bótalle o eixo de freixo
e as treitoiras de sangriño.

O xugo merez unha especial atención por parte do propietario que entretén os seus ocios en decoralo a punta de navalla.

O xugo é a peza de madeira coa que se apoñen os bois ao carro.

Na Galiza usanse dúas castes de xugos: os de *mulida* e os de *canga*; estes poden ser á súa vez, de *brigueiros* e de *chanciles*.

O xugo de *mulida* (fig. 1) atase por meio de unhas correias aos cornos dos animais (fig. 2).

Os de *canga*, ben señan de *brigueiros* (fig. 3-A) ben de *chanciles* (fig. 3-B) descansan simplemente no pescozo dos bois, sen levar ningunha caste de ataduras.

Por esto, a superficie que se decora en cada xugo, varia según a caste de que iste seña.

Nos xugos de *mulida* a superficie ceibe é moi pequena, pois case todo íl vai ocupado pol-as correias que o atan aos cornos dos bois.

Nos de *canga*, pol-a contra, podese decorar todo o xugo, pois non hai nada que o estorbe.

Convén advertir que a decoración dos xugos non responde somentes a unha necesidade estética, senón que tamén pode ter un senso utilitario e outro máxico.

Así pois, a decoración dos xugos obedece a catro motivos: dous puramente utilitarios, un supersticioso e outro estético.

Os xugos, especialmente os de *canga*, teñen case igoal a súa parte anterior e a posterior; de aquí que seña preciso un sinal pra distinguir facilmente o anverso e reverso. Iste sinal pode, ao se complicar un pouco, ser ao mesmo tempo un motivo decora-

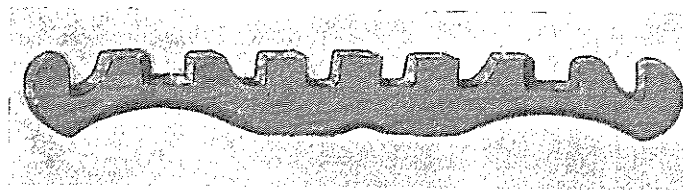


Fig. 1 — Xugo de *mulida*

tivo. Tamén se usan sinais pra que cada ún poida distinguir o seu xugo.

Outras veces, a decoración de algúns xugos obedece á necesidade de preservar o gado das influencias malignas dos nemigos que o labrego tén no mais alá, como o tardo, o demo, etc., e de outros que pertescendo ao mundo dos mortales, aproveitan certas

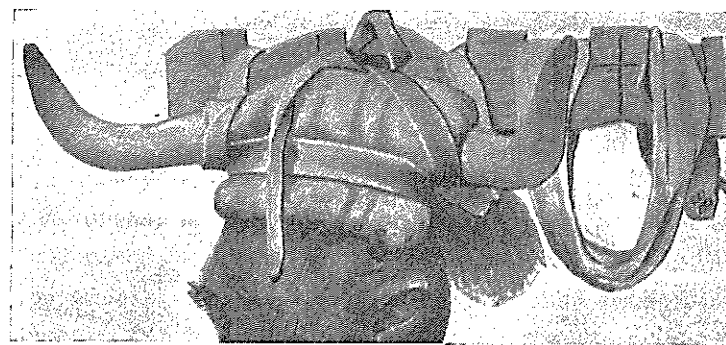


Fig. 2 — Xugo de *mulida aposto*

forzas superiores de que se atopan investidos, pra lle causar mal, coma as bruxas e os botadores de mal de ollo.

Con iste obxeto, fanselle aos xugos certos dibuxos que teñen a virtude de contrarrestar as forzas do mal, como é a cruz, o *salomón*, o trebol, etc.

Finalmente, os xugos decoranse co único obxeto de conseguir

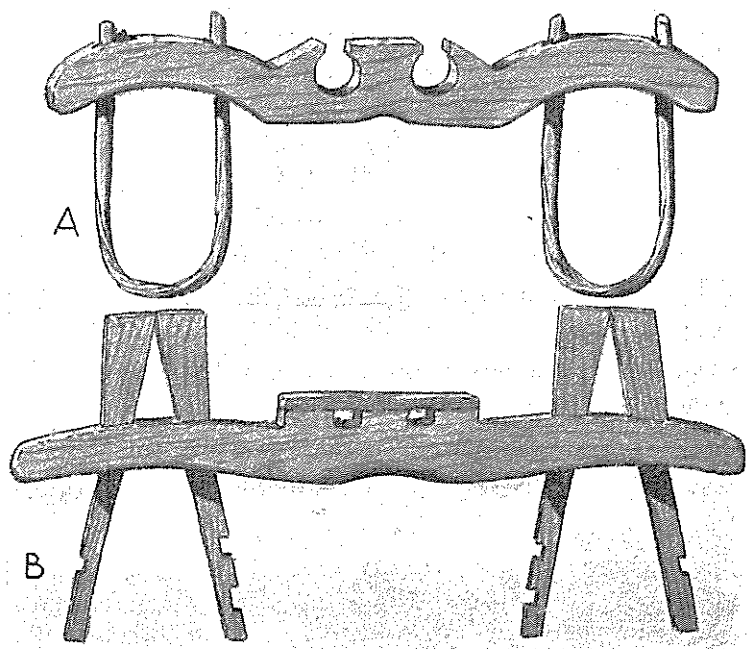


Fig. 3 — Xugos de cança, de *brigueiros* (A) e de *chanciles* (B)

n-iles unha máxima beleza, pra honrar o instrumento de traballo.

Asegún seña a caste de xugo, así é tamén a parte que se decora, como xa deixamos dito.

Nos xugos de mulida samente pode ser decorada a parte central. Non obstante, esta cativa decoración é enriquecida ás veces coa forma que se lle dá ao xugo, algunhas de gran orixinalidade e que somentes responden a unha necesidade estética.

Autre as moitas formas que os xugos de mulida adquiren, escollimos tres, que se vén na figura 4.

Denantes de nada, compre faguer unha observación.

En total as disciplinas a que o home se adica, hai unha casi imposibilidade de catalogar todol-os documentos que interesan. Ista dificultade aumentase de um xeito especial cando se trata das manifestacións actuais da ialma popular.

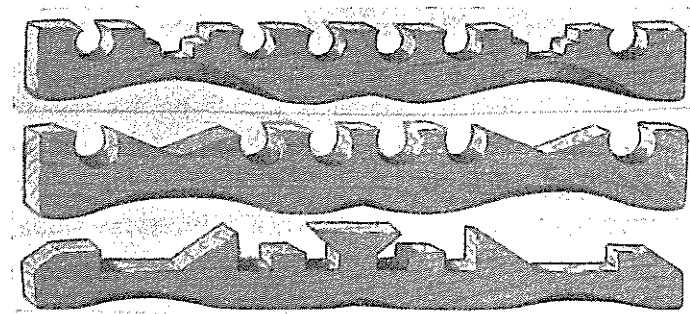


Fig. 4 — Formas de xugos de mulida

A etnografía tén por obxeto algo vivo, algo que está de cote a nacer, a se perfeccioar e a morrer. As manifestacións populares están constantemente a se producir e a dar por variación formas novas. É algo que pertesce ao pasado e ao presente, mais tamén ao porvir.

N-iste caso particular, uns motivos tense perdido, outros perfeccioanse, estendense, atinguindo grandes áreas de difusión. Outros, nacen inspirados nos vellos ou de un xeito caprichoso. Nós non nos atopamos no punto final de unha cultura, senón n-unha das múltiples fases e todo canto digamos tén que ser referido, por esto, a un intre dado e a um pobo determinado.

Por esta razón, eu non pretendo tér feito un coadro completo dos motivos decorativos dos xugos senon somentes dos mais xerales e característicos.

Prao eisamen dos motivos decorativos dos xugos, podemos intentar unha crasificación dividíndoos en:

- I. *Motivos xeométricos.*
- II. *Motivos non xeométricos.*

Os motivos xeométricos poden â sua vez subdividirse en:

- a) *Motivos xeométricos rectos,*
- b) *Motivos xeométricos curvos,*
- c) *Motivos xeométricos mistos.*

Vexamos agora os elementos decorativos según esta crasificación.

O motivo xeométrico recto máis sinxelo na decoración, é o coadrado, como resultante da descomposición de motivos xeométricos máis complicados.

O coadrado non aparece isolado na decoración, senón que pol-o engadido de outros elementos compárase deica adequirir certo valor estético.

O trazado das suas diagonales comenza a encher o espacio valeiro que a figura determina, dividíndoa en catro triángulos (fig. 5-A). Na superficie de istes inscíbense outros e así temos conseguido un motivo decorativo completo (fig. 5-B). Esta é a forma máis sinxela en que adoita empregarse o coadrado.

Cando somentes levan as diagonales atopanse agrupados en numero variábele, que responde â forma e tamaño da parte que se trata de encher. Unhas veces agrúpanse en senso lonxitudinal e outras formando un coadrado maior (fig. 5-C-D). Usanse tamén, anque raramente, coadrados que, no canto das diagonales, levan inscritos outros coadrados (fig. 5 E).

Os coadrados que se agrúpan formando ún maior, úsan-se tamén con diagonales e triángulos inscritos, complicándose notablemente de iste xeito o motivo primitivo (fig. 5-F).

O valor decorativo dos coadrados crece considerablemente n-unha forma máis usada. que consiste en trazar as bisectrices

dos ángulos resultantes das diagonales. Os coadrados así feitos agrúpanse deica encher o espacio destiñado a iles. Resultan de aquí unha serie de triángulos cuas superficies se tallan en bisel, dando gran vistosidade ao xugo que decoran (fig. 6).

Os coadrados, con calquera dos aditamentos que levamos visto, podense tamén atopar agrupados pondo en contacto os seus vértices e estendendo iste motivo na dirección e extensión que se precise (fig. 7-A-B C).

De estas agrupacións lonxitudinales de coadrados, ben teñan en contacto os vértices, ben os lados, trazandolles somentes unha diagonal, podemos considerar derivados outros dous motivos decorativos: a espiña de peixe e o zigzag (fig. 7-D E).

A primeira é de pouco emprego, mais non así o zigzag, cuio uso non se limita a Galiza, senón que o atopamos en todol-os tempos e en todol-os países.

O zigzag vai de cote incruído autre dúas liñas paralelas e o seu trazado pode ser máis ou menos sinxelo según os elementos de que conste (fig. 7-F-G).

O zigzag pode estar formado por unha soia liña, por dúas,

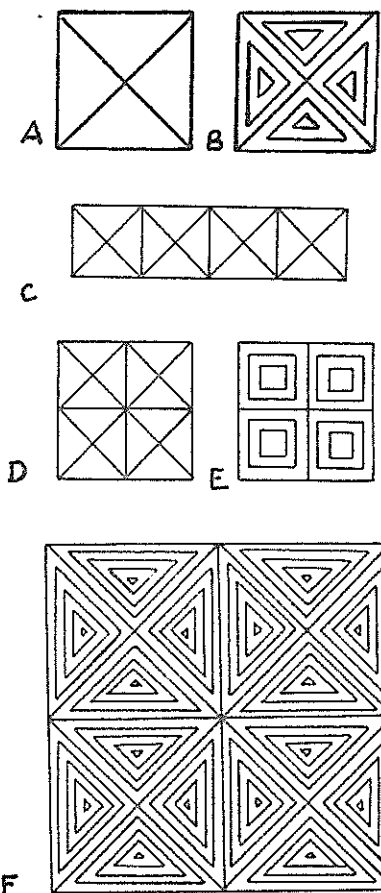


Fig. 5

por tres, etc., e os espacios valeiros que quedan entre il e as paralelas que o limitan, poden ir decorados con triángulos inscritos.

Todo o que levamos dito dos coadrados, podese decir tamén dos rectángulos, que substitúen aos coadrados cando o espacio a decorar así o exige pol-a súa forma. Atópanse os rectángulos agrupados, con diagonales, con triángulos inscritos nos que determinan as diagonales, etc. (fig. 7-H I-L).

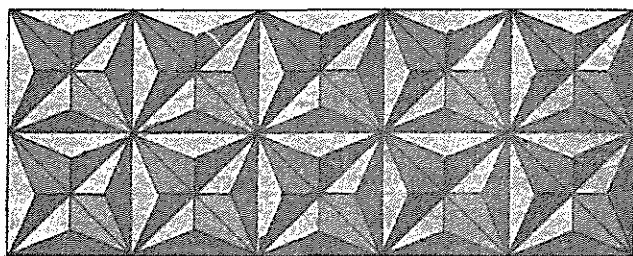


Fig. 6

Finalmente, coma motivo xeométrico recto, citaremos o reticulado, perpendicular ou oblicuo (fig. 7-M).

Iste reticulado adoita empregarse, mais ou menos miúdo, pra encher os espacios valeiros que podían quedar entre os motivos decorativos empregados ou nas que istes mesmos motivos determinan dentro de si.

Nos motivos xeométricos curvos, o elemento mais sinxelo, a forma xeneratriz é a circunferencia. De ela derivanse todol-os demais.

O mesmo que ocorre co coadrado, a circunferencia rarisimamente se usa isolada. A forma mais simple en que adoita aparecer é como duas ou mais concéntricas (fig. 8-A).

De todol-os motivos xeométricos curvos, o mais usado é, sen dúbida, a rosa de seis follas (fig. 8 B).

Iste motivo ten un curioso detalle que compre faguer resaltar: Si apoiamos n-unha superficie as puntas de un compás de carpinteiro, e faguemos xirar alternativamente cada unha de elas, sen erguelas pra nada, resultaranos trazada unha rosa de seis follas.

Esto fai moi usado dito motivo, pois aparte do seu valor

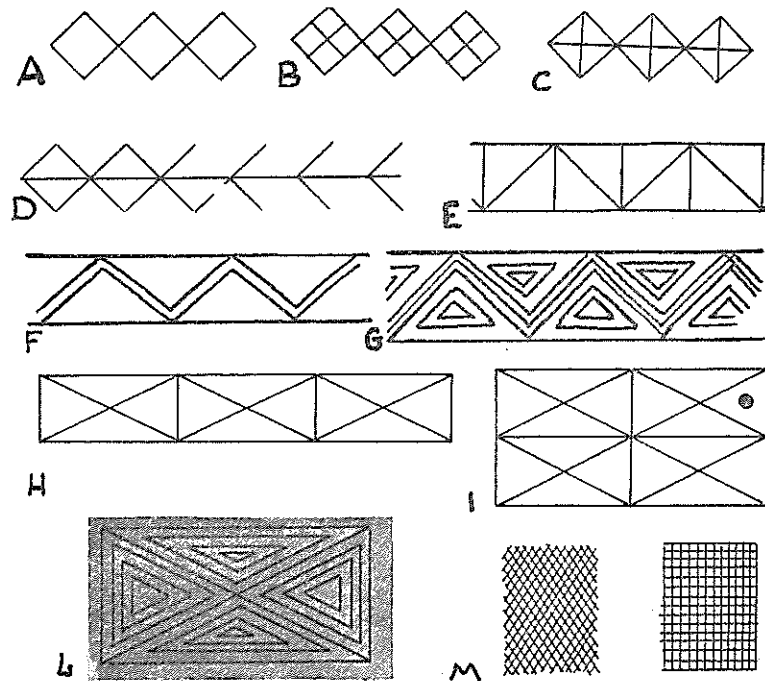


Fig. 7

estético, positivamente grande, o seu trazado é moito mais sinxelo que o de outros motivos de tanta complicación.

Si pra o trazado das follas aproveitamos coma centros os puntos en que dous diámetros perpendiculares cortan a circunferencia xeneratriz, saíranos unha rosa de catro follas, motivo tamén empregado con certa intensidade, anque non tanta, dende logo, coma a de seis (fig. 8-C).

Se colocamos varias rosas de catro follas unhas a seguido

das outras e trazamos novas follas que determiniñen triángulos coelas, teremos unha greca, que podemos tamén consideirar for-

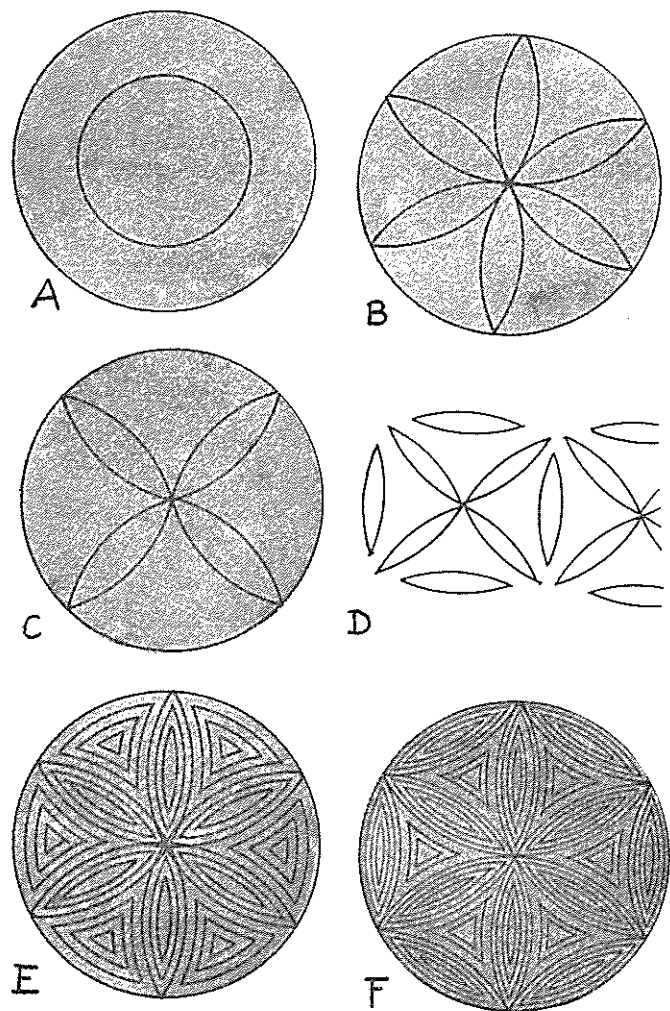


Fig. 8

mada por coadros con diagonales, cujas rectas son substituídas por follas (fig. 8-D).

O valor decorativo das grecas é moi grande, pois é mester que teñamos en conta que as partes a decorar nos xugos son, en xeral, alongadas e con ningún motivo se decoran tan facilmente como coas grecas.

A maioría das veces a rosa de seis follas aparece con certas complicacións.

A mais usual, consiste en faguer n-ela o que se fai, como xa vimos, en case todol-os motivos: utilizar figuras inscritas pra encher os espazos baleiros: Nas follas da rosa trazanse paralelas âs curvas compoñentes. Os triángulos curvos que forman as follas coa circunferencia xeneratriz enchense con outros triángulos curvos inscritos. A pesares de que isto complica moito o motivo primitivo, o seu trazado segue sendo sinxelo, pois conservanse os mesmos centros con que se trazou a rosa (fig. 8-E).

Anque iste motivo ten xa así unha gran complicación esta podese aumentar e así se atopa moitas veces. Os arcos comprendidos entre os puntos de contacto das follas e a circunferencia xeneratriz, transformanse â sua vez en novas follas, cuia superficie se enche con paralelas (fig. 8-F). Esta complicación aumenta tamén a dificultade do trazado, pois pra conseguir estas novas follas faise preciso o emprego de seis novos centros. Por esta razón, empregase algo menos que a rosa de seis follas eisaminada anteriormente.

Ante os motivos mistos, o mais lóxico é o formado por unha circunferencia cos seus diámetros (fig. 9-A). O número de estos varia según o tamaño da circunferencia e a necesidade de encher mais ou menos o seu interior. O emprego de iste motivo é moi escaso.

Ainda menos, empregase a circunferencia inscrita n-un polígono, xeralmente un coadrado (fig. 9-B). O seu valor decorativo é, pol-o demais, case nulo.

Mais abundoso, dentro do pouco que se empregan os moti-

vos xeométricos mistos, é a circunferencia circunscrita a un polí-

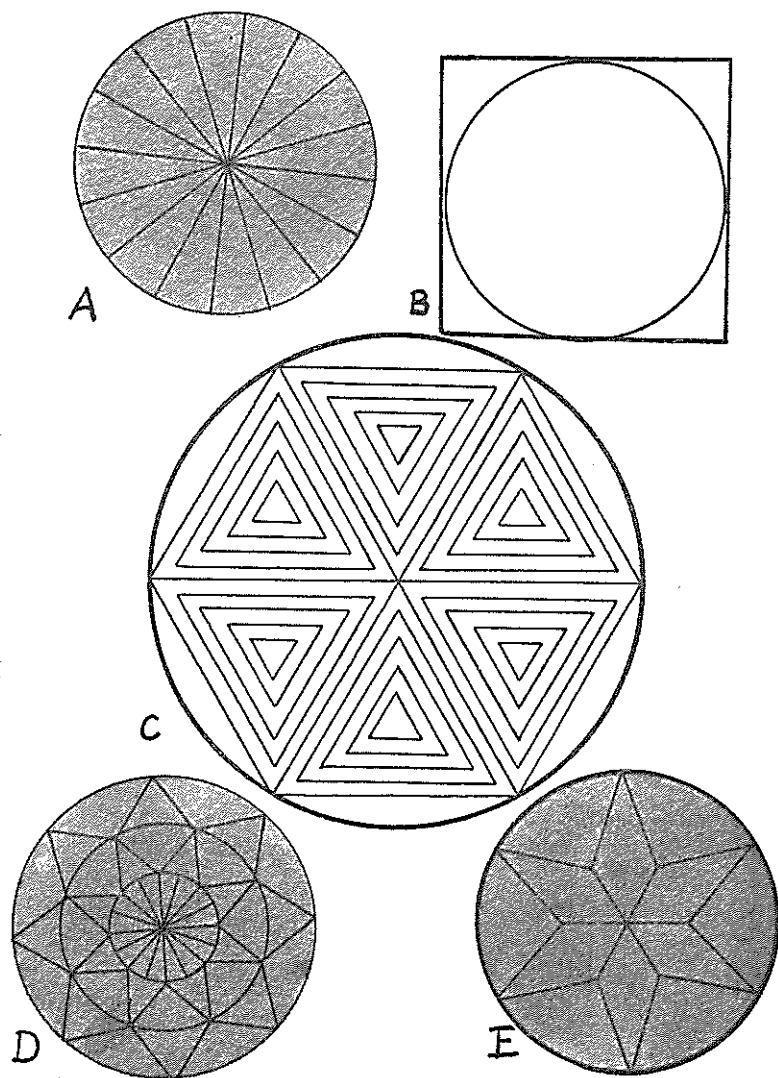


Fig. 9

gono que leva trazadas as suas diagonales e outros polígonos

inscritos nos espazos valeiros. O mais corrente é que seña un exágono, pol-a maior facilidade do seu trazado (fig. 9-C).

As circunferencias concéntricas de que denantes falamos, adquiren un gran valor decorativo, trazando entre elas úns zigzags e enchendo a central con diámetros (fig. 9-D).

Iste motivo emprega-se casi sempre pra decorar os extremos do xugo ou a súa parte central. Cando decora os extremos adoita faguerse somentes a mitai do dibuxo.

Esto mesmo ocorre con case todol-os motivos que se fan dentro de unha circunferencia e que, pol-o tanto, non é facil dis-pór en forma de greca.

Cando as circunferencias concéntricas son duas e o zigzag toca en seis puntos de cada unha de elas, si trazamos na central seis diámetros e suprimimos logo esta circunferencia, obteremos unha rosa de seis follas rectas (fig. 9-E). Iste motivo, cecais pol-o seu parentesco coa rosa de seis follas curvas, é un dos mais usados dentro dos motivos mistos.

Atopamos entre istes motivos xeométricos, ún que tén, non somentes valor decorativo, senón tamén un senso profiláctico: trátase da estrela de cinco ou de seis puntas (fig. 10-A-B).

Anque non figuran curvas n-iste motivo, incriuimolo entre os mistos porque prao seu trazado precisase unha circunferencia. Istes motivos son coñecidos co nome de *salomóns* e o seu obxeto é preservar o gado do mal de ollo e dos feitizos das bruxas.

Co mesmo obxeto que os *salomóns*, usase tamén a cruz, que pode ser de varias formas (fig. 10-C). A cruz siñifica a cristiainización de un motivo profiláctico calquera, ben seña o *salomón*, ben outro hoxe perdido.

Como facilmente se comprende, os motivos decorativos non xeométricos escapan a toda sistematización. Dependen do capricho do artista e non hai ningún canon ao que se axusten. Non obstante, observase certa preferencia cara algún de iles. Predomiñan

os motivos vexetales, especialmente aqueles que poden usarse como grecas, como ocorre coas ramas con follas laterales (fig. 11-A).

Preto de Sant-Iago de Compostela atopei unha fermosa estilización de rosa, feita en releve (fig. 11-B).

Mais raramente atopanse representacións animais mais ou

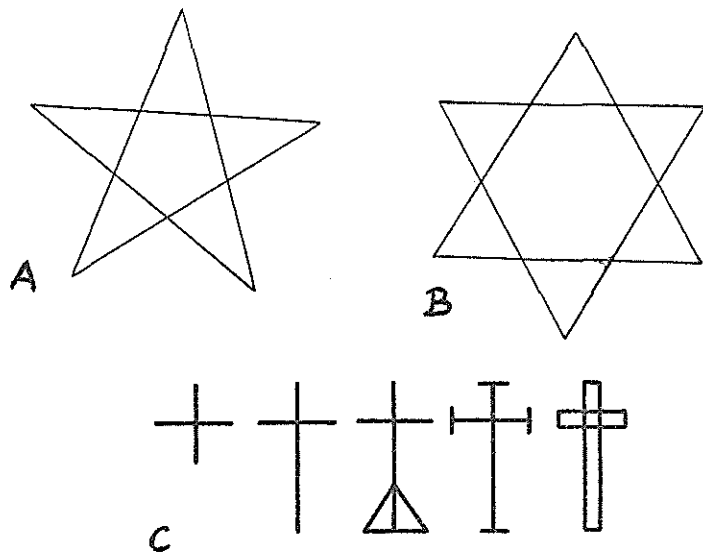


Fig. 10

menos estilizados, especialmente paxaros, mais o seu uso constituíe nos xugos unha excepción.

O xeral é que se aproveiten os motivos vexetales.

Como derivados da espiña de peixe que denantes vimos, podemos considerar dous motivos non xeométricos: ún formado por pequenos ángulos cos vértices na mesma dirección e outro semellante a iste, mais con follas no canto dos trazos rectos (fig. 11-C-D).

Ben é verdade que tamén a espiña de peixe a podemos considerar coma a estilización de unha rama vexetal, pero é mester

ter en conta que a crasificación que fixen dos motivos decorativos téñen por único obxecto facilitar a exposición do tema, sen que eu pretenda que esta división seña axustada a realidade.

Así derivo uns motivos dos outros pol-o seu parentesco e non porque de feito se produzan así.

Tamén é bastante frecuente o emprego do sogueado, faguendo un baquetón en releve e sinalando con trazos inclinados a trama da corda (fig. 11-E).

Finalmente, coa goiba empregada na feitura do xugo, conseguise unha decoración especial formada por meias luas (fig. 11-F-G).

Todos estes motivos, tanto os xeométricos coma os non xeométricos, empreganse indistintamente e ningún forma exclusivamente parte da decoración do xugo, senón que se mezclan uns con outros, combinanse, modifícanse deica formar unha serie infinda de decoracións.

Non obstante, algúns de estes motivos predomiñan en certas partes do xugo, por adaptarene mellor ás necesidades da peza que se quer decorar, pois é mester que teñamos en conta que toda a inventiva popular está limitada sempre pol-as posibilidades materiais.

Así por exemplo, cando se queren decorar os chanciles de un xugo, precúranse motivos que señan fáciles de estender en senso lonxitudinal, como é o zigzag, o reticulado antre paralelas, a espiña de peixe, as ramas vexetales, etc.

Prâ parte central do xugo, no espacio que deixa ceibe o loro, buscanse asuntos isolados: rosas, coadrados, circunferencias concéntricas, motivos froaes, etc.

Istes mesmos motivos son tamén empregados prâ decoración dos dentes ou *mornalles* e praos extremos do xugo, faguendo de remates da decoración central.

Xa temos dito mais atrás que os xugos de *mulida* decoranse pouco e dixemos tamén porqué.

Case unicamente se usan n-iles as cruces e os *salomóns* na parte central que o loro deixa ao descuberto.

Nos xugos de canga, a parte decorada é mais estensa.

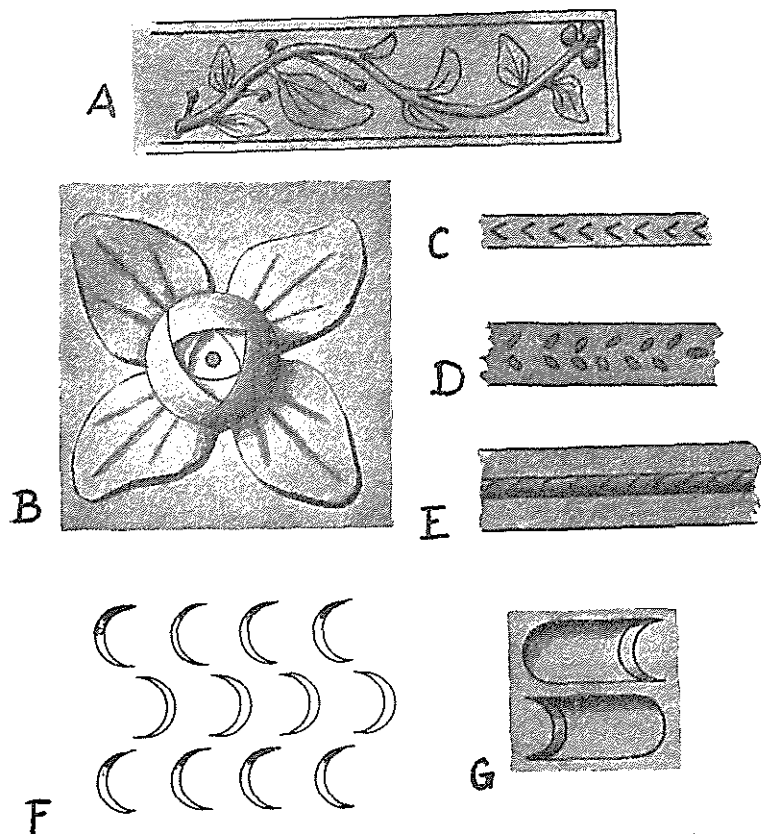


Fig. 11

Cando o xugo é de *brigueiros*, decorase a parte horizontal, pois os *brigueiros*, por seren pezas redondas, moitas veces de ferro, e por iren somentes na parte inferior e pol-o tanto pouco visibres, non se decoran.

Cando o xugo é de *chanciles*, como estas pezas son cháiras e sobresán por riba do xugo, ofrecen un bo campo prá decoración.

Así pois, os xugos que presentan unha parte decorada mais estensa son os de *chanciles*.

Cando se quer decorar un xugo con certa vistosidade e extensión, adoitan empregarse motivos xeométricos. Os non xeométricos reducen o seu campo á decoración da parte central, aos estremos e, ás veces, as *mornalles*.

No resto do xugo tamén se empregan, anque poucas veces, os motivos vexetales e n-iste caso escollense ramas ou outros semellantes que podían formar greca.

Nos xugos da figura 12, escollidos antre 97, aparecen misturados todos estes motivos.

Na Galiza é rarísimo o policromado nos xugos. Somentes conseguin deica hoxe recoller dous cúa decoración fose completada co emprego de coores.

Os motivos decorativos de estes xugos son dos mais correntes e somentes o feito de estaren policromados os distingue un pouco, auque á policromía seña mais ben probe.

Un de iles (fig. 13-A), é de preto de Sant-lago de Compostela e o seu dibuxo é moi sinxelo: unha simple rosa de catro follas.

O outro (fig. 13 B), é de *mulida* e foi recollido en Calvos de Randín, no sul da provincia de Ourense, moi preto da raia portuguesa.

A coor roxa de iste xugo é moi empregada en toda a rexión da Limia pra conservar as rodas dos carros. Algunhas veces, a coor estendese ao xugo, coma n-iste caso.

As outras coores, azul e marela, son moi correntes na arte popular galega: son as que predomiñan nas mantas, etc., e obtéñense por meio de anilinas.

Pra dar maior realce aos motivos decorativos empregados nos xugos, utilízase, aparte da coor, os procedimentos técnicos de *trazalos*.

O mais corrente é que se fagan con liña seguida.

Non obstante, cando o motivo é sinxelo, usase o punteado.
É moi frecuente, dado o seu alto valor estético, tallar en bisel os planos do dibuxo, pois dá un gran releve ao total.

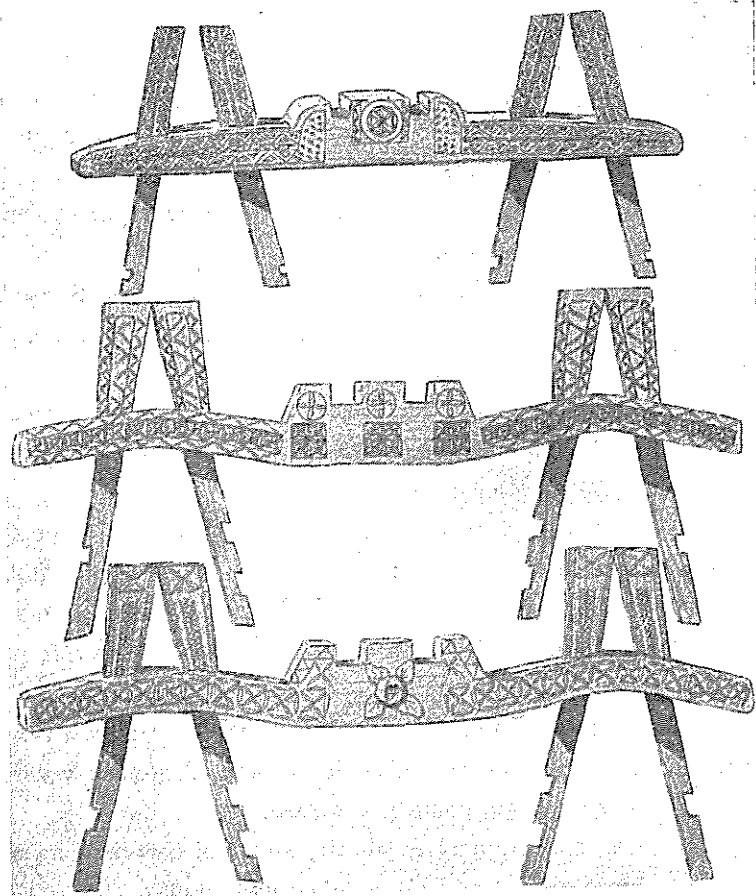


Fig. 12

Estas tres técnicas, a de trazo seguido, a de punteado e a de talla, non se empregan isoladas, senon que se misturan e n-un xugo poden entrar as tres.

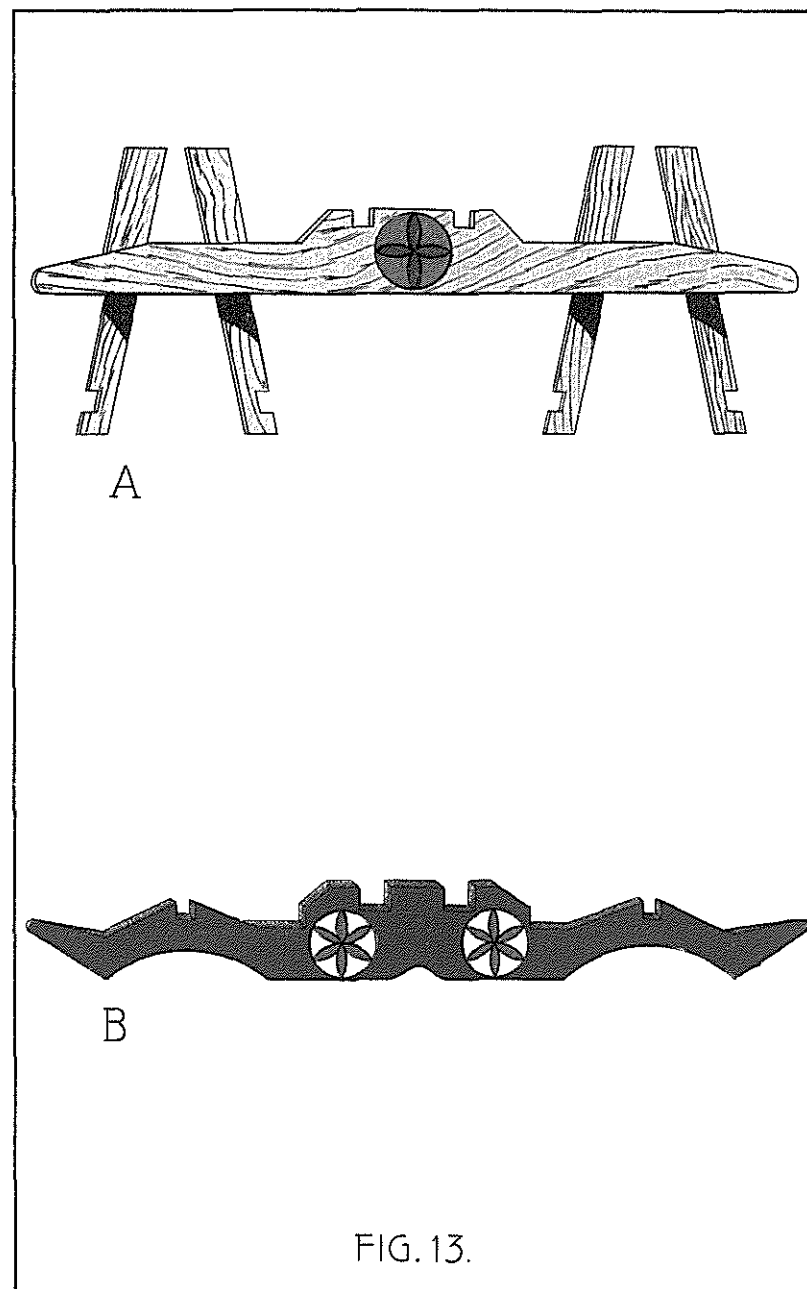


FIG. 13.

Pol-a provincia de Lugo é moi frecuente realzar a decorada dos xugos coa aplicación de clavos dourados, especialmente nos centros das figuras e nos puntos de cruces das liñas.

Antre os motivos decorativos que levamos visto, destacan pol-a abundancia do seu emprego os coadrados con diagonales, o zigzag, e sobre todo, a rosa de seis follas. É raro o xugo decorado no que se non atopa algún de istes motivos ou os seus derivados.

Tanto úns coma outros, os motivos que levamos examinados, rara vez se usan isolados na ornamentación do xugo. Xeralmente, combinanse úns con outros dando variedade á decoración.

E precisamente n-isto, na maneira de combinal-os motivos é onde se manifesta a persoalidade da Galiza n-iste senso.

Os motivos elementais, como producto da ialma popular, son universales. A maioría dos que levamos visto teñen un vello abo-lengo e unha gran área de difusión.

A rosa de seis follas aparez xa nas citanias, podendo velas nas cerámicas decoradas de Briteiros, n-unha pedra atopada por Cuevíllas en San Cibrán das Lás, etc. Vemola tamén no vello arte xermánico e aínda hoxe se atopa na arte popular do ourente europeo.

O zigzag aparez abundantemente na decorada das cerámicas pre e protohistóricas. N-elas podemos ver tamén os círcos concéntricos, a espiña de peixe, os coadrados con diagonales, o reticulado, as rosas de seis e de catro follas, o sogueado, etc.

O motivo que vimos feito coa goiba, en forma de meias luas, téñ unha extensión universal, pois incluso o atopamos nos productos da arte americán precolombiana.

Como vemos, istes motivos aparecen en todo o mundo e en todol-as épocas.

Pol-o tanto, non-os podemos considereir coma privativos e característicos de un pobo determinado nin se lles pode sinalar un antecedente histórico certo.

Nacen ao mesmo tempo que nace no home o afán estético, a necesidade de fuxir da superficie espida de motivos que creben a súa monotonia.

Istes motivos son así patrimonio de toda a humanidade. Todo os pobos da terra os poden reclamar coa mesma xusticia.

A persoalidade da Galiza n-iste senso, non estriba, pois, en ter istos motivos, senón en telos todos e, sobre todo na maneira de combinalos.

Galiza é un fisterre e, como tal, un lugar de sedimentación de razas e de culturas. Os pobos que viñeron rematar os seus vieiros n-ela, foron deixando a súa arte, misturandoa coa que aquí había, adequirindo logo personalidade. Así naceu a nosa arte popular actual.

Dos motivos que hoxe emprega esta arte, uns serían indíxenas, é dicir, nados na Galiza, anque os seus creadores fosen pobos alieníxenas; outros viñeron despois a se sobrepoñer, ou mellor, a se misturar cos xa existentes.

Así, total-as as razas que chegaron á Galiza, cooperaron cos seus elementos á formación da nosa cultura actual. Ela é, n-iste aspecto, a síntese de total-as demais.

A ialma galega, tén o que cada unha das razas que contribuíron a formala trouxo consigo, pero tén mais que cada unha de elas, porque tén o de todas xunto.

A persoalidade de iste noso arte consiste no xeito de combinar os motivos decorativos e na preferencia que se dá a algúns de iles.

Agora ben; a arte popular, responde unicamente a un sentimento estético dende un comenzo?

Coido que non.

Vimos xa que a decoración dos xugos obedece a outros tres motivos: un como sinal, outro como marca de propiedade e outro supersticioso.

Iste derradeiro é o que mais importancia parez haber tido, e cecais tamén o de marca de propiedade.

Depois, de un lado o desexo de presentar coa maior honra posible o motivo protector, e de outro o afán de aproveitar o seu valor estético, foran complicando o sinxelo motivo inicial deica faguer desaparecer, moitas veces, o primitivo senso protector do dibuxo.

Nos tempos actuais comenza a desaparecer o decorado coma profiláctico e para a ser puramente estético, conservando somentes o seu valor utilitario de sinalar a dianteira do xugo e coma marca do seu propietario.

Todos istos motivos decorativos, así como as composicións feitas con iles, deberon tén un senso simbólico, deberon querer dicir algo.

Mais calquer interpretación que hoxe se intente, parezme por demais aventurada.

Podese indicar algo, faguer suposicións, sentar hipótesis, mais tendo en conta que se basan no ár, sen cimentos sólidos.

Cofecece o simbolismo de algúns de istos motivos nas culturas de certos pobos primitivos actuais, mais isto non quer dicir que poidamos interpretalos do mesmo xeito cando os vemos n-outros pobos distintos.

Dentro do pouco que podemos ver n-iste senso na nosa arte, parez destacarse un feito: o desexo do campesiño de honrar, primeiro, o útil de traballo e logo, á natureza. Todo os decorados de xugos, parecen tender a unha representación de certos elementos naturais.

Ramas, follas e froes, aparecen en abundancia, mais ou menos estilizadas, c-unha gran fidelidade case sempre.

É a ofrenda do campesiño á terra que lle dá o pan.

A estrela de seis puntas e a circunferencia con diámetros interpretanse en moitos sitios coma imaxes do sol, mais eu non sei deica que punto podemos dala por boa n-iste caso

concreto. Temos que nos limitar a sinalar a posibilidade de que seña así.

Outras veces, as menos, a simboloxia aparece mais crara, como ocorre co sogueado, imaxe do adival con que se ata a carga no carro.

O caracter craramente máxico dos *salomóns*, non permite buscarlle unha simboloxia feita pol-o pobo. Dereitamente tomados da pentalfa de Salomón, empreganse unicamente pol-a súa forza contra o mal.

Prao mesmo, anque con caracter cristián, son usadas as cruces.

Como queira que seña, a simboloxia dos motivos decorativos dos xugos case está perdida de todo.

O pobo segue e seguirá empregando rutinariamente estas decoracións porque así llo veu faguer aos seus antergos.

Os tempos novos tragneran modificacións de istes motivos, dando lugar a aparición de formas descoñecidas denantes; outras, perderanse e n-esta evolución permanecerá, non obstante, íntegra e pura a alma popular que preside todo o progreso do pobo, conservando n-il unhas arelas, unhas preocupacións e un sentimento que perdura namentres cambian as xentes e o tempo traí novas necesidades que esa alma popular saberá aproveitar prá reafirmación da súa persoalidade.

Semana Cultural Galega do Pôrto, 1935.

FIGURINHAS FEMININAS DE OSSO

POR

LUÍS CHAVES

No Congreso Luso-Espanhol para o Progreso das Ciéncias, que em 1932 reuniu em Lisboa, li uma Comunicação com o título de *Figurinhas femininas de osso*. O assunto faz parte do relatório de escavações a que procedi em 1915-1916 nas ruínas de uma «villa» lusitano-rumana, situadas na aldeia de Santa-Vitória-do-Ameixial, em terras do concelho de Estremoz (Alentejo). O relatório, apresentado no Museu Etnológico Português (1) (Lisboa), onde era ao tempo e sou hoje Conservador, está ainda inédito, como inédita ficou também até agora a Comunicação.

O aparecimento do estudo sucinto, que, intitulado *Ídolos lusitanos de hueso*, publicou o Sr. Professor D. José Ramón Mélida no livro de *Homenagem a Martins Sarmiento* (2), incitou-me a dar à estampa estas notas de informação, antecipando-me assim à publicação do relatório, — embora próxima, ao que suponho.

Vieira Natividade, ao referir-se a uma figurinha de osso, encontrada na *Casa da Génia*, XIV das «Grutas de Alcobaça», descreve-a desta maneira: — «Ao que deduzo representa um homem. Parte do corpo apresenta-se nu, e outra parte coberta como que por armadura. Um cruzamento de linhas praticado

(1) Hoje «Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcellos».

(2) «Miscelânea de estudos em honra do investigador vimaranense, no centenário do seu nascimento, 1833-1933». Ed. da Soc. de Martins Sarmiento, Guimarães, 1933; insere a págs. 235-241 o estudo mencionado.

sobre a caixa torácica, e passando sobre os ombros, lembra uma couraça com a respectiva goliha. Na cabeça assenta um como que turbante, em cuja parte superior existem cortes que lembram uma coroa aberta. A parte nua é menos perfeita. Um buraco praticado transversal à figura, e correspondente aos braços, deixa supor que esta pequena escultura fôsse destinada a usar-se suspensa de colar ou *torques* (1).

Na «Secção Comparativa» do Museu Etnológico (2) há uma figurinha de Mérida, pertencente ao mesmo tipo da de Alcobaça (3). Não há nenhuma de proveniência portuguesa, anterior às de que vou falar.

Observo, porém, desde já o equívoco de Vieira Natividade interpretar por masculina a figura de osso da «Casa da Génia», e faço-o porque, em virtude da referência cronológica, lhe transcrevi a descrição. É claramente feminina. Tanto ela, como todas as outras figurinhas do mesmo tipo artístico, mostram com evidência o triângulo sexual da feminilidade. A insistência com que aparece este símbolo feminino é significativa, acentua Salomon Reinach (4). Os ídolos chatos de Chipre manifestam a preocupação de marcar o sexo: o triângulo, quando vestidos, associa-se ao pregueado (5). Num ídolo de Tróia, publicado em *Histoire de l'Art*

(1) Vieira Natividade, *Grutas de Alcobaça*, in *Portugalia*, fasc. 1, págs. 458, -459, fig. 232, est. XXVII.

(2) Dr. J. Leite de Vasconcellos, *História do Museu Etnológico Português* 1893-1914, Lisboa, 1915, págs. 262-263.

(3) Dr. J. Leite de Vasconcellos, *Bibliographia*, in «O Archeologo Português», Lisboa, 1906, vol. XI, pág. 343.

(4) S. Reinach, *La Sculpture en Europe*, in *L'Anthropologie*, vol. VI, 1895, págs. 550-551.

(5) René Dussaud, *Les civilisations préhelléniques dans le bassin de la mer Égée*, Paris, 1910, págs. 229-230; Heuzey, *Catalogue des figurines antiques de terre cuite du Musée du Louvre*, págs. 69-71, n.ºs 193-194, e págs. 171-172.

de Perrot et Chipiez, em *L'Anthropologie* e em *Wörter und Sachen*, (1), o triângulo foi substituído por oval afilada para baixo.

Os traços, que formam os lados do triângulo, nem sempre se

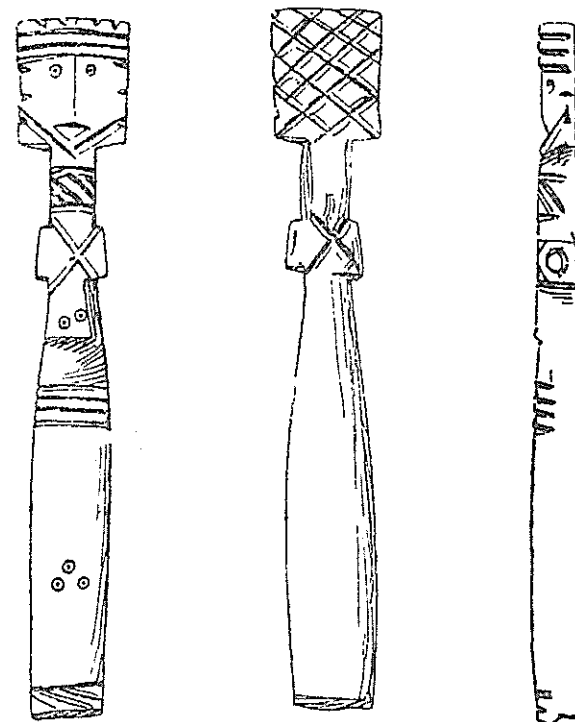


Fig. 1

Figurinhas femininas de osso da «vila» Lusitano-romana de Santa Vitória do Ameixinal

Original: Comprimento 0m,0925
Largura máxima (na cabeça) 0m,015
Espessura (no meio do corpo) 0m,0075

ligam com rigor geométrico, o que não destrói o significado; também, como a Fig. n.º 1 mostra, pode outra disposição formar ou indicar o mesmo símbolo triangular.

(1) P. et Chipiez, *Histoire de l'Art*, vol. III, pág. 150; *L'Anthropologie*, 1895, pág. 550, fig. 302; *Wörter und Sachen*, vol. XI, pág. 131, fig. 2.

Temos por consequência representações femininas nestas esculturas. Ídolos lhes chama o Sr. Professor Mérida; amuletos

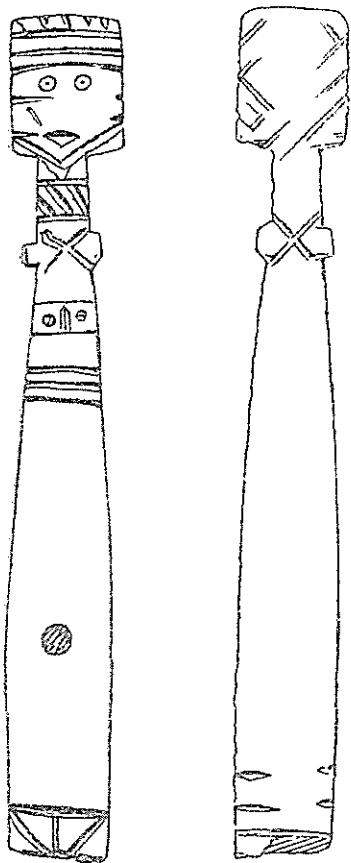


Fig. 2

Figurinhas de osso da mesma proveniência

Original:	
Comprimento	0m,113
Largura (na cabeça)	0m,0152
Espessura (no meio do corpo)	0m,007

em ella uma diosa del amor, la Venus lusitana, protectora sin duda de

venusianos lhes chamei na minha Comunicação de 1932. Dêstes ídolos lusitanos assim escreve o mesmo ilustre arqueólogo: . . . «que podemos llamar lusitanos, pues no sabemos se hayan encontrado en otras regiones de la España antigua. En ellos, no ya esbozo, sino la representación clara de la figura humana constituye su característica. Tienen de comun con los anteriores simulacros la interpretación geometrica de las formas, el grabado para indicar los detalles y los ojos circulares; pero revelan un grado de cultura superior que permitió definir con toda precisión el proposito de mostrar una figura humana, desnuda y femenil, como lo indica en todos los ejemplares el triangulo sexual (1)».

Mais adiante ainda, refere-se ao que representam estas figurinhas: — «En el caso concreto de los ídolos lusitanos de hueso, representativos de una mujer desnuda, sin esfuerzo se puede reconocer

las gentes en aquellos intimos fines y circunstancias de la vida. Muy antiguo debió ser su culto y por tradición conservarse durante mucho tiempo (1)».

Quando menciona os exemplares encontrados em Espanha e em Portugal, depois de citar o de Alcobaça, diz: — «Posible es que este ejemplar no sea el único hallado en Portugal, y que no sea el último (2)».

Realmente o exemplar de Alcobaça, por muitas vezes considerado e com razão o único achado em Portugal, não foi e não será o último. Trouxe para o Museu Etnológico quatro figurinhas inteiras e outras cinco decepadas, do mesmo tipo artístico.

Esta série provém das minhas escavações no balneário de uma villa romana, mencionada no começo desta notícia. É curiosa a coincidência de a quasi totalidade destas esculturas aparecer nas proximidades de estações romanas ou mesmo nelas. Tirante a de Alcobaça, e não contando com as do Museu de Mérida, desprovidas de resenha segura, as outras nove encontradas pelo Sr. Prof. Mérida e as nove minhas provém de escombros romanos: oito das do antigo Director do Museu Arqueológico Nacional de Madrid, entre o anfiteatro romano de Mérida e a muralha da cidade antiga, a última das nove na própria muralha romana; as minhas na subestrutura dos banhos de uma villa, formoso balneum sôbre hipocausto de salas quadradas e circulares.

Porque a descrição do Sr. Prof. Mérida corresponde à realidade, e, além disso, está publicada e é conhecida já, transcrevo-a gostosamente: «son unas figuras recortadas en placa de hueso de modo que perfilan en forma estilizada y sumaria cabeza y tronco, aquella cuadrada, con un feston superior de picos, como interpretación del pelo, los ojos señalados por sendos puntos inscritos en círculos;

(1) Loc. citato em nota 1: (pág. 239).

(1) Id. eod.: pág. 241.

(2) Id. eod.: pág. 238.

un ligero lomo vertical indica desde la frente el ángulo de la nariz y una incisión horizontal la boca; prolongase el lomo a lo largo del cuerpo, cuyos contornos acusan ligera convexidad; por bajo del cuello hay dos indicaciones de arranques de brazos con un talado horizontal para suspensión; dos puntos indican los pechos y otro el ombligo; unas rayas, el triangulo sexual; en el lugar de los pies hay un cuadrado a modo de pedestal. Por detrás la figura es lisa; solamente alguna tiene indicado el pelo por líneas cruzadas. Miden de altura diez o doce centímetros (1).

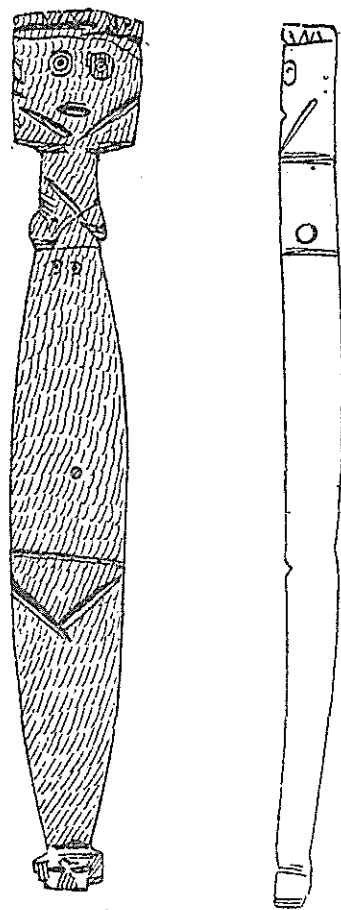


Fig. 3

Figurinhas de osso da mesma proveniência

Original:	
Comprimento	0m,1168
Largura (na cabeça)	0m,0175
Espessura (na cabeça)	0m,0092

Nos contornos laterais das faces das esculturas representadas

(1) *Loc. cit.* pág. 236.

nas Figs. n.º 1, 2 e 3, há traços transversais, feitos com intenção: horizontais, três por lado, dispostos simetricamente, na Fig. n.º 1; dois por lado, mais irregulares na disposição e no talhe, na Fig. n.º 2, onde um traço oblíquo esquerda-direita e cima-abaixo atravessa o espaço entre os traços paralelos da face direita; na Fig. n.º 3 sucedem-se os traços oblíquos, paralelos, riscados na espessura da chapa; o mesmo acontece no exemplar da Fig. n.º 4, mais parecendo aqui, porém, estrias do desbaste escultórico do osso. Evidentemente intencionais são os das Figs. n.ºs 1 e 2. Estes traços aparecem também na escultura da «Casa da Génia». Indicação pontas do reticulado representativo do cabelo, inciso na parte de trás? Assim supponho depreender-se de serem evidentes nas figuras onde aparece o reticulado.

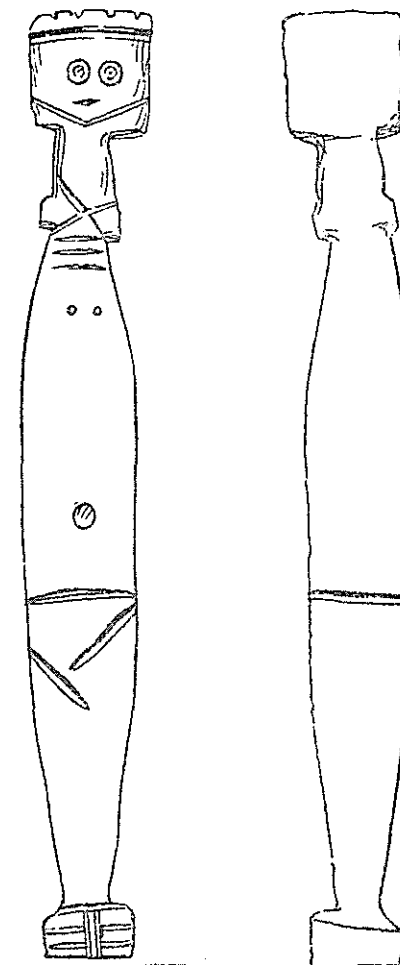


Fig. 4

Figurinhas de osso da mesma proveniência

Original:	
Comprimento	0m,125
Largura (na cabeça)	0m,0162
Espessura (na cabeça)	0m,007

As esculturas aqui transpostas nas Figs. n.ºs 1 e 2 tem largo colar ou torques, limitado por traços paralelos, com a faixa cortada de traços oblíquos

paralelos entre si, não passantes atrás. Abaixo do pescoço, do ombro ao sovaco, passam em cruz sobre o peito duas faixas ou fitas de aderção, que nas esculturas mais perfeitas (1 e 2) se prolongam às costas.



Fig. 5

Fragmento de figurinha de osso do mesmo tipo e da mesma proveniência das anteriores.

Os seios estão indicados por pontos simples no plano total da chapa (Figs. n.ºs 3 e 4); ou por pontos dentro de círculo, no mesmo plano, que vem do pescoço e logo abaixo dos seios rebaixa (Fig. n.º 1); ou ainda cada um ao meio de quadrado surto em relevo (Fig. n.º 2). Por cima dos seios, entre eles e os sulcos de tiracolo, tem a Fig. n.º 4

três sulcos horizontais, transversos (torques distraídos?)

Por baixo dos seios, nas esculturas das Figs. n.ºs 1 e 2, vemos faixa de sulcos paralelos, quatro na primeira e três na outra. Logo abaixo fica o orifício indicador do umbigo, pequeno em Fig. n.º 3, largo em 2 e 4, inexistente em 1.

O triângulo sexual vira o vértice para baixo. Os traços, que o formam, não unem senão na Fig. n.º 2, onde há um sulco médio, vertical. Na Fig. n.º 1 o triângulo é indicado por três pontos, cada um inscrito em seu círculo, que formam os vértices do triângulo, com a base hori-



Fig. 6

Fragmento de figurinha de osso do mesmo tipo e da mesma proveniência das anteriores, com um sulco longitudinal.

zontal. A figurinha representada em 2 ou termina pelo triângulo, que tem continuação na parte oposta, e indicaria desproporcionadamente que o objecto principal estava nessa representação, ou fracturou por aí, e o corpo continuaria, o que não parece provável por comparação de dimensões com as demais peças da série já conhecidas.

Nos exemplares incompletos, um deles, Fig. n.º 5, foi partido pelo traço horizontal do triângulo sexual, os outros, quatro ao todo, partidos pelo orifício transversal de suspensão; há só a atender no grupo dos últimos que não há sinal de seios, nem de umbigo (excepto num que tem pequeno orifício indicador), mas não falta o triângulo, o que reforçará a suposição de a escultura da Fig. n.º 2 terminar assim por erro de cálculo de espaço e por necessidade imperativa de figuração sexual (Fig. n.º 5).

Em três das esculturas incompletas, e só nessas, a nervura média, não aparecida nas completas e aqui representadas, que são chatas, continua-se até ao extremo inferior; outra delas, a quinta e última, tem um sulco, semelhante ao que se vê na 5.ª escultura da Fig. n.º 1 do trabalho do Sr. Prof. Mélida, e parece querer representar as pernas do ídolo (Fig. n.º 6). Não é representação essencial: aparece êste sulco em uma das esculturas de Mérida e em outra de Santa-Vitória-do-Ameixial; também a nervura média, *el lomo a lo largo del cuerpo*, no mesmo trajecto do sulco, indicaria sumariamente as pernas.

O alargamento inferior, que o Sr. Prof. Mélida tem a modo de pedestal, não será a indicação sumária dos pés juntos? Mais parece confirmá-lo o exemplar de Mérida, existente no Museu Etnológico, e reproduzido pelo Sr. Prof. Mélida na Fig. n.º 3 do seu artigo.

No mesmo entulho das salas do balneário de Santa-Vitória apareceram percutores esféricos de quartzite e de granito, com machados de pedra polida. Não admira que os Romanos a estes

instrumentos com a crença nas suas virtudes (*ceraunia*), ainda hoje vivas para o nosso povo nas «pedras de raio», ligassem as figurinhas de osso, antropomórficas, por certo com boa aceitação ainda viva entre os indígenas para o culto mágico da maternidade geradora.

*Des. de J. Saavedra Machado (1 a 5)
e de Francisco Valença (6).*

UM CASO DE POLIDACTILIA FAMILIAL

POR

CARLOS TEIXEIRA

A heptadactilia é, entre as anomalias dos membros, bastante rara.

O Prof. Pires de Lima, que a este assunto tem dedicado, com êxito notável, grande parte da sua actividade, enumera no livro *As anomalias dos membros nos portugueses* (1) apenas três casos de heptadactilia, relativos ao nosso país.

O primeiro refere-se a um rapaz que tinha heptadactilia na mão direita e que era octodáctilo da esquerda; o segundo caso diz respeito a uma rapariga focómela que era heptadáctila do pé esquerdo; o terceiro foi encontrado num focómelo, também, e a referida anomalia existia em ambos os pés.

Fundado numa notícia dum jornal, o Prof. Pires de Lima, numa nota, cita ainda o caso de uma criança, nado-morta, heptadáctila das quatro extremidades.

Mais tarde o mesmo ilustre Professor descreveu um novo caso de heptadactilia unilateral, localizada no pé direito de uma criança de sete anos.

No volume do *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, de Lisboa, descreveu, também, Luís Guerreiro um caso de heptadactilia unilateral, em que os dedos supranumerários se implantavam no bordo cubital da mão direita, dum homem que era hexadáctilo

(1) Pôrto, 1927, pág. 58.

das restantes extremidades e que por isso era conhecido pelo *vinte e cinco*.

O número de casos portugueses de heptadactilia fica, pois, com o caso que juntamos hoje, elevado a sete.

O caso presente, que é diferente de todos os outros, é o primeiro caso português, conhecido, de heptadactilia das quatro extremidades, sendo mais notável ainda, porque, além disso, a anomalia é familiar.

*
* * *

Pelo Sr. Dr. Nicolau Gonçalves, meu antigo professor e médico ilustre do Hospital de S. Marcos, de Braga, foi operada, há tempos, Inocência P. M., de dezoito anos, natural de uma fre-



Fig. 1

guesia próxima daquela cidade, que era heptadactila dos pés e das mãos (fig. 1).

Por gentil deferência daquele distinto operador, pude obter as respectivas radiografias e algumas informações de sumo interesse para o estudo da curiosa e pouco vulgar anomalia.

Examinemos as radiografias (Est. 1):

Os ossos do carpo e do tarso são normais; não encontro nêles deformações notáveis. Porém nos restantes há alterações profundas.

Na mão esquerda en-

contramos o quinto metacárpico com um prolongamento no bordo

cubital, dirigida para fora em ângulo recto, vestígio, talvez, de um outro metacárpico, com o qual se articula um dedo supranumerário com duas falanges.



Fig. 2

No polegar há duas falangetas articuladas com a falange normal, existindo, porém, uma só unha.

São notavelmente desenvolvidos os ossos sesamoideos.

Na mão direita há também, nascido à altura da base da primeira falange, um post-mínimo com duas falanges, menos desenvolvidas, no entanto, que as do dedo simétrico da mão esquerda e sem conexão com os restantes ossos. No polegar, há, do mesmo modo, duas falangetas, articuladas com uma falange normal e com uma só unha, sendo os sesamoideos identicamente bem desenvolvidos. O polegar direito, parece ser em desenvolvimento um pouco superior ao esquerdo.

Numa fotografia das mãos da Inocência obtida após a operação notam-se ainda os polegares espatulados, com unha única, que acima descrevemos (fig. 2).

Nos pés as anomalias são mais profundas (fig. 3).

No pé direito o primeiro metatarsiano é muito diferente do normal. É curto e largo, com a forma de cunha, a sua face externa é arredondada e sobre ela se articulam

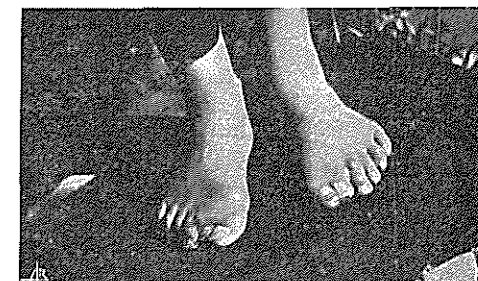


Fig. 3

dois dedos que substituíram o halux, formados cada um por duas falanges, sendo os ossos das falangetas bastante anormais e rarefeitos.



Fig. 4

O terceiro dedo articula-se em parte com o metatarsiano correspondente e em parte com a extremidade do primeiro.

O terceiro e quarto metatarsianos bem como os dedos que lhe correspondem são quasi normais.

O último metatarsiano tem a extremidade distal extraordinariamente alargada, articulando-se sobre ela, de cada lado, um dedo formado de duas falanges.

No pé esquerdo o primeiro metatarsiano está também muito deformado e é muito semelhante ao do pé direito. Articulam-se lateralmente com êle dois dedos, com duas falanges cada um, que, de modo igual ao do pé direito, substituíram o halux. Os ossos das falangetas são deformados e bastante rarefeitos. O segundo e o terceiro metatarsianos estão um pouco curvados sobre o primeiro. O quarto é normal, o quinto, porém, é bifurcado, sendo o ramo interior maior que o exterior. Com cada ramo dêstes articula-se um dedo, possuindo o interior três falanges e o exterior somente duas.

As figuras melhor do que as palavras mostram o que há de interessante nesta anomalia.

O caso porém não é isolado. A anomalia é familiar. A arvore genealógica junta (fig. 4), na qual o sexo masculino está indicado por quadrados e o feminino por círculos,



Fig. 5 — Os pés do Joaquim P. M.

culos, mostra a distribuição dos casos na descendência do pai da nossa observada.

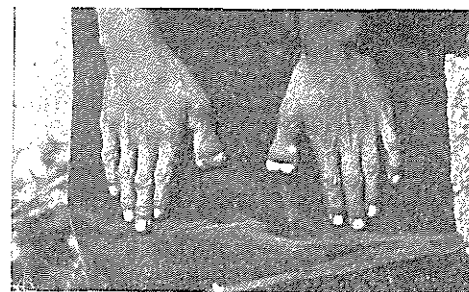


Fig. 6 — As mãos do João de Deus

O pai da Inocência — Joaquim P. M. — tinha também, localizado no bordo externo das falanginhas de cada um dos auriculares um sexto dedo, pendente, bastando para provocar a sua queda atar-

lhe à volta do pedículo de ligação um cabelo. Hoje resta só a cicatriz.

Nos pés cada halux possui duas falangetas articuladas com uma só falange, talvez bifida, e duas unhas (fig 5).

Uma irmã — Maria P. M. — serviçal em Braga, possui também anomalias nas mãos e pés. Na mão direita o polegar é clinodáctilo e o da esquerda é espatulado, com duas falangetas mas com uma só unha. Anexo a cada auricular pelo seu bordo externo, existiu um dedo supranumerário, pendente, e cuja queda foi provocada por modo análogo à do pai, mas a cicatriz existe ainda. O halux do pé direito tem duas falangetas e talvez bifurcação da falange, possuindo duas unhas.

No halux esquerdo nota-se uma disposição semelhante.



Fig. 7 — Os pés do João de Deus

O Joaquim tem ainda dois filhos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, extra-matrimoniais, que herdaram a sua anomalia.

Um, João de Deus M., tem 21 anos, apresentando, no entanto, pequeno desenvolvimento físico e intelectual, e possui os polegares de ambas as mãos espatulados, semelhantemente aos das irmãs (fig. 6); além disso apresenta os halux duplos, havendo bifidez dos metatarsícos correspondentes (fig. 7) (1).

A rapariga não consegui vê-la, mas segundo me informaram possui sindactilia acentuada.

Como antecedentes hereditários, sabemos que um dos avós era paraplético. O pai é gago.

Braga, 1935.

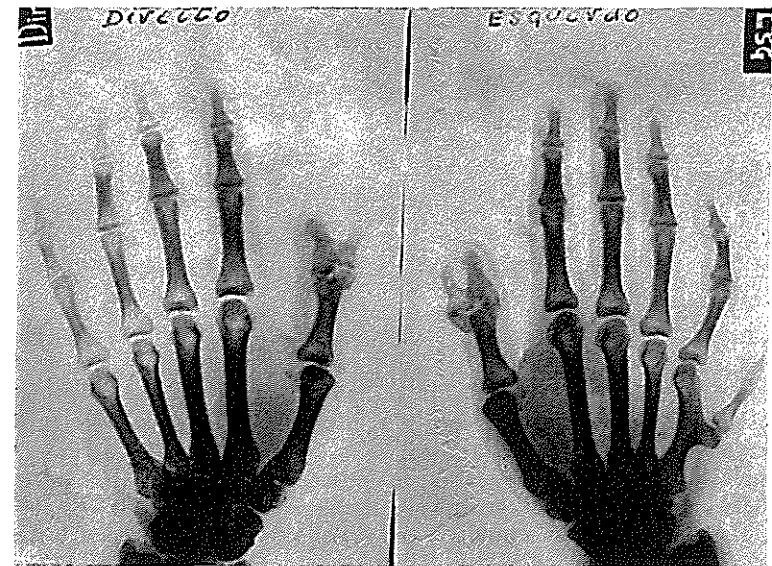


Fig. 2

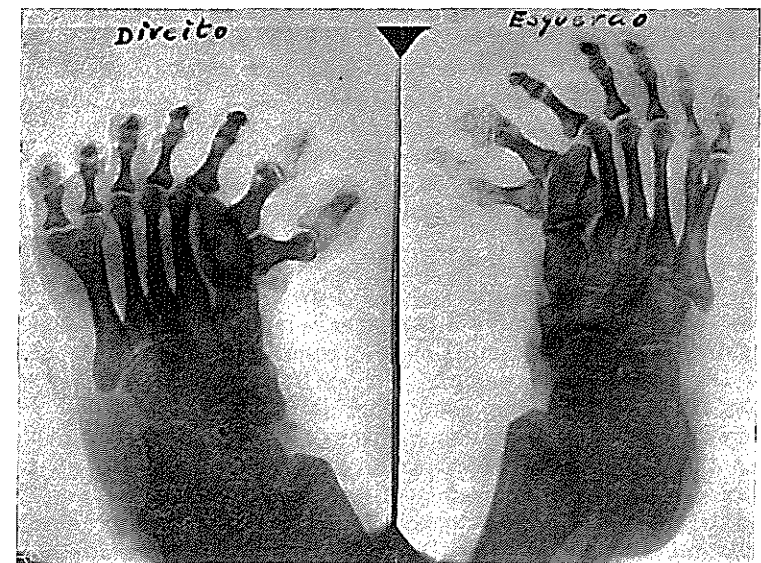


Fig. 3

(1) Contam a-propósito, que o Joaquim, quando a mãe deste rapaz andava grávida, era muitas vezes apontado como pai, ao que ele respondia invariavelmente: «esperemos pelo fim. Se fôr meu filho ha-de trazer a marca...» E, porque o único filho que tem do seu casamento não trouxe «marca» alguma, ele, não poucas vezes, tem maltratado a esposa acusando-a de infidelidade. Descobri as leis mendelianas...

VÁRIA

Folclore entomológico: A «Louva-a-Deus»

Creio poder reivindicar para o estudo do folclore entomológico um conjunto de realíssimas dificuldades e de insanos labores; o entomologista não esgrime as suas armas apenas contra a ignorância e abstracção mental do povo, mas também, e muito principalmente, contra o falso preconceito e sistemático negativismo, que êle opõe a pesquisas e investigações científicas, classificadas vulgar e desrespeitadamente de «manias», sublinhadas do competente e depreciativo encolher de ombros...

Sòmente alicerçado em sólidas bases de evangélica paciência se poderão levar a cabo leves tentativas de folclorismo, sempre imperfeitas e incompletas, ainda assim.

Em enorme e esmagadora maioria, o nosso lavrador ignora e despreza o conhecimento do insecto; considera-o, salvo raras excepções, daninho às vezes, e peçonhento sempre.

Mas acentuando esta maneira comum de pensar, surge como caso esporádico, e confirmando a regra, a tolerância e até veneradora amizade, dispensada pela nossa massa popular, a um dos mais truculentos e sanguinários insectos, que, mercê ao seu aspecto hipócritamente devoto e inofensivo, lhe captou e canalizou a veia da sensibilidade sentimental, inquinada talvez de vagos sentires de medo...

Refiro-me à Mantis religiosa, de Lineu, designada entre nós pela denominação de Louva-a-Deus, e no resto da Europa por nomenclatura de ideologia semelhante (Gottesanbterin, na Alemanha; Prie-Dieu, na França; Prego-Diou, na Provença; Alaba-Dios, na Espanha; Prega-Deu, na Catalunha, etc...).

E, no entanto, nunca tão mal coube um sobrenome; a cada saliência divina da alcunha, corresponde uma reentrância demoníaca do mal-designado; cada sonoridade silábica da designação pródiga oculta e disfarça o fervilhar de impulsivos e sangrentos rancores, quere contra o companheiro efémero do himineu, seu marido, quere contra as inermes vítimas do seu apetite, suas prêsas...

Mas segundo o estribilho da antiga opereta, o mundo é

assim... e assim estudaremos a Louva-a-Deus, acobertada por detrás do véu espesso da credice e da tolerância, que os nossos olhos desmascaram, mas a nossa sentimentalidade consente, receosa de contribuir de leve para a derrocada do trémulo património tradicional.

Nos antigos, e com o mesmo sainete, se salienta a pecha do amor doentio, incidente sobre os mantídeos; Teócrito, nos seus idílios, serve-se, para designar uma donzela estilizada à moderna, delicada e imponderável, da palavra Mantis, traduzindo a sua morfologia pelas palavras:

... *corpore proelongo, pedibus item proelongis, locusta genus!*... (1) dando assim ao insecto um ar de candura e de gracilidade, pouco em harmonia com os seus hábitos e modos de vida; outros escritores, mais modernos, mas ainda assim mergulhados há muito na poeira dos anos, que não do esquecimento, divinizam-na, como Rondelet, chamando-lhe:

... *tão divina bestiola...*

Não se deve estranhar por conseqüência, que o povo siga as pisadas, traçadas de tão alto, e se iluda, tomando a nuvem por Juno...

Esta miragem enganadora, tão funesta aos animais úteis da nossa fauna agrícola, que, como todos os bons, se encobertam com a modéstia e o anonimato, insinua-se mesmo nas prosaicas colunas dos nossos conspícuos diários; há pouco ainda, um jornal da capital, descrevia (em teor de vulgarização científica, infantil), o nosso insecto, apresentando-o benèvolamente:

... *A Senhora Louva-a-Deus criara fama pelas suas lindas maneiras e elegância de porte. Todos eles (os insectos), se extasiavam para a finura daquela atitude, de mãos postas, que era entre os insectos sem educação, um exemplo de que se orgulhavam...*

Pobres insectos, menos felizes que os camponeses da Idade Média, orgulhosos dos seus senhores, deshonestadores por direito, mas respeitando a vida por vezes; o exemplo de que se regosijavam os anteriores e crédulos insectos, é que não perdôa nem concede aos outros o direito de viver...

Esta errada condescendência, de utilíssima vantagem para a

(1) Como nota jocosa, não resisto à tentação de transcrever a tradução humorística da palavra Mantis, feita pelo sr. Hourloup Duval, no seu livro «Museu Pitoresco ou História Natural dos 3 Reinos da Natureza»:

... a palavra Mantis, que quer dizer, em grego: uma donzela magra, de braços delgados e longos...

É evidente a influência da leitura de Teócrito.

Louva-a-Deus, permite-lhe gosar de uma protecção que, se não é de todo desmerecida, é declaradamente exagerada.

O sr. João Salema, aplicadíssimo naturalista e dedicado amigo, inclui-a na lista, infelizmente breve, dos insectos úteis e credores da protecção do lavrador; que na sua devoradora e felina actividade destrua inúmeras espécies daninhas, concordo, mas que igualmente ingresse no campo restrito das úteis, é indubitável, partindo do princípio verificado de ser o próprio macho, a presa imolada (e gostosamente!) aos seus apetites vorazes.

Tudo se resume na frase feliz de Paul Guérin:

Formes élégantes et moeurs carnassières.

Contrariamente pois a todo o raciocínio provável, o nosso povo respeita-a, adora-a, e chega mesmo a integrá-la na teia emaranhada e obscura da sua terapêutica.

Outras vezes diviniza-a de algum modo, concedendo-lhe foros de pitoniza ou adivinha, privilégio usufruído pela Louva-a-Deus de tempos imemoriais, prestando-lhe qualidades divinatórias, consoante se deduz das transcrições de Rondelet, de Guérin, etc.

Diz o primeiro:

Tam divina consetur bestiola, ut puero interroganti de via, altero pede extento rectam monstrat, adque raro, vel nunquam faltat, e o segundo, como éco poliglota, repete:

... *étaient considérés jadis comme capables d'enseigner le chemin aux voyageurs égarés...*

O divino Frédéric Mistral, no seu livro «Mes Origines» (Mémoires et récits), conta com singeleza:

Une mante religieuse, agenouillée, vous regarde-t-elle?

Vous l'interrogez ainsi:

*Mante, toi qui sais tout
où est le loup?*

L'insect étend la patte et vous montre la montagne...

Entre nós, como veremos, a crença persiste, modificada um tanto na finalidade.

Contudo aonde esta divinização atinge o ápice, é entre os indígenas da África Austral, que, segundo Sparrmann, consideram santificada a pessoa em que pousar um destes felizes ortópteros.

Obcecado pelo simpático exterior, a singela imaginação do povo engrinalda-a de flores, queima-lhe o incenso do seu misticismo, e quere-lhe com essa mistura de carinho e de terror, que forma a base da sua religião; mas longa vai já a introdução, e é

tempo de esmigalhar os frágeis torrões tradicionalistas que consegui arrecadar.

É sôbre a sinonímia portuguesa e reduzido prebendado folclórico que versa a nota presente; deficiente, incompleta e pobre, representa na verdade o desejo modesto de contribuir para o esclarecimento da nossa nebulosa etnografia entomológica, à custa do esforço pessoal e da muita amabilidade e dedicação de colegas e amigos *in re incerta*...

Não me repugna, e antes me apraz, aceitar a fragmentação da sinonímia popular em três grupos:

- 1.º místico ou de observação religiosa;
- 2.º morfológico ou de observação estética;
- 3.º problemático ou de identificação difícil.

No primeiro grupo, o mais rico, encara-se o estudo da forma, aliada à religiosidade da atitude;

No segundo, menos abastado, o aspecto morfológico, sem correlação ideal, religiosa;

No terceiro, enfim, surgem-nos as arestas difíceis de contornar, ao procurarmos identificar a nomenclatura bárbara com a forma normal ou com as funções exogénicas do insecto.

Procurarei ligar a cada um dos grupos os dados sinonímicos e tradicionalistas que obtive.

1.º Grupo

Eis os apodos que a fantasia e a simpatia dos habitantes das nossas férteis leiras distribuíram, generosamente, entre os mantídeos; uns resaibados de carinho infantil, como:

- Bichinho de rezar* (Famalicão);
- Cavalinho de Nossa Senhora* (Beira-Baixa);
- Cavalinho de Nosso Senhor* (Rezende, Aregos);
- Cavalinho do Senhor* (Sinfães do Douro);
- Cavalo do Senhor* (Mezão Frio); aliando bem a forma ao abstracto religioso.

Outros admitindo só o canónico do aspecto:

- Louvinha-a-Deus* (Beira-Alta);
- Louvaminha* (arredores de Chaves);
- Maria-reza-reza* (arredores do Pôrto — Maia);
- Reza-reza* (Valongo, Famalicão, Barrozelas);
- Rezadeira* (Arredores de Guimarães);
- Rêzinhas* (Terras de Bouro, Recarei);
- Santo António* (Santa Cruz do Bispo, Matozinhos);
- Tereza-reza* (Marco de Canavezes).

É possível que nesta última designação intervenha a influên-

cia espanhola (andaluza), que conhece a Louva-a-Deus sob o rótulo de Santa Tereza.

Propositadamente omiti o nome de Louva-a-Deus, que pela sua generalização, não apresenta caracteres autóctones. Existem contudo, excepcionais regiões onde o nome de Louva-a-Deus é desconhecido (Redondêlo, Anêlhe (Chaves).

Na parte lendária, prendem-se a este grupo tradições e lendas de aspecto vário; enquanto que algumas dizem respeito a simples gravuras orais conservadas, outras enveredam por caminhos menos fáceis de trilhar, ou mesmo de passagem impossível.

Entre as primeiras, e mais despidas de adornos enfeitadores, colhi as seguintes:

Sinfães do Douro:

Quando alguém lhes procura bater ou atacar, erguem as mãos, pedindo perdão;

Marco de Canavezes:

Quando as conseguem apanhar (o que não consideram fácil), a fim de as obrigar a levantar as respeitadas mãos, bradam-lhe:

Tereza, reza-reza

sendo logo obedecidos.

Terras de Bouro:

As crianças obrigam-as a erguer as mãos, batendo no chão, perto delas, com uma vara, gritando:

Ergue as mãos, ergue as mãos...

Valongo:

As crianças colocam a Louva-a-Deus na sua atitude característica, e dizem ameaçando-a com um pau:

Tóca o sino, senão mato-te,
Tóca o sino, senão mato-te.

Famalicão:

Conhecem-a mal e receiam-a, a-ponto-dos rapazes se recusarem a capturá-la viva.

Caminha:

Pouco conhecida pelo nome de Louva-a-Deus, chamam-lhe Louvaminha, por louvar as almas, quando junta as patas (corrupção de louva-a-alminha, ou de louva-a-minha) (alma)?

Citam ainda a quadra popular, reveladora da veneração sentida pelo mantídeo:

Meu amor, saúdade minha,
Vais partir, hás-de voltar.
Vou pedir à «Louvaminha»,
Para a Deus por ti rezar.

Sôbre o papel divinatório da Mantis, possuo duas observações:

Beira-Alta:

Interrogam o animal:

Louvinha-a-Deus, onde está o lobinho?

E o bichinho, inclinando o cabeça para um dos lados, ensina o local aonde se encontra o lôbo;

Vila-Real (Boticas):

Para saberem a direcção seguida pelos lôbos, os rapazes perguntam:

Louva-a-Deus, onde estão os lôbos?

Indicando o insecto com uma das patas o lugar onde se acoi-taram as temidas feras.

É, como vêem, uma modalidade simples do tradicionalismo antigo de Rondelet, Guérin, Mistral e quejandos. *Nihil novus...*

Como meio terapêutico, uma única nota me foi possível colher:

Molêdo e Afife (arredores de Caminha):

Empregam a Louvaminha na cura de variadas doenças, nomeadamente da «bertoeja ou bortoeja, madre-caida e quebranto.

Só consegui saber a maneira pitoresca de tratar esta última, tendo porém razões para suspeitar da analogia do método para a cura das outras.

A benzedeira ou talhadeira é a única pessoa indicada para tal fim, e ao mesmo tempo a fabricante de amuletos dotados de milagrosas virtudes curativas.

A doente, (em geral é de mulheres que se trata), solicita uma verdadeira consulta, sendo por vezes obrigada a esperar a sua vez, porquanto o negócio corre bem e é rendoso; feito o diagnóstico e pesquisada a causa promotora da doença, isto é, o estado quebrantal, a benzedeira pede uma louvaminha, que lhe deve ser apresentada pela doente, na sua atitude esfíngica de mãos postas (particularidade importante, *sine qua non...*).

A talhadeira tem já preparadas umas saquitas (não sei de

que material), aonde são introduzidas as Louvaminhas, sempre em posição implorativa; concluída esta primeira parte, senta-se a consulente em uma cadeira, no meio da casa, e a benzedeira recita a seguinte oração, depois de se persignar:

Tu, se quebranto tinhas,
porque mo não dizias?
Que eu te talhava
e retalhavava;
três pedras alhas,
três maravalhas,
três suspiros meus
três teus,
três de santa Micaéla,
melhor p'ra ti
graças a ela...
Égo rito dari tu...
Mas porque t'espantas tu?
Eu te benzo
e eu te talho,
e depois dêste trabalho
se o abelhão souber
e a *Louvaminha* quiser,
com aquilo que te vou pôr (aqui põe-lhe o saquito ao pescoço),
e o mais que necessário fôr,
nada mais precisarás
e assim te curarás.
Amen.

Vinha a talho de foice um estudo comparativo das talhadelas e respectivos dizeres, tarefa de que tratarei em breve em trabalho de maior tomo.

Outras tradições não têm lura própria e perdem o fio original, através da transmissão oral; uma das mais poéticas olha a Louva-a-Deus como uma antiga princeza, muito rica, muito linda e muito desgraçada.

Enamorada e desejando casar contra o beneplácito dos pais, foi por êstes encerrada em poderoso castelo; sòmente, por intermédio de uma fada benfazeja, lhe foi facilitada a sortida, sob a forma de Louva-a-Deus, mas com o formal compromisso de rezar toda a vida, em constante arrependimento...

2.º Grupo

Uma observação mais despida de embaraços poéticos, nomenclaturou o mantídeo com maior singeleza, incisiva em alguns casos, laivada ainda de amor respeitoso em outros.

Os sobrenomes:

Mãos postas (Famalicão);

Pateza ou patesa (Redondêlo, Arnêlhe (Chaves);
Lavadeira e Lava-a-Loiça (Celorico de Basto) (1);
Cigarra (Barrozelas), são claramente classificações de ordem morfológica, sem tendência a intervenção ideológica. Outros, porém, misturam ao critério anterior um leve respeito cerimonioso:

Cavalinho d'El-Rei (Arêgos);
Mãosinhas d'El-Rei (S. João da Pesqueira).

A parte tradicional pertencente a êste grupo é muito pobre; apenas obtive uma indicação em

Redondêlo (Chaves):

Nesta região onde se desconhece a designação de Louva-a-Deus, alcunhada de pateza, o povo quando a encontra, dirige-lhe a seguinte frase:

Pateza, põe a mesa,

por comparação com pessoa entregue a êsse exercício, em vez de atitude adorativa. É de-resto insecto simpático a todos.

3.º Grupo

Denominações hieroglíficas, cuja interpretação me não parece fácil; folclore pobre.

Rincha-cavalinhos (Nelas, Viseu);

Grila-meza (Valpaços);

Preguiça (Luvandes, Peneide) (2);

Mateus (Chaves).

Tradicionalmente, deparou-se-me o seguinte:

Barrozelas:

Os rapazes, brincando com a Louva-a-Deus, e para a obrigar a erguer as patas anteriores, batem-lhe ao de leve, com uma vergasta, dizendo:

Mateus, Mateus, ergue as mãos e reza a Deus.

(1) Nesta região, assim como na do Gerês, corre o ditado:

«Aonde houverem (sic) louva-a-deus, não há perdizes», referindo-se à predilecção destas aves pelos mantídeos.

(2) Em Vila-Real (Boticas), dão também o nome de preguiça a uma larva de 1 a 2 cms., envolta em um manto de grãos de areia ou de palhinhas aglutinadas, que o animal arrasta consigo; tratar-se-há de larvas de psíquideos?

Valpaços:

Para a fazer levantar as mãos, gritam-lhe, dando ruidosas palmas:

Grila-mesa
 põe a mesa,
 alta,
 que se veja...

E para finalizar estas breves considerações, permitam-me que abra um honroso parêntese, que sirva para provar que nem de todo abandonado anda, entre nós, o folclorismo entomológico.

Tive a oportunidade e a satisfação de lêr, numa publicação infantil (o A B C zinho), um artigo correcto e sintético de história natural, firmado pelo Dr. Fernando Pires de Lima.

Cita o autor a maneira, a modo de intimidação, com que o povo dos arredores de Santo Tirso se ageita para obter a posição implorativa do insecto:

Maria, louva a Deus, senão mato-te!

e ela ergue as patas e junta-as na atitude de quem reza.

Comovente e ingénua prática, que sensibilizaria, a não vir seguida das seguintes palavras, verdadeiro refrigério na ardência do entusiasmo:

Desconfiem de tanta humildade! Êste bichinho, com cara de santo, é o mais desalmado hipócrita que há no mundo! Eu não conheço, na criação, mais verdadeira imagem de Tartufo.

É em cêrca de trinta palavras o resumo da dualidade vitalista da Mantis: simpática e atraente, no desenho elegante do seu hábito externo, depravada e sanguinária no desenrolar íntimo dos seus instintos!

Com as mesmas mãos com que implora a divina benção, retem e dilacera a preza palpitante; Torquemada da sua raça, deleita-se com a agoniosa desintegração da vítima, sem que através da quitinosa couraça se exteriorize qualquer sensação apreciável.

É com esta máscara de cruel indiferença que realiza os pantagruélicos festins, de que o autor teve uma leve amostra:

...atrás desta (uma mosca), foi outra e outra, até 10. Depois, nesse dia, comeu ainda duas vespas e uma abelha...

A mais e muito mais me tem permitido assistir a mania de observador impenitente; um alimento, duas ou três vezes, supe-

rior (em volume), ao seu corpo, é absorvido glotonamente, pelo insecto:

Espanta-se o próprio H. Fabre, o poeta da entomologia, que comenta:

Maravillam-me as prerrogativas especiais de um estômago, pelo qual voa o alimento, para ser logo digerido, fundido, absorvido...

E quem observar a Mantis, neste momento, verá, na translucidez dos seus tegumentos, a marcha rápida e jamais interrompida do sangrento bolo alimentar, que no estreito esófago se contorciona trágicamente, a sumir-se na profundidade dos órgãos que já não avistamos...

E diz-nos, surpreendido, o dr. Pires de Lima:

... pesava 15 decigramas e media 6 centímetros de comprimento, pertencendo 4 centímetros ao abdómen. Assim pequenina, metia dentro do bucho comida que fartaria um açambarcador.

Sem que me surpreenda em demasia, apenas noto que talvez esta polifagia (que sòmente observei na fêmea), se explique pela confecção do ninho, verdadeiro monumento em relação ao seu tamanho, e que deve, forçosamente, dispendir material construtivo e potencial dinâmico formidáveis!

Mas abandonando êste rumo, que será norteado em futuro trabalho, sigamos o artigo do autor citado, que no final, ainda nos ilucida, contando que:

... antigamente, na Inglaterra, quando um nosso remoto primo se perdia na floresta, ia procurar uma Louva-a-Deus e pergunta-lhe por onde era o caminho. E ela lá o guiava apontando com a patita...

Como fecho, o autor, insinua, conselheiro e humorista:

Já sabem que não devem fiar-se em carinhas seráficas e em piedosos gestos... Cá na nossa espécie humana não faltam Louva-a-Deus de quem é preciso desconfiar. Cuidado com elas!!!

Palavras, que a não ser a brevidade do tempo, se prestariam a largos e oportunos comentários!!

Tendo feito, pois, referência, como era justo e merecido, ao único trabalho no género, que, feito por portugueses, conhecemos, termino o proveitoso parêntese.

Finaliza assim a ligeira nota entomológica sôbre a Louva-a-Deus, insecto notável pela sua morfologia e determinados costumes, mas execrável pela fria e sanguinária ferocidade, que Curtius abona, fazendo derivar a raiz da palavra Mantis, do grego mainomai, significando ser louco, transportado; mas como os antigos confundiam a sabedoria com os transportes

da imaginação, é mais compreensível encerrar o modo de ser da Louva-a-Deus, nas palavras sensatas de E. Caustier:

É que, enquanto houver estômagos para digerir, necessário será enchê-los... O intestino governa o mundo, e, no fundo das nossas mais graves questões, aparece sempre uma outra; a da comida...

ARMANDO LEÃO.

Ritual do Fogo e da Água — As orvalhadas de S. João

.....
Então, o homem sente a sua pequenina e inútil alma afundar-se no tédio, silenciosamente, como um navio roto numa calmaria, e vai, por instinto, dar-se à intimidade consoladora da lareira, das brazas e do fogo. E, enquanto a força vital se dissolve numa sonolência flúida, êle sente aos seus pés uma pequena voz, alegre, inquieta, clara, que lhe fala como num êxtase profano:

«Sou eu — diz a voz — eu, o teu velho camarada, o bom lume. Sou eu, o teu velho Deus misterioso. Eu que te quero bem, e que te dei o que ha em ti de grande e justo — a família e o trabalho. —»

EÇA DE QUEIROZ — *O Lume* (Prosas Bárbaras).

Há divertimentos populares que, na aparência de manifestações de alegria, guardam a significação de ritos essenciais, derivados de práticas religiosas muito antigas, perdidas na origem tradicional, que forma o substrato de ideias, de crenças e de costumes bárbaros de populações diversas, de raça e de lugar. Assim os festejos do S. João, encontram a sua origem em velhas usanças, entre povos da Europa ocidental, em vários pontos da França, na Provença, em Portugal, na Galiza, no centro da Espanha, no Norte de África e algures.

Não é por inspiração mèramente do desejo ingénuo, aliás bem natural, de se divertir, que essas populações, de castas tam diferentes, acendem as fogueiras de S. João e praticam as famosas e divertidas aspersões de água fria, na madrugada do dia santificado (orvalhadas). Não é porém fácil relacionar estas festividades ruidosas, essencialmente populares, com o seu princípio original, que se perde na névoa dos tempos. Contudo estas fogueiras e as abluções ou banhos que lhes servem de contra-partida,—

o fogo e a água —, conjugando com frequência os dois elementos considerados pelos antigos, como princípios de força natural, fontes de energia cósmica, não se juntam por obra de acaso, mas são atribuídas, como actos de magia, à revivescência de rituais, que eram praticados sobretudo no solstício de verão e coincidiavam com a festividade Sanjoanina, a qual o cristianismo sempre celebrou. É este um dos factos que mostram que a nova religião aproveitou ou adaptou, com felicidade e alegria, um rito pagão, a seu modo, à exaltação dum dos maiores santos assinalados no calendário.

*
* *
*

O culto do Fogo é, com certeza, dos mais primitivos. Segundo o etnógrafo Zaborowski, os velhos arianos tinham como fundamento religioso o lar e neste primitivamente o lume, com o qual se identificava aquele. Muitos textos e revelações etnográficas, folclóricas e históricas fortalecem este asserto. A adoração do fogo é comum a religiões e cultos diferentes. Muitas vezes o altar de sacrifício se transformou em fogueira (1). Entre os Gregos antigos e os Romanos, vê-se que o emprêgo do lume não visava sòmente o aquecimento, mas representava, na realidade, objecto cultural preferido — o lar ou lareira —, cujo respeito e prestígio é notório em muitos documentos históricos, pelos quais se vê que semelhante veneração era muito espalhada na Antiguidade clássica. Havia os deuses lares, os *penates*, espécie de divindades domésticas, de índole protectora, talvez *totémica*.

No imortal poema de Vergílio a elas se alude, de maneira a não deixar dúvidas. O entretenimento do lume era um dever sagrado, atributo do chefe da família, que devia conservá-lo de dia e de noite (Zaborowski). É por demais conhecida a forma deste culto exercido por sacerdotizas do templo de Vesta, consagrado ao Fogo. Eram estas que mantinham constantemente o *Fogo sagrado* no altar apropriado. Muitos hinos e orações têm por objectivo o lume (2). Para os Gregos e Romanos o lar representava a família, o núcleo ou célula social, como noutros povos de diferente origem.

(1) Racine, *Iphigénie*.

(2) Hinos de *Rig-Véda*, cf. Zaborowski, *Le Culte du Foyer chez les Slaves contemporains*, in «Bull. et Mem. de la Soc. d'Anthropologie de Paris», I, 1900. Há no folclore de outras nações versos e canções alusivas ao lume, na Provença e na Galiza, por exemplo (V. Risco — *Notas en col do culto do lume na Galiza — Homenagem a Martins Sarmiento*, pág. 342, Porto, 1933.

A *corrida do facho*, na Grécia, no caminho de Atenas, por equipas, é, de índole semelhante, costume *pagão relativo ao culto do Fogo* (1).

O lume era tomado de cima do Altar, simbolizando o arrebatamento do Fogo ao deuses por Prometheo, para o dar aos homens. Parece filiar-se nesta acção o rito abraçado pelos cristãos, do I ao V século, e que se celebrava na Itália, na Galia e na colónia romana do N. de África. Antiquíssimos monumentos atestam o culto de Vulcano, deus do Fogo. Com o tempo, o altar transformou-se na fogueira mágica, em tórno da qual dançavam ou saltavam, talvez com ideia de purificação.

Ritos conhecidos na Idade Média, na Europa central, parecem ligar-se de longe a esse costume bárbaro. Assim as fogueiras que se ateiam na Alsácia e na Lorena, bem como no Alto Rheno, segundo refere A. Glory. Nesses países revive ainda com entusiasmo o culto do lume, no mês do solstício de verão. Na Bretanha religiosa e praticante e noutros pontos de França coexiste, com pequenas alterações, o velho ritual do ígneo e da água. Conforme este autor, semelhantes usos prender-se-iam com os antiquados ritos introduzidos pelos Romanos. Provam-no monumentos da época dos dominadores e deixados nas Galias.

Em populações actuais, de grau diverso de civilização, esse ritual de áustera simplicidade acha-se disperso em manifestações aparentadas, que constituem costumes perpetuados pelas tradições locais, e que se repetem com fervor em grande número de localidades, com variantes que os diversificam dum lugar para o outro. No fundo, existem as mesmas formas de magia e de superstição a respeito do lume.

Reconhece-se que tais ritos se praticam em épocas do ano assinaladas pelos fenómenos solares, ou pela posição da lua, em particular, no solstício de verão. Nessas épocas, tanto os islamitas dum lado, como os cristãos do outro e até os judeus, do lado do Oriente, se entregam a exercícios de carácter especial, em que os elementos — Água e Fogo — têm o papel principal. Por exemplo, os banhos, as abluções, as aspersões, as libações. Assim também os fogos que se acendem como demonstração de alegria, — as fogueiras. O solstício estival é marcado nas populações meridionais com a festa crónica de S. João (23 de Junho), que tem o seu simile ou equivalente nas cerimónias muçulmanas do comêço do mês de Julho.

(1) A. Glory, *Les Feux de la Saint-Jean*, in «La Nature, n.º 2955. Junho, 1935.

* * *

O costume inveterado de acender fogueiras, em determinadas ocasiões, assim como o de fazer abluções em certos dias, relaciona-se provavelmente com o ritual bárbaro e primitivo, cuja significação é, em muitos casos obscura e obsoleta. Supõe-se, no entanto, que essas festas rituais da água e do fogo tenderiam a promover efeitos de convergência de forças naturais para a fertilidade dos campos. Neste sentido praticam, em algumas terras a imersão dos ídolos e estatuetas santificadas, com o intuito de alcançar êxito nas operações agrárias e noutras empresas difíceis, para as quais o homem depende das energias cósmicas. É notável porém que semelhantes práticas se observam, por temporadas, dos dois lados do Mediterrâneo, na margem norte e na margem sul.

É claro que as abluções e aspersões de água, em costume nos berbéres, actualmente espalhados nos países do N. africano, nada têm de comum com o banho redemptor cristão; mas observa-se a equivalência que paralelisa o bárbaro costume com o das velhas populações católicas, que o conservam desde longínquas eras, sobretudo no sudoeste da Europa. Vários autores se referem a semelhante prática, como ritual popular, entre Árabes, com o carácter de simbolismo agrário. Em Marrocos e na Tunísia é que se encontra, no dizer dos etnógrafos, o rito puro e completo de tal religião (1).

A tribu marroquina de Beni-Snu é aludida no trabalho de Laoust, acerca das cerimónias berbéres, por ser aquela em que os dois elementos se associam na comemoração solsticial. Durante esta, as mulheres acendem o lume num forno em que lançam perfume e desfilam ao redor da cisterna, no primeiro do ano muçulmano, preceito que conserva a intuição simbólica agrícola, a fim de promover o desenvolvimento da vegetação. No dia imediato, a gente moça vai banhar-se ao rio próximo e repete as aspersões rituais, que redundam em diversão espectacular (2).

Esse rito não é exclusivamente muçulmano, porque se encontra igualmente em festas israelitas e, tanto dum lado como do outro, o significado é difuso e a interpretação subtil e vária.

(1) F. Benoit, *Le rite de l'eau dans la fête du solstice*, in «Rev. Anthropol.», 1—3—1935.

(2) Laoust, *Noms et cérémonies des feux de joie chez les Berbères de l'Atlas*, etc. 1921. — Cf. Benoit, *loc. cit.*

Prende-se, em geral, com uma simbólica, em que a água, pelo menos, desempenha papel principal, na forma de aspersões, duchas e banhos abundantes.

Em muitos pontos da Provença, como em Portugal, em particular, nas províncias do Norte, e também na Galiza, e no centro da Espanha o facto do banho na madrugada de S. João, as aspersões e abluções, as fontes, multiplicam-se na mesma época do ano, na passagem do solstício, por coincidência com as festas de S. João.

Pode-se crer que semelhante regosijo se repercute em todo o Noroeste da Península ibérica, pois que nos galegos assim se observa. *Lumes de San Johan, fogueiras, lumeiradas* usam-se no litoral galaico, em Lugo e Orense e porventura noutros pontos da bela região limitrofe. Ocupam-se dêsses jogos publicistas como Murgia, Ricardo Lopez e Carré Aldão (1).

Numas e noutras partes, parece que nestes actos se trata da revivência de um rito primitivo, que envolve o culto antíguissimo da Água, cuja significação se acha alterada, com o andar dos tempos. O Fogo esclarece de noite a festa, em forma de fogueiras e, modernamente em fogos de artifício, que se queimam em França e em Portugal, na noite célebre, que se perde literalmente na lupercal barulhenta em extremo. Todas estas práticas visam, juntamente com as aspersões difusas e os banhos, a abundância dos campos, *ad petendam pluviam*, porisso que a Água é o elemento indispensável à bôa colheita, assim como a séca é adversa e nociva.

* * *

Santo Agostinho estigmatizava o banho dos judeus, porque imitava costume pagão, chegando a ser proibido (*Costumes e superstições da festa de S. João na recuada Idade Média*, segundo Huet. Cf. Benoit, *loc. cit.*). De idêntico núcleo supersticioso deriva a veneração das fontes, o que se relaciona com a mesma festa do solstício. O pôvo atribui às fontes virtudes singulares nesta época, crença comum a muitos países, nas Landes da Gasconha, como na Itália, região dos Abruzzos e na Sicília e ainda noutros, de que os folcloristas se ocupam, no mesmo ponto de vista.

(1) Hoyos Sainz, *Festas populares de España*, in «Act. Congr. Internat. d'Anthropologie», Porto, 1930.

Cf. V. Risco, *Notas en col do culto do lume*, in «Homenagem a Martins Sarmiento», Porto, 1933.

Na obra curiosa e utilitária de P. Saintyves, da Escola de Antropologia de Paris, citada pelo Dr. Regnault (1), vê-se que o culto das fontes vem de alta antiguidade e se generalizou largamente. Ainda hoje ingénuos ex-votos se oferecem e lançam na água pura das nascentes, a que se atribui qualquer virtude (2). Nota êste autor que entre os povos da Antiguidade, os Assírios, os Judeus e os Índios, as águas eram divinizadas. É sobretudo conhecido o banho sacramental dos Índios, em época distinta, no Ganges, em Benares, por exemplo, bastante para atestar êste velho culto.

O Cristianismo, a lutar contra o paganismo, não destruiu, antes adoptou ao seu crêdo de milagres o rito das águas e do fogo, em formas simplistas e alegres, tumultuosas e brilhantes nalgumas partes (3).

O Rev. P.º F. M. Alves, abade de Baçal também se refere ao assunto na obra monumental dos Arq. Distr. de Bragança, *Memórias Arqueológicas e Históricas*, Porto, p. 96. Nelas o venerando arqueólogo brigantino faz referência em particular às fontes, às árvoes e ao fogo (4).

Semelhantemente e com largueza, Sébillot trata do sobrenatural ligado às águas, fontes, rios, entre povos orientais, por ex., na China, onde os naturais, cuja superstição não é por demais conhecida, admitem a existência de *espíritos bons e maus*, que veem visitar as fontes em ocasiões (5).

(1) *Revue Moderne de Médecine et Chirurgie*, Março, 1935.

(2) Para os povos que precederam os Romanos, as fontes e os rios possuíam boa parte de Força natural, que respeitavam.

Plínio «Hist. Nat.» alude à superstição ligada às nascentes (*Fontes presagas*). Os Romanos, pelo menos, continuaram esta crença e atribuíram Nomes diversos às águas, como se deduz enigmáticamente de epígrafes encontradas pelos arqueólogos nalgumas localidades do N. da Península.

Bormanico — Caldas de Vizela; *Endorio* — Caldas de Reis (Galiza). As ninfas seriam outra ordem de divindades afluentes ou acessórias dos rios e das fontes. Estas eram objecto de *práticas higromânticas* na Galecia (Galiza). Estas práticas deviam ser anteriores ao domínio romano. Os próprios Romanos faziam oferendas aos Mananciais, segundo alude Marcial.

Ovidio, refere-se ao anho imolado na Fonte de Picus, Cf. F. Lopes Cuevillas, *O culto das Fontes no noroeste hispanico*, in «T. da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», VIII, p. 73, 1935.

(3) Titelbach, de Belgrado diz (Cf. Zaborowski, *Le feu sacré chez les Slaves contemporains*), que os Slavs de todas as classes têm o lume da lareira por sagrado e assim também os Slavs Karpáticos atribuem ao fogo virtude salvadora particular.

(4) Santos Graça, *O Poveiro*, Póvoa de Varzim, 1932.

(5) Sébillot, *Le Folk-Lore. Littérature orale et Ethnographie traditionnelle*. Paris, 1913.

Por fim, é na Alemanha moderna — nacional-socialista —, que se tenta renascer a celebração estival, à maneira antiga, em legítima festa pagã, acendendo as fogueiras simbólicas e declamando discursos, que hão-de afervorar a nova crença e o respeito dos heróis doutróra, que com Witkind, lutaram pela independência germânica.

*
* * *

Segundo antigos textos, parece que êste ritual pagão é muito vetusto e já se estadeava na Idade Média. Pode-se dizer também que é muito extenso e adquiriu grande generalidade. debaixo de formas as mais variadas e pitorescas, que participam do *folclore* de mui diversas regiões. A poesia e a música são talvez intrmissões modernas no ritual conhecido e no meio da alegria verdadeiramente pagã e assás ruidosa. Inumeras trovas e canções evocam o Santo e as suas virtudes; as diversões têm ainda o carácter supersticioso, sem prejuízo de cerimónias pròpriamente religiosas (1).

(1) Luís Chaves, *Portugal Além*, Gaia, 1932.

Segundo êste investigador, semelhantes festanças têm três características acentuadas: 1.º, Feição amorosa, como se nota nas trovas de inspiração popular:

S. João é milagroso
É santo casamenteiro

.

e nalguns costumes e tradições, exemplo, a queima das alcachofras, o *bochecho de água*, etc.; 2.º, Reminiscência do antigo banho sacramental de S. João Baptista (rito cristianizado); 3.º, Feição sortilêga e divinatória ou oracular. Ainda conforme a interpretação do sr. L. Chaves, a ardência das fogueiras é outro elemento do culto pagão, talvez ligado ao intuito purificador:

Na Noute de S. João
Vou fazer uma fogueira

.

Também no conhecido Romance de Vinhais, transcrito pelo mesmo autor (*loc. cit.*) e que se encontra também no voluminho do P. Firmino Martins, *Folclore do Concelho de Vinhais*, Coimbra, 1928, se nota o referido carácter de sortilégio, quanto ao poder misterioso da água da Fonte, da manhã de S. João:

Que à fonte foi buscar água!
Bem ditosa da donzela

.

Quanto a danças, não faltam e antes abundam as da noite de S. João, alternadas ou simultâneas com as canções. J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, p. 99.

O culto do lume e o seu ritual revela-se ainda de formas frustes, não menos significativas, embora de carácter supersticioso. Tais actos de superstição representam a degenerescência de culto atávico, outrora com certeza de maior alcance e largueza.

Dêste modo, tanto em Portugal como na vizinha Galiza, é pecado cuspir no lume, acreditam as gentes que o lume *possui alma*. O respeito, a veneração da lareira, mais do que pelo calor irradiado, se torna profundo pela crença religiosa. Por analogia, S. Martinho Bispo de Dume, no VI século da era Cristã disse que o povo, depois do Dilúvio, se esqueceram do Deus Criador, para prestar culto a entidades inferiores... «Huns adorão o Sol, outros a Lua ou as estrelas, huns o fogo, outros a agoa ou as fontes...» (1).

Todas as modalidades expressivas da festa solsticial mostram que, nas regiões opostas e distantes, em diversos agrupamentos étnicos, ela reserva o simbolismo agrário e protectorio, em que a Água e o Fogo são representativos das potências universais.

Os acessórios não deixam de se repetir do mesmo modo. As trombetas, os instrumentos de barro, os tambores, as músicas, os pandeiros, os assobios e os petardos, os estrondos, constituem outros tantos elementos imprescindíveis de estímulo e de alegria e conferem ao divertimento o carácter e o ritmo pagão.

23 de Junho de 1935.

J. BETHENCOURT FERREIRA

(do Instituto de Antropologia
da Universidade do Porto).

À busca da Atlântida

Visitou recentemente Portugal e os Açores o sr. Paul Le Cour, director da revista parisiense *Atlantis*, o qual realizou uma conferência em Lisboa e veio procurar nestas paragens ocidentais elementos de discussão do eterno problema da Atlântida.

O sr. Paul Le Cour deu-nos o prazer de nos procurar no Pôrto, tendo tido ensejo de examinar os allabetiformes de Alvão, Lerilla, etc. no Instituto de Antropologia. O cepticismo do sinatário sobre a realidade da Atlântida de Platão não impediu que lhe

causassem uma impressão muito agradável as horas de convívio intelectual que teve com o sr. Paul Le Cour, pessoa de muita distinção e afabilidade, com a qual se encontra conforme no que respeita a elevadas aspirações idealistas e à necessidade de se não considerar o Ocidente através da prehistória e da proto-história como meramente tributário das culturas orientais.

A propósito, queremos registar que, tendo-nos recentemente ocupado da Atlântida em vários trabalhos (*As novas ideias sobre a Atlântida*, «A Terra», Coimbra, 1934; *A Atlântida e as origens de Lisboa*, cap. V do livro «Da Biologia à História», Pôrto, 1934; e ainda num resumo em castelhano *La Atlântida y los origenes de Lisboa* em «Investigación y Progreso», t. VIII, Madrid, 1934, p. 221), não conseguimos exgotar — longe disso! — a vasta bibliografia recente sobre o assunto. As opiniões de vários autores que expuzemos, teríamos a juntar as de muitos outros que só posteriormente chegaram ao nosso conhecimento. Não acabaríamos, porém, se quizéssemos dar uma informação minuciosa. Citaremos apenas algumas publicações, acompanhando essas citações de breves notas sobre opiniões ou factos referidos naquelas publicações.

JUAN FERNÁNDEZ AMADOR DE LOS RIOS — *Atlantida — Estudio arqueológico, histórico y geográfico* — Zaragoza, 1925. É um volume compacto de 346 págs., cheio de fantasia erudita. Apoia-se sobretudo em etimologias e aproximações onomásticas. Critica Schulten e outros autores. O Autor pretende que os Tartéssios receberam a sua cultura dos Atlantes seus ascendentes, povo etíope, educador dos Egípcios e Caldeus, e ensinaram a seu turno o seu saber a Gregos, Cartagineses e Latinos. Para nós tem particular interesse esta passagem (pág. 79): «Los hermanos gemelos Elisippon y Méstora puede admitirse que tuvieron sus reinos en España, pues Mestora, «habitante de la Puerta», debia de referirse á la puerta Mediterránea o entrada del Estrecho y el nombre de Elisippon, «el de los buenos caballos», parece recordar el nombre de *Elisippo* (*sic*), hoy Lisboa, famosa como toda la *Lusitania*, por sus caballos». O A. refere-se em seguida à lenda da fecundação das éguas, na Lusitânia e perto de *Olisipo*, pelo vento. Destas passagens se depreende que, antes de nós, já a atenção de alguém fôra ferida pela analogia entre *Elásippos* e *Olisippo*. Embora o ignorássemos à data das nossas publicações, sempre o supuzemos possível, tão impressiva de facto é essa afinidade.

NICOLÁS DE ASCANIO — *L'Atlantide quaternaire* — 2.^a ed. — Tenerife, 1930. Um fragmento de humero humano encontrado por volta de 1857, por P. Maffiote, a 2^m,50 de profundidade na grande

(1) Informação e cortezia do sr. dr. Carlos Teixeira, de Braga.

Canária; um *gánigo* (nome guanche que designa um vaso de barro de forma hemisférica e de factura rude), que teria sido encontrado em 1859 ou 1860 por F. Kreitz numa galeria aberta sob a *tova* (camada de pedra pomes), com um fragmento de mó manual, um maxilar inferior humano, cinzas e conchas calcinadas (hoje tudo extraviado); restos de árvores sob a *tova* na Grã Canária e em Tenerife; algumas peças cerâmicas mais perfeitas do que as guanches, encontradas em La Portalina e noutros pontos — são, com algumas considerações geológicas, argumentos invocados pelo Autor para fundamento da hipótese das Canárias terem pertencido à Atlântida de Platão. Não é difícil notar o que há de precário e incerto nesses argumentos para conclusão de tamanha monta.

OTTO SILBERMANN — *Un continent perdu — L'Atlantide* — Paris, 1930. Segundo este A., a Atlântida estava na África do Norte ou ligada a esta. A civilização atlante era libifénicia. A história da Atlântida não é anterior a 1100 a. C. Nota-se que o elefante pertence à fauna africana. O cavalo só apareceu em África no séc. XVI a. C., com a ocupação pelos Hicsos. Silbermann entende que a narrativa libifénicia da Atlântida foi levada para o Egito, onde exageraram a sua antiguidade. Os gregos também teriam deformado as narrativas fenícia e libi-egípcia... É vasto o domínio das hipóteses.

JEAN GATTEFOSSÉ — *L'Atlantide et le Tritonis occidental* — «Bull. de la Société de Préhistoire du Maroc», 1932 (anal. de Paul Le Cour no n.º 45 de «Atlantis», Paris, 1933). Estudo dumas 150 páginas, em que o A. procura demonstrar que a Atlântida de Platão não é a América, mas se deve procurar na África. O mar Atlântico seria o lago *Tritonis* occidental, existente no Saará de oeste, então ainda não seco, e que teria várias ilhas e comunicaria com o Oceano. Os Atlantes seriam Hiperbóreos, emigrados para ali. A sua civilização seria neolítica (então os metais da narrativa de Platão?). M. Gattefossé espera que investigações no Djouf virão a revelar os vestígios das cidades atlantes. No mesmo n.º da revista *Atlantis*, se alude também às pesquisas do P.º Azaïs e de R. Chambard na Etiópia, outrora chamada, segundo Plínio, *Atlantia*, e se notam analogias impressionantes entre as descrições daqueles autores e a narrativa de Platão. No entanto, M. Paul Le Cour, autor das duas análises, escreve que a Etiópia dos antigos não coincide com a actual e que as relações entre a Atlântida de outrora e a Etiópia de hoje são longínquas... Tudo isto é na verdade muito longínquo...

JULES FONTAIN — *Poseidon, Roi de l'Atlantide; son véritable caractère dans la mythologie et dans la religion grecque* — «L'Ethnographie», nouv. série, n.º 27, Paris, 1933. Sem se pronunciar sobre o sentido a dar à narrativa de Platão, o A., nesta comunicação à Sociedade de Etnografia de Paris, em sua sessão de 4 de Fevereiro de 1933, afirma que Poseidon foi primitivamente mais que o deus do mar, estendendo-se o seu domínio à terra firme. Daí te-lo a imaginação de Platão, ou as tradições recolhidas por este, apresentado como o rei da Atlântida.

G. POISSON — *Le rôle de la Préhistoire dans l'étude de l'Atlantide* — Ibid. Na mesma sessão da Sociedade de Etnografia, Poisson mostrou que a Pre-história contradiz o que o *Critias* diz da Atlântida e que seria apenas produto da imaginação do filósofo «pour les besoins de ses théories». Pelo contrário, a narrativa do *Timeu*, muito mais simples e sem indicações sobre a civilização, poderia ajustar-se aos elementos fornecidos pela pre-história. Os Atlantes seriam da raça de Cro-Magnon, que — diz o A. — se parece muito com os Peles-Vermelhas do NE. da América. Formada na Atlântida, a raça de Cro-Magnon talvez tivesse emigrado para os dois lados do Atlântico, no momento do cataclismo que submergiu a Atlântida, cu seja no meio do quaternário...

ALEXANDRE BESSMERTNY — *L'Atlantide* — Trad. do Prof. F. Gidon — Paris, 1935. É um volume de mais de 250 páginas com 23 figuras e cartas. Nêle se expõem várias hipóteses sobre a Atlântida, especialmente as que localizam esta na África Ocidental (Elgee, Frobenius), no norte de África (Berlioux, Knötel, Roux, Borchardt, Herrmann, etc.), em Tartessos (Schulten, Hennig, Netolitzky, etc.), no Oceano Atlântico (Cadet, Donnelly, Lewis Spence, etc.), as doutrinas de Herman Wirth e de Gorsleben, que pretendem numerosas e amplas difusões migratórias dos Atlantes na Europa Ocidental, na África, na América, etc., as doutrinas de Hörbiger, Georg, Fischer, etc. que baseiam a ideia atlantidiana na cosmogonia glaciária, emfim a teoria de Karst que pretende terem existido... duas Atlântidas, a de Oeste e a de Leste, a Atlântida líbica e hespérica com um *vorland* hiperbóreo e europeu ocidental e uma Atlântida pérsico-índo-oceânica continuada a NE. com o *hinterland* turaniano e asiático oriental. A etnologia e sobretudo a lexicografia fornecem elementos a esta última construção, avisinhando os Incas do Perú dos Inuit da terra esquimó, dos *Machiolas* do Peloponeso, dos Enakim da Palestina, dos Ainos do N. do Japão. Eneas = Aineas, o chefe pre-italiota, «reflete» o nome de *Anahuac*, do país dos Tolteques... E quem nos diria

que o onomástico lusitano com *Callipus* ou com *Minius* (o actual Minho) viria dum fundo comum, que relacionaria povos asiáticos, mediterrâneos, europeus ocidentais, e americanos!? Quem nos diria que *Minius*, por exemplo, vem da palavra dakota *mini* que quere dizer a «água»?...

Deixemos os teósofos e ocultistas atlantidianos de que Bessmertny se ocupa ainda largamente, e registemos apenas que, para êle, o problema da Atlântida de Platão «pertence pela sua natureza aos fenómenos irracionais», e está na actualidade para aqueles que querem «descobrir uma pátria e um objectivo». «A imagem de continentes submersos — diz entretanto — faz parte necessariamente, d'ora-à-vante, da nossa concepção do mundo». Pouco importa, segundo o mesmo A., que Platão tenha ou não dado nomes exactos a êsses continentes ou deles soubesse alguma coisa: o que o seu génio inventou de *toutes pièces*, essa mitologia nova, «não podia ser uma mentira». A Atlântida platónica seria o símbolo duma aspiração sugestiva que engloba todas as pátrias primitivas — iluminadas pelo sol ou envolvidas na bruma, perfumadas suavemente ou açoutadas pela tempestade — das diversas mitologias nacionais, Vineta dos Alemães, San Brandan dos Suecos, Avalun dos Celtas...

O célebre relatório do neto de Schliemann, duas resenhas históricas feitas por Paul Le Cour e R. Dévigne sobre o movimento atlantidiano em França, e ainda duas notas de F. Gidon e Marcel Baudoin sobre submersões litorais nas costas irlandesa e francesa, completam o livro de Bessmertny. O relatório Paul Schliemann é porcerto uma das maiores fantasias a que tem dado alento o tema da Atlântida. Mistificação indigna de alguém que usa o nome do glorioso orientalista? Talvez não. Porventura será antes um sonho extranho dum atlantómano, que, como Bessmertny sugere para o *Complexe-Atlantis*, mereceria ser menos o alvo de censuras agastadas do que o objecto dum inquérito psicanalítico ou — dizemos nós — mesmo francamente psiquiátrico.

Talvez sôb êste último aspecto os devaneios dalguns atlantófilos adquiram maior interesse científico do que as próprias pesquisas do suposto continente desaparecido. Mas é inegável que a intensificação recente dos estudos atlantidianos é, como a teosofia, algumas filosofias e várias utopias e exaltações sociais, políticas e religiosas, a expressão profundamente dramática da imensa angústia intelectual e afectiva da humanidade contemporânea...

MENDES CORRÊA.

Afrânio Peixoto

Visitou Portugal no mês de Maio findo o insigne cientista e escritor brasileiro, Prof. Afrânio Peixoto, que veio tomar parte na sessão inaugural da secção portuguesa do Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, tendo proferido nessa sessão uma notabilíssima conferência sobre a história das relações intelectuais entre os dois países irmãos.

Infelizmente a permanência de Afrânio Peixoto entre nós foi muito curta. Tendo estado em Lisboa, Coimbra, Porto, Guimarães, Braga, Vila Real, e alguns outros pontos do país, pôde sem dúvida ajuizar de quanto é querido e admirado em Portugal, e surpreender aspectos da vida portuguesa que muito haviam de interessar o seu espírito de raro quilate intelectual e de perfeita e simpática lusofilia. Mas, se lhe foi dado ter uma visão rápida duma terra e duma gente a que o prendem os laços da mais estrutural afinidade de inteligência, de affecto e de sangue, mal houve tempo para entrar em contacto com alguns centros culturais que de há muito o conhecem e admiram e que lhe teriam sem dúvida testemunhado expressivamente os seus sentimentos, se lhes tivesse sido possível recebê-lo pessoalmente em seu grémio.

Assim sucedeu com a nossa Sociedade que lhe consagraria, sem dúvida, uma sessão solene de recepção, se a estada de Afrânio Peixoto no Pôrto não se tivesse reduzido a pouco mais dum dia e se, nestas condições, fôsse legítimo e humano privar o ilustre autor dos *Novos ramos da Medicina Legal*, da *Criminologia*, da *Sexologia Forense* e das *Missangas* dalguns momentos de descanso na vertiginosa sucessão de visitas, digressões, recepções, etc. para que, sem fadiga e sempre na melhor disposição, se viu constantemente solicitado.

A despeito de tanta pressa, nenhuma dúvida temos de que Afrânio Peixoto viu e sentiu bem na paisagem, na história, na alma, o Portugal que perfeitamente adivinhara do outro lado do Atlântico.

A cultura brasileira não podia ter tido mais adequado emissário perante a antiga metrópole. Numa revoada de nativismos tão inúteis como desprestigiados para quem os acalenta, a missão de Afrânio Peixoto surgiu como a mais alta, mais digna e mais pura expressão da Inteligência e do Sentimento da grande Pátria brasileira.

M. C.

Congresso de Antropologia Colonial no Pôrto

Tem a imprensa científica da especialidade, como as revistas «L'Anthropologie», «Anthropologischer Anzeiger», etc. feito agradáveis referências ao I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, realizado pela nossa Sociedade no Pôrto em Setembro de 1934, por ocasião da Exposição Colonial Portuguesa. Está também muito adeantada a publicação dos respectivos trabalhos, que constituirão dois volumes ilustrados, de mais de 400 páginas cada um.

Um dos votos do Congresso — no sentido da criação no Pôrto dum Instituto Colonial com um Museu — não mereceu, porém, o aplauso do nosso distinto colega sr. prof. Victor Fontes, que, numa conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa em 14 de Janeiro de 1935, exprimiu uma opinião favorável à prioridade de Lisboa sobre Coimbra e Pôrto em tal matéria. Esta conferência suscitou uma carta do autor destas linhas ao «Diário de Notícias» de 19 seguinte, carta em que sobre factos se manifestava o parecer de que o Pôrto não tem menos direito a tais organismos do que Lisboa, e de que à fórmula «antes uma coisa boa do que muitas más» é preferível substituir a fórmula «antes várias coisas boas do que muitas más».

É do nosso conhecimento que o sábio ilustre que é o sr. prof. Joaquim A. Pires de Lima, perante o texto da conferência, inserto no n.º de Março e Abril do Boletim da Sociedade de Geografia, enviou a esta colectividade uma nota em defeza dos direitos portuenses, combatendo o preconceito de que a capital tem primazia *em tudo* e citando mesmo o caso da Holanda, o grande país colonial, que possui o seu magnífico Instituto Colonial em Amsterdam e não em Háia

A centralização em Lisboa afecta inexplicavelmente outros domínios. Assim, ainda recentemente se constituiu uma Comissão de Etnografia no Secretariado de Propaganda Nacional só com elementos residentes em Lisboa, sem qualquer representação escolhida pelos organismos e entidades provinciais daquela disciplina.

Não temos senão simpatia por Lisboa e muito desejamos vêr engrandecida a nossa capital, onde há nos vários ramos de actividade elementos de alto valor. Mas porque não reconhece Lisboa à província os direitos que, por exemplo, Berlim reconhece a Munich, onde existem o Instituto Imperador-Guilherme de Psiquiatria, o grandioso Deutsche Museum, da indústria, e outros institutos sem equivalentes em Berlim?

M. C.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

R. R. SCHMIDT — *Der Geist der Vorzeit* — 1 vol. de 245 págs., Keil Verlag — Berlim, 1934.

Baseado nas últimas aquisições da paleontologia, da pre-história e da psicologia, o A. faz a reconstituição da história da humanidade, considerando o ambiente, o universo, o corpo e a alma como unidade criadora do desenvolvimento da humanidade. Introduce-nos na cultura e na vida da pre-história e mostra-nos como apareceu a primeira crença e qual a origem da arte. Fundado na paleontologia e nos nossos conhecimentos do desenvolvimento psíquico humano, apresenta como um novo ramo da antropologia o conhecimento da alma do homem pre-histórico, ligando assim o presente ao passado. Embora o A. tenha necessariamente sido obrigado a construir e admitir hipóteses, nem tôdas indiscutíveis, a obra, pela fluência do seu estilo e pela maneira como tem encadeiadas as conclusões de cada ciência a que o A. recorre, lê-se com muito agrado e é uma excelente síntese das aquisições científicas no domínio da Antropologia física e psíquica.

A. ATHAYDE.

DR. GEORGE MONTANDON — *Traité d'Ethnologie Culturelle* — Um vol. de cerca de 800 págs., 438 figs., numerosas cartas e 32 estampas — Paris, 1934.

O magnífico tratado de etnologia cultural que o Prof. Montandon, da Escola de Antropologia de Paris, acaba de publicar em edição da casa Payot, é um relevante serviço prestado aos investigadores e aos curiosos dos assuntos etnográficos. Fazia-se sentir deveras a falta dum livro deste género em língua francesa. O excelente livro de Deniker era sumário e necessitava de ser actualizado com a explanação das modernas sistematizações. O *Questionnaire* de Louis Marin é de averiguada utilidade, mas

constitue, por sua própria natureza, um programa de trabalho não uma resenha de resultados. Não faltam monografias de regiões ou de factos, não faltam dissertações sôbre generalidades etnológicas, mas não havia um livro como aquele que o Prof. Montandon acaba de dar à estampa.

Divide-se o copioso volume em duas partes. A primeira contém as generalidades, definições, discussão das teorias culturais, descrição dos ciclos de cultura. Expostas as teorias do desenvolvimento uniforme (chamada evolucionista), dos ciclos culturais ou *Kulturkreise*, e *hiperdifusionista* de Elliot Smith (que coloca no vale do Nilo a origem de tôdas as civilizações), o A. expõe a sua concepção da *Ologénesse cultural*, paralela à idea ologénica que adoptou na Antropologia Física. O ciclo cultural é na Etnografia, diz, o que a raça é na Antropologia somática. Dum estado universal de cultura primitiva teriam resultado dicotomicamente, em ramos precoces e târdios, e não em centros ou pontos restritos mas em áreas, os vários complexos culturais. Mas esta concepção ologénica deixa em aberto, segundo o A., a questão de saber se culturas análogas de vastas regiões de diferentes continentes resultam de origens comuns para todo o globo ou de convergência. Também o A. distingue entre elementos de cultura ocasionalmente *inventados* e elementos largamente *adoptados*, só estes últimos sendo característicos dum ciclo de cultura.

São doze as culturas fundamentais que o A. individualisa e cujo desenvolvimento e conexões resume num quadro elucidativo: I, a cultura primordial ologénica, de formas embrionárias desconhecidas, com duas fácies — a pigmoide (I a) e a tasmanoide (I b); II, a forma cultural australoide, também chamada o *Ciclo do bumerang*; III, o ciclo totémico; IV, o ciclo páleo-matriarcal ou das duas classes; V, o ciclo neo-matriarcal ou do arco chato; as culturas médias do mesmo ramo precoce, a autronesioide ou malaio polinesioide (VI a) e a sudanoide (VI b), com presumíveis conexões antigas; VIII, a cultura méxico-andinoide, forma superior do mesmo ramo precoce com 8 fácies principais; as culturas infero-médias do ramo târdio, a ártico-subártica (VII a) e a pastoral (VII b); as culturas superiores do mesmo ramo, IX ciclo sinoide, X ciclo indoide, XI ciclo islamoide e XII¹ ciclo páleo-mediterrâneo, do qual deriva a cultura suprema, a moderna civilização ocidental (XII²).

Para cada ciclo, Montandon estuda sinteticamente a distribuição, a economia, a produção do fogo, a habitação, o vestuário, as armas, os utensílios, os meios de transporte, a organização da família, a propriedade, cerimónias, mutilações, sepulturas, crenças, música, artes plásticas, etc.

A segunda parte do livro, de ergologia sistemática, dum riquíssima informação documental, abrange sucessivamente a descrição de instrumentos e utensílios de caça, de pesca, de agricultura, de fogo, de metalurgia, a habitação, o mobiliário, o vestuário, calçado, ornatos, penteados, armas, utensílios industriais, meios de transporte e de comércio, mutilações, sepulturas, canibalismo, instrumentos de música, máscaras, etc. À descrição sistemática dos vários factos segue-se o estudo da sua distribuição no globo e nos diversos ciclos culturais, e mesmo, quando possível, do desenvolvimento e conexões das suas diferentes manifestações. Figuras, quadros e cartas, em profusão, ilustram e valorizam os vários capítulos, alguns dos quais são verdadeiramente preciosos para os etnógrafos e contém muitos elementos originais.

Pode divergir-se do Prof. Montandon quanto à sua concepção, porventura um pouco forçada, dum Ologénesse cultural, paralela a uma Ologénesse física. Mas essa concepção não é absorvente na exposição, não desfigura a realidade, não modifica o alto interesse documental da informação contida neste livro de primeira ordem. Notemos que a ergologia sistemática é a parte mais desenvolvida pelo que o volume trata sobretudo da parte material da Etnografia, mas aparecem interessantes elementos, a cada instante, sôbre os aspectos psico-sociológicos daquela ciência. Montandon colocou-se a respeito desta, numa atitude análoga à de alguns antropogeógrafos perante a geografia humana, quando nesta se ocupam, apenas ou sobretudo, da geografia dos factos materiais.

Talvez entre os méritos dêste livro devamos destacar precisamente o cuidado que o autor teve em, a-pesar-das suas opiniões e doutrinas, procurar conservar-se o mais possível no domínio do objectivo e do concreto. Ainda assim é possível a objectividade no estudo das manifestações culturais de carácter abstracto ou imaterial, como a religião, as superstições, certos aspectos da vida psíquica e da vida social. Certamente Montandon não deixará de nos dar um dia uma visão igualmente brilhante dessa face da ciência etnográfica, servida pelo mesmo método, pela mesma imparcialidade, pela mesma erudição, que tem afirmado, com talento multiforme, nos seus estudos quer de Antropologia física, quer de Etnologia cultural.

MENDES CORRÊA.

PROF. DR. MENDES CORRÊA — *Cariocas e Paulistas — Impressões do Brasil* — E.J. Fernando Machado & C.^a L.^{da}, Pôrto, 1935.

Cabe-nos o encargo, ao mesmo tempo difícil e agradável, de dar notícia, pôstoque sucinta, da novíssima obra do Prof. Mendes Corrêa, cujo primor literário a casa editora Fernando Machado, bem conhecida e de largo crédito, acaba de lançar a público, em cuidada e elegante edição. Dentre as obras e revistas que nos compete relatar, escolhemos esta, cujo interêsse e curiosidade são manifestas, por se tratar dum livro de impressões de viagem, atraente pela forma e pelo texto, devido à omnímota aptidão, ao reconhecido talento e diversa competência do insigne professor, cujas faculdades de escritor se expressam nesta recente produção da forma que melhor pode recomendá-la aos leitores.

Todos sabem a razão de ser dêste livro, que tem como principal motivo, a ida do autor ao Brasil, por honrosíssimo convite, a-fim-de inaugurar o Instituto Luso Brasileiro da Alta Cultura, cuja sessão se efectuou no Rio de Janeiro, em Junho do ano passado. Apresenta o autor, em linguagem corrente, acessível a todos, sem prejuízo de natural elegância, o que êle denomina a sua colectânea de notas de viagem, em que nos conta as suas impressões e os seus pensamentos, resultantes de contacto com as pessoas, as coisas, os aspectos, tão variados, os acontecimentos, de tanta importância, que presenciou e nos revela a fisionomia moral e intelectual das personagens distintas, em todos os sectores, com as quais tratou, tudo isto com o claro sentido dos relêvos e dos planos.

Diz-nos o quanto basta, o traço definitório dos vultos, a nota impressionante dos factos, marcados com admirativa sinceridade, de observador benévolo, sem resabios de ironia, nem de crítica impertinente, que prejudica a intenção e a valia das descrições e referências de outros escritores viajantes.

«Cariocas e Paulistas» mostra-nos as diferenças dos meios sociais, as *facies* do Rio e de S. Paulo; prende-nos à leitura pela exactidão e bom senso das observações, de subtilidade espiritual, pelas quais nos põe em contacto com o que viu e nos deixa entender o que ouviu. Perpassam numa espécie de panorama interior, as mais diferentes perspectivas, as paisagens, as mentalidades, as instituições, patenteando-nos, em discernidas apreciações, a noção clara e precisa do Brasil grandioso e progressivo, generoso e forte, abundante e culto. As impressões de viagem, sempre interessantes, até de simples curiosos e turistas, atingem maior importância quando transmitidas pelo eminente homem de saber, pela pessoa de verdadeira alta-cultura, que é o autor dêste

livro, o qual nos instrui tanto das aparências e das belezas do país irmão, como das personalidades, dos costumes, dos monumentos e das Artes, das instituições políticas, científicas e sociais, e nos fornece a maior cópia de informações, a respeito de tudo que possa despertar a curiosidade intelectual e tocar a nossa sensibilidade. A digressão do sr. Prof. Mendes Corrêa ao Brasil constituiu um acontecimento memorável e proveitoso para nós, no ponto de vista nacional e político da interrelação das duas pátrias portuguesas, irmanadas pela História e pela Linguagem, pela Literatura e pelo Saber e portanto foi verdadeira embaixada e da melhor e autêntica diplomacia. Não procuramos comprová-lo nestas poucas linhas; apenas afirmar que o resumo descritivo dessa digressão, realizada com êxito completo, coube, por milagre da escrita, no pequeno volume, tão acessível, que temos presente e em que o autor, servindo-se de crítica esclarecida e imparcial, narra todos os passos dessa significativa actuação, da qual sobressai, para nós, a vantagem de apreciações favoráveis ao nosso país, e que só a pessoa e a influência excepcional do ilustre Professor poderiam colher.

De todos os capítulos, de excelente informação e agradável leitura, não deveremos deixar de salientar o que trata minuciosamente do *Caso Canella-Bruneri*, o qual, por tantos motivos, apaixona a opinião pública e dos especialistas, na Itália e no Brasil. A exposição do célebre caso médico-legal de após-guerra, em que se debatem as convicções, na aparência mais fortes, e se discutem as provas convincentes julgadas hoje mais estáveis, como as provas dactiloscópicas e o assinalamento antropométrico, bem como grande número de testemunhos e opiniões apreciáveis, é feita de maneira superiormente científica, sensata e discreta e, ao mesmo tempo, de cinemática emoção, que só por êste facto, o novo volume devido ao sr. dr. Mendes Corrêa fica em extremo valorizado e, por tudo que nos revela, a respeito do Brasil, merece ser lido por todos.

B. FERREIRA.

DR. CONSTÂNCIO MASCARENHAS — *Os Povos de Angola* — (Com prefácio do PROF. DR. GERMANO CORRÊA), Bastorá, Índia, 1934.

A já valiosa contribuição bibliográfica portuguesa sôbre as raças africanas foi enriquecida, desde o passado ano, célebre pela realização da Exposição Colonial e pelo I Congresso Nacional de

Antropologia, reunido, a propósito dela, no Pôrto, pela publicação do novo volume do insigne antropologista e etnologista, Dr. Constâncio Mascarenhas.

Dos numerosos estudos das raças coloniais, que povoam e se espalham pelos domínios do chamado Império Português, elaborados sob pontos de vista diversos, alguns romantizando a vida entre negros, no vasto Continente que dêles toma o nome, há muito, o documentário científico deste consagrado antropologista, e as opiniões eruditas, bem como as considerações de ordem etnológica que encerra o volume que temos presente, dedicado à memória do Prof. Silva Teles, possuem um valor considerável pelas bases de verdadeiro conhecimento em que assentam e pela excelente obra técnica de que se nos dá mostra. Poderia entrevêr-se, neste apreciável trabalho, desde certo ponto, a reabilitação do negro, cuja intelectualidade e moralidade rudimentares anquilosadas (diz o autor) no primeiro estádio da civilização, não representam, de modo absoluto, a *estabilização definitiva* das raças camíticas e a sua impossibilidade completa de ascenderem a estádios de civilização mais adiantada. Que esta progressão, embora lenta e perturbada, não é impossível, prova-o a quantidade de factos, que sobretudo para nós mesmos, senhores do vasto Império, foram revelação interessante e esperançosa, no sentido dê-se progresso, presentido apênas por alguns e afirmado actualmente por acontecimentos e pormenores de relêvo científico. A obra interessantíssima e de largo alcance etnológico e social, do Dr. Constâncio Mascarenhas, vem confirmar êste conceito por meio de medidas e apreciações de forma e de carácter métrico, de ordem fisiológica, psicológica e moral, de modo a colocar o negro, não como conjunto de elementos étnicos, muito atrasados, e inadaptáveis ao progresso da humanização, do trabalho racional, da Arte e da Indústria, mas, pelo contrário, na série dos elementos susceptíveis de ensinamento, de perfeição e de sociabilidade, que dariam, num futuro, não muito distante talvez, núcleos importantes de população negra, trazidos com habilidade e humanidade conscienciosas ao contacto permanente da nossa civilização. Isto a partir do lema que êste autor estabelece de que, «sob o ponto de vista anátomo-fisiológico não se encontram diferenças entre os povos civilizados e as populações negro-africanas». Assim a platirrinia negróide não seria definitiva do carácter de inferioridade, pois, como acabam de demonstrar Haddon e Montandon, seria função duma forma de adaptação climática, própria das paragens húmidas e quentes, ao passo que nas regiões frias e de relativa secura, a abertura nasal se torna estreita, de modo a aquecer o ar aspirado. Seria portanto esta platirrinia, como diz o dr. Mascarenhas,

resultante da influência mesológica e não sinal de degenerescência, o que o leva a afirmar que, «no ponto de vista biológico, não há razões científicas que justifiquem o preconceito e fundamentem o dogma da inferioridade congénita das populações negro-africanas». Nesta obra, o autor apresenta numerosos quadros de medidas realizadas sôbre a Colecção craniológica legada pelo Prof. Silva Teles à Sociedade de Geografia de Lisboa e composta de crânios de angolanos, cujo estudo estava ainda a tentar quem o efectuasse, com a técnica experimentada e precisa, como aquela de que o autor dispõe.

A análise etnogénica levada a efeito por êle, dá como elementos constituintes das populações de Angola os tipos muito diversos de Bochimane, Hotentote, Banto, Negrito, Negrilho e até de Europeu. São numerosos os contribuintes para êste apuramento, sempre de enorme dificuldade, que o autor procurou realisar com a probidade científica que é sua peculiar.

B. F.

F. ROMAN — Sur une faunule de Vertébrés et sur des pièces néolithiques du Sahara Occidental — «Bull. de l'Assoc. Régionale de Paléont. et de Préhist.», n.º 5, Lyon, 1935; *Les collections de Géologie et de Paléontologie de la Faculté des Sciences de Lyon* — Extr. des «Annales de la Soc. Linnéenne», t. LXXVIII (1934), Lyon, 1935.

O ilustre geólogo e paleontologista de Lyon, Prof. F. Roman dá conta, na primeira nota, de vários restos fosseis animais, dos restos dum esqueleto humano e de objectos neolíticos, encontrados por missões do Serviço Geológico da África Ocidental Francesa a NNO. de Araouan e a S. de Guir, e enviados para determinação ao Laboratório de Geologia de Lyon.

O esqueleto humano, de idade talvez neolítica, reduz-se a fragmentos insignificantes que não autorizam precisões étnicas. Os restos de indústria lítica e em osso, também do S. de Guir, foram estudados pelo eminente antropologista, Prof. L. Mayet, colaborador do Prof. Roman. Os objectos líticos são machados-cunhas de tipo comum no neolítico da África Ocidental e as peças em osso reduzem-se a utensílios de pesca, dos quais alguns lembram peças madalenenses.

Quanto à fauna de Vertebrados, o Prof. Roman determinou vários peixes do grupo dos Silurídeos, restos de *Crocodylus e Trionyx*, de Roedores, Hipopotamídeos, Cervídeos, Bovídeos, etc. A fauna

é comum às duas estações. a-pesar-da distância que separa estas. Trata-se de espécies ainda existentes, senão naqueles locais, pelo menos em regiões próximas. São formas aquáticas ou que vivem nas margens de rios e de lagos como o antílope *Limnotragus*. Teria havido uma modificação muito profunda do clima na região, onde existiriam na época neolítica grandes rios ou pântanos que hoje não existem. O Prof. Roman inclina-se a admitir, perante os utensílios de pesca, que se não trataria de depósitos naturais de restos orgânicos, mas da acumulação de restos de animais que o homem teria utilizado para a sua alimentação.

A segunda notícia refere-se às belas colecções de geologia e de paleontologia da Faculdade de Ciências de Lyon, que o sinatário destas linhas teve o grande prazer de visitar por duas vezes em 1931. O Prof. Roman põe em relêvo especial o labor do saudável Prof. Déperet, de que é hoje o continuador ilustre, com colaboradores como o Prof. Mayet, o dr. Doncieux, o dr. Arce-lin, etc. As colecções são sobretudo importantes a partir do lias, mas destacam-se as magníficas séries de Vertebrados terciários e quaternários e de Paleontologia humana, a que dizem respeito investigações que constituem uma verdadeira glória da Escola de Lyon. Algumas colecções locais se conservaram isoladas, pelo seu interesse especial, no magnífico conjunto.

M. C.

H. V. VALLOIS — *Le Javanthropus* — «L'Anthropologie», t. VI, Paris, 1935; *Les ossements bretons de Kerné, Toul-Bras & Port-Bara* — Vannes, 1953.

Os restos de vários crânios descobertos por Oppenoorth no quaternário de Ngandong, em Java, em 1931 e 1932, e pelo mesmo atribuídos a um novo género e a uma nova espécie *Javanthropus soloensis*, são o objecto do primeiro estudo do ilustre director de «L'Anthropologie».

O Prof. Vallois insiste com razão nas analogias entre o *Javanthropus* de Ngandong e o homem de Neanderthal, com o qual acha preferível a sua identificação, embora reconhecendo tratar-se duma raça local, como na Palestina e na Rodésia.

Examinando as hipóteses genealógicas emitidas a propósito do *Javanthropus*, o A, não se decide por nenhuma, limitando-se a proclamar que o maior interesse da descoberta de Ngandong está em nos indicar que o homem de Neanderthal teve provavelmente um desenvolvimento paralelo ao do *H. sapiens*.

O segundo estudo do Prof. Vallois diz respeito aos esqueleto prehistóricos de Kerné, Toul-Bras e Port-Bara, na Bretanha, todos datados do período de La Tène e alguns deles muito recentemente descobertos por Le Rouzic. Em oito exemplares que permitiram o estudo detalhado, Vallois determinou a dolicocefalia nítida, eurimetopia, leptoprosopia predominante, mesorrinia. É inteiramente de excluir o negroidismo de que se havia falado num crânio de Toul-Bras, e há a notar uma curiosa diversidade antropológica em relação aos braquioides actuais da Bretanha.

Só com elementos objectivos e sistemáticos como os agora reunidos pelo antropologista francês, se poderá fazer uma reconstituição científica da antropologia prehistórica da Europa.

M. C.

JOÃO PERESTRELLO, — *A Nacionalidade Portuguesa — I — Raças Nacionais e a Raça Portuguesa*. — Lisboa, 1934, 1 folheto.

Nêste opúsculo trata o autor largamente de estabelecer a definição de Raça com precisão científica, e de estudar o fenómeno ou o conjunto de fenómenos naturais e sociais, que determinam a génese do que se convencionou chamar Raça, e conclui pela tendência geral para a constituição de agregados, que obedecem a certas leis e condições. Estudando a maneira como se constituem os agregados populacionais, em relação com as circunstâncias mesológicas e a diferenciação de semelhantes agregados, de um e de outros, estabelece a formação das nacionalidades. Comenta a êste respeito, as ideias gerais e as teorias particulares, que explicam a origem dos grupos étnicos. O autor estabelece o conceito do que êle chama — *Raça nacional* — e os critérios em que assenta. Hemos de advertir que êste conceito peculiar, que o autor pretende fixar, não sai muito claramente dos capítulos, aliás interessantes, em que se divide a obra.

Certas considerações são, porém, lógicamente aduzidas e a documentação variada e bem seleccionada em fontes de informação.

Aplicado êste conjunto expositório ao nosso País, o autor conclui pela *Unidade Nacional Portuguesa*, de origem metropolitana e colonial, e pela consagração desta *Totalidade unitária*, histórica, intelectual, moral, económica e política, exemplar perante o Mundo.

Todo o trabalho se impõe pelo sentido patriótico e nacionalista, pelo que só temos de felicitar o autor.

B. F.

SERGIO SERGI — *Le genti del suolo di Roma attraverso i tempi* — «Atti della Soc. Italiana per il Progresso delle Scienze» (Roma, Outubro 1932), Pavia, 1933.

Síntese magnífica da paleontologia e da antropologia da Cidade Eterna. Desde os mais remotos achados do quaternário, em que tem um lugar destacante o crânio neandertaliano de Saccopastore, até aos relativos aos Romanos da antiguidade histórica — passando em revista no decurso da bela exposição os restos neo-eneolíticos e dos metais — o ilustre professor de Roma não deixa no esquecimento nenhum documento importante e procura enquadrar os achados locais nos sistemas gerais sobre a evolução do homem e da cultura.

Na sua opinião o Lácio é a região em que as estirpes predominantes no norte da Península apenina e as predominantes no sul, se equilibram. É, diz, o quadro da Nação. Roma simbolisa a Itália. Centro de civilização milenária, traço antropológico de união entre as gentes do país, o velho fundo romano subsiste — «índice di vitalità meravigliosa di questa terra mai esausta di uomini e dove fiorisce ogni grandezza civile».

Para os que supõem árida a ciência antropológica, poderia servir de desmentido o belo e empolgante quadro traçado pelo mestre italiano.

M. C.

LÍDIO CIPRIANI — *Nuovi dati archeologici sulla Rhodesia* — Extr. de «L'Universo», XVI, Firenze, 1935; *Appunti antropologici sulla Sardegna* — Estr. de «L'Universo», XV, Firenze, 1934.

No primeiro artigo, bem ilustrado, o A. resume o estado actual da controvérsia sobre a origem das célebres minas de Zimbábue e análogas doutros pontos da África do Sul, a respeito das quais escreveu mesmo há pouco tempo um livro de muito merecimento, fundado, em grande parte, em observações directas. O Prof. Cipriani relata no presente artigo as descobertas recentemente feitas pelo Prof. Fouché, de Pretória, perto de Mapungubwe, no Transvaal septentrional. Essas descobertas radicam a sua convicção duma origem indígena, bântu, das famosas ruínas da Rodésia. O Prof. Fouché descobriu e explorou uma pequena colina artificial, alvo de terror supersticioso de parte dos indígenas actuais. Encontrou muros e vários pavimentos, bem conservados, descobrindo no terceiro objectos de ferro, bronze e ouro, que os peritos reconhecem de factura indígena.

Sabe-se que, depois dos estudos de Mac Iver em 1906, tem prevalecido a tese da cronologia não muito remota daquelas minas, o que ainda últimamente foi confirmado pelas pesquisas de Miss Caton-Thomson. Mas Fröbenius e outros autores sobretudo sul-africanos, insistem na opinião duma grande antiguidade e duma origem não indígena, não bântu, daqueles restos arqueológicos. Burkit no seu livro *South Africa's Past in Stone & Paint* (Cambridge, 1928) considera as ditas ruínas como posteriores a 1000 da nossa era, mesmo algumas como post-medievais, e manifesta-se também contra a tese da sua origem estrangeira, por exemplo contra a tese da sua origem árabe.

O segundo artigo do Prof. Cipriani reúne os resultados de observações suas na Sardenha e é belamente documentado com fotografias de tipos físicos, de costumes, de habitações, de aspectos panorâmicos, etc. Para o ilustre antropólogo, embora na Sardenha não tenham aparecido restos humanos anteriores ao neolítico, há ali um velho substrato étnico, inconfundível, que entende dever relacionar com as difusões oceânicas sobretudo proclamadas pelo Prof. Rivet. A extrema dolicocefalia de alguns sardos aparenta deveras esta população com a de algumas províncias portuguesas, de marcada dolicocefalia. Há dificuldade na distinção e identificação definitiva destes elementos, mas não ocultarei ao Prof. Cipriani que, ao examinar muitas das suas fotografias de gente e usanças da Sardenha, não encontrei diferenças acentuadas em relação a aspectos antropológicos e etnográficos do meu país. Senti a impressão de que estava perante um album etnológico de um recanto de Portugal.

A actividade científica do ilustre antropólogo de Florença mantém-se intensa e fecunda, para honra do seu nome e da Antropologia italiana.

M. C.

AFONSO DO PAÇO — *Carta Paleolítica e Epipaleolítica de Portugal* — (Extr. do vol. I dos Trab. da Assoc. dos Arqueólogos Portugueses). Lisboa, 1934.

É um folheto in-4.º, em que o autor, com aquela reconhecida competência que lhe conferem trabalhos anteriores, expõe a distribuição corográfica das estações averiguadas e estudadas no país e faz a resenha das descobertas arqueológicas nêle realizadas, desde a iniciação destes trabalhos em Portugal. O autor apresenta o catálogo das estações e dos observadores, aos quais se deve o exame petrográfico, geológico e arqueológico dos luga-

res. Muito útil, de-certo, a extensa bibliografia que fecha a obra e revela o muito que há escrito sobre o assunto entre nós e que carece de divulgação. Este consciencioso trabalho mostra também a importância de semelhantes achados e a largueza do estudo já efectuado do Paleolítico e do Epipaleolítico em Portugal. O folheto insere diversos mapas.

B. F.

TENENTE-CORONEL A. M. STRECHT DE VASCONCELOS — *Divagações etimológicas acerca do nome de Portugal* — (Estudos regionais), V. N. de Famalicão, 1934.

Sob este título publica o autor, sr. tenente-coronel Strecht de Vasconcelos, um pequeno volume enriquecido de minuciosas informações sobre nomes diversos antigos e suas derivações, para estabelecer precisamente as origens de nome da Pátria comum, assunto que, segundo o autor, deve merecer atenção e estudo, pois a insciência desta questão patronímica nos coloca em um caso de deprimente excepção, em presença de estrangeiros, que, de ordinário, conhecem bem o que diz respeito a suas terras de naturalidade.

B. F.

Anthropological papers of the American Museum of Natural History New York City — Vol. XXXIII, Part. V & XXXV Part. I, 1934; *The Hidatsa Earthlodge*, by the late G. L. Wilson, Ed. de Bella Weitzner; *Excavations at Gualupita*, by Suzannah B. & J. Vaillant.

No primeiro destes volumes trata-se do estudo muito documentado sobre a forma de habitação de indígenas da tribo Hidatsa e o dispositivo da sua aldeia, conforme os documentos de G. Wilson recolhidos em 1908 para o Museu de Nova Yorca. Este trabalho acha-se publicado depois do falecimento do autor, em 1930.

A redacção definitiva, segundo os apontamentos de Wilson encontra-se agora magnificamente editada pelo Museu de Nova Yorca, e pelo cuidado meticuloso da Sr.^a Bella Weitzner. Esta obra é profusamente ilustrada de gravuras e plantas, relativas a este assunto de interesse etnográfico indio-americano.

No vol. XXXV, Parte I, os autores tratam do resultado das

excavações prosseguidas com rigoroso método em Gualupita, no México, em sítios onde se sobrepõem os restos de antigas civilizações indígenas anteriores aos Aztec e que se acham estudadas de acordo com a disposição das camadas geológicas das regiões reconhecidas em 1932, na importante zona de excavações e reconhecimentos arqueológicos, denominada — Vale do México. O sistema de excavações de que tratam, além deste volume, outros publicados anteriormente, mostram de maneira clara, a sobreposição das civilizações ou eras, nesta parte do continente americano, do máximo interesse arqueológico e etnográfico, pela riqueza dos achados, magnificamente expressos neste repositório do rico Museu Americano do Norte.

B. F.

DR. ADOLF KNÖBL — *Untersuchungen in weiteren 18 nordmährischen Dörfern*, in «*Anthropologische Untersuchungen in den Sudetenländern*», publicadas pela Deutsche Gesellschaft der Wissenschaft und Künste für die Tschechoslowakische Republik, Praga, 1934.

Apresenta-nos o A. os resultados das suas investigações sobre 18 aldeias que foram estudadas duma maneira exaustiva e metódica, como já o tinha feito, quando em 1931 examinou 3 povoações desta mesma região.

Principia por nos dar um minucioso estudo do homem e do meio nas suas relações reciprocas, descrevendo a paisagem e as condições da natureza, o povoamento da região, as condições de vida da aldeia, e terminando este primeiro capítulo com uma resumida descrição e estatística das aldeias estudadas.

No segundo capítulo estuda o A. minuciosamente a antropologia da população, publicando as observações individuais e a bibliografia.

As conclusões tiradas pelo A. dos caracteres antropológicos coligidos podem ser assim reunidas: a população é de estatura média, braquicéfala e da capacidade craneana média, sendo a face de altura e largura médias, mas aparecendo os indivíduos mais freqüentemente cameprósopos.

O cabelo geralmente é liso ou levemente ondulado, predominando a cor castanho claro. Os olhos na sua maioria são claros ou mixtos, raramente escuros.

A. A.

LEONÍDIO RIBEIRO — **A propósito das alterações pathológicas dos desenhos papillares** — Reimpr. da «Fêlha Médica» — Rio de Janeiro, 1935.

Resposta cortez e documentada aos ilustres professores Locard e Luís de Pina (Vd. «Trabalhos», t. VII, p. 204), que haviam feito comentários aos estudos do talentoso director do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro relativos à acção da lepra e de outros males sôbre os desenhos papilares.

O assunto está definitivamente esclarecido: no fundo, houve apenas discordância quanto ao grau das várias participações pessoais no estudo da matéria e justificados receios de que o vulgo pudesse indevidamente supôr em crise o princípio fundamental da identificação dactiloscópica.

M. C.

FLAMÍNIO FAVERO — **Registro do typo sanguíneo nas cadernetas de identidade** — «Annaes da Fac. de Med. da Univ. de S. Paulo», t. X, S. Paulo, 1934.

Desde 1932 é incluída a menção do grupo sanguíneo nas cadernetas de identidade fornecidas pelo Instituto de Medicina Legal Oscar Freire, da Faculdade de Medicina de S. Paulo. O ilustre director dêste Instituto expõe as ponderosas razões da inovação ali feita, citando alguns casos médico-legais de investigação de paternidade, o interêsse do assunto para a transfusão, etc. Não podemos deixar de aplaudir.

M. C.

FERNANDO DE MACEDO CHAVES — **Contribuição para o estudo do desenvolvimento psiquico na criança portuguesa** — «Portugal Médico», Pôrto, 1935.

Em 160 crianças portuguesas em idade escolar, até aos 11 anos, determinou o A., neste trabalho — que muito o honra e que para o Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto constitue um grato prémio dos incentivos e concurso dispensados — a inteligência global, a memória, a imaginação e a concentração da atenção, utilizando os métodos de Terman, Pauli, Heilbronner e Frobés.

As conclusões principais são as seguintes. A inteligência glo-

bal é, em média inferior, nas crianças portuguesas, aos padrões normais de Terman, ligeiramente superior no sexo masculino à do feminino, e superior nas classes elevadas à das classes pobres sobretudo dos 9 para os 10 anos. A memória na raparigas é, até aos 10 anos, um pouco superior à dos rapazes, ao passo que na imaginação os rapazes, dos 10 anos em diante, ultrapassam bastante as raparigas. Emfim, as crianças das classes elevadas são superiores às das classes pobres em relação à memória e à concentração da atenção, e inferiores — parece ao A. — quanto à imaginação.

Trata-se de certo de resultados preliminares que suscitam fundado desejo de novas investigações, embora, em geral, venham confirmar algumas observações anteriores de Niceforo, Faria de Vasconcelos, etc. Formulamos o voto de que o A., assistente de pediatria na Faculdade de Medicina do Pôrto, continue com afinco nas suas pesquisas tão auspiciosamente iniciadas.

M. C.

A. ALVES DA CRUZ — **Notas sôbre a língua "Chinsenga"** — «Bro-téria», vol. XIX, Lisboa, 1934.

Na sua longa permanência na Zambézia, o rev. A. Alves da Cruz estudou as línguas *chinyungüe* e *chinsenga*, reünindo sôbre esta última — a respeito da qual não tem conhecimento de qualquer outro trabalho publicado — mais de 2500 vocábulos, e comparando as duas línguas que diferem mais do que o português do francês, sendo em certa medida o chinsenga mais puro e mais melodioso do que o chinyungüe.

O estudo comparativo que o A. fez e de que deu conta numa importante comunicação ao Congresso Nacional de Antropologia Colonial realizado no Pôrto em 1934, proporciona muita luz sôbre as tendências gerais das línguas bântus. O chinsenga é mais sintético do que as nossas línguas. Uma só palavra pode conter ideas que entre nós exigiriam 10 ou mais palavras. A numeração chinsenga é mais primitiva do que a do chinyungüe: refaz-se de cinco em cinco, de modo que seis se diz cinco e um (visanu na chimo), etc. O chinsenga fala-se na região da Batsenga.

M. C.

PEDRO CALMON — *Espírito da Sociedade Colonial* — «Biblioteca Pedagógica Brasileira», 1 vol. ilustr. de cerca de 350 págs. — S. Paulo, 1935.

O dr. Pedro Calmon, que na literatura histórica, na história brasileira, em direito constitucional e noutras matérias, tem dado brilhantes demonstrações das suas altas qualidades de escritor e de erudito, reúne neste livro uma importante série de estudos sobre vários aspectos da sociedade brasileira na época colonial. Todo o volume se lê com vivíssimo interesse e grande proveito, mas, para os antropologistas e etnólogos, têm um valor especial os capítulos sobre a etnogenia brasileira, os cruzamentos, o papel psicológico e social dos vários elementos étnicos do país. Muito interessantes também as páginas consagradas ao nativismo, e dum grande poder sugestivo e muito belas as impressões duma viagem às regiões de Minas Gerais em que a história e a paisagem coloniais conservam, como diz o A., as suas tintas seculares.

É o livro, a um tempo, dum investigador e dum espírito de requintada sensibilidade.

M. C.

P. SAINTYVES — *Les trois nuits de Tobie* — «Revue Anthropologique», t. XLIV, Paris, 1934.

Neste belo e erudito artigo ⁽¹⁾ o director da «Revue Anthropologique» ocupa-se do velho costume da continência dos esposos durante a primeira ou as primeiras noites do casamento.

Esse costume vem de longínquas datas e ainda hoje subsiste nalgumas populações semi-civilizadas do globo, mesmo nalgumas populações da França e doutros países da Europa. A Igreja católica recolheu tal tradição do texto mosaico, onde, como se sabe, o jovem Tobias se salva do funesto destino dos outros sete maridos de Sara, não coabitando com esta nas três primeiras noites depois do casamento. Teve sorte vária esta crença através dos tempos. Ainda nos tempos modernos alguns prelados a queriam

(1) Esta análise bibliográfica foi escrita antes do falecimento de P. Nourry (Saintyves), falecimento ocorrido há poucos meses, após uma fecunda existência de trabalho e de relevantes serviços à Etnografia. Revendo as provas destas linhas, queremos exarar aqui o nosso pezar por tão grande perda que sofreram a Ciência, a França, a Escola de Antropologia de Paris e a «Revue Anthropologique».

manter, mas uma resistência progressiva se foi manifestando contra ela.

P. Saintyves regista, entre as interpretações do costume, como a mais vulgar, a crença na necessidade dum sacrifício para combater as influências dos espíritos maus, desencadeadas pelo sangue impuro do desfloramento. Este sangue atrairia os demónios e os perigos como o cadáver em putrefacção atrai as moscas.

Mas uma razão idealista aparece também a justificar o costume: os directores espirituais teriam pensado em que tornariam assim o homem mais senhor de si e em que moderariam o uso do casamento, sofrendo o violento instinto sexual.

Saintyves faz curiosamente notar que os motivos mágico-religiosos em que intervêm demónios e espíritos perigosos, sobrelevaram na alma popular a motivos idealistas. Afrouxando a crença naqueles, desaparece o costume!

M. C.

RAUL DE ALMEIDA BRAGA — *Aplicações médico-legais da epimicroscopia* — Tese de doutoramento na Faculdade de Medicina de S. Paulo — S. Paulo, 1934.

Com o *Ultrapak*, da casa Leitz, o A., na sequência das investigações de epimicroscopia do dr. Hilário Veiga de Carvalho e sob os ensinamentos de mestre tão proficiente, fez, no Instituto de Medicina Legal Oscar Freire, de S. Paulo, várias verificações pessoais do alto interesse médico-legal da epimicroscopia.

Manchas de sangue e de esperma em vários objectos, vestígios de uso de projecteis, caracteres de pêlos, de ossos, etc., exames histológicos rápidos, são sucessivamente o objecto do estudo do A. com os novos dispositivos.

Belas estampas e uma larga bibliografia enriquecem este livro que muito honra não só o seu autor como quem o inspirou e o instituto científico de que saíu.

M. C.

LISTA DOS MEMBROS DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

(EM JULHO DE 1935)

PRESIDENTE DE HONRA

Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos.

CONSELHO DIRECTOR

Presidente — Prof. Dr. António Augusto Esteves Mendes Corrêa.

Vice-presidente — Prof. Dr. Hernâni Basto Monteiro.

Secretário — Dr. Alfredo Mendonça da Costa Ataíde.

Tesoureiro — Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior.

Vogal-Bibliotecário — Prof. Dr. Luiz José de Pina Guimarães.

SÓCIOS HONORÁRIOS

1 — Prof. Adolf Schulten — Erlangen, Alemanha.

2 — Prof. Giuseppe Sergi — Roma, Itália.

3 — Prof. Hugo Obermaier — Madrid, Espanha.

4 — Prof. José Leite de Vasconcelos — Lisboa.

5 — Prof. Marcellin Boule — Paris, França.

SÓCIOS CORRESPONDENTES

1 — Dr. Ales Hrdlicka — Washington, U. S. A.

2 — Prof. A. Bovero — S. Paulo, Brasil.

3 — Prof. Alfredo Castellanos — Rosário, Argentina.

4 — Prof. Alfredo Niceforo — Roma, Itália.

- 5 — Prof. Arthur Keith — Londres, Inglaterra.
- 6 — Prof. Arturo Sabatini — Roma, Itália.
- 7 — Dr. Bernhard Strück — Dresden, Alemanha.
- 8 — Dr. Ch. Korsinski — Vilno, Polónia.
- 9 — Comte Bégouen — Toulouse, França.
- 10 — Conde de la Vega del Sella — Madrid, Espanha.
- 11 — Prof. Eduardo Hernandez Pacheco — Madrid, Espanha.
- 12 — Prof. E. Loth — Varsóvia, Polónia.
- 13 — Prof. E. Roquette Pinto — Rio de Janeiro, Brasil.
- 14 — Prof. Eugen Fischer — Berlin-Dahlem, Alemanha.
- 15 — Dr. Eugenius Frankowski — Poznan, Polónia.
- 16 — Prof. Egon Frhr. v. Eickstedt — Breslau, Alemanha.
- 17 — Prof. F. Fávero — S. Paulo, Brasil.
- 18 — Prof. F. J. Oliveira Vianna — Niteroi, Brasil.
- 19 — Prof. Fabio Frassetto — Bolonha, Itália.
- 20 — Dr. Falcone Lucifero — Roma, Itália.
- 21 — Prof. Francisco de las Barras d'Aragon — Madrid, Espanha.
- 22 — Prof. G. Paul-Boncour — Paris, França.
- 23 — Dr. Georg Leisner — Munich, Alemanha.
- 24 — Prof. Henri Breuil — Paris, França.
- 25 — Dr. Henri Fischer — Bordeus, França.
- 26 — Prof. Henri Vallois — Toulouse, França.
- 27 — Prof. J. Matiegka — Praga, Tchechoslováquia.
- 28 — Prof. J. P. Kleiweg de Zwaan — Amsterdam, Holanda.
- 29 — Dr. Jean Beauvieux — Bordeus, França.
- 30 — Prof. Lucien Mayet — Lyon, França.
- 31 — Prof. Luiz Pericot y Garcia — Barcelona, Espanha.
- 32 — Prof. Máric Carrara — Turim, Itália.
- 33 — Prof. Nello Puccioni — Florença, Itália.
- 34 — Prof. Otto Schläginhaufen — Kilchberg, Suíça.
- 35 — Prof. Pedro Bosch Gimpera — Barcelona, Espanha.
- 36 — Prof. Pedro Belou — Buenos-Aires, Argentina.
- 37 — Prof. Paul Rivet — Paris, França.
- 38 — Prof. Quintiliano Saldaña — Madrid, Espanha.
- 39 — Dr. Raymond Lantier — St. Germain-en-Laye, França.
- 40 — Dr. Renato Kehl — Rio de Janeiro, Brasil.
- 41 — Prof. René Verneau — Paris, França.

- 42 — Prof. Sergio Sergi — Roma, Itália.
- 43 — Prof. Telesforo de Aranzadi — Barcelona, Espanha.
- 44 — Prof. Th. Mollison — Munich, Alemanha.
- 45 — Dr. Viktor Lebzelter — Viena, Áustria.

SÓCIOS EFECTIVOS

- 1 — Prof. Dr. Aarão Moreira de Lacerda — Pôrto.
- 2 — Abílio de Miranda — Penafiel.
- 3 — Dr. Adalberto Teixeira — Chaves.
- 4 — Tenente Afonso do Paço — Lisboa.
- 5 — Dr. Alberto Souto — Aveiro.
- 6 — Alberto Vieira Braga — Guimarães.
- 7 — Dr. Alexandre de Lima Carneiro — Pôrto.
- 8 — Prof. Dr. Alfredo Machado e Costa — Lisboa.
- 9 — Dr. Alfredo Mendonça da Costa Ataíde — Pôrto.
- 10 — Prof. Dr. Álvaro Antonio Pereira Rodrigues — Pôrto.
- 11 — Prof. Dr. Amândio Tavares — Pôrto.
- 12 — Prof. Dr. Américo Pires de Lima — Pôrto.
- 13 — Dr. Amílcar de Magalhães Mateus — Pôrto.
- 14 — Dr. Angelo Maia Mendes — Pôrto.
- 15 — Prof. Dr. António de Almeida Garrett — Pôrto.
- 16 — Eng.º António Augusto Fortes de Lima — Pôrto.
- 17 — Prof. Dr. António Augusto Esteves Mendes Corrêa — Pôrto.
- 18 — Dr. António Augusto Pires de Lima — Pôrto.
- 19 — Dr. António Corrêa da Costa e Almeida — Ermezinde.
- 20 — Cónego António de Miranda Magalhães — Lisboa.
- 21 — Dr. António Júlio Gomes — Chaves.
- 22 — Tenente-coronel António Leite de Magalhães — Lisboa.
- 23 — António Pereira Cardoso — Bolama (Guiné).
- 24 — António dos Santos Graça — Póvoa de Varzim.
- 25 — Dr. António Simões Pina — Pôrto.
- 26 — Prof. Dr. António de Sousa Pereira — Pôrto.
- 27 — Prof. Dr. Aristides de Amorim Girão — Coimbra.
- 28 — Dr. Armando Leão — Pôrto.
- 29 — Armando Leça — Leça de Palmeira.
- 30 — Armando de Matos — Foz do Douro.

- 31 — Dr. Arnaldo Rozeira — Pôrto.
 32 — Dr. António Mesquita de Figueiredo — Lisboa.
 33 — Dr. Artur de Magalhães Basto — Pôrto.
 34 — Prof. Dr. Artur Ricardo Jorge — Lisboa.
 35 — Dr. Augusto de Carvalho e Almeida — Pôrto.
 36 — Dr. Augusto Cesar Pires de Lima — Pôrto.
 37 — Dr. Augusto Henrique Maia de Medina — Vila Real.
 38 — Dr. Augusto de Oliveira — Lisboa.
 39 — Prof. Dr. Bento Carqueja — Pôrto.
 40 — Dr. Carlos Lopes — Pôrto.
 41 — Dr. Carlos Passos — Pôrto.
 42 — Dr. Carlos Teixeira — Braga.
 43 — Dr. Cláudio Basto — Pôrto.
 44 — Dr. Cláudio Ferreira — Ibo (Moçambique).
 45 — Dr. Constâncio Mascarenhas — Nova Gôa (Índia).
 46 — Prof. Dr. Domingos José Rosas da Silva — Pôrto.
 47 — Major David Magno — Lamego.
 48 — Dr. Eduardo de Sousa Soares — Pôrto.
 49 — Arq. Emânuel Pedro Victorino Ribeiro — Pôrto.
 50 — Rev. Eugénio Jalhay — Lisboa.
 51 — Prof. Dr. Eusébio Tamagnini M. Encarnação — Coimbra.
 52 — Dr. Fermin de Bouza-Brey Trillo — Galiza.
 53 — Dr. Fernando de Castro Pires de Lima — Pôrto.
 54 — Dr. Fernando Frade — Lisboa.
 55 — D. Florentino Lopes Cuevillas — Galiza.
 56 — General Francisco Lacerda Machado — Tomar.
 57 — Fran Paxeco — Liverpool (Inglaterra).
 58 — Dr. Henrique de Almeida Miranda — Viroflay (França).
 59 — Prof. Dr. Henrique de Vilhena — Lisboa.
 60 — Prof. Dr. Hernani Basto Monteiro — Pôrto.
 61 — Eng.º Humberto Esteves Mendes Corrêa — Pôrto.
 62 — Dr. Humberto Pinto de Lima — Nairobi (Kénia).
 63 — Prof. Dr. Indalêncio Froilano de Melo — Gôa (Índia).
 64 — Dr. J. A. Ferreira da Fonseca — S. Romão (Seia).
 65 — Dr. Jaime Lopes Dias — Castelo Branco.
 66 — Dr. João Crisóstomo de Egipsy e Sousa — Nova Gôa (Índia).
 67 — Prof. Dr. João Gualberto de Barros e Cunha — Coimbra.

- 68 — Eng.º João Perestrello — Lisboa.
 69 — Prof. Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima — Pôrto.
 70 — Dr. Joaquim Fernandes Figueira — Foz do Douro.
 71 — Prof. Dr. Joaquim Fontes — Lisboa.
 72 — Dr. Joaquim Pedro Victorino Ribeiro — Pôrto.
 73 — Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior — Águas Santas (Ermezinde).
 74 — Dr. José Álvares de Sousa Soares — Pôrto.
 75 — Dr. José Augusto Castelo Branco e Castro — Pôrto.
 76 — Dr. José Marques de Anciães Proença — Pôrto.
 77 — José M. Correia de Barros — Vila Real.
 78 — Prof. Dr. José Pereira Salgado — Pôrto.
 79 — José de Pinho — Amarante.
 80 — Jorge A. Martins d'Alte — Pôrto.
 81 — Prof. Dr. Júlio de Bettencourt Ferreira — Pôrto.
 82 — Dr. Justino Pinto de Oliveira — Pôrto.
 83 — Dr. Luís António Rodrigues Lobo — Pôrto.
 84 — Dr. Luís Bastos Viegas — Pôrto.
 85 — Luís Chaves — Lisboa.
 86 — Prof. Dr. Luís José de Pina Guimarães — Pôrto.
 87 — Mons. Dr. Manuel Alves da Cunha — Loanda (Angola).
 88 — Manuel Artur Dias Gaspar — Foz do Douro.
 89 — Rev. Manuel Domingues de Sousa Maia — Canidelo (Vila do Conde).
 90 — Prof. Dr. Manuel Barbosa Soeiro — Lisboa.
 91 — Dr. Manuel Valadares — Lisboa.
 92 — D. Maria Irene Leite da Costa — Pôrto.
 93 — Capitão Mário Cardoso — Guimarães.
 94 — Eng.º Ricardo Severo — S. Paulo (Brasil).
 95 — Dr. Simeão Pinto de Mesquita — Pôrto.
 96 — Dr. Tomás Lobo — Leça de Palmeira.
 97 — Dr. Tomás Lopes Cardoso — Pôrto.
 98 — Tomás Simões Viana — Viana do Castelo.
 99 — Dr. Vasco Nogueira de Oliveira — Pôrto.
 100 — Professor Dr. Vergílio Correia — Coimbra.
 101 — Visconde de Guilhomil — Foz do Douro.
 102 — D. Xaquin Lorenzo Fernandez — Galiza

LISTA DE INSTITUIÇÕES E REVISTAS
QUE RECEBEM AS PUBLICAÇÕES DESTA SOCIEDADE

Alemanha :

Verein von Altertumsfreunden in Rheinland — Bonn.
Archaeologisches Institut des Deutschen Reiches — Frankfurt (Main).
Landesanstalt fuer Vorgeschichte — Halle-Saale.
Seminar fuer Romanische Sprachen und Kultur — Hamburgo.
Anthropologisches Institut der Universitaet — Munich.
Kaiser Wilhelm Inst. fuer Anthropologie — Berlin-Dahlem.
Hessische Vereinigung fuer Volkskunde — Giessen.
Direktion des Reutenstrauch « Joest » Museums — Köln a. R. h.
Berliner Anthropologische Gesellschaft — Berlin.
Ibero-Amerikanisches Institut — Berlin.

Argélia :

Soc. Archéologique de Constantine — Constantine.

Argentina :

Museo Florentino Ameghino — Rosario.
Museo de Antropologia y Anatomia — Rosario.
Instituto de Etnologia — Tucuman.
Sociedad Científica Argentina — Buenos-Aires.
Asilo de Alienados en Oliva — Oliva (Córdoba).

Áustria :

Anthropos — Moedlig bei Wien — St. Gabriel.
Anthropologische Gesellschaft Wien — Wien.
Institut F. Volkerkund der Universitaet Wien — Wien.

Bélgica :

Société Géologique de Belgique — Bruxelles.

Brasil:

Museu Nacional — Rio de Janeiro.
 Instituto Brasileiro de Eugenia — Rio de Janeiro.
 Sociedade de Medicina e Cirurgia — S. Paulo.
 Liga Brasileira de Higiene Mental — Rio de Janeiro.
 Revista de Cultura Jurídica — Baía.
 Club Português de S. Paulo — S. Paulo.
 Gabinete Português de Leitura — Rio de Janeiro.
 Instituto Histórico da Baía — Baía.
 Directório Académico da Escola Politécnica — Rio de Janeiro.
 Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico — Pernambuco.
 Museu Paulista — Rio de Janeiro.
 Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco — Pernambuco.

Colômbia:

Biblioteca Nacional de Bogotá — Bogotá.

Cuba:

Universidad — La Habana.

Dinamarca:

Acta Archeologica — Copenhague.

Espanha:

Academia Galega — A Cruña.
 Centro de Estudos Extremeños — Badajoz.
 Associació Catalana d'Antropologia, Etnografia i Prehistoria — Barcelona.
 Institut d'Estudis Catalans — Barcelona.
 Academia de Buenas Letras de Barcelona — Barcelona.
 Sociedade de Atracción de Forasteros — Barcelona.
 Ibérica — Barcelona.
 Estudis Universitaris Catalans — Barcelona.
 Seminário de Estudos de Arte y Arqueologia — Valladolid.
 Soc. Castellonense de Cultura — Castellón de la Plana.
 Biblioteca Nacional — Madrid.
 Biblioteca Municipal — Madrid.

Academia de Bellas Artes de San Fernando — Madrid.
 Soc. Española de História Natural — Madrid.
 Soc. Española de Antropología, Etnología y Prehistoria — Madrid.
 Junta Superior de Escavaciones y Antigüedades — Madrid.
 Servicio de Investigaciones Prehistoricas del Ayuntamiento de Madrid.
 Centro de Intercambio Intelectual Germano-Español — Madrid.
 Revista de Filología Española — Madrid.
 Información Española — Madrid.
 Coleccionismo — Madrid.
 Investigacion y Progreso — Madrid.
 Anales de la Universidad de Madrid — Madrid.
 Comisión Provincial de Monumentos — Albacete.
 Ateneo Científico — Menorca.
 Societat Arqueològica Llobiana — Mallorca.
 Centre Excursionista de la Comarca de Bages — Manresa.
 Comisión Provincial de Monumentos de Orense — Ourense.
 Sociedade de Estudos Vascos — San Sebastian.
 Seminário de Estudos Galegos — Santiago de Compostela.
 Centro de Cultura Valenciana — Valencia.
 Academia Valencionista — Valencia.
 Valencia Atraccion — Valencia.
 Revista «Universidad» — Zaragoza.

Estados-Unidos:

Hispania — California.
 The American Museum of Natural History — New-York.
 Smithsonian Institution — Washington.
 Library of the Peabody Museum of Archaeology and Ethnology — Cambridge.

Estónia:

Acta et Commentationes Universitatis — Tartu.

Finlândia:

Abo Akademi — Abo.

França:

Institut International d'Anthropologie — Paris.
 Bibliothèque Nationale — Paris.

Institut de Paléontologie Humaine — Paris.
 Ecole d'Anthropologie — Paris.
 Société Préhistorique Française — Paris.
 Institut Finistérien d'Études Préhistoriques — Finistere-Pen'Marche.
 Musée des Antiquités Nationales — St. Germain en Laye.
 Association Lorraine d'Études Anthropologiques — Nancy.
 Musée d'Ethnographie du Trocadero — Paris.
 Société d'Anthropologie de Paris — Paris.

Holanda :

Koloniaal Institut — Amsterdam.

Inglaterra :

Royal Anthropological Institut of Great-Britain & Ireland — London.
 British Museum — London.

Itália :

Istituto Geográfico Militare — Firenze.
 Società Italiana di Antropologia e Etnologia — Firenze.
 La Tradizione — Palermo.
 Associazioni Internazionale degli Studi Mediterranei — Roma.
 Società Romana di Antropologia — Roma.
 Società Filológica Friulana — Udine.
 Bolletino di Paletnologia Italiana — Roma.

Jugoslávia :

Musée Ethnographique Royal — Ljubljana.

México :

Dirección de Arqueología — México.
 Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografía — México, D. F.

Paraguay :

Sociedad Científica del Paraguay — Assunción.

Polónia :

Institut d'Ethnologie de l'Université J. Casimir — Lwow.
 Musée d'Archéologie Polonais — Varsóvia.

Musée d'Archéologie E. Majewski — Varsóvia.
 Institut des Sciences Anthropologiques de la Soc. des Sciences et Lettres de
 Varsovie — Varsóvia.

Suécia :

Statens Institut fuer Rasbiologi — Uppsala.
 Kungl. Universitetets Bibliotek — Uppsala.
 Riksmuséets Etnografiska Avdeling — Stockolm.

Suiça :

Schweizerische Gesellschaft fuer Anthropologie und Ethnologie — Zurich.

Turquia :

Institut Turque d'Anthropologie — Stambul.

Rússia :

Institut Psyconeurologique Ukrainien — Karcov (Ucrânia).
 Stand-Kommission fuer Blutgruppenforschung — Karcov (Ucrânia).
 Laboratoire d'Anthropologie de Th. Vork — Kyeve (Ucrânia).
 Comission Ethnographique de l'Académie des Sciences d'Ukraine — Kyeve (Ucrânia).
 Institut des Recherches Biologiques à l'Université de Perm — Zainka.
 Institut d'Anthropologie — Leningrado.
 Far Eastern Stat University — Vladivostok (Sibéria).
 Academie des Sciences d'Ukraine — Kyeve (Ucrânia).
 Academia d'Etat pour l'Histoire de la Culture Naturelle — Leningrado.

Portugal :

Biblioteca Municipal do Pôrto — Pôrto.
 Museu Municipal do Pôrto — Pôrto.
 Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto — Pôrto.
 Biblioteca da Faculdade de Medicina do Pôrto — Pôrto.
 Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências — Pôrto.
 Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina — Pôrto.
 Repartição de Antropologia Criminal — Pôrto.
 Sociedade Portuguesa de Física e Química — Pôrto.
 Liga Portuguesa de Profilaxia Social — Pôrto.

Estudos Nacionais — Gaia.
 Revista «Portucale» — Porto.
 Associação de Filosofia Natural — Porto.
 Biblioteca Municipal de Gaia — Gaia.
 Colégio das Missões — Couto de Cucujães.
 Biblioteca Pública — Braga.
 Biblioteca Pública — Évora.
 Sociedade Martins Sarmento — Guimarães.
 Revista «Gil Vicente» — Guimarães.
 Biblioteca da Universidade de Coimbra — Coimbra.
 Instituto de Coimbra — Coimbra.
 Instituto de Histologia e de Embriologia — Coimbra.
 Instituto de Antropologia — Coimbra.
 Biblioteca da Faculdade de Direito — Coimbra.
 Biblioteca da Faculdade de Letras — Coimbra.
 Museu Machado de Castro — Coimbra.
 Biblioteca Municipal — Coimbra.
 Revista «A Terra» — Coimbra.
 Biblioteca Nacional — Lisboa.
 Biblioteca da Imprensa Nacional — Lisboa.
 Academia das Ciências de Lisboa — Lisboa.
 Serviços Geológicos de Portugal — Lisboa.
 Sociedade de Geografia de Lisboa — Lisboa.
 Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais — Lisboa.
 Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina — Lisboa.
 Instituto de Criminologia — Lisboa.
 Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos — Lisboa.
 Agência Geral das Colónias — Lisboa.
 Biblioteca Popular Central — Lisboa.
 Boletim do Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes) — Lisboa.
 Biblioteca Municipal Central de Lisboa — Lisboa.
 Associação dos Arqueólogos Portugueses — Lisboa.
 Revista «Brotéria» — Lisboa.
 «Seara Nova» — Lisboa.
 «Nação Portuguesa» — Lisboa.
 «Língua Portuguesa» — Lisboa.
 Instituto Superior de Agronomia — Lisboa.

Instituto de Medicina Legal — Lisboa.
 Instituto Francês em Portugal — Lisboa.
 Junta de Educação Nacional — Lisboa.
 Revista de Arqueologia — Lisboa.
 Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia — Lisboa.
 Biblioteca do Liceu Sá de Miranda — Santarém.

Ilhas adjacentes e colónias:

Sociedade Afonso Chaves — Angra do Heroísmo.
 Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola — Luanda.
 Escola Médico-Cirúrgica — Nova-Gôa.

ÍNDICE DO VOL. VII

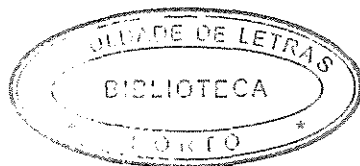
	Págs.
I Congresso Nacional de Antropologia Colonial	5
LUÍS ANTÓNIO RODRIGUES LOBO — Vícios deformatórios do trencó	23
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — Nota de Coreografia popular trasmontana	33
FLORENTINO LOPES CUEVILLAS — O culto das fontes no noroeste hispânico	75
FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA — Cancioneiro de Celorico de Basto	105
CARLOS TEIXEIRA — O índice da secção dos cabelos nos portugueses	145
XAQUIN LORENZO FERNANDEZ — A arte popular nos xugos da Galiza	209
LUÍS CHAVES — Figurinhas femininas de osso	231
CARLOS TEIXEIRA — Um caso de polidactília familiar	241
Vária:	
Schulten e Portugal (A. ATHAYDE)	49
A Teologia e a origem do homem (MENDES CORRÊA)	51 e 164
A Antropologia na Exposição Colonial Portuguesa	61
Lutuosa (M. C.)	61
Dissecção de um Negro de Moçambique (ARMANDO LEÃO)	153
Exposição de Etnologia Sul-Africana	157
Semana cultural galega	175
Abade do Baçal	176
Rui de Serpa Pinto	176
Folclore entomológico: A «Louva-a-Deus» (ARMANDO LEÃO)	247
Ritual do Fogo e da Água — As orvalhadas de S. João (J. BETHENCOURT FERREIRA)	257
À busca da Atlântida (MENDES CORRÊA)	264
Afrânio Peixoto (M. C.)	269
Congresso de Antropologia Colonial no Porto (M. C.)	270

Revista bibliográfica — Índice alfabético de autores:

Afonso do Paço, 281; Almeida Braga, 287; Alves da Cruz, 285; Anthropological Papers of the Amer. Museum New York, 282; Armando Leão, 65; Barbara, 180; Beauvieux, 63; Bégouen, 188; Belloni, 203; Belou, 181; Breitingen, 196; Brouwer, 199; Calmon, 286; Cipriani, 280; Constâncio Mascarenhas, 275; Daniel, 205; Darpeix, 188; Daunt, 205; Davidson Black — In Memoriam, 195; Eickstedt, 197; Favero, 284; Francisco M. Alves, 67; Gautier & Reygasse, 68; Hallu, 203; Hernâni Monteiro, 184; Jalhay, 192; Janssen, 67; J. A. Pires de Lima, 65; Kehl, 206; Knöbl, 283; Leão Pimentel, 71; Lenoir, 179; Leonídio Ribeiro, 284; Loeb & Hen-Geldern, 200; Lopes Dias, 208; Luís de Pina, 204; Luquet, 195; Macedo Chaves, 284; Manciñeira, 190; Martial, 185; Mendes Corrêa, 274; Montandon, 271; Niceforo, 184; Nina Rodrigues, 69; Obermaier, 188; Perestrello, 279; Pinto Corrêa, 197; Pôrto-Carrero, 200; Renato Mendonça, 70; Roffo, 186; Roman, 277; Saintyves, 286; Saller, 66; Saller, Gutbier, Kohl & Schiereck, 183; Schmidt, 271; Sergi, 280; Strecht de Vasconcelos, 282; Vallois, 278; Veiga de Carvalho, 207; M.^{me} Virey, 194; Vieira Braga, 70; Wickert, 194; Zeitschrift für Rassenkunde, 208.

Lista dos membros da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (239).

Lista de instituições e revistas que recebem as publicações desta Sociedade (295).



Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO

SUMÁRIO:

XAQUIN LORENZO FERNANDEZ:

A arte popular nos xugos da Galiza (Pág. 209).

LUIs CHAVES:

Figurinhas femininas de osso (Pág. 231).

CARLOS TEIXEIRA:

Um caso de poldactilia familiar (Pág. 241).

Vária:—Folclore entomológico: A «Louva-a-Deus» (ARMANDO LEXO); Ritual do Fogo e da Água—As orvalladas de S. João (BETHENCOURT FERREIRA); A busca da Atlântida (MENDES CORRÊA); Afrânio Peixoto (M. C.); Congresso de Antropologia Colonial no Porto (M. C.) (Pág. 247).

Revista bibliográfica:—SCHMIDT (271); MONTANDON (271); MENDES CORRÊA (274); CONSTÂNCIO MASCARENHAS (275); ROMAN (277); VALLOIS (278); PERESTRELLO (279); S. SERGI (280); CIPRIANI (280); APONSO DO PAÇO (281); STRECHT DE VASCONCELOS (282); ANTHROPOLOGICAL PAPERS (282); KNÖBL (283); LEONIDIO RIBEIRO (284); FAVERO (284); MACEDO CHAVES (284); ALVES DA CRUZ (285); CALMON (286); SAINTYVES (286); RAUL BRAGA (287).

Lista dos membros da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (289).

Lista de instituições e revistas que recebem as publicações desta Sociedade (295).